

**SÉRGIO BANDEIRA KARAM**

**TRADUZIR O BRASIL, A ARGENTINA E O MUNDO:  
COLEÇÕES DE LITERATURA ESTRANGEIRA NAS DÉCADAS DE 1930, 1940 E 1950  
E NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI**

**PORTO ALEGRE**

**2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**SÉRGIO BANDEIRA KARAM**

**TRADUZIR O BRASIL, A ARGENTINA E O MUNDO:**  
**COLEÇÕES DE LITERATURA ESTRANGEIRA NAS DÉCADAS DE 1930, 1940 E 1950**  
**E NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a conclusão do Doutorado em Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luís Augusto Fischer

**PORTO ALEGRE**

**2021**

## CIP - Catalogação na Publicação

Karam, Sérgio Bandeira

TRADUZIR O BRASIL, A ARGENTINA E O MUNDO: COLEÇÕES DE LITERATURA ESTRANGEIRA NAS DÉCADAS DE 1930, 1940 E 1950 E NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI / Sérgio Bandeira Karam. -- 2021.

257 f.

Orientador: Luís Augusto Fischer.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Tradução. 2. Coleções de literatura estrangeira. 3. Edição. 4. Editoras. I. Fischer, Luís Augusto, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sérgio Bandeira Karam

TRADUZIR O BRASIL, A ARGENTINA E O MUNDO:  
COLEÇÕES DE LITERATURA ESTRANGEIRA NAS DÉCADAS DE 1930, 1940 E  
1950 E NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial para a conclusão do Doutorado  
em Estudos de Literatura.

Porto Alegre, 28 de junho de 2021

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Luís Augusto Fischer – Orientador  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lucía Tennina  
Universidad de Buenos Aires (UBA)

---

Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide  
Universidade de São Paulo (USP)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Karina de Castilhos Lucena  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

*Para Ana Elisa Ribeiro*

## Agradecimentos

Comecei o doutorado em agosto de 2016, exatamente no mês em que cassaram o mandato da presidenta Dilma Rousseff. Não dava para saber – ou, quem sabe, até já dava –, mas naquele momento os rumos do país começaram a entortar de tal maneira que acabamos chegando a 2021 na situação que todos conhecemos. É difícil pensar ou mesmo *escrever* sobre isso. O ar que temos respirado pelo menos desde que foi divulgado o resultado das eleições de 2018 é um ar de pesadelo, e há pouco mais de um ano, como se fosse pouco, o mundo foi brindado com uma pandemia, que vem sendo administrada, aqui, do pior jeito possível.

Esta tese foi escrita em meio a esse turbilhão, e certamente haverá “marcas da escrita em meio à hecatombe”, como me disse uma amiga (a quem eu avisei que ia usar essa expressão, boa demais para ser desperdiçada). Vou deixar que os membros da banca decidam se essas marcas, afinal, aparecem ou não no texto final da tese. O fato é que, para chegar a ele, depois desse tempo todo, contei com a colaboração ou, no mínimo, com a torcida e o incentivo de muitas pessoas, próximas e distantes, e espero não esquecer de nenhuma delas aqui.

Em vez de fazer suspense e deixar para falar dela no final, vou logo abrindo o jogo: minha incentivadora nº 1 foi a Ana Elisa Ribeiro, namorada amada, parceira, poeta, cronista, professora, pesquisadora, editora, estudiosa da edição e minha musa particular. Passei os últimos anos ouvindo dela a frase “Eu vou adorar assistir à sua defesa!”, e não é que funcionou? A ela, dedico este trabalho e o meu amor imenso.

Felizmente para mim – e para muitos outros amigos –, meu orientador, o professor Luís Augusto Fischer, pertence àquele raríssimo time de intelectuais generosos, que não têm medo de dividir conhecimento e não se cansam de incentivar o trabalho de seus alunos e colegas. A ele, que além disso é um amigo querido e um exato companheiro de geração, agradeço de coração, inclusive pela paciência demonstrada com as duas ou três mudanças de rumo ao longo da pesquisa.

Agradeço de modo muito especial ao professor José Luis de Diego, da Universidad Nacional de La Plata, que tive o prazer de conhecer pessoalmente em 2017, em Belo Horizonte, num curso oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Além de grande professor e pesquisador, De Diego é outro intelectual dotado de raras gentileza e generosidade. A ele, toda minha admiração, além da vontade de fazer jus, neste trabalho, a tudo que aprendi com ele.

Tenho aprendido muito também, desde a época do mestrado, com a professora Karina de Castilhos Lucena, que virou uma querida amiga e uma grande parceira. Como temos muitos interesses em comum (a tradução, a literatura argentina *y otras cositas más*), é provável que esse

diálogo continue ainda por muito tempo. Tenho a sorte de ter contado com sua presença na banca de qualificação e na de defesa da tese. *Muchísimas gracias!*

Agradeço de coração, igualmente, aos outros dois membros da banca, estudiosos cujo trabalho admiro profundamente: professor Bruno Barretto Gomide, da Universidade de São Paulo, que já tinha participado da banca de qualificação, e professora Lucía Tennina, da Universidad de Buenos Aires, que generosamente aceitou integrar a banca de defesa.

Pelo próprio tema abordado no trabalho, que envolve tanto o Brasil quanto a Argentina, precisei e (felizmente) pude contar com a preciosa ajuda de outros *hermanos*, além dos dois já citados. Agradeço aqui: à professora e pesquisadora María Eugenia Costa, da Universidad Nacional de La Plata, que, com grande generosidade, possibilitou o acesso a uma série de catálogos e outros documentos relativos à Editorial Emecé; ao poeta, tradutor e livreiro Salvador Biedma, por seu interesse pela literatura brasileira e por suas traduções da poesia de Hilda Hilst; à escritora e tradutora Claudia Solans, responsável pela tradução de vários títulos de literatura brasileira na Argentina, pelos gentis e esclarecedores e-mails; e à editora María Fernanda Pampín, que leva adiante o trabalho da brava Editora Corregidor – responsável pela coleção Vereda Brasil, entre outras –, pelo acesso a alguns livros e pelo interesse demonstrado na pesquisa.

Agradeço também a: Denise Bottman, tradutora e pesquisadora incansável da história da tradução no Brasil; Alejandra Torres Torres e Leonardo Guedes, queridos amigos uruguaios, pesquisadores da edição; Andréa Soares Santos, professora do CEFET-MG; Lucía De Leone, professora da UBA; Elizabeth Torresini, professora da PUC-RS; Livia Rangel, historiadora capixaba; Lucas Petersen, pesquisador argentino; Rosario Lázaro Igoa, tradutora e pesquisadora uruguiaia; Eduardo Ribeiro Rocha, *gamer* mineiro; às queridas amigas Denise Sales, tradutora e professora da UFRGS, e Renata Moreira, professora do CEFET-MG.

Aos amigos da vida toda, ou quase isso: Álvaro Magalhães, Arthur de Faria, Áurea Baptista, David Barcellos, Márcia Miotti, Milton Franco, Teo Meditsch e Vitor Biasoli, pela torcida, pela conversa e pelo carinho. À memória da amiga Jaqueline Vallandro, que jamais poderia imaginar que um dia eu faria uma pesquisa que incluísse o nome de seu pai, o tradutor Leonel Vallandro.

Aos meus pais e aos manos Vera (*in memoriam*), Cláudio e Lúcia, por tudo, sempre.

E ao meu amado filho Tomás, que, nesse meio tempo, entrou para a universidade e passou de adolescente a jovem adulto. Esse esforço todo não teria valido a pena sem seu amor e sua presença luminosa na minha vida.

Porto Alegre, maio de 2021.

## **Resumo**

Este trabalho aborda a tradução de literatura estrangeira no Brasil e na Argentina em dois momentos históricos distintos. O primeiro refere-se às décadas de 1930, 1940 e 1950 e para tratar dele utilizamos uma dupla abordagem, analisando tanto as relações entre os sistemas literários dos dois países quanto as relações de cada um deles com o sistema mais amplo da literatura ocidental, principalmente por meio da reconstrução e análise dos catálogos de quatro coleções publicadas pelas editoras mais representativas do período. O segundo momento refere-se às duas primeiras décadas do século XXI, caracterizado por uma configuração totalmente distinta do mundo editorial. Para tratar deste período, abordamos a publicação de literatura brasileira na Argentina e de literatura argentina no Brasil, analisando três coleções publicadas por editoras argentinas em que se destaca a presença da obra de escritores brasileiros.

**Palavras-chave:** Tradução de literatura. Coleções. História da tradução. História da literatura. Indústria editorial.

## **Abstract**

This work deals with the translation of foreign literature in Brazil and Argentina in two different historical moments. The first moment refers to the 1930s, 1940s and 1950s and we use a dual approach to address it, analyzing not only the relations between the literary systems of the two countries but also the relations that each of them maintained with the broader system of Western literature, mainly through the reconstruction and analysis of the catalogs of four collections published by the most representative publishers of the period. The second moment refers to the first two decades of the 21st century, characterized by an entirely distinct configuration of the publishing world. To address this moment, we approach the publication of Brazilian literature in Argentina and of Argentine literature in Brazil, analyzing three collections published in Argentina in which the presence of the work of Brazilian writers is very strong.

**Keywords:** Translation of literature. Collections. History of Translation. History of Literature. Publishing industry.

## Resumen

Este trabajo trata de la traducción de literatura extranjera en Brasil y Argentina en dos momentos históricos distintos. El primero se refiere a las décadas de 1930, 1940 y 1950 y para abordarlo utilizamos un enfoque dual, analizando tanto las relaciones entre los sistemas literarios de los dos países como las relaciones que cada uno de ellos mantuvo con el sistema más amplio de la literatura occidental, principalmente a través de la reconstrucción y análisis de los catálogos de cuatro colecciones editadas por las editoriales más representativas de la época. El segundo momento se refiere a las dos primeras décadas del siglo XXI, caracterizadas por una configuración totalmente distinta del mundo editorial. Para tratar de este período, abordamos la publicación de literatura brasileña en Argentina y de literatura argentina en Brasil, analizando tres colecciones publicadas por editoriales argentinas en las que se destaca la presencia de la obra de escritores brasileños.

**Palabras clave:** Traducción de literatura. Colecciones. Historia de la traducción. Historia de la literatura. Industria editorial.

## Lista de quadros

<b>Quadro 1</b> <i>Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano</i> .....	37
<b>Quadro 2</b> <i>Coleção Brasileira de Autores Argentinos</i> .....	41
<b>Quadro 3</b> <i>Biblioteca de Novelistas Brasileños</i> – Editorial Claridad.....	45
<b>Quadro 4</b> Outros livros brasileiros traduzidos pela Editorial Claridad.....	46
<b>Quadro 5</b> Autores brasileiros publicados pela Editorial Santiago Rueda .....	48
<b>Quadro 6</b> Livros publicados na <i>Coleção Sul-Americana</i> da Monteiro Lobato & Cia.....	52
<b>Quadro 7</b> Livros publicados na <i>Estante Americana</i> da Editora Guaíra .....	53
<b>Quadro 8</b> Coleção Nobel – volumes em tamanho padrão .....	59
<b>Quadro 9</b> Coleção Nobel – volumes gigantes.....	68
<b>Quadro 10</b> Coleção Fogos Cruzados .....	74
<b>Quadro 11</b> Colección Horizonte .....	89
<b>Quadro 12</b> Colección Grandes Novelistas .....	103
<b>Quadro 13</b> Autores publicados na coleção <i>Vereda Brasil</i> .....	175
<b>Quadro 14</b> Autores brasileiros publicados na coleção <i>latinoamericana</i> .....	185
<b>Quadro 15</b> Autores brasileiros publicados na coleção <i>Narrativas</i> .....	195
<b>Quadro 16</b> Livros de autores brasileiros publicados em outras editoras argentinas.....	200
<b>Quadro 17</b> Autores argentinos publicados no Brasil (1998-2021) .....	214

## Lista de ilustrações

<b>Figura 1</b> Livros de Monteiro Lobato, Vianna Moog e Erico Verissimo publicados pela Editorial Claridad em 1938, 1944 e 1945 .....	48
<b>Figura 2</b> Livros de Erico Verissimo publicados pela Santiago Rueda na década de 1940 .....	50
<b>Figura 3</b> Capas das edições de <i>Felicidade</i> , de Katherine Mansfield, <i>Retrato do artista quando jovem</i> , de James Joyce, e <i>Orlando</i> , de Virginia Woolf, pela Coleção Nobel.....	117
<b>Figura 4</b> Capas dos livros com as traduções de <i>Point Counter Point</i> , de Aldous Huxley, pela Sur (1933), pela Sudamericana (1940) e pela Globo (1934).....	120
<b>Figura 5</b> Capas dos sete volumes de <i>Em busca do tempo perdido</i> , de Marcel Proust, pela Coleção Nobel da Editora Globo (1948-1958) .....	126
<b>Figura 6</b> Capas dos quatro livros de Franz Kafka publicados pela Colección Grandes Novelistas, da Editorial Emecé, entre 1949 e 1953 .....	135
<b>Figura 7</b> Capas dos livros de três grandes romancistas russos do século XIX, publicados pela Coleção Fogos Cruzados, da Livraria José Olympio Editora .....	144
<b>Figura 8</b> Capas dos livros dos romancistas Halldor Laxness, Karel Capek e Ole Edvart Rolvaag, publicados pela Colección Horizonte, da Editorial Sudamericana.....	148
<b>Gráfico 1</b> Coleção Nobel – principais tradutores .....	151
<b>Gráfico 2</b> Coleção Fogos Cruzados – principais tradutores.....	152
<b>Gráfico 3</b> Colección Horizonte – principais tradutores .....	153
<b>Gráfico 4</b> Colección Grandes Novelistas – principais tradutores .....	154
<b>Gráfico 5</b> Coleção Narrativas – Adriana Hidalgo Editora .....	188
<b>Gráfico 6</b> Tradução de literatura argentina no Brasil (2005-2014) – nº de títulos por ano.....	211
<b>Gráfico 7</b> Número de traduções propostas por editores brasileiros aprovadas no Programa Sur de Apoyo a Traducciones (2010-2020).....	212
<b>Gráfico 8</b> Editoras brasileiras com maior número de títulos aprovados no Programa Sur de Apoyo a Traducciones (2010-2020).....	213

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – TRADUÇÃO DE LITERATURA BRASILEIRA NA ARGENTINA E DE LITERATURA ARGENTINA NO BRASIL: OS ANTECEDENTES</b> .....	34
1.1 As coleções oficiais: Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano e Coleção Brasileira de Autores Argentinos .....	36
1.2 Duas editoras comerciais na Argentina: Claridad e Santiago Rueda .....	44
1.3 Duas editoras comerciais no Brasil: Monteiro Lobato & Cia e Editora Guaíra .....	50
<b>CAPÍTULO 2 – AS EDITORAS E SUAS COLEÇÕES</b> .....	56
2.1 A Livraria do Globo Editora e a Coleção Nobel .....	56
2.2 A Livraria José Olympio Editora e a Coleção Fogos Cruzados .....	70
2.3 AS EDITORAS ARGENTINAS.....	84
2.4 A Editorial Sudamericana e a Colección Horizonte .....	87
2.5 A Editorial Emecé e a Colección Grandes Novelistas .....	102
<b>CAPÍTULO 3 – COMPARAÇÃO E ANÁLISE DAS COLEÇÕES</b> .....	113
3.1 A duração das coleções .....	113
3.2 Traduzindo de várias línguas, mas principalmente do inglês .....	113
3.2.1 Do inglês .....	114
3.2.2 Do francês .....	124
3.2.3 Do alemão .....	130
3.2.4 Do italiano.....	136
3.2.5 Do espanhol .....	138
3.2.6 Do português.....	140
3.2.7 Do russo .....	141
3.2.8 De outras línguas/outras literaturas.....	146
3.3 Quem foram os tradutores.....	149
3.3.1 Homens e mulheres.....	155
<b>INTERMEZZO</b> .....	157
<b>CAPÍTULO 4 – TRADUÇÃO DE LITERATURA BRASILEIRA NA ARGENTINA E DE LITERATURA ARGENTINA NO BRASIL NO SÉCULO XXI</b> .....	161
4.1 Coleção Vereda Brasil – Ediciones Corregidor.....	161
4.2 Coleção <i>latinoamericana</i> – Editorial El Cuenco de Plata.....	180
4.3 Coleção Narrativas – Editorial Adriana Hidalgo .....	187
4.4 Tradução de autores brasileiros por outras editoras argentinas.....	197

4.5 Tradução de autores argentinos no Brasil (1998-2021) .....	209
<b>CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>244</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>252</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é abordar o tema da tradução de literatura no Brasil e na Argentina em dois diferentes momentos históricos. Para tratar do primeiro deles, aquele compreendido pelas décadas de 1930, 1940 e 1950, vamos focalizar dois aspectos distintos e complementares da questão: por um lado, vamos analisar as relações bilaterais entre os dois países, apresentando um panorama do que foi publicado de literatura brasileira na Argentina e do que se publicou de literatura argentina no Brasil ao longo daquelas décadas, tanto em coleções de caráter oficial, bancadas pelos respectivos governos, quanto em coleções lançadas por editoras comerciais dos dois países; por outro lado, vamos abordar as relações que ambos os países estabeleceram com a literatura dita “universal” (a bem da verdade, a literatura ocidental), principalmente por meio do trabalho desenvolvido por quatro das mais importantes editoras daquele período. Para isso, será feita a *reconstrução dos catálogos* de quatro grandes coleções de literatura traduzida publicadas por essas editoras (duas brasileiras e duas argentinas), que se encarregaram de colocar ao alcance de seus respectivos públicos leitores a literatura de ficção que era então publicada na Europa e nos Estados Unidos, principalmente.

O segundo momento histórico corresponde aos dias de hoje, mais exatamente aos anos finais do século passado e aos dois primeiros decênios do século XXI, momento caracterizado por uma configuração do mundo editorial totalmente distinta daquela reinante nas décadas de 1930, 40 e 50. Novamente, vamos tratar do que foi publicado de literatura brasileira na Argentina e de literatura argentina no Brasil, com destaque para a análise de três coleções publicadas por três diferentes editoras argentinas nestas últimas décadas, coleções nas quais é marcante a presença da obra de escritores brasileiros.

O período compreendido pelas décadas de 1930, 1940 e 1950 corresponde, grosso modo, ao período que tem sido chamado de “época de ouro” da indústria editorial argentina por alguns dos mais destacados estudiosos do assunto,<sup>1</sup> uma denominação que também pode se aplicar ao caso brasileiro, feitas as devidas contextualizações. Tanto na Argentina quanto no Brasil, foi grande o impulso dado à indústria editorial ao longo deste período, primeiro como consequência direta da crise de 1929, que levou os dois países a adotarem o processo que ficou conhecido como “substituição de importações”, que se verificou em quase toda a

---

<sup>1</sup> DE DIEGO, José Luis. La “época de oro” de la industria editorial. In: *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 97-133.

América Latina e que teve um sucedâneo no campo editorial. Exatamente uma década depois, com o advento da II Guerra Mundial, as dificuldades aumentaram ainda mais e, com isso, o referido processo de substituição de importações se aprofundou, o que acabou gerando as condições objetivas para a definitiva profissionalização da indústria editorial em ambos os países. O sociólogo Sergio Miceli assim resume a situação no Brasil:

Em meio às novas condições resultantes da crise de 1929 e, mais adiante, em virtude da impossibilidade de continuar importando livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxam-se os laços da sujeição cultural. A nova correlação de forças no plano internacional ensejou nas condições de dependência dos países periféricos mudanças de peso, que não se limitaram à troca da sede hegemônica, os Estados Unidos em lugar da Europa. A importação de bens culturais subsistiu, mas com feições distintas do que ocorria na República Velha. Doravante, em vez de vender as edições originais de obras estrangeiras, os editores adquirem os direitos de tradução das obras, vale dizer, a produção destinada ao mercado interno acaba suplantando a produção estrangeira diretamente importada na língua original.<sup>2</sup>

A Argentina, que, na condição de país periférico, passou por processo semelhante ao descrito por Miceli para o Brasil, contou ainda com um importantíssimo fator para o desenvolvimento de sua indústria editorial, diretamente relacionado com sua origem hispânica: a crise gerada pela Guerra Civil Espanhola, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, que fez com que muitos profissionais ligados ao mundo da edição espanhola se exilassem em diversos países hispano-americanos, entre eles a Argentina, o Chile e o México, contribuindo com sua experiência para um desenvolvimento ainda maior da indústria editorial nesses países, que já tinha vida própria.

Como veremos, as duas coleções argentinas de que iremos tratar foram publicadas por editoras fundadas na esteira do exílio destes profissionais espanhóis: a Editorial Sudamericana, fundada em 1938, e a Editorial Emecé, em 1939, ambas estabelecidas em Buenos Aires, capital da república argentina, responsáveis, respectivamente, pela publicação da Colección Horizonte e da Colección Grandes Novelistas. Já as duas coleções brasileiras foram publicadas por editoras com histórico e localização geográfica bastante diferentes, embora as duas ostentem no próprio nome sua origem comum em livrarias: a Livraria José Olympio Editora, que publicou a Coleção Fogos Cruzados, foi fundada em 1931, em São Paulo, transferindo-se em 1934 para o Rio de Janeiro, então a capital da república brasileira; e a Livraria do Globo Editora, que publicou a Coleção Nobel, fundada ainda no século XIX, embora tenha passado a se dedicar com mais empenho à atividade propriamente editorial

---

<sup>2</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 147.

somente na década de 1920, isso numa cidade de província, Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

No primeiro capítulo deste trabalho, vamos apresentar um panorama da literatura brasileira publicada na Argentina e da literatura argentina publicada no Brasil ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950, tratando tanto das coleções oficiais quanto das iniciativas de algumas editoras privadas. As coleções oficiais foram a *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, publicada entre 1937 e 1949 pelo governo argentino, e a *Coleção Brasileira de Autores Argentinos*, publicada entre 1938 e 1952 pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Dentre as iniciativas das editoras comerciais, vamos destacar o trabalho das argentinas Claridad e Santiago Rueda, ambas de Buenos Aires, e o das brasileiras Monteiro Lobato & Cia, de São Paulo, e Guáira, de Curitiba.

No capítulo 2, antes de apresentar, em forma de quadros, os catálogos das coleções de literatura estrangeira traduzida reconstruídos durante a pesquisa, vamos apresentar um pequeno histórico das editoras que as publicaram – as brasileiras Globo e José Olympio e as argentinas Sudamericana e Emecé. Em seguida, no capítulo 3, encontra-se a comparação e análise das quatro coleções acima mencionadas, que levará em conta fatores diversos, tais como: as línguas e/ou literaturas a partir das quais os livros foram traduzidos, a presença maior ou menor de determinados autores em cada uma das coleções, um levantamento dos tradutores que para elas contribuíram, a proporção entre mulheres e homens tanto no que diz respeito aos autores publicados quanto a seus tradutores, a maior ou menor proporção entre *best-sellers* e obras de autores consagrados e/ou de maior prestígio literário nos diferentes catálogos, entre outros aspectos.

O quarto capítulo será dedicado à apresentação de um panorama da literatura brasileira publicada na Argentina e da literatura argentina publicada no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI. Embora nos últimos anos não se tenha editado, no Brasil, nenhuma coleção destinada exclusivamente à publicação de literatura argentina, veremos que a tradução da obra de autores daquele país é a que mais se destaca, inclusive em termos quantitativos, quando se trata da publicação de literatura hispano-americana em geral. Já na Argentina vamos encontrar pelo menos três coleções, publicadas por três diferentes editoras, em que a tradução de obras de autores brasileiros clássicos e contemporâneos tem um grande peso, e nas quais, como veremos, a presença da literatura brasileira se dá de modo distinto. A editora Corregidor criou uma coleção – a Vereda Brasil – destinada *exclusivamente* à

tradução de literatura brasileira; a editora El Cuenco de Plata, por sua vez, resolveu integrar os brasileiros a uma coleção com uma perspectiva latino-americana, em que também se dá destaque às obras de alguns autores uruguaios; finalmente, a editora Adriana Hidalgo optou por incluir as obras dos escritores brasileiros numa coleção destinada à publicação de literatura estrangeira em geral, fazendo os brasileiros conviverem, em seu catálogo, com escritores alemães, franceses, japoneses, italianos, etc.

O trabalho se encerra com um capítulo dedicado às considerações finais, nas quais procuraremos identificar as principais diferenças entre os dois momentos históricos nele abordados.

### **O caminho até aqui**

Entre 2013 e 2016, cursei o Mestrado em Estudos de Literatura do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa “Literatura, Sociedade e História da literatura”, sob orientação do professor Homero José Vizeu de Araújo e em interlocução constante e enriquecedora com dois de seus colegas, a professora Karina de Castilhos Lucena e o professor Luís Augusto Fischer. A dissertação, defendida em abril de 2016, tinha o título um tanto ambicioso de “A tradução de literatura hispano-americana no Brasil: um capítulo da História da Literatura Brasileira”. Qual o sentido desse título, independente de sabermos se a dissertação deu ou não respostas adequadas às questões nela levantadas? O que significa exatamente considerar o conjunto das obras de uma determinada literatura – no caso, a dos países americanos de língua espanhola – traduzidas e publicadas no Brasil, como *um capítulo* da História da Literatura Brasileira?

Na própria dissertação tentei responder a isso, ao dizer que um dos objetivos do trabalho, “para além do levantamento e análise das edições brasileiras de obras de ficção (e ensaio) de autores hispano-americanos” foi o de “contribuir para a construção de uma história da tradução literária no Brasil”, para que um dia fosse possível “integrá-la à própria história da literatura brasileira, tomando-a como um capítulo específico e imprescindível dessa história”. Em outras palavras: a ideia por trás desta afirmação é que já não parece possível, ou mesmo desejável, que a História da Literatura Brasileira continue sendo contada exclusivamente como uma mera sucessão de obras assinadas por escritores brasileiros, publicadas no país, e consumidas, ao longo do tempo, por um público leitor que, de maneira

geral, não empregou seu tempo para ler *exclusivamente* a literatura produzida no país, mas também, é claro, dedicou-se igualmente a ler a enorme quantidade de literatura traduzida que circula no Brasil há pelo menos dois séculos.

Assim, o objetivo mais amplo daquele trabalho foi o de contribuir para a construção de uma *história da tradução literária no Brasil*, projeto a ser concretizado – por vários pesquisadores, e ao longo de um tempo certamente bastante longo – com base, idealmente, no levantamento prévio de todas as obras que tenham sido traduzidas e publicadas no país, a partir das mais diversas línguas e literaturas, entre elas a literatura escrita no espanhol das Américas, que representa uma parte pequena, mas muito importante, desse universo tão amplo. Essa foi, portanto, a intenção do trabalho realizado durante o mestrado, a de contribuir para a construção dessa história, a partir de um levantamento rigoroso, e o mais exaustivo possível, das obras de ficção de autores hispano-americanos traduzidas no Brasil no decorrer de aproximadamente um século, levantamento que foi apresentado na forma de um quadro anexo à dissertação (constituindo, ele mesmo, parte fundamental do trabalho, por reunir informações até então dispersas nas mais variadas fontes, como é o caso das coleções cujos catálogos foram reconstruídos no presente trabalho).

Feito o levantamento, tiradas as devidas ou indevidas conclusões, um aspecto que saltou aos olhos foi o fato de que aproximadamente 45% dos autores elencados no referido quadro eram argentinos. Dito de modo mais direto: quase metade do que se traduziu de literatura hispano-americana no Brasil, ao longo de quase um século, provém da obra de escritores argentinos. Os outros 55% do que se publicou aqui abrangem a obra de autores de todos os outros países da América Hispânica: Peru, Chile, Uruguai, Paraguai, México, etc. Por mais óbvia que possa soar a afirmação a seguir, para que pudessem circular no Brasil e ser lidas, todas estas obras, argentinas ou não, tiveram de passar pelo processo de *tradução* do espanhol para o português. Esta é a perspectiva brasileira possível: para nós, únicos falantes oficiais de língua portuguesa nas Américas, o acesso à literatura hispano-americana se dá, de maneira geral, *via tradução* (não estamos considerando aqui, *por supuesto*, a razoável quantidade de leitores que, por motivos profissionais ou de outro tipo, têm acesso à literatura hispano-americana diretamente em língua espanhola).

Os argentinos têm, evidentemente, uma perspectiva diferente em relação ao restante da literatura hispano-americana: seu acesso a ela *não é mediado pela tradução*, já que o espanhol é a língua comum à maioria dos países latino-americanos, com exceção do Brasil

(e do Haiti e da Guiana francesa, mas esse é outro assunto). Talvez possamos iluminar um pouco essa questão se nos referirmos a uma prática bastante comum em livrarias argentinas. Na maior parte dessas livrarias existem estantes destinadas especificamente à literatura *latino-americana* (e não *hispano-americana*), nas quais podemos encontrar os livros dos autores de língua espanhola dos demais países da América Latina (Colômbia, México, Chile, Uruguai, etc.) junto aos livros dos autores brasileiros – estes, claro, traduzidos para o espanhol. Com um pouco de sorte, podem-se encontrar também livros dos autores dos países latino-americanos em que a língua literária é o francês, também traduzidos ao espanhol.

Essa prática – a de destinar estantes exclusivas para a literatura latino-americana – é ainda incipiente no Brasil, e é em geral adotada apenas por pequenas livrarias independentes ou alternativas. Normalmente, nas livrarias brasileiras, os livros de autores *latino-* ou *hispano-americanos* encontram-se misturados a todos os outros livros de *literatura estrangeira* (traduzida), nas estantes a ela destinadas. Pode-se dizer que essa perda de visibilidade acarreta igualmente a perda de uma possível *especificidade* da literatura latino-americana em sua relação com a literatura brasileira, a perda daquilo que poderia aproximá-las aos olhos dos leitores, devido a uma certa *identidade compartilhada*, por todos os motivos históricos – algo que as estantes de literatura latino-americana das livrarias argentinas, de algum modo, tentam preservar ou resgatar.

Se não cabe nos perguntarmos o quanto a literatura brasileira traduzida na Argentina representa, em termos percentuais, no conjunto da literatura latino-americana publicada naquele país – na medida em que o restante da literatura hispano-americana divide com a argentina uma mesma língua e não precisa ser traduzida –, caberia ao menos perguntar qual é o tamanho da presença da literatura brasileira traduzida em relação às demais literaturas, às literaturas traduzidas de outras línguas. É a essa pergunta que tentamos responder, no capítulo 4, ao apresentar o levantamento das obras de literatura brasileira traduzidas na Argentina nas últimas duas décadas, a fim de verificar de que forma elas foram apresentadas aos possíveis leitores (de forma isolada, em séries, em coleções, etc.), por quem foram editadas, quem foram seus tradutores, quais os gêneros literários privilegiados, que autores foram escolhidos e – se possível – por que o foram, quais os critérios que levaram os editores e/ou tradutores à escolha das obras que foram traduzidas e publicadas.

Ao analisar as coleções publicadas contemporaneamente na Argentina, e mesmo as traduções – dispersas, embora numerosas – de autores argentinos no Brasil nas últimas duas

décadas, ficou claro que seria preciso contextualizá-las no quadro mais amplo da *tradução de literatura estrangeira*, em ambos os países, pelo menos desde a década de 1930, quando a indústria editorial se profissionaliza definitivamente. Por esse motivo, optamos por focalizar as décadas de 1930, 1940 e 1950 sob a dupla perspectiva das relações bilaterais entre Argentina e Brasil e das relações dos dois países com a tradição literária ocidental. Nesse segundo aspecto, como já foi dito, tomamos como referência e como parte fundamental do *corpus* deste trabalho as quatro coleções acima identificadas: a Nobel, da Livraria do Globo; a Fogos Cruzados, da José Olympio; a Horizonte, da Sudamericana; e a Grandes Novelistas, da Emecé. Essas coleções tiveram uma enorme importância para a circulação de literatura estrangeira traduzida em seus respectivos países, dentro do período abordado, por pelo menos dois motivos. Primeiro, por terem colocado em circulação a obra de alguns dos grandes autores da literatura ocidental, muitas vezes inéditos num ou noutro país até sua edição por alguma dessas coleções; em segundo lugar, por também terem feito circular o trabalho dos escritores contemporâneos à edição das coleções, trabalho que, em muitos casos, não resistiria à passagem do tempo, ou seja: os escritores dos *best-sellers* de uma determinada época não se tornam, necessariamente, autores de prestígio com o passar do tempo.

É claro que essas quatro coleções não existiram num vácuo, e é por esse motivo que, tanto no que se refere ao Brasil quanto no que se refere à Argentina, vamos também prestar atenção às obras de literatura estrangeira traduzida que tenham sido publicadas por outras editoras no mesmo período, tenham ou não integrado coleções específicas, sempre que isso puder lançar luz sobre questões que porventura não possam ser respondidas apelando apenas às quatro coleções escolhidas para análise neste trabalho.

Antes de abordar as coleções propriamente ditas, vamos fornecer algumas informações básicas sobre as editoras que as publicaram, inclusive referindo-nos a outras coleções publicadas pelas mesmas editoras, para que possamos ter uma ideia melhor do papel desempenhado por cada uma delas no âmbito do mundo editorial dos dois países e de suas relações com o mercado internacional. Em seguida, faremos a análise de cada coleção individualmente e, também, em sua relação com as outras, no sentido de apontar semelhanças e diferenças entre elas e de tentar entender como cada uma respondeu aos desafios colocados pela literatura que circulava mundialmente ao tempo em que essas coleções se constituíram.

### **Algumas referências teóricas**

Para dar sentido à reconstrução e análise dos catálogos das coleções a serem tratadas neste trabalho, vamos nos valer de referências teóricas – e suas aplicações práticas – provenientes de duas áreas distintas, embora complementares, dos estudos literários: a dos *estudios de edición*, área que tem se desenvolvido notavelmente nos últimos anos em vários países latino-americanos e que tem centrado sua atenção em aspectos negligenciados até bem pouco tempo pelos estudos literários; e a dos *estudios de traducción*, que pouco a pouco tem se voltado para questões que interessam também aos estudos de edição. Estes se caracterizam por serem fundamentalmente multidisciplinares e, portanto, por se valerem do conhecimento construído em campos diversos, como o da história do livro, da história da leitura e de outras disciplinas afins, como os próprios estudos de tradução. Nesse sentido, pode-se dizer que os estudos de edição *abarcam* – entre muitos outros – os estudos de tradução, sem prejuízo da autonomia e dos interesses específicos dessa disciplina. Ou, no mínimo, pode-se dizer que os estudos de tradução fornecem aos de edição alguns elementos importantes, particularmente significativos para o assunto que iremos explorar.

Na medida em que o objetivo central deste trabalho está voltado para a análise do campo editorial tanto no Brasil quanto na Argentina, e que no país vizinho os estudos de edição e de tradução têm se desenvolvido de maneira consistente nas últimas duas décadas, vamos tomar como referências fundamentais as contribuições de dois importantes estudiosos argentinos, um da área dos estudos de edição e uma da área dos estudos de tradução.

Nos estudos de edição, uma referência incontornável é o trabalho do professor José Luis de Diego, da Universidad Nacional de La Plata (UNLP), autor, entre outros títulos, de *La otra cara de Jano. Una mirada crítica sobre el libro y la edición* (2015) e de *Los autores no escriben libros. Nuevos aportes a la historia de la edición* (2019), ambos publicados pela Ediciones Ampersand, de Buenos Aires, em sua coleção Scripta Manent. De Diego é também o organizador de *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*, publicado pelo Fondo de Cultura Económica em 2014 (segunda edição, revista e aumentada), volume que reúne estudos de sete pesquisadores ligados à UNLP e apresenta um excelente panorama do campo editorial argentino.

Quanto aos estudos de tradução, vamos nos referir ao trabalho da professora e tradutora Patricia Willson, diretora do curso de especialização em Tradução Literária da Faculdade de

Filosofia e Letras da Universidad de Buenos Aires e autora de *La constelación del Sur. Traductores e traducciones en la literatura argentina del siglo XX*, publicado em Buenos Aires pela Siglo Veintiuno Editores, em 2004 (com reedição em 2017), e de *Página impar. Textos sobre la traducción en Argentina: conceptos, historias, figuras*, publicado por uma nova editora, a EThos Traductora, também de Buenos Aires, em 2019.

Vindos de áreas distintas, veremos que os dois estudiosos coincidem em algumas questões, particularmente as que dizem respeito à importância atribuída à literatura traduzida no interior do sistema literário argentino (e aqui cabe um parêntese dedicado à constatação de que o conceito de “sistema literário”, adotado pelo crítico brasileiro Antonio Candido, parece ter sido definitivamente incorporado à linguagem de certa crítica literária latino-americana).

Para ajudar a sustentar seu ponto de vista sobre a importância da tradução, Patricia Willson faz uso da já clássica contribuição do teórico israelense Itamar Even-Zohar e sua Teoria dos Polissistemas, que permite que se pense sobre os elementos de inovação literária proporcionados pela literatura traduzida “tendo como horizonte a literatura receptora”, pois é em seu interior que “a literatura traduzida funciona como possibilidade de ampliação ou modificação de um repertório de formas literárias”.<sup>3</sup> Nas palavras do próprio Even-Zohar, em artigo de 1978 revisado em 1990:

Por meio de obras estrangeiras introduzem-se na literatura local certas características (tanto princípios como elementos) antes inexistentes. Estas possivelmente incluem não apenas novos modelos de realidade que irão substituir os modelos antigos e bem estabelecidos, não mais efetivos, mas também toda uma outra série de características, como uma linguagem (poética) nova ou novos modelos e técnicas de composição. É evidente que os próprios critérios de seleção das obras traduzidas são determinados pela situação reinante no polissistema local: os textos são escolhidos conforme sua compatibilidade com as novas tendências e com o papel supostamente inovador que podem assumir dentro da literatura receptora.<sup>4</sup>

Em países periféricos como o Brasil e a Argentina, a literatura traduzida “participa ativamente na configuração do centro do polissistema”, ao contrário do que ocorre nos países ditos “centrais”, em que a proporção de literatura traduzida em relação à literatura feita na respectiva língua é muito menor. Para Even-Zohar,

(...) como uma literatura jovem não tem condições de criar imediatamente textos

---

<sup>3</sup> WILLSON, Patricia. *La constelación del Sur. Traductores e traducciones en la literatura argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2004, p. 21 (tradução minha).

<sup>4</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. Apud: VENUTI, Lawrence (ed.). *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000, p. 193 (tradução minha).

de todos os tipos conhecidos por seus produtores, pode ao menos beneficiar-se da experiência de outras literaturas, e assim a literatura traduzida torna-se um de seus sistemas mais importantes.<sup>5</sup>

Nas literaturas dos países periféricos ou “jovens”, portanto, as traduções tendem a preencher, total ou parcialmente, as lacunas de repertório existentes em relação às literaturas dos países considerados centrais, não apenas atualizando-as, mas proporcionando a elas novas alternativas. Além disso, as traduções irão necessariamente recontextualizar as obras traduzidas, atribuindo a elas novos significados e permitindo que sejam lidas de maneira diferente daquela em que foram lidas no contexto da literatura de origem. Patricia Willson destaca aqueles que talvez sejam os melhores exemplos deste tipo de recontextualização na Argentina: as traduções dos romances *Orlando*, de Virginia Woolf, e *The wild palms*, de William Faulkner, por Jorge Luis Borges. A respeito da tradução de *Orlando*, Willson afirma:

Este romance, considerado pela crítica anglo-saxã apenas um divertimento, um declínio em relação aos romances que forjaram o lugar de Woolf como narradora, foi o primeiro dessa autora a ser traduzido ao espanhol. Esta primazia, somada ao fato de que o tradutor foi Jorge Luis Borges e que sua versão circulou não apenas na Argentina, mas também em outros países da América Latina, deu como resultado uma diferença, uma refuncionalização. Necessariamente, a “obra” de Woolf foi reconstruída e lida de outra maneira na América Latina, a partir dessas premissas.<sup>6</sup>

Como veremos mais adiante, a tradução de *Orlando* feita por Borges foi publicada primeiramente em 1937 pela Editorial Sur, de Victoria Ocampo, e republicada em 1943 na Colección Horizonte da Editorial Sudamericana. No Brasil, o romance de Woolf também foi traduzido por um autor de prestígio – no caso, uma *autora*, a poeta Cecília Meireles –, e publicado em 1948 na Coleção Nobel da Livraria do Globo Editora, que já havia editado, em 1946, a tradução de outro livro de Woolf, *Mrs. Dalloway*, por Mario Quintana.

Já a tradução de Borges para *The wild palms*, de Faulkner, publicada em 1940 na Colección Horizonte com o título de *Las palmeras salvajes* – um ano apenas após sua publicação em inglês – é objeto da análise de Patricia Willson numa longa seção do capítulo “Jorge Luis Borges, el traductor vanguardista”, pertencente a seu livro de 2004, em que trata principalmente dos tradutores ligados à revista e à editora Sur. Para os fins deste trabalho, interessa dizer que, talvez de modo ainda mais marcante do que no caso da tradução de

---

<sup>5</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. Apud: VENUTI, Lawrence (ed.). *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000, p. 194 (tradução minha).

<sup>6</sup> WILLSON, Patricia. *La constelación del Sur*. Traductores e traducciones en la literatura argentina del siglo XX. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2004, p. 17 (tradução minha).

Virginia Woolf, a tradução de Faulkner por Borges efetuou o que Willson chamou de “refuncionalização”, acabando por conferir a esse romance específico do autor estadunidense uma importância que ele não tinha para os leitores de língua inglesa. O escritor e crítico Ricardo Piglia, num trecho de *Tradicción y traducción*, parece corroborar esta tese:

Reparem – e aqui temos um efeito da tradução – que o romance *Las palmeras salvajes* é mais conhecido na América Latina do que outros romances, como *Absalón, Absalón*, que é considerado o grande romance de Faulkner, e que muitos de seus outros romances, talvez melhores para qualquer estudioso dos romances de Faulkner nos Estados Unidos. *Las palmeras salvajes*, no contexto norte-americano, é um romance bastante menor. Porém, na América Latina, *Las palmeras salvajes* parece melhor do que *Absalón, Absalón*, de modo que podemos dizer que o cânone faulkneriano mudou de lugar porque a tradução converteu este texto num grande romance. Quero dizer que a tradução está produzindo, neste caso e em outros, mudanças na própria hierarquia dos textos. Ou seja, aqui encontramos um exemplo claríssimo do que significa trasladar um texto a outro contexto, trasladar um texto a outra tradição, na qual a hierarquia e os valores dos textos também podem se modificar.<sup>7</sup>

Outra tradução da década de 1940 que causou forte impacto no meio literário argentino (e, por extensão, hispano-americano), foi a do *Ulysses*, de James Joyce. Neste caso o que interessa não é concluir que a tradução argentina tenha conferido importância a um texto menor da literatura de língua inglesa – longe disso –, mas sim refletir sobre o que significou a existência desta tradução para a tradição literária local e para alguns leitores que, à época, aspiravam à condição de escritores. Publicada em 1945 pela Editorial Santiago Rueda, a tradução de José Salas Subirat foi desdenhada pela elite intelectual portenha, que supostamente podia ler o *Ulysses* em inglês – e lembremos que o próprio Borges havia traduzido um trecho ínfimo do livro para a revista *Proa*, em 1925.

Quem soube valorizar devidamente a tradução do *Ulysses* por Salas Subirat, situando-a no contexto de sua recepção pelos leitores da época, foi o escritor Juan José Saer, num texto em homenagem ao polêmico tradutor publicado pelo suplemento *Babelia* em 2004, e mais tarde recolhido em livro. Neste texto, Saer fala também do trabalho desenvolvido pela Editorial Santiago Rueda, destacando a importância que teve para os leitores de sua geração:

No catálogo dessa editora figuravam muitos outros nomes excepcionais, como Faulkner, Dos Passos, Svevo, Proust, Nietzsche, para não falar das obras completas de Freud em dezoito volumes, apresentadas por Ortega y Gasset. No final dos anos 1950, esses livros circulavam copiosamente entre todos aqueles que

---

<sup>7</sup> PIGLIA, Ricardo. *Tradicción y traducción*. Texto da conferência ministrada por Piglia na inauguração do *Magíster* em Literatura Comparada da Facultad de Artes liberales da Universidad Adolfo Ibáñez, de Santiago do Chile, em 17 de março de 2011. O mesmo trecho, em espanhol, é citado pela professora Karina Lucena no artigo “A tradução como potência para a tradição literária”, incluído em *Leituras em constelação*. Literatura traduzida e história literária. Porto Alegre: Class, 2020, p. 43-59 (a tradução do trecho de Piglia é minha).

se interessavam pelos problemas literários, filosóficos e culturais do século XX. Formavam parte dos livros realmente indispensáveis em qualquer boa biblioteca. O *Ulises* de Salas Subirat [...] aparecia o tempo todo nas conversas, e seus inesgotáveis achados verbais se intercalavam nelas sem necessidade de serem esclarecidos: toda pessoa com veleidades de narrador que andava entre os dezoito e os trinta anos, em Santa Fé, Paraná, Rosario e Buenos Aires, conhecia-os de memória e os citava. Muitos escritores da geração de 1950 ou de 1960 aprenderam vários de seus recursos e de suas técnicas narrativas com essa tradução. A razão é muito simples: o rio turbulento da prosa joyceana, ao ser traduzido ao castelhano por um homem de Buenos Aires, arrastava consigo a matéria vivente da fala que nenhum outro autor – afora, talvez, Roberto Arlt – havia sido capaz de utilizar com tanta inventividade, exatidão e liberdade. A lição deste trabalho é claríssima: a língua de todos os dias era a fonte de energia que fecundava a mais universal das literaturas.<sup>8</sup>

Este mesmo artigo de Saer é citado tanto por Patricia Willson quanto por José Luis de Diego, a demonstrar uma afinidade entre seus trabalhos. Num artigo de 2007, Willson chama a atenção para a ideia da *circulação* da tradução assinada por Subirat, referindo-se (assim como Saer) ao escritor Robert Arlt. Destaca, também, que Saer simplesmente omite a referência à página de Joyce traduzida por Borges,

aludindo diretamente ao *Ulises* de Salas Subirat como primeira versão do livro de Joyce que circulava como referente entre os jovens escritores (ou com aspirações a sê-lo) em Santa Fé, Paraná, Rosario e Buenos Aires na década de 1950. Quero me deter na ideia da circulação: focalizar no livro permite introduzir na análise de uma tradução elementos do campo editorial, com suas tensões estéticas e ideológicas, que são diferentes das de uma revista, como é o caso de *Proa*, onde Borges publicou sua fragmentária tradução. Com frequência, a reflexão sobre os textos omite a consideração do suporte, as condições de produção e de circulação, o marco de leitura estabelecido por uma determinada editora, e, dentro da editora, uma determinada coleção. E, também, a questão da “disponibilidade” do texto na cultura receptora. Sem se levar em conta a disponibilidade, fica difícil entender o prólogo de Roberto Arlt a *Los lanzallamas*, no qual escreve, em 1931: “[...] me falaram de James Joyce, arregalando os olhos”. Arlt prossegue: “Mas James Joyce é inglês”, e conclui: “James Joyce não foi traduzido para o castelhano, e é de bom gosto encher a boca falando dele. No dia em que James Joyce estiver ao alcance de todos os bolsos, os pilares da sociedade inventarão para si um novo ídolo que só será lido por meia dúzia de iniciados”.<sup>9</sup>

José Luis de Diego, num estudo sobre o catálogo da editora Santiago Rueda publicado em seu livro de 2019, também faz referência ao artigo de Saer sobre a tradução do *Ulysses* por Salas Subirat, valendo-se, além disso, do que Ricardo Piglia escreveu a respeito da leitura que Arlt fez das traduções espanholas de Dostoiévski:

Nos dois casos, as traduções, embora ruins, acabam por se tornar, no processo de apropriação, um material de assombrosa produtividade. Assim como Piglia

---

<sup>8</sup> SAER, Juan José. “J. Salas Subirat”, in: *Trabajos*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006, p. 90 (tradução minha).

<sup>9</sup> WILLSON, Patricia. Juan José Saer, comentador de las versiones del *Ulises* em español, in: *Página impar*. Textos sobre la traducción en Argentina: conceptos, historia, figuras. Buenos Aires: Ethos Traductora, 2019, p. 178-179 (tradução minha; tradução das citações de Roberto Arlt por Maria Paula Gurgel Ribeiro, retiradas de *Os sete loucos* & *Os lança-chamas*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000, p. 193-194).

sustenta que Arlt foi um grande escritor não *apesar* de ter se formado com base em traduções ruins, mas *porque* assim o fez, Saer dirá que Salas Subirat – que era acusado de ser um tradutor improvisado – acaba sendo um escritor melhor quanto pior traduz. Assim, dois dos autores que ocupam o centro do atual cânone de nossas letras colocaram em destaque uma espécie de inversão de valores do duplo circuito das traduções: se a elite da aristocracia literária jactava-se de ler nas línguas originais, em especial em francês e em inglês, e condenava as traduções imperfeitas, os jovens que se formavam por fora desse circuito, lendo o que caía em suas mãos, produzem uma curiosa reivindicação desses textos maltratados; colocam num lugar privilegiado, portanto, o trabalho dos editores e a prosa dos tradutores, por meio da qual travaram um primeiro contato com textos decisivos para sua formação.<sup>10</sup>

Os três – Saer, Willson e De Diego (via Piglia) – reportam-se, de alguma forma, ao escritor argentino Roberto Arlt. A equação pode parecer complicada, mas nem por isso deixa de ser fascinante: ao reafirmar a importância da tradução do *Ulysses* por Salas Subirat, Saer nos lembra o quanto o tradutor conseguiu reproduzir, de algum modo, “a matéria vivente da fala” dos portenhos, nisso lembrando a prosa de Roberto Arlt; Patricia Willson, ao comentar o artigo de Saer, destaca a importância da *circulação* e da *disponibilidade* da tradução de Subirat entre os jovens escritores argentinos da época, referindo-se também a Roberto Arlt e a sua posição de leitor de traduções, em oposição aos “pilares da sociedade”, os literatos da elite portenha; e De Diego conecta o artigo de Saer às constantes referências de Ricardo Piglia ao fato de Roberto Arlt ter encontrado uma espécie de modelo literário “no estilo dos péssimos tradutores espanhóis” responsáveis pelas traduções de Dostoiévski e de outros escritores russos publicadas pela Editorial Tor. Essas referências cruzadas entre escritores e acadêmicos atestam claramente a importância das traduções para a literatura argentina. Boas ou más, segundo os critérios mais díspares e discutíveis, elas acabam por produzir um efeito “de assombrosa produtividade” (De Diego) no fazer literário de alguns dos mais importantes escritores da Argentina e de outros países da América Latina, na medida em que Buenos Aires era um grande polo editorial e centro exportador de livros para todo o continente.

Podemos tomar o caso do colombiano Gabriel García Márquez como um exemplo concreto da circulação das traduções argentinas pela América Latina e de sua importância para os literatos do continente. Entre o final dos anos 1940 e meados dos anos 1950, García Márquez viveu em Barranquilla, porto marítimo situado a cerca de mil quilômetros de Bogotá, e lá integrou o chamado Grupo de Barranquilla, formado pelos escritores Ramón

---

<sup>10</sup> DE DIEGO, José Luis. Un catálogo para Santiago Rueda. In *Los autores no escriben libros*. Nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019, p. 122 (tradução minha).

Vinyes, José Félix Fuenmayor, Álvaro Cepeda Samudio, Germán Vargas e Alejandro Obregón, entre outros. Segundo o colombiano, Barranquilla era uma cidade “onde as aparências indicam que não se lê e há três livrarias em que Faulkner se esgota em 48 horas”.<sup>11</sup> Ele fala mais detidamente sobre seus companheiros do Grupo de Barranquilla, e também sobre os livros editados na Argentina que chegavam à Colômbia, numa longa entrevista concedida ao jornalista Plinio Apuleyo Mendoza:

Aquela foi para mim uma época de deslumbramento. De descobertas também, não só da literatura, mas também da vida. Embebedávamo-nos até o amanhecer falando de literatura. Cada noite apareciam na conversa pelo menos dez livros que eu não tinha lido. E no dia seguinte, eles me emprestavam. Tinham todos... Além disso, havia um amigo livreiro a quem ajudávamos a fazer os pedidos. Cada vez que chegava um caixote de livros de Buenos Aires, fazíamos uma festa. Eram os livros da Sudamericana, da Losada, da Sur, aquelas coisas magníficas traduzidas pelos amigos de Borges.<sup>12</sup>

Sudamericana, Losada, Sur: as editoras responsáveis, além de outras não citadas pelo escritor, por publicarem “aquelas coisas magníficas traduzidas pelos amigos de Borges”. Noutros trechos da entrevista, García Márquez refere-se especialmente a *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, e a *A metamorfose*, de Kafka, como leituras que o influenciaram de maneira decisiva. Assim como Saer e seus amigos na Argentina, García Márquez e seus amigos de Barranquilla, segundo Apuleyo Mendoza, “liam muito naquele momento (Joyce, Virginia Woolf, Steinbeck, Caldwell, Dos Passos, Hemingway, Sherwood Anderson, Theodore Dreiser e o ‘velho’, como chamavam Faulkner, sua paixão comum.”<sup>13</sup> Todos, sem exceção, publicados pelas grandes editoras argentinas.

Algo análogo ocorreu no Brasil, na mesma época, com as traduções publicadas pela Coleção Nobel, da Globo, de que trataremos em detalhe mais adiante. Dá conta da recepção dessas traduções o testemunho de um importante romancista brasileiro, o pernambucano Osman Lins, que trata também de ressaltar a importância que tiveram para a formação de seu gosto literário. Em artigo de 1977, publicado em livro em 1979, Osman Lins afirma:

Necessita o escritor brasileiro, mais que os de expressão francesa ou saxônica, do convívio com outras literaturas. Tal convívio pode ocorrer mediante o conhecimento de outras línguas. Acho, entretanto, que produz melhores resultados quando o escritor dispõe de um número apreciável de obras bem traduzidas. Não apenas devido ao fato de que o escritor raramente domina vários idiomas, mas

---

<sup>11</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Álvaro Cepeda Samudio, in: *Textos andinos: obra jornalística 2, 1954-1955*. Trad. Remy Gorga, Filho e Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 236.

<sup>12</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cheiro de goiaba – conversas com Plinio Apuleyo Mendoza*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, s/d, p. 49.

<sup>13</sup> Idem, p. 48.

também porque o contato com o texto já traduzido (e a tradução tende a exercer pressões renovadoras sobre as estruturas linguísticas no país receptor) permite uma fruição mais ágil, tendo ainda a vantagem de manter o fruidor de uma obra alienígena em contato com a sua própria língua. Ele realiza, com isto, em circunstâncias ideais (isto é, quando o texto original é importante, e bem realizada a tradução), uma operação duplamente vantajosa.<sup>14</sup>

“A tradução tende a exercer pressões renovadoras sobre as estruturas linguísticas no país receptor”: parece uma frase retirada dos artigos teóricos de Even-Zohar. Também é interessante que se leia o depoimento de Osman Lins tendo em mente a afirmação de Patricia Willson segundo a qual, muitas vezes, “a reflexão sobre os textos omite a consideração do suporte, as condições de produção e de circulação, o marco de leitura estabelecido por uma determinada editora, e, dentro da editora, uma determinada coleção.” Claramente, em seu depoimento, o escritor dá a devida importância a estes aspectos. A seguir, de modo muito semelhante àquele com que Juan José Saer se refere ao trabalho da Editorial Santiago Rueda, Osman Lins destaca a importância que teve a Coleção Nobel para toda uma geração de escritores brasileiros:

Muitos dos que, como eu, despertávamos para a literatura em pontos afastados do Brasil e carecíamos de informações sobre autores e obras do nosso tempo, encontrávamos na Nobel uma espécie de guia, uma porta aberta para segmentos importantes do que se escrevia em nosso século. E o meu testemunho sobre ela – eu diria melhor: o meu depoimento comovido – não é apenas o de alguém que mais tarde viria a escrever e que confessa haver encontrado, nos primeiros anos da sua aprendizagem, em certos textos daquela coleção – como, lembro-me bem, na versão de *Lord Jim* feita por Mario Quintana –, tons e soluções frásicas que eu buscava, sem encontrar, em originais da nossa língua. Como aliás, encontraria, no *Orlando*, de Cecília Meireles, e no *Retrato do artista quando jovem*, de José Geraldo Vieira, páginas de prosa que, sem serem superiores ao que eles pudessem escrever, tocavam-me de um modo estranho e novo. (...) Ver, entretanto, a Coleção Nobel sob essa perspectiva pessoal seria reduzi-la. E o meu depoimento ou testemunho só é válido na medida em que é o depoimento ou testemunho de toda uma geração que, nos anos 40, iniciava de um modo mais intenso, definido o seu destino, o convívio com os livros. Para estes, mais felizes, sob tal aspecto, que os jovens brasileiros dos anos 70 (pois ela não tem paralelo nos últimos decênios), a Nobel, no conjunto, trazendo-nos, em edições não luxuosas mas cuidadas (este era o seu luxo), um Louis Bromfield como um Thornton Wilder, um Charles Morgan como um Thomas Mann, o Faulkner de *Luz de agosto*, Charles Morgan, Theodore Dreiser, Sinclair Lewis, Steinbeck, Somerset Maugham, Margaret Kennedy, Huxley, Gide, Vicki Baum, Graham Greene, Proust, tantos outros, foi essencial, gerando tão ampla e diversificada provisão de leitura que nenhum de nós pode imaginar sem ela a sua formação.<sup>15</sup>

Ressaltemos, na homenagem que Osman Lins presta à Coleção Nobel, dois aspectos

---

<sup>14</sup> LINS, Osman. Tributo à Coleção Nobel, in: *Evangelho na taba; novos problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979, p. 74.

<sup>15</sup> LINS, Osman. Tributo à Coleção Nobel, in: *Evangelho na taba; novos problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979, p. 77-78.

interessantes. Primeiro, a menção dos títulos de algumas obras importantes pertencentes à coleção, com a devida identificação de seus tradutores, mas sem referência a seus autores: assim, ele menciona a tradução de *Lord Jim* feita por Mario Quintana, na qual encontrou “tons e soluções frásicas que eu buscava, sem encontrar, em originais da nossa língua”, bem como se refere ao *Orlando* “de Cecília Meireles”, e ao *Retrato do artista quando jovem* “de José Geraldo Vieira”, omitindo os nomes de Joseph Conrad, Virginia Woolf e James Joyce. O que isso significa – para usar a expressão de José Luis de Diego referida acima – senão colocar “num lugar privilegiado (...) o trabalho dos editores e a prosa dos tradutores”?

O segundo aspecto interessante do texto de Osman Lins tem a ver com uma *avaliação* dos escritores publicados na coleção, quando constata que a Nobel colocou em circulação tanto a obra de “um Louis Bromfield como um Thornton Wilder, um Charles Morgan como um Thomas Mann”, de um modo em que, claramente, o primeiro nome de cada dupla se refere a um autor de *best-sellers* e o segundo a um autor de maior prestígio literário. Assim fazendo, Osman Lins acaba por identificar uma característica comum a todas as coleções do período, que é justamente a de alternar a publicação de autores de prestígio com a de alguns *best-sellers*, conforme veremos.

Atribuir importância ao suporte das obras, a suas “condições de produção e de circulação”, ao fato de que determinados livros chegam ao mercado claramente identificados como pertencentes a “uma determinada editora, e, dentro da editora, [a] uma determinada coleção” é o tipo de reflexão que também vem sendo feita no Brasil pelos estudiosos do mundo da edição. Nesse sentido, o raciocínio de Patricia Willson se aproxima das considerações da professora e pesquisadora Márcia Abreu, do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, quando afirma, na apresentação do livro *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*, que os textos literários são comumente “pensados como entidades imateriais, como puro artefato linguístico, sem imaginar que a maneira como eles encarnam-se em livros e difundem-se entre os leitores pode ter alguma importância para a compreensão da vida cultural”.<sup>16</sup>

No mesmo texto, Márcia Abreu também questiona o que chama de “três pilares das

---

<sup>16</sup> ABREU, Márcia (org). *Romances em movimento*. A circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 16.

histórias literárias convencionais: o fechamento sobre um território nacional, a concentração sobre a produção dos textos e a busca de explicações para a criação literária em grandes questões político-econômicas”.<sup>17</sup> Além disso, ressalta o fato de que a produção literária que normalmente interessa à historiografia tradicional “é a chamada Alta Literatura ou Literatura Canônica, para a qual a quantidade de leitores atingidos é indiferente” e que, assim sendo, “não se busca compreender as obras considerando as condições materiais em que os livros foram produzidos e circularam na sociedade, nem tampouco se consideram as reações dos leitores (sejam eles especialistas ou não)”.<sup>18</sup>

Vai no mesmo sentido a afirmação de Valéria Cristina Bezerra na introdução a seu livro *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*, quando diz que “os estudos sobre a história da edição e do livro redefiniram a compreensão do texto literário, ao lançar luzes sobre a ação de uma série de agentes que tornam possível a existência de uma obra” e que, com isso, “os estudos em literatura ganharam um outro sentido, pois a análise de uma obra ou da atuação de um escritor por si só não é mais suficiente para se entender o seu impacto em seu tempo e na posteridade”.<sup>19</sup>

Não é apenas no Brasil e na Argentina que os estudos de edição têm se desenvolvido bastante nas últimas décadas, mas também em outros países da América Latina, tais como o México, a Colômbia, o Chile e o Uruguai, que contam com uma rede de pesquisadores responsáveis por iniciativas que “vão acumulando um conjunto de trabalhos e investigações que desenham um mapa cada vez mais nítido da história da edição em nossa América”,<sup>20</sup> conforme declara José Luis de Diego em entrevista concedida em 2017 à pesquisadora Ana Elisa Ribeiro, professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Na entrevista, De Diego aponta alguns dos principais problemas enfrentados pelos pesquisadores que se dedicam a esse campo de estudos, que ele caracteriza como sendo de “riqueza interdisciplinar e debilidade institucional”:

1) a definição do objeto de estudo: do livro à edição, da edição à leitura; 2) a combinação de variáveis quantitativas com variáveis qualitativas; para a história

---

<sup>17</sup> Idem, p. 15.

<sup>18</sup> Idem, p. 16.

<sup>19</sup> BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional*. Um estudo do caso de José de Alencar. Belo Horizonte: Relicário, 2018, p. 9.

<sup>20</sup> RIBEIRO, Ana Elisa. Riqueza interdisciplinar e debilidade institucional: consolidação dos estudos de edição na América Latina. Entrevista com o Prof. Dr. José Luis de Diego, da Universidad Nacional de La Plata, Argentina. In: *Pontos de interrogação*, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2017, p. 180. Disponível em <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/3937>

da edição importam as duas coisas: se a obra é boa, mas também quanto, como e onde se vendeu; 3) as relações entre o disciplinar e o interdisciplinar: os que estudamos a história da edição viemos de campos disciplinares diferentes (História, Estudos Literários, Biblioteconomia, Sociologia, Antropologia); essa realidade nos dá, por sua vez, riqueza interdisciplinar e debilidade institucional; 4) as limitações do recorte nacional, as incertezas de panoramas mais amplos: os mercados, obviamente, não se limitam ao que ocorre em um país, mas ultrapassar o limite dos estudos nacionais na edição complexifica notavelmente o objeto; neste ponto, se reproduzem os debates entre as histórias ou as literaturas nacionais e seus inumeráveis intercâmbios materiais e simbólicos com outras culturas.<sup>21</sup>

Também na Europa é visível o crescimento do campo dos estudos de edição, sempre associado a outras disciplinas. Em seu *Atlas do romance europeu (1800-1900)*, livro publicado originalmente em 1997 e traduzido no Brasil em 2003, o teórico italiano Franco Moretti inicia assim o capítulo 3, “Mercados narrativos, c. 1850”:

Mercados narrativos: sociologia da literatura, como costumava ser chamada; história do livro, história da leitura, como a chamamos hoje. É um novo campo, que cresce, cheio de surpresas: que, no entanto, ainda não penetrou realmente na história literária, menos ainda no estudo morfológico. Há grande diplomacia entre os historiadores do livro e os historiadores literários, mas um verdadeiro compromisso intelectual ainda está por vir.<sup>22</sup>

A sociologia da literatura tem sido especialmente útil para as pesquisas deste campo de estudos relativamente novo. Partindo de noções teóricas consagradas por Pierre Bourdieu, e valendo-se também dos estudos de Pascale Casanova e de Itamar Even-Zohar, a francesa Gisèle Sapiro tem se dedicado a estudar, entre outras coisas, a circulação transnacional das obras literárias. Em seu livro *Sociologia da literatura*, de 2014, traduzido em 2016 na Argentina e em 2019 no Brasil, afirma:

Assim como a história literária, por muito tempo a sociologia da literatura privilegiou o contexto nacional como espaço geográfico de referência. No entanto, o valor literário [...] é também constituído em escala internacional, em um espaço estruturado por relações de poder desiguais [...]. A “desnacionalização” da história literária apresenta problemas metodológicos e novos desafios para a sociologia da literatura.<sup>23</sup>

Sapiro também traz para o debate a questão da tradução, chegando mesmo a falar numa “sociologia da tradução”:

As pesquisas sobre a circulação transnacional das obras constituem um novo terreno da sociologia da literatura em pleno crescimento, que abre a via para uma sociologia da tradução [...]. Elas apresentam questões sobre as disputas políticas e econômicas que pesam sobre as trocas literárias internacionais, a autonomia

---

<sup>21</sup> Idem, p. 182-183.

<sup>22</sup> MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu (1800-1900)*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 153.

<sup>23</sup> SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da literatura*. Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019, p. 119.

relativa da qual elas gozam, as instâncias que participam delas (casas editoriais, agências literárias, serviços culturais das embaixadas, institutos de tradução, feiras do livro, etc.) e o papel específico dos mediadores (editores, tradutores, escritores, etc.).<sup>24</sup>

A seguir, Sapiro caracteriza a tradução como uma atividade social cujas funções podem ser divididas “em três grandes categorias: ideológicas, econômicas, culturais”. Uma tradução cumpre funções ideológicas quando, por exemplo, difunde uma doutrina ou uma visão de mundo, o que ela exemplifica com um trabalho de 2010 da pesquisadora Ioana Popa “sobre as traduções em francês das obras literárias provenientes de quatro países do bloco comunista, a Polônia, a Hungria, a Romênia e a Tchecoslováquia, de 1945 a 1992”.<sup>25</sup> A função econômica se cumpre pelo fato de a tradução se constituir numa prática “que participa do mercado de livros” e, mesmo que “o desempenho econômico não seja a única motivação dos editores”, ele se faz presente “como condição para a existência de suas empresas”. Por fim, a tradução cumpre principalmente funções culturais, tendo um importante papel a desempenhar “no processo de legitimação das obras” traduzidas. Sapiro prossegue:

Ser traduzido para uma língua estrangeira é uma consagração para um escritor. Na outra direção, traduzir um escritor estrangeiro que goza de algum reconhecimento para além das fronteiras nacionais pode ser uma forma de autolegitimação para um autor. A importação de obras estrangeiras é por vezes um instrumento de subversão das normas literárias dominantes em um espaço nacional. Sartre toma emprestadas técnicas de narrativa de Faulkner e de Dos Passos, traduzidos pela Gallimard na década de 1930. Ela pode também constituir, para uma editora, uma maneira de acumular capital simbólico, como ilustra o caso da Éditions du Seuil, casa editorial católica que deposita seu crédito literário em traduções, especialmente, de escritores alemães, como Günter Grass e Heinrich Böll, antes mesmo de serem coroados pelo Prêmio Nobel.<sup>26</sup>

É com base em abordagens como as exemplificadas pelos autores citados nessa introdução que o presente trabalho pretende refletir sobre a circulação da literatura traduzida no Brasil e na Argentina nos dois períodos que escolhemos analisar.

---

<sup>24</sup> Idem, p. 119-120.

<sup>25</sup> Idem, p. 120.

<sup>26</sup> Idem, p. 120.

## CAPÍTULO 1

### TRADUÇÃO DE LITERATURA BRASILEIRA NA ARGENTINA E DE LITERATURA ARGENTINA NO BRASIL: OS ANTECEDENTES<sup>27</sup>

A história da tradução de literatura brasileira na Argentina já tem mais de um século, assim como sua contraparte, a história da tradução de literatura argentina no Brasil. Embora em número reduzido, vamos encontrar alguns títulos de autores brasileiros traduzidos na Argentina já na *Biblioteca de La Nación*, coleção publicada entre 1901 e 1920 pelo jornal *La Nación*, que deu origem a um catálogo de 872 títulos. O diretor geral da coleção, inicialmente, foi Emilio Mitre (filho de Bartolomé Mitre, ex-presidente da Argentina e fundador do jornal), tendo o escritor Roberto J. Payró como editor. A pesquisadora Patricia Willson reproduz, em artigo de 2006 recolhido em livro recente, o texto de um folheto de apresentação da coleção:

A Biblioteca de La Nación publicará os melhores romances escritos em todas as épocas, em todos os países e por diferentes autores, procurando sempre que a obra seja de interesse, atraente, de fácil leitura, sem deixar de oferecer, ademais, as produções de outro caráter, de autores de indiscutível mérito na arte de escrever.<sup>28</sup>

Ainda segundo Patricia Wilsson, em outro artigo:

Dos 872 volumes publicados, somente 111 estão escritos originalmente em castelhano, por autores argentinos, latino-americanos ou espanhóis. O resto – com predomínio de procedência francesa – provém das tradições europeias em outras línguas, embora, com toda probabilidade, através de traduções indiretas, sobretudo do francês. Há também uma pequena porcentagem de textos de autores dos Estados Unidos.<sup>29</sup>

Os autores brasileiros comparecem com apenas cinco títulos (ou seja, menos de 1% dos títulos publicados) na coleção. São eles: *Inocencia*, do Visconde d'Escragnoille Taunay (1902) e *El mulato*, de Aluizio Azevedo (1904), ambos traduzidos por Arturo Costa Álvarez; *Esau y Jacob*, de Machado de Assis (publicado em dois tomos, em 1905, apenas seis meses depois da edição brasileira, em tradução não assinada), *El Guarani*, de José de Alencar (1910, também

---

<sup>27</sup> Este capítulo se baseia na pesquisa realizada durante o mestrado na UFRGS, entre 2013 e 2016, que resultou na dissertação “A tradução de literatura hispano-americana no Brasil: um capítulo da História da Literatura Brasileira”, e é uma versão amplamente revista e aumentada de parte do capítulo 2 daquele trabalho. Entre os acréscimos, destacamos especialmente os trechos que tratam da Biblioteca de La Nación e da Editorial Santiago Rueda, bem como as inúmeras informações adicionais obtidas sobre a coleção Estante Americana, da Editora Guaiá.

<sup>28</sup> WILSSON, Patricia. Traducción entre siglos: un proyecto nacional. In *Página impar*. Textos sobre la traducción en Argentina: conceptos, historias, figuras. Buenos Aires: EThos Traductora, 2019, p. 75.

<sup>29</sup> WILSSON, Patricia. El fin de una época: letrados-traductores en la primera colección de literatura traducida del siglo XX en la Argentina. In *Página impar*. Textos sobre la traducción en Argentina: conceptos, historias, figuras. Buenos Aires: EThos Traductora, 2019, p. 146.

em dois tomos) e *La esfinge*, de Afrânio Peixoto (1912).

Em *Públicos leitores em formação: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924)*, o pesquisador Rodrigo Oliveira se pergunta como teria ocorrido o contato entre a Argentina e o Brasil no âmbito da coleção:

Não foi possível rastrear, por completo, os canais de comunicação, e desconhecemos que houvesse alguma relação formalizada dos editores da coleção argentina com editores brasileiros, ou mesmo com a Academia Brasileira de Letras. As obras brasileiras publicadas não seguiram, necessariamente, um padrão claro ou definido, a exemplo do que pudemos observar para as obras de romance-folhetim francesas. Contemporânea à Biblioteca, somente a edição de *Esau e Jacó* de Machado de Assis; as obras dos demais autores brasileiros presentes na coleção haviam sido publicadas no século anterior, mesmo que se aproximassem do novo tipo de narrativa.<sup>30</sup>

A pesquisadora e professora da UFRGS, Karina de Castilhos Lucena, ao escrever sobre a Biblioteca de La Nación, pergunta-se sobre “que critérios basearam a inclusão desses e não de outros romances” na coleção. E adianta que “o capital simbólico dos autores deve ter tido algum peso”, referindo-se, nesse ponto, à possível inclusão de outro romance de Machado de Assis na coleção, seguindo uma hipótese não confirmada de outro pesquisador, Hélio de Seixas Guimarães. Trata-se de uma tradução do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicada como folhetim entre janeiro e março de 1902 no jornal *La Razón*, de Montevidéu, e posteriormente lançada em livro. A tradução foi realizada pelo uruguaio Julio Piquet, que também trabalhou para o jornal argentino *La Nación* e, além disso, atuou como secretário do general Mitre. Karina Lucena lembra que *Memórias póstumas...* e *Esau e Jacó* foram “as únicas traduções de romances de Machado de Assis enquanto ele estava vivo”, e que ambas foram publicadas na região do Rio da Prata, provavelmente “à revelia dos editores Garnier, que bloquearam a tradução dos textos de Machado até 1910”. E acrescenta:

É provável que as traduções publicadas no Uruguai e na Argentina tenham escapado do radar dos editores franceses justamente por se tratarem de países periféricos, desprestigiados na república mundial das letras, para usar a expressão de Pascale Casanova.<sup>31</sup>

Um intervalo de mais de quinze anos separa o final da *Biblioteca de La Nación* e o início de uma coleção oficial do governo argentino dedicada à publicação de autores brasileiros, bem

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Rodrigo de la Torre. *Públicos leitores em formação: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924)*. São Paulo: USP/FFLCH, 2010, p. 41. Dissertação de mestrado. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09032010-114217/publico/RODRIGO\\_DE\\_LA\\_TORRE\\_OLIVEIRA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09032010-114217/publico/RODRIGO_DE_LA_TORRE_OLIVEIRA.pdf). O autor se equivoca a respeito de *A esfinge*, de Afrânio Peixoto, publicada no Brasil em 1911 e traduzida no ano seguinte na coleção argentina.

<sup>31</sup> LUCENA, Karina de Castilhos. Machado de Assis, tradução e recepção hispano-americana. In *Leituras em constelação*. Porto Alegre: Class, 2020, p. 95-113.

como sua contraparte, uma coleção brasileira dedicada à publicação de autores argentinos. Passemos a elas.

### 1.1 AS COLEÇÕES OFICIAIS

O próximo passo significativo para a divulgação da literatura brasileira na Argentina ocorreu nas décadas de 1930 e 1940, com a publicação, entre 1937 e 1949, da coleção *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*. A *Biblioteca* foi uma iniciativa oficial de mão dupla, uma vez que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil publicou, na mesma época, a *Coleção Brasileira de Autores Argentinos*, com dez obras editadas entre 1938 e 1952.

Pouco antes, os dois países tinham assinado uma série de protocolos comerciais, depois de uma visita do presidente argentino, general Agustín Pedro Justo, ao Rio de Janeiro, em outubro de 1933, e da visita de retribuição do presidente brasileiro Getúlio Vargas a Buenos Aires, em maio de 1935. Além desses protocolos comerciais e de um Tratado de Não Agressão, os representantes dos dois países assinaram também o “Convênio entre o Brasil e a República Argentina para a Revisão dos Textos de Ensino de História e Geographia”, convênio este que virou Decreto em 1934 (dois anos depois, transformou-se em documento oficial do Ministério das Relações Exteriores) e que está na origem da concepção das duas coleções.

No Brasil, a instituição responsável pela publicação da *Coleção Brasileira de Autores Argentinos* foi o Serviço de Cooperação Intelectual, criado formalmente em 1937 e transformado, em 1938, na Divisão de Cooperação Intelectual, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. Na Argentina, a publicação da *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano* ficou a cargo do Ministerio de Justicia e Instrucción Pública, que fez editar os livros pela Imprenta Mercatali.

A coleção argentina, assim como a brasileira, constou de dez títulos, publicados em doze volumes (*Los Sertones*, de Euclides da Cunha, e *Casa Grande y Senzala*, de Gilberto Freyre, foram editados em dois tomos cada). Oito destes títulos foram publicados entre 1937 e 1943, e os dois restantes de modo bem mais esparso, um em 1947 e o último em 1949, já sob o primeiro governo peronista. Nos dois países privilegiou-se a publicação de obras do gênero ensaístico, mais precisamente dos chamados “ensaios de interpretação nacional”. Nas palavras do pesquisador Gustavo Sorá:

“No plano das ideias e no plano editorial, os dois conjuntos de livros devem ser

compreendidos como espécies oficiais de um gênero de coleções de ensaios de interpretação das realidades nacionais. (...), em cada país tais coleções têm suas próprias genealogias e estilos. Essas versões oficiais de fins dos anos 1930 marcam, de algum modo, sua confluência.”<sup>32</sup>

### ***Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano***

No Quadro 1, abaixo, apresentamos os títulos que foram publicados na *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, seguido de breves comentários sobre cada um deles.

**Quadro 1: *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano***

<b>Volume</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>
I	Pedro Calmon	<i>Historia de la civilización brasileña</i>	<i>História da civilização brasileira</i> (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932/1935)	Julio E. Payró	1937
II	Oliveira Vianna	<i>Evolución del pueblo brasileño</i>	<i>Evolução do povo brasileiro</i> (São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1923; São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933)	Julio E. Payró	1937
III/IV	Euclides da Cunha	<i>Los sertones</i>	<i>Os sertões – campanha de Canudos</i> (Rio de Janeiro: Laemmert & Co. Editores, 1902)	Benjamín de Garay	1938
V	Afonso Celso de Assis Figueiredo (Visconde de Ouro Preto)	<i>El emperador D. Pedro II y el Instituto Histórico</i>	?	Julio E. Payró	1938
VI	Ruy Barbosa	<i>Conferencias y discursos</i>	?	Julio E. Payró	1939
VII	Rodrigo Octavio de Langaard Menezes	<i>Mis memorias de los otros</i>	<i>Minhas memórias dos outros</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1934/1935/1936)	Benjamín de Garay	1940
VIII/IX	Gilberto Freyre	<i>Casa Grande y senzala</i>	<i>Casa-grande e senzala</i> (Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda, 1933)	Benjamín de Garay	1942
X	Ronald de Carvalho	<i>Pequeña Historia de la Literatura Brasileña</i>	<i>Pequena História da Literatura Brasileira</i> (Rio de Janeiro: F. Briguier &	Julio E. Payró	1943

<sup>32</sup> SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003, p. 121 (tradução minha).

			Cia. Editores, 1919)		
XI	Afonso d'Escragnoille Taunay	<i>San Pablo en el siglo XVI: historia de la villa de Piratininga</i>	<i>São Paulo no século XVI: história da villa piratiningana</i> (Tours, França: E. Arrault & Cie., 1921)	Benjamín de Garay	1947
XII	Cândido de Mello-Leitão	<i>La vida en la selva</i>	<i>A vida na selva</i> (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940)	María Victoria C. de Lisanda	1949

Quadro elaborado pelo autor.

O primeiro volume da coleção publicada na Argentina, *Historia de la civilización brasileña*, do historiador brasileiro Pedro Calmon, foi editado em 1937, com tradução do ensaísta, pintor e crítico de arte Julio E. Payró e prólogo do historiador argentino Ricardo Levene, gentileza que será retribuída no ano seguinte, quando da publicação do livro de Levene na contraparte brasileira da coleção. O livro que abre a coleção argentina é uma tradução de *História da Civilização Brasileira*, publicado pela Cia. Editora Nacional em 1932, com uma edição ampliada em 1935, integrante da Biblioteca Pedagógica Brasileira, a famosa Brasiliana, Série V, Volume XIV.

A próxima obra a ser publicada na coleção argentina foi *Evolución del pueblo brasileño*, do historiador e sociólogo Oliveira Vianna, também em 1937, com tradução de Julio E. Payró e prólogo de Rodolfo Rivarola, autor do livro sobre Bartolomé Mitre publicado na coleção brasileira em 1950. *Evolución...* é a tradução de um dos estudos mais conhecidos de Oliveira Vianna, *Evolução do povo brasileiro*, editado em 1923 pela Monteiro Lobato & Co. e reeditado, dez anos depois, pela Cia. Editora Nacional, na coleção Brasiliana, Volume X.

*Los Sertones*, de Euclides da Cunha, foi publicado em dois tomos (vols. III e IV da coleção) em 1938, com tradução de Benjamín de Garay e prólogo do historiador e político Mariano de Védia. Trata-se da tradução do clássico brasileiro *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, publicado em 1902 pela Laemmert & Co. Editores, do Rio de Janeiro, obra frequentemente equiparada ao *Facundo* de Sarmiento, tanto por suas características de estudo formativo sobre seus respectivos países quanto por serem livros de difícil classificação, em que se mesclam diferentes procedimentos narrativos. Essa tradução de Benjamín de Garay ganhou uma segunda edição pela Editorial Claridad, em 1942, destinada a um público mais amplo, edição à qual o tradutor acrescentou o subtítulo *La tragedia del hombre derrotado por el medio*

e um novo prólogo, com maior quantidade de notas explicativas. Posteriormente, a mesma tradução foi republicada na Colección Panamericana da editora multinacional W. M. Jackson (Buenos Aires, 1945),<sup>33</sup> depois pela Editorial Plus Ultra (Buenos Aires, 1982), com prólogo do crítico Juan Carlos Ghiano e introdução de Haydée Jofre Barroso, e em 2003 – portanto, mais de 60 anos depois da primeira edição – pela filial argentina da editora Fondo de Cultura Económica, em edição aos cuidados de Florencia Garramuño. O clássico de Euclides da Cunha teve pelo menos outras três traduções ao espanhol: pelo uruguaio Enrique Rodríguez Fabregat, publicada no México na década de 1940; por Velia Márquez, publicada pela editora da Universidad Nacional Autónoma de México em 1977; e por Estela dos Santos, publicada na Venezuela em 1980 como o volume 79 da Biblioteca Ayacucho.

O volume V da coleção foi *El emperador D. Pedro II y el Instituto Histórico*, do historiador e político Afonso Celso de Assis Figueiredo, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de 1912 até sua morte, em 1938. Foi publicado neste mesmo ano, com tradução de Julio E. Payró e prólogo de Max Fleiuss, jornalista, escritor, historiador e secretário do IHGB. Não foi possível identificar o volume brasileiro que serviu de base à tradução, o mesmo ocorrendo com o que deu origem ao volume VI da coleção, dedicado a uma compilação de *Conferencias y discursos* do jurista e escritor Ruy Barbosa (1849-1923), publicado em 1939 com tradução de Julio E. Payró e prólogo do jurista, historiador e político argentino Emilio Ravignani.

*Mis memorias de los otros*, do magistrado, professor e memorialista Rodrigo Octavio de Langaard Menezes, foi o volume VII da coleção, publicado em 1940, com tradução de Benjamín de Garay e prólogo de Octavio R. Amadeo, autor do livro *Vidas argentinas*, publicado dois anos depois na coleção brasileira. O livro é uma tradução de *Minhas memórias dos outros*, obra publicada em três volumes pela Editora José Olímpio, do Rio de Janeiro, em 1934, 1935 e 1936. A edição argentina reúne ensaios sobre Dom Pedro II, Carlos de Carvalho, Prudente de Morais, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Barão do Rio Branco, Ruy Barbosa, Carlos Gomes e Miguel Couto.

O outro título publicado em dois tomos (vols. VIII e IX da coleção), em 1942, foi *Casa*

---

<sup>33</sup> Foz, Clara; Atala, Lili. *Colección Panamericana*, traducción peninsular: los polos de la representación y de la inteligibilidad en un proyecto editorial. In: *Revues Meta*, v. 64, n. 2, ago. 2019, p. 305-573. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2019-v64-n2-meta05184/1068202ar/>

*Grande y senzala: formación de la familia brasileña bajo el régimen de economía patriarcal*, do antropólogo e escritor pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987), com tradução de Benjamín de Garay e prólogo do ensaísta argentino Ricardo Sáenz Hayes, autor do estudo *El Brasil moderno*, publicado no mesmo ano de 1942 em Buenos Aires pela editora do Instituto Americano de Investigaciones Sociales y Económicas. É uma tradução do ensaio *Casa-grande e senzala*, publicado em 1933 pela editora Maia & Schmidt Ltda, há muito colocado ao lado de *Raízes do Brasil* (de 1936), de Sergio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (de 1942), de Caio Prado Jr., como um dos mais importantes ensaios de interpretação nacional publicados no Brasil. Em 1943, a editora José Olympio publica a quarta edição brasileira de *Casa-grande e senzala*, integrando-a à coleção Documentos Brasileiros, dirigida pelo próprio Gilberto Freyre, e a Editorial Emecé, de Buenos Aires, republica a tradução de Benjamín de Garay, também em 2 volumes, na coleção Grandes Ensayistas. Em 1977, a tradução de De Garay é utilizada para a edição do livro como o volume 11 da Biblioteca Ayacucho, com acréscimos advindos da 16ª edição da obra no Brasil (traduzidos por Lucrecia Manduca) e prólogo e cronologia assinados pelo antropólogo Darcy Ribeiro.

O volume X da coleção, publicado em 1943, foi *Pequeña Historia de la Literatura Brasileña*, do poeta e diplomata Ronald de Carvalho. Traduzido por Julio E. Payró e com prólogo de Rómulo Zabala, um dos fundadores da Sociedad Argentina de Escritores, o livro é a tradução da *Pequena História da Literatura Brasileira*, livro publicado em 1919 no Rio de Janeiro pela F. Briguiet & Cia. Editores, e que em 1937 estava em sua sexta edição.

Em 1947, após um intervalo de quatro anos, foi publicado o volume XI da coleção, *San Pablo en el siglo XVI: historia de la villa de Piratininga*, do historiador e ensaísta Afonso d'Escragnolle Taunay. Foi mais uma tradução de Benjamín De Garay, com prólogo assinado por Rubén Franklin Máyer, autor de *El país que se busca a si mismo: Historia social argentina*, de 1944. O livro é a tradução do estudo *São Paulo no século XVI: história da villa piratiningana*, publicado em 1921 pela E. Arrault & Cie., de Tours, França.

O décimo-segundo e último volume da coleção, *La vida en la selva*, do zoólogo paraibano Cândido de Mello-Leitão, foi publicado em 1949 pela Imprenta López (ao contrário de todos os outros, publicados pela Imprenta Mercatali), com tradução de María Victoria C. de Lisanda e prólogo do geógrafo e pesquisador argentino Federico A. Daus. É a tradução de *A vida na selva*, publicado no Brasil em 1940 pela Cia. Editora Nacional, na Biblioteca Pedagógica

Brasileira, série Iniciação Científica.

Dos dez títulos publicados na *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, cinco foram traduzidos por Julio E. Payró, quatro por Benjamín de Garay e um por María Victoria C. de Lisanda. Veremos, adiante, que Benjamín de Garay, no mesmo período que vai de meados dos anos 1930 a meados dos anos 1940, traduziu muitos outros títulos de literatura brasileira, especialmente para a Editorial Claridad.

### ***Coleção Brasileira de Autores Argentinos***

A seguir, no Quadro 2, apresentamos os títulos da *Coleção Brasileira de Autores Argentinos*, seguido de comentários sobre os livros publicados.

**Quadro 2: *Coleção Brasileira de Autores Argentinos***

<b>Volume</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>
1	Ricardo Levene	<i>Síntese da História da civilização argentina</i>	?	J. Paulo de Medeyros	1938
2	Ramón Cárcano	<i>De Caseros ao XI de setembro</i>	<i>De Caseros al 11 de septiembre (1851-1852): La liberación, la construcción, la secesión de Buenos Aires</i> (Buenos Aires: Librería Mendeky de Augusto Sabourín e Hijo, 1918)	J. Paulo de Medeyros	1939
3	Bartolomé Mitre	<i>Orações seletas</i>	<i>Arengas selectas (1848-1902)</i>	J. Paulo de Medeyros	1940
4	Juan Bautista Alberdi	<i>Bases e pontos de partida para a organização política da República Argentina</i>	<i>Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina</i> (Santiago, 1852)	J. Paulo de Medeyros	1941
5	Octavio R. Amadeo	<i>Vidas argentinas</i>	<i>Vidas argentinas</i> (Buenos Aires: Librería y Editorial “La Facultad”, Juan Roldán y Cía., 1934)	J. Paulo de Medeyros	1942
6	Juan Pablo Echagüe	<i>Seis figuras do Prata</i>	<i>Seis figuras del Plata</i> (Buenos Aires:	Eduardo Tourinho	1946

			Losada, 1938)		
7	Ricardo Rojas	<i>O santo da espada – San Martín</i>	<i>El santo de la espada – vida de San Martín</i> (Buenos Aires: Anaconda, 1933)	Lauro Escorel	1948
8	Rodolfo Rivarola	<i>Mitre – una década de sua vida política (1852-1862)</i>	<i>Mitre – una década de su vida política (1852-1862)</i> (Buenos Aires: Revista Argentina de Ciencias Políticas, 1921)	J. Paulo de Medeyros	1950
9	Domingo Faustino Sarmiento	<i>Recordações da província</i>	<i>Recuerdos de provincia</i> (Santiago: Imprenta de Julio Belín y Compañía, 1850)	Acácio França	1952
10	Ricardo Güiraldes	<i>Dom Segundo Sombra</i>	<i>Don Segundo Sombra</i> (Buenos Aires: Proa Editorial, 1926)	Augusto Meyer	1952

Quadro elaborado pelo autor.

O volume 1 da coleção brasileira foi *Síntese da História da civilização argentina*, do historiador Ricardo Levene, publicado em 1938, com tradução de J. Paulo de Medeyros e prefácio do historiador brasileiro Pedro Calmon. Na folha de rosto encontra-se o seguinte texto: “Obra mandada traduzir e publicar pelo Serviço de Cooperação Intelectual, sob os auspícios do Exmo. Sr. Dr. Oswaldo Aranha, Ministro de Estado das Relações Exteriores. Distribuição a cargo do Serviço de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores”. O livro foi impresso nas oficinas gráficas do jornal *A Noite*. Não foi possível identificar a edição argentina do livro que deu origem à tradução, mas é possível que Levene, como coordenador da coleção argentina, tenha escrito a *Síntese* especialmente para a edição brasileira, com base em sua extensa obra historiográfica

O volume 2, *De Caseros ao XI de setembro*, do historiador e político Ramón Cárcano, foi publicado em 1939, com tradução de J. Paulo de Medeyros e prefácio de João Neves. É a tradução do estudo *De Caseros al 11 de Septiembre*, publicado na Argentina em 1918. Ramón Cárcano já tinha um livro traduzido no Brasil, *Juan Facundo Quiroga*, publicado em 1935 pelo Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura, com tradução do mesmo J. Paulo de Medeyros.

*Orações seletas*, do ex-presidente argentino Bartolomé Mitre (fundador do jornal *La Nación* e responsável, ele mesmo, por uma versão para o castelhano da *Divina Comedia*, de

Dante, nada menos) foi o terceiro volume da coleção, publicado em 1940, com tradução de J. Paulo de Medeyros e prefácio escrito pelo próprio Ministro das Relações Exteriores do Brasil, o gaúcho Oswaldo Aranha. Trata-se de uma seleção das *Arengas selectas*, coleção de discursos parlamentares, políticos, econômicos e literários pronunciados por Mitre entre 1848 e 1902, que teve várias edições na Argentina.

O volume 4 foi *Bases e pontos de partida para a organização política da República Argentina*, do escritor, advogado, economista, diplomata e político argentino Juan Bautista Alberdi, intelectual que foi um dos expoentes da chamada *Generación del 37* do século XIX argentino. Publicado em 1941, traduzido por J. Paulo de Medeyros, com prefácio de Afrânio de Mello Franco, ex-embaixador brasileiro na Liga das Nações e ex-ministro das Relações Exteriores, o livro é uma tradução da obra mais importante de Alberdi, publicada originalmente em 1852, no Chile (assim como o *Facundo* e os *Recuerdos de provincia*, de Sarmiento).

*Vidas argentinas*, do jurista e ex-embaixador da Argentina no Brasil, Octavio R. Amadeo, foi o quinto volume a ser publicado na coleção, em 1942. O livro tem tradução de J. Paulo de Medeyros e prefácio de Octavio Tarquínio de Souza e reúne ensaios sobre dezessete grandes personagens da vida política argentina, entre eles Rivadavia, Mitre, Sarmiento, Avellaneda, Rosas, Irigoyen, Roca, Pellegrino, Alem e Saenz Peña, além de um apêndice sobre Luis XIV (!). Foi publicado originalmente em Buenos Aires em 1934, pela Librería y Editorial “La Facultad”, de Juan Roldán y Cía., e teve várias edições posteriores.

O volume 6 da coleção foi *Seis figuras do Prata*, do jornalista, crítico teatral e historiador Juan Pablo Echagüe. Publicado em 1946, traduzido e apresentado pelo escritor baiano Eduardo Tourinho, o livro reúne textos sobre Sarmiento, Leopoldo Lugones, Henrique Garcia Velloso, Martin Gil, Florencio Sanches e Pedro Chutro, e foi originalmente publicado em 1938, em Buenos Aires, pela Editorial Losada, como *Seis figuras del Plata*.

*O santo da espada – San Martín*, do poeta, dramaturgo e historiador da literatura argentina Ricardo Rojas foi o sétimo volume da coleção. Publicado em 1948, com tradução de Lauro Escorel e prefácio do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, o livro é a tradução do perfil biográfico *El santo de la espada – vida de San Martín*, publicado em Buenos Aires pela Editorial Anaconda em 1933.

O volume 8 da coleção foi *Mitre – uma década de sua vida política, 1852-1862*, do advogado, filósofo e professor universitário Rodolfo Rivarola, que esteve envolvido com a publicação de autores brasileiros na coleção homóloga editada na Argentina e havia falecido em 1942. Publicado em 1950, o livro foi traduzido por J. Paulo de Medeyros (autor de seis das dez traduções publicadas na coleção), teve apresentação do crítico literário Álvaro Lins e foi originalmente publicado pela Revista Argentina de Ciencias Políticas, de Buenos Aires, em 1921.

*Recordações da província*, uma tradução do clássico *Recuerdos de provincia*, do escritor e ex-presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento, foi o nono volume da coleção. Publicado em 1952, mais de um século depois de sua primeira edição, feita em 1850 em Santiago do Chile, durante o exílio de Sarmiento, o volume foi traduzido pelo escritor baiano Acácio França.

Fugindo à característica de publicar ensaios de interpretação nacional, a coleção se encerra com uma tradução do romance *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, de qualquer modo um clássico da literatura argentina. Publicado em 1952 na coleção, o livro já havia tido edição anterior, em 1944, também pelo Ministério das Relações Exteriores, aparentemente como uma publicação isolada, na tradução do gaúcho Augusto Meyer, posteriormente republicada por várias editoras brasileiras. A edição original do romance se deu pela Proa Editorial, de Buenos Aires, em 1926.

## **1.2 DUAS EDITORAS COMERCIAIS NA ARGENTINA**

Além da iniciativa governamental que deu origem à *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, apresentada na seção anterior, a publicação de autores brasileiros na Argentina, nas décadas de 1930 e 1940, também se deu por intermédio de algumas editoras comerciais, entre elas a Claridad e a Santiago Rueda. Ambas se encarregaram de traduzir e publicar obras de escritores brasileiros tão distintos quanto Jorge Amado, Monteiro Lobato, Erico Verissimo, Lúcio Cardoso e Rachel de Queiroz, entre outros, tanto numa coleção criada exclusivamente para esse fim (caso da Claridad) quanto misturadas ao catálogo geral da editora (caso da Santiago Rueda).

## Editorial Claridad

A Editorial Claridad, fundada em 1922 pelo imigrante espanhol Antonio Zamora, concebeu uma *Biblioteca de Novelistas Brasileños*, dirigida por Benjamín de Garay, um escritor e tradutor que tinha vivido em São Paulo na década de 1920 e que, desde que retornou a seu país, tratou de promover a literatura brasileira, dirigindo coleções e fazendo inúmeras traduções. De Garay não apenas traduziu oito dos nove títulos da *Biblioteca de Novelistas Brasileños*, como preparou glossários e escreveu prefácios para todos eles. Além disso, foi, como vimos, o tradutor de quatro dos dez títulos publicados na *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, inclusive de *Os sertões* e *Casa-grande e senzala*, sem dúvida os mais importantes daquela coleção. Essas traduções de Benjamín de Garay logo tiveram uma segunda edição na Argentina: a de *Os sertões* foi republicada em 1942, pela própria Editorial Claridad, e a de *Casa-grande e senzala* em 1943, pela Editorial Emecé, na coleção Grandes Ensayistas (e, em 1977, pela Biblioteca Ayacucho, da Venezuela, dirigida pelo crítico uruguaio Ángel Rama).

A seguir, apresentamos dois quadros: no Quadro 3, temos os nove títulos publicados entre 1938 e 1942 pela Editorial Claridad na *Biblioteca de Novelistas Brasileños*; no Quadro 4, apresentamos outros nove títulos de autores brasileiros publicados pela editora entre 1935 e 1947, de maneira isolada ou integrando outras coleções.

**Quadro 3: *Biblioteca de Novelistas Brasileños* – Editorial Claridad**

Autor	Título	Publicação original	Tradutor	Ano
Coelho Netto	<i>Rey negro – novela bárbara</i>	<i>Rei negro – romance bárbaro</i> (Porto, Portugal: Livraria Chardron, 1914)	Luis Onetti Lima	1938
Gastão Cruls	<i>Amazonia misteriosa</i>	<i>A Amazônia misteriosa</i> (Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1925)	Benjamín de Garay	1938
Lúcio Cardoso	<i>Morro de Salgueiro</i>	<i>Salgueiro</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1935)	Benjamín de Garay	1939
Herman Lima	<i>Garimpos</i>	<i>Garimpos</i> (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932)	Benjamín de Garay	1939
Ranulfo Prata	<i>Navios iluminados</i>	<i>Navios iluminados</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1937)	Benjamín de Garay	1940
Jorge Amado	<i>Mar muerto</i>	<i>Mar morto</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1937)	Benjamín de Garay	1940

		José Olympio, 1936)		
Rachel de Queiroz	<i>Sed</i>	<i>O Quinze</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1930)	Benjamín de Garay	1941
Afrânio Peixoto	<i>Chinita</i>	<i>Bugrinha</i> (Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922)	Benjamín de Garay	1942
Carlos Maul	<i>La Marquesa de Santos – Su drama y su época</i>	<i>A Marquesa de Santos</i> (Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1938)	Benjamín de Garay	1942

Quadro elaborado pelo autor, com base nas informações contidas no livro *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas* (Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003), do argentino Gustavo Sorá.

Do ponto de vista da importância que adquiriram para a literatura brasileira, os títulos mais significativos publicados na coleção foram *Mar morto*, de Jorge Amado, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Salgueiro*, de Lúcio Cardoso, os três traduzidos por Benjamín de Garay e publicados originalmente no Brasil pela Livraria José Olympio Editora, responsável pela edição das obras mais conhecidas do chamado Romance de 30.

**Quadro 4: outros livros brasileiros traduzidos pela Editorial Claridad**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>
Jorge Amado	<i>Cacao – La vida de los trabajadores en las fazendas del Brasil</i>	<i>Cacau</i> (Rio de Janeiro: Ariel, 1933)	Héctor F. Miri, ilustrações de Santa Rosa Junior (Colección Grandes Novelas Sociales)	1935
Monteiro Lobato	<i>El presidente negro – novela norteamericana del año 2228</i>	<i>O presidente negro ou O choque das raças: romance americano do ano 2228</i> (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926)	Benjamín de Garay (Biblioteca de Escritores Americanos)	1935
Monteiro Lobato	<i>Don Quijote de los niños</i> (publicado como folhetim no jornal <i>La Prensa</i> , entre junho e setembro de 1937)	<i>Dom Quixote das crianças</i> (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936)	Benjamín de Garay (Biblioteca de textos para lectura libre)	1938
Jorge Amado	<i>Vida de Luiz Carlos Prestes – El caballero de la esperanza</i> (publicado em capítulos na imprensa argentina,	<i>O cavaleiro da esperança</i> (São Paulo: Martins, 1945, posterior à edição argentina)	Pompeu Acióli Borges, prefácio de Carlos da Costa Leite	1942

	em 1941)			
Oswaldo Orico	<i>Hombres de América: Héroes civiles y militares del continente</i>	<i>Homens da América, libertadores dos povos do continente</i> (1956, posterior à edição argentina)	Trad.????, prólogo de Octavio R. Amadeo (Colección Biblioteca de los Andes, vol. 1)	1943
Erico Verissimo	<i>La vida heroica de Juana de Arco</i>	<i>A vida de Joana D'Arc</i> (Porto Alegre: Globo, 1935)	Matilde de Elía de Etchegoyen	1944
Celso Vieira (de Matos Melo Pereira)	<i>El Padre Anchieta: la vida de un apóstol en el Brasil primitivo</i>	<i>Anchieta</i> (Rio de Janeiro: Pimenta de Melo, 1929)	Benjamín de Garay, prólogo de Enrique de Gandía (Biblioteca Hombres e Ideas, vol. 17)	1945
Viana Moog	<i>Eça de Queiroz: el arquetipo del siglo XIX</i>	<i>Eça de Queiroz e o século XIX</i> (Porto Alegre: Globo, 1938)	Trad.???? (Biblioteca de Grandes Biografías)	1945
Jenny Pimentel de Borba	<i>Pasión de los hombres</i>	<i>Paixão dos homens</i> (Rio de Janeiro: Borba Editora, 1943)	Matilde de Elía de Etchegoyen	1947

Quadro elaborado pelo autor.

É possível que outros livros de autores brasileiros tenham sido publicados pela Editorial Claridad entre 1935 e 1947, mas não foi possível encontrá-los e identificá-los. Quanto aos nove livros publicados fora da *Biblioteca de Novelistas Brasileños*, entre eles encontram-se outros dois títulos de Jorge Amado – além de *Mar muerto*, publicado na coleção – e dois de Monteiro Lobato, escritores que mantiveram uma interlocução constante com o mundo editorial hispano-americano, como veremos a seguir, na seção 1.3 deste trabalho. E podemos destacar também a publicação de um livro de Erico Verissimo, no mesmo ano (1944) em que sua obra começou a ser publicada na Argentina pela Editorial Santiago Rueda, e a de um romance de Jenny Pimentel de Borba, jornalista e editora que dirigiu por mais de vinte anos (entre 1934 e 1957), no Rio de Janeiro, a revista *Walkyrias*, de orientação feminista.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> CALLADO, Ana Arruda. Uma Walkyria entra em cena em 1934. In: Revista *Estudios feministas*, n. 2/94, p. 345-355. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16216/14764/49939>

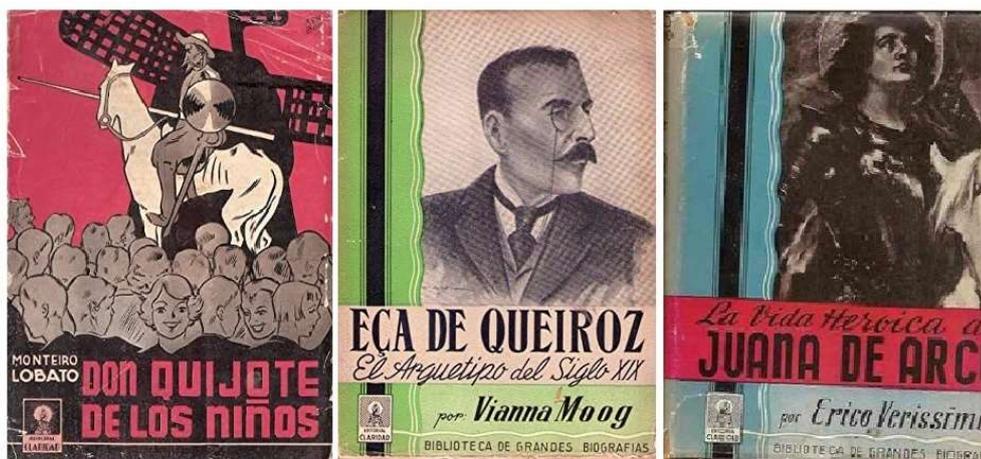


Figura 1: Livros de Monteiro Lobato, Vianna Moog e Erico Verissimo publicados pela Editorial Claridad em 1938, 1944 e 1945, respectivamente.

### Editorial Santiago Rueda

Santiago Rueda fundou a editora que leva seu nome em 1939, depois de ter trabalhado por quase duas décadas na hoje famosa livraria e editora El Ateneo, fundada por um tio seu, Pedro García, em 1912. Ao criar sua própria editora, Santiago Rueda logo deu início à construção de um catálogo que se caracterizou, principalmente, pela publicação de literatura estrangeira traduzida de primeira grandeza. Entre os autores que publicou encontram-se: James Joyce, com a primeira tradução ao espanhol de *Ulisses*, por Salas Subirat, em 1945 (a cuja repercussão nos referimos na introdução a este trabalho); Marcel Proust, com a tradução integral do ciclo romanesco *Em busca do tempo perdido*, entre 1944 e 1946; Ernest Hemingway, William Faulkner, Herman Hesse e muitos outros. Nas palavras do pesquisador argentino José Luis de Diego: “Trata-se de um catálogo sem coleções, como se a coerência temporal de obras do presente eximisse o selo de fazer outros recortes”.<sup>35</sup> Um catálogo que “se caracteriza centralmente por seu caráter cosmopolita e de importação”.<sup>36</sup>

Em meio a todos esses autores europeus e norte-americanos de prestígio, Santiago Rueda e seu assessor literário Max Dickmann também souberam dar atenção à obra de alguns autores sul-americanos. Entre eles estava “um popular autor brasileiro com quem Dickmann tinha contatos prévios, Erico Verissimo. Rueda empreendeu a publicação de suas obras com notável

<sup>35</sup> DE DIEGO, José Luis. Un catálogo para Santiago Rueda. In *Los autores no escriben libros*. Nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019, p. 116.

<sup>36</sup> Idem, p. 92.

convicção”,<sup>37</sup> e, entre 1944 e 1949, chegou a editar seis obras de Erico Verissimo. Além do autor gaúcho, Santiago Rueda fez publicar também dois romances de José Lins do Rego, ainda na década de 1940, e, muito tempo depois, em 1975, com a editora já sob a administração de seu filho, um romance de Clarice Lispector, na mesma época em que parte de sua obra vinha sendo publicada pela Editorial Sudamericana. As obras dos autores brasileiros, com seus respectivos tradutores e datas de publicação, estão listadas no quadro 5, a seguir.

**Quadro 5: autores brasileiros publicados pela Editorial Santiago Rueda**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>
Erico Verissimo	<i>Caminos cruzados</i>	<i>Caminhos cruzados</i> (Porto Alegre: Globo, 1935)	Ana A. Rivas	1944
	<i>Un lugar al sol</i>	<i>Um lugar ao sol</i> (Porto Alegre: Globo, 1936)	Ana A. Rivas	1945
	<i>Clarisa</i>	<i>Clarissa</i> (Porto Alegre: Globo, 1933)	Miguel A. D’Elía	1946
	<i>Música a lo lejos</i>	<i>Música ao longe</i> (Porto Alegre: Globo, 1936)	Matilde de Elía de Etchegoyen	1946
	<i>Un gato preso em la nieve</i>	<i>Gato preto em campo de neve</i> (Porto Alegre: Globo, 1941)	Matilde de Elía de Etchegoyen	1947
	<i>Los argonautas</i>	<i>A volta do gato preto</i> (Porto Alegre: Globo, 1946)	Matilde de Elía de Etchegoyen	1949
José Lins do Rego	<i>Fuego muerto</i>	<i>Fogo morto</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1943)	Raúl Navarro	1946
	<i>Piedra Bonita</i>	<i>Pedra Bonita</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1938)	Raúl Navarro	1947
Clarice Lispector	<i>El via crucis del cuerpo</i>	<i>A via crucis do corpo</i> (Rio de Janeiro: Artenova, 1974)	Haydée Jofre Barroso	1975

Quadro elaborado pelo autor.

É importante lembrar que Erico Verissimo já tinha sido publicado anteriormente na Argentina, e que seu romance *Olhai os lírios do campo*, um grande sucesso de vendas no Brasil, já tinha duas traduções argentinas: uma, de 1940, pelo Club del Libro, e outra, de 1944, pela Editorial Tupã, que o reeditou em 1947 em função do sucesso da adaptação cinematográfica do romance, dirigida por Ernesto Arancibia. Em seu *Erico Verissimo, escritor do mundo*, Carlos

<sup>37</sup> PETERSEN, Lucas. *Santiago Rueda*. Edición, vanguardia e intuición. Temperley: Tren en Movimiento, 2019, p. 37.

Cortez Minchillo afirma:

O cartaz publicitário do filme destaca a imagem do livro, com o nome de Erico Verissimo claramente legível, o que sugere que o romance e seu autor se tornaram uma referência forte entre o público argentino, capaz de impulsionar o sucesso do filme. A boa recepção da obra verissimiana perdurou na Argentina, pelo menos até 1959, quando a ensaísta e tradutora argentina Haydée M. Jofré Barroso comentou: “talvez seja Erico Verissimo o escritor brasileiro mais lido no exterior, entre os contemporâneos”.<sup>38</sup>

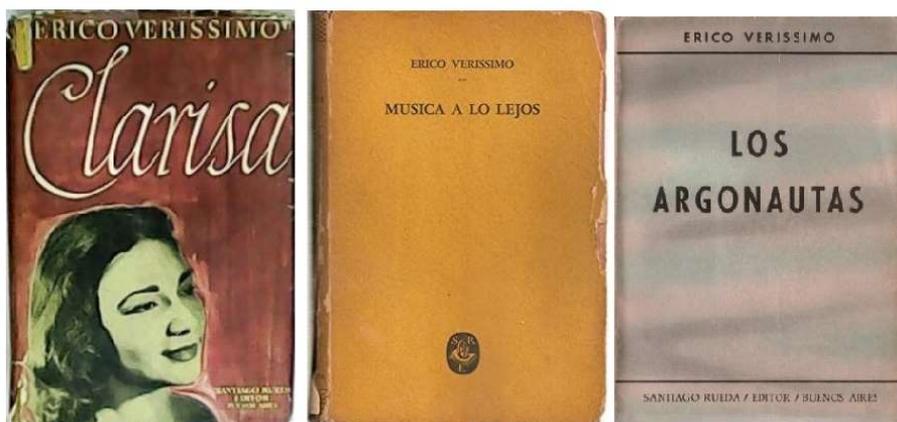


Figura 2: Livros de Erico Verissimo publicados pela Editorial Santiago Rueda na década de 1940.

### 1.3 DUAS EDITORAS COMERCIAIS NO BRASIL

No Brasil, a tradução e publicação da obra de autores argentinos – e de hispano-americanos em geral –, entre as décadas de 1920 e 1960, ocorreu de maneira pouco sistemática. Alguns autores tiveram uma sorte excepcional, neste sentido, como o colombiano José María Vargas Vila, com cerca de vinte títulos publicados pela Editora Prometeu entre 1944 e 1956; o argentino Hugo Wast, com oito títulos publicados pela Editora Globo nos anos 1930 (inclusive um na Coleção Nobel); e Constancio C. Vigil, uruguaio radicado na Argentina, com aproximadamente quinze títulos publicados ao longo das décadas de 1930 e 1940.

A situação de publicação esporádica da obra de autores hispano-americanos só viria a mudar substancialmente em meados dos anos 1960, quando tem início a publicação regular de literatura hispano-americana em coleções especificamente voltadas para este fim, como a *Nossa América*, da Editora Civilização Brasileira, e a *América Latina – Realidade e Romance*, da

<sup>38</sup> MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo*. São Paulo: EDUSP, 2015, p. 30-31.

Editora Brasiliense. Mas, antes disso, houve algumas iniciativas editoriais importantes neste sentido, análogas à que foi realizada pela Editorial Claridad, de Buenos Aires, durante as décadas de 1930 e 1940: a primeira, ainda na década de 1920, ficou a cargo da editora dirigida pelo escritor Monteiro Lobato, em São Paulo; a segunda, já na década de 1940, foi de responsabilidade da Editora Guaíra, de Curitiba, fundada em 1939 pelo jurista Oscar Joseph de Plácido e Silva. Delas trataremos a seguir.

### ***A Coleção Sul-Americana da Monteiro Lobato & Cia***

Num esforço pioneiro de divulgação da literatura hispano-americana no Brasil, o escritor e editor paulista Monteiro Lobato projetou, na década de 1920, a edição de uma *Bibliotheca Americana*, também chamada de *Coleção Sul-Americana*, por meio da qual pretendia publicar títulos de vários autores do continente, a respeito dos quais escrevia regularmente na imprensa e com muitos dos quais se correspondia assiduamente, como o uruguaio Horacio Quiroga e o argentino Manuel Gálvez. No artigo intitulado *El Hermano Asno*, publicado no número 82 da *Revista do Brasil*, em outubro de 1922, Lobato explica o objetivo da coleção:

Esta coleção se comporá de cuidadas edições das melhores obras aparecidas na Sul-América e iniciará praticamente o programa de aproximação que tem a empresa. Iniciar-se-á com o *Facundo*, do Sarmiento, dará obras de Gálvez, de Quiroga, de Lynch, de Salaverri, de Barrios e de todos os grandes representativos da literatura hispano-americana.<sup>39</sup>

Apesar da ambição do projeto de Lobato, foram poucos os títulos publicados na *Coleção Sul-Americana*, e até hoje é bastante difícil saber exatamente quantos e quais títulos foram nela editados, mas parece seguro afirmar que pelo menos quatro clássicos da literatura sul-americana chegaram às mãos dos leitores brasileiros por meio da iniciativa do escritor paulista.

Em 1923, assinada por Carlos Maul, apareceu a primeira tradução brasileira do *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, originalmente publicado em 1845, no Chile, durante o exílio do autor naquele país, livro considerado por alguns críticos como a obra inaugural da literatura argentina, apesar (ou mesmo por causa) de seu caráter híbrido de ensaio, biografia e narrativa romanceada. Em 1924, apenas cinco anos após sua publicação na Argentina, saiu o romance

---

<sup>39</sup> *apud* ALBIERI, Thais de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2009. Disponível em [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270113/1/Albieri\\_ThaisdeMattos\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270113/1/Albieri_ThaisdeMattos_D.pdf)

*Nacha Regules*, do argentino Manuel Gálvez, autor que já não era inédito em português, pois em 1920 tivera outro romance traduzido aqui, *O mal metafísico*, publicado pela editora Braz Lauria, do Rio de Janeiro. A tradução de *Nacha Regules* ficou a cargo de Murilla Torres, revisada pelo próprio Monteiro Lobato.

Em 1925, finalmente, foram publicadas duas traduções: a do romance gauchesco *Juan Moreira*, de Eduardo Gutiérrez, que apareceu originalmente em forma de folhetim na imprensa argentina entre 1879 e 1880, a cargo de Carlos Maul. E, de novo por Murilla Torres, a Monteiro Lobato & Cia. publicou a tradução do romance *María*, do colombiano Jorge Isaacs, um clássico do romantismo hispano-americano, publicado originalmente em 1867.

**Quadro 6: livros publicados na Coleção Sul-Americana da Monteiro Lobato & Cia**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>
Domingo Faustino Sarmiento	<i>Facundo</i>	<i>Facundo</i> (1845)	Carlos Maul	1923
Manuel Gálvez	<i>Nacha Regules</i>	<i>Nacha Regules</i> (Buenos Aires: Editorial Pax, 1919)	Murilla Torres (revisada por Monteiro Lobato)	1924
Eduardo Gutiérrez	<i>Juan Moreira</i>	<i>Juan Moreira</i> (1880)	Carlos Maul	1925
Jorge Isaacs	<i>María</i>	<i>María</i> (1867)	Murilla Torres	1925

Quadro elaborado pelo autor.

Afinal, três dos quatro títulos que pudemos identificar como publicados pela editora de Monteiro Lobato na Coleção Sul-Americana são de autores argentinos, assinalando, desde a década de 1920, a presença marcante dos *hermanos* em coleções dedicadas à literatura hispano-americana em geral.

### **A Estante Americana da Editora Guaíra**

A Editora Guaíra foi fundada em 1939, em Curitiba, pelo jurista, escritor e professor alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva. Num artigo publicado em 1995, a professora e pesquisadora Leilah Santiago Bufrem pergunta-se “como uma editora pequena, sem tradição no ramo, situada na pacata Curitiba, conseguiu despontar fora do hegemônico eixo Rio-São Paulo?” E acrescenta:

“Este fenômeno editorial foi uma das tentativas mais enérgicas que aqui se verificou no sentido de superar o ilhamento cultural caracterizado pela incomunicabilidade da região em relação às manifestações nacionais na área da cultura. (...) A Editora, cujas atividades destacaram-se pelo vanguardismo de seus títulos e profissionalismo editorial, foi sem sombras de dúvida um marco cultural das décadas de 40 e 50, quando vieram a público a maioria e os mais importantes de seus títulos.<sup>40</sup>

Apesar de situada fora do eixo Rio-São Paulo – como a gaúcha Globo, aliás –, a Guaíra alcançou uma razoável projeção nacional, tendo contado com o apoio de intelectuais como Sérgio Milliet, Luiz Martins e Jorge Amado, este o responsável pela tradução do romance *Doña Bárbara*, do venezuelano Rómulo Gallegos, volume 1 da coleção *Estante Americana*. Num artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 1974, o autor baiano relembra que a pequena Guaíra foi a única a demonstrar interesse por sua tradução, depois de ele a ter oferecido a diversas editoras de maior porte.<sup>41</sup> E não apenas isso: a Guaíra acabou criando uma coleção específica para a divulgação da obra de autores das Américas, e não apenas hispano-americanos, muitos deles por indicação de Jorge Amado. Assim nasceu a *Estante Americana*, cujos títulos apresentamos no quadro a seguir.

**Quadro 7: livros publicados na *Estante Americana* da Editora Guaíra**

Volume	Autor	Título	Publicação original	Tradutor	Ano
1	Rómulo Gallegos	<i>Dona Bárbara</i>	<i>Doña Bárbara</i> (Barcelona: Casa Editorial Araluce, 1929)	Jorge Amado	1940
2	Jorge Icaza	<i>Huasipungo</i>	<i>Huasipungo</i> (Quito: Imprenta Nacional, 1934)	Oscar Joseph de Plácido e Silva	1941
3	John dos Passos	<i>Paralelo 42 (vol. 1 da trilogia U.S.A.)</i>	<i>The 42nd Parallel</i> (1930)	Silveira Peixoto	1945
4	John dos Passos	<i>1919 (vol. 2 da trilogia U.S.A.)</i>	<i>Nineteen Nineteen</i> (1932)	Miroel Silveira	1945
5	John dos Passos	<i>Dinheiro graúdo (vol. 3 da trilogia U.S.A.)</i>	<i>The Big Money</i> (1936)	Zenha Machado e Silveira Peixoto	1945
6	Enrique Amorim	<i>O cavalo e a sombra dele</i>	<i>El caballo y su sombra</i> (Buenos Aires: Amigos del	Raul Viana, revista por Silveira Peixoto	s.d.

<sup>40</sup> BUFREM, Leilah S. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. In *História da literatura no Palácio (1890/1990)*. Pré e pós-modernidade. Curitiba: Associação Cultural Avelino Vieira, 1995, p. 69-80.

<sup>41</sup> *apud* BASSANI, Sandra Mara Mendes da Silva. *As relações entre tradução e alteridade na literatura regionalista de Jorge Amado e Rómulo Gallegos*. Tese de doutorado, UFRJ, 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/sandramaramendsdoutorado.pdf>.

			Libro Americano, 1941; reed. Ed. Losada, 1944)		
7	John dos Passos	<i>3 soldados</i>	<i>Three soldiers</i>	Enéas Camargo	s.d.
8	Joshua Loth Liebman	<i>Paz de espírito</i>	<i>Peace of mind</i> (1946)	Hylario Correa	1948
9	John dos Passos	<i>Manhattan Transfer</i>	<i>Manhattan Transfer</i> (1925)	Enéas Camargo	s.d.
10	John dos Passos	<i>Aventuras de um comunista (primeira parte da trilogia District of Columbia)</i>	<i>Adventures of a young man</i> (1939)	Enéas Camargo	1945
?	Leónidas Barletta	<i>Royal Circo</i>	<i>Royal Circo</i> (Buenos Aires: Ed. Tor, 1927)	Oscar Joseph de Plácido e Silva	?
?	Humberto Salvador	<i>Prometeu</i>	<i>Prometeo</i> (Quito: Universidad Central del Ecuador, 1943)	Francisco Raitani	?
?	Héctor Olivera Lavié	<i>As montanheiras</i>	<i>Las montoneras</i> (Buenos Aires: Ed. Tor, 1934)	Juventino Garcia	?

Quadro elaborado pelo autor.

Há alguns dados controversos a respeito de quantos e quais livros teriam feito parte da coleção. Leilah Santiago Bufrem, no artigo acima referido, de 1995, faz referência expressa a nove títulos (os seis de autoria de escritores hispano-americanos e os três volumes da trilogia *U.S.A.*, do norte-americano John dos Passos), sem, no entanto, mencionar o número total de títulos na coleção. Já o pesquisador Rodrigo Refulia, em artigo publicado em 2019, praticamente inverte a equação, referindo-se da seguinte maneira aos livros integrantes da coleção:

Dos dez livros publicados na Estante Americana, sete eram de autores estadunidenses: o best-seller *Paz de espírito*, escrito pelo rabino Joshua Loth Liebman e lançado no Brasil dois anos após sua publicação nos Estados Unidos; e seis romances escritos por John dos Passos. São eles: *Paralelo 42*, *1919* e *Dinheiro Graúdo*, que juntos compõem a trilogia *U.S.A.*; e *3 soldados*, *Manhattan transfer* e o sugestivo *Aventuras de um comunista* – primeiro título da trilogia *District of Columbia* e publicado nos EUA sob o título de *Adventures of a young man*.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> REFULIA, Rodrigo. Uma “arqueologia do boom” na Estante Americana, da Guaíra: romances hispano-americanos publicados por Jorge Amado e De Plácido e Silva. In *Amoxltli* n. 2, primeiro semestre de 2019, p. 1-17.

Antes disso, faz referência apenas a *Dona Bárbara*, *Huasipungo* e *O cavalo e a sombra dele*, sem sequer mencionar os outros três títulos de autores hispano-americanos referidos por Leilah Bufrem (os de Leónidas Barletta, Humberto Salvador e Héctor Olivera Lavié). Até onde foi possível averiguar, consultando, entre outros, o acervo da Biblioteca Nacional e o da Biblioteca Pública do Paraná, inclusive com relação à numeração dos volumes da coleção, a hipótese de Rodrigo Refulia parece a mais provável, ou seja, a de que a *Estante Americana* constou de dez volumes, incluindo o estranho título de não-ficção do rabino Joshua Loth Liebman em meio a obras de ficção – título, aliás, traduzido na Argentina na mesma época (1947) e publicado pela Editorial Santiago Rueda.

Resta-nos, então, localizar os três títulos referidos por Bufrem, e comprovar se chegaram realmente a ser editados, uma vez que a pesquisadora fornece inclusive os nomes de seus tradutores. Além destes, há indícios de que Jorge Amado tenha proposto a tradução de outras três obras de literatura hispano-americana: *En las calles*, de Jorge Icaza, *Canal Zona*, do equatoriano Aguilera Malta, e *La vorágine*, do colombiano José Eustasio Rivera, das quais apenas essa última ganhou edição brasileira, publicada em 1945 pela Editora Leitura, do Rio de Janeiro, em tradução de José César Borba.

Um dado interessante a respeito da circulação da literatura brasileira na Argentina e da literatura *rioplatense* no Brasil na década de 1940 é que *El caballo y su sombra*, do uruguaio Enrique Amorim, foi publicado em Buenos Aires, em 1941, pela editora Amigos del Libro Americano, mesma casa editorial que havia lançado, um ano antes, a tradução de Matilde de Elía Etchegoyen para o romance *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo. Primeiro grande sucesso comercial do escritor gaúcho, lançado pela Globo em 1938, o romance chegou a ter três edições (em junho, julho e setembro) somente naquele ano.<sup>43</sup> Erico Verissimo teria outros quatro livros traduzidos por Matilde de Elía Etchegoyen na década de 1940, três deles publicados pela Santiago Rueda e um pela Claridad, como vimos acima.

---

<sup>43</sup> TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *História de um sucesso literário*. Olhai os lírios do campo, de Erico Verissimo. Porto Alegre: Litteralis, 2003, p. 97.

## CAPÍTULO 2 – AS EDITORAS E SUAS COLEÇÕES

### 2.1 A LIVRARIA DO GLOBO EDITORA E A COLEÇÃO NOBEL

A Editora Globo de Porto Alegre foi uma das mais importantes editoras do país e, com justiça, tem tido seu nome associado à divulgação de literatura estrangeira no Brasil em traduções de boa qualidade e, é claro, à obra do escritor Erico Verissimo, que também trabalhou para a Globo como tradutor, editor e assessor literário. É uma história riquíssima, que ainda está por merecer um estudo mais abrangente, embora haja uma grande quantidade de trabalhos acadêmicos que tratam de aspectos parciais da produção da editora, além de alguns títulos preciosos que contam um pouco de sua história.

Dentre estes títulos, destacam-se dois livros de memórias, com as imprecisões típicas do gênero, mas também com o sabor das histórias vividas de perto: *A Globo da Rua da Praia*, de José Otávio Bertaso (de 1993, reeditado em 2012 pela Globo Livros, de São Paulo), e *Um certo Henrique Bertaso*, de Erico Verissimo, publicado originalmente em 1972 pela própria Globo gaúcha. Dentre os trabalhos acadêmicos, destacam-se o estudo de Elisabeth Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*, publicado em 1999, e o de Sônia Maria de Amorim, *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*, publicado em 2000, que nos interessa particularmente, por conta do assunto nele abordado. Além destes dois, é preciso destacar o belíssimo livro de Paula Ramos, *A modernidade impressa: Artistas ilustradores da Livraria do Globo-Porto Alegre*, publicado pela Editora da UFRGS em 2016.

A Livraria do Globo foi fundada em 1883 por Laudelino Pinheiro de Barcellos, que instalou seu negócio na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, então uma cidade com cerca de 50 mil habitantes. A livraria logo passou a prestar serviços de tipografia, origem de suas futuras atividades editoriais. Em 1890, aos 12 anos de idade, entra em cena José Bertaso, que trabalhou a vida inteira na empresa, onde exerceu múltiplas atividades (balconista, administrador de oficinas, gerente), até se tornar sócio e, a partir de 1918, proprietário. A firma Barcellos, Bertaso & Cia. tinha em sua estrutura uma Seção Editora, pela qual foram publicados os primeiros livros com o selo da Livraria do Globo, o que foi feito com maior impulso a partir de 1925, aproximadamente. Nos anos 1930, a Seção Editora passou a operar como um departamento especializado e, a partir de 1948, adotou o nome de Editora Globo.

Finalmente, em 1956, tornou-se “uma sociedade anônima associada à Livraria do Globo S. A., em cujas oficinas gráficas continuaram a ser impressas as obras planejadas pela editora”.<sup>44</sup>

O principal responsável pelas atividades editoriais da Livraria do Globo nestes primeiros anos foi Mansueto Bernardi, que dirigia também a *Revista do Globo* desde sua fundação, em 1929. Quando Getúlio Vargas, antigo frequentador das rodas literárias na sede da livraria, assume o poder, com a Revolução de 1930, vários intelectuais gaúchos acabam se deslocando para o Rio de Janeiro, capital federal à época, para assumir postos de importâncias variadas na burocracia estatal, entre eles Mansueto Bernardi, que vai cuidar da Casa da Moeda. A responsabilidade pela Seção Editora passa então às mãos de Henrique Bertaso, filho de José Bertaso, e no início de 1931 é a vez de Erico Verissimo entrar em cena, contratado para dirigir a *Revista do Globo*.

Nasce neste momento uma parceria intelectual e empresarial que vai fazer da Globo uma das grandes editoras do país nas próximas décadas, com Erico Verissimo atuando em várias frentes, especialmente como tradutor, diretor de coleções e assessor literário. Nas palavras de Sergio Miceli, as “disposições favoráveis [de Erico] ao trabalho intelectual coincidiram com as demandas em expansão da editora mais importante do país fora do eixo Rio-São Paulo”.<sup>45</sup> A editora, aliás, parece ter acompanhado o ritmo de crescimento da cidade de Porto Alegre, que, em 1940, contava com uma população de mais de 270 mil habitantes, segundo o Censo Demográfico realizado naquele ano.

Como já foi dito, a Globo tem seu nome justamente associado à divulgação de literatura estrangeira – portanto, traduzida – no Brasil, e isso se concretizou, em seu catálogo, com a publicação de várias coleções de literatura estrangeira, destinadas aos mais diversos tipos de público. Entre elas, podemos destacar a Coleção Verde, especializada na edição de romances sentimentais destinados, em princípio, ao público feminino, e que publicou, entre 1930 e 1934, livros de autoras como Eugenia Marlitt e Jeanne de Coulomb; a Coleção Amarela, de romances policiais, publicada entre 1931 e 1956, que editou mais de 150 títulos

---

<sup>44</sup> TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 56.

<sup>45</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 190.

de autores como Edgar Wallace, Sax Rohmer, Agatha Christie, Dashiell Hammett e Georges Simenon, entre muitos outros;<sup>46</sup> e a Coleção Universo, publicada de 1932 a 1942, que editou 43 títulos de romances de aventuras, sendo 24 deles do alemão Karl May, autor de *best-sellers* como *Winnetou*, *Através do deserto* e *Pelo Kurdistan bravo*.<sup>47</sup>

É nesse contexto de diversas coleções destinadas à publicação de literatura estrangeira traduzida que devemos situar a Coleção Nobel, criada a partir de uma troca de ideias entre Henrique Bertaso, Erico Verissimo e Maurício Rosenblatt. Num texto publicado em 1939 na *Revista do Globo*, reproduzido no estudo de Paula Ramos, pode-se ter uma ideia da importância que teve a Nobel para o prestígio da Globo:

A Coleção Nobel, da Livraria do Globo [...] é tida no Brasil hodierno como o melhor repositório de obras universalmente célebres traduzidas para o vernáculo. /// Autores ingleses de renome universal, como Aldous Huxley e William Somerset Maugham, eram praticamente desconhecidos entre nós até o aparecimento da Coleção Nobel. Graças, também, a essa notável coleção, foi que se tornaram familiares no Brasil os nomes aureolados de G. K. Chesterton, Lion Feuchtwanger, Joseph Conrad, Selma Lagerlof, Giovanni Papini e muitos outros escritores já traduzidos com enorme êxito para todas as línguas ocidentais. /// As obras que integram a Coleção Nobel apresentam, sem exceção, impecáveis traduções brasileiras, pois que a tarefa de as traduzir é sempre confiada a escritores que conhecem todas as sutilezas não apenas do idioma do qual estão traduzindo, como também – o que não é menos importante – manejam com desenvoltura e correção a língua pátria. /// A Coleção Nobel, portanto, já por lançar em língua vernácula escritores de fama universal, antes desconhecidos no país; já pela materialização de verdadeiras façanhas culturais como, por exemplo, a tradução e edição do *Contraponto*, de Aldous Huxley; já pelo grande cuidado que dedica a todas as suas traduções, é, sem dúvida alguma, um dos mais sérios e arrojados empreendimentos editoriais até hoje levados a cabo no Brasil.<sup>48</sup>

Note-se que o texto foi publicado sete anos depois de iniciada a coleção, quando tinham sido publicados apenas cerca de 20 volumes, envolvendo os autores ali citados, com o justo destaque dado à tradução de *Contraponto*, de Huxley, por Erico Verissimo (fato que o texto não menciona). É de se notar, precisamente, o destaque conferido ao cuidado com as traduções, uma característica da coleção que será reiterada ao longo dos anos, tanto em textos autocongratatórios como o que foi reproduzido acima quanto nos depoimentos de diversos críticos e escritores brasileiros, como foi o caso do testemunho de Osman Lins, referido na

---

<sup>46</sup> BOTTMANN, Denise; KARAM, Sérgio. A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956). In *TradTerm*, São Paulo, v. 30, nov. 2017, p. 159-188.

<sup>47</sup> AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido*. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 84-87.

<sup>48</sup> Feira livre. In: *Revista do Globo*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 22 abr. 1939. Ano 10, nº 250, p. 11. *Apud* RAMOS, Paula. *A modernidade impressa*. Artistas ilustradores da Livraria do Globo-Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 317.

introdução a este trabalho.

Num equilíbrio típico deste tipo de coleção, a Nobel foi pensada para incluir não apenas os grandes nomes da literatura universal, mas também alguns dos autores dos *best-sellers* da época. Assim, ao mesmo tempo em que passou a publicar, a partir de 1945, obras de autores de prestígio como James Joyce, Virginia Woolf, William Faulkner e Marcel Proust, a Nobel publicou também nada menos do que 25 livros de um escritor como William Somerset Maugham, muito popular à época, mas hoje praticamente esquecido.

Os livros da coleção, com tiragem média de 5.000 exemplares, foram apresentados em dois formatos, *com numeração à parte*, detalhe frequentemente negligenciado pelos pesquisadores. No formato “normal”, ou padrão, de 14 x 19 cm, foram publicados 101 títulos entre 1932 e 1958, numerados de 1 a 98 (há repetição de três números de volume, marcados **em vermelho** no quadro); no formato “gigante”, como a própria editora a ele se referia, de 16 x 23 cm, foram publicados 38 títulos entre 1940 e 1955, sendo 3 deles repetições de títulos publicados anteriormente no formato padrão. Os títulos publicados na Coleção Nobel encontram-se listados a seguir, nos Quadros 8 e 9, dedicados respectivamente aos volumes em tamanho padrão e aos volumes gigantes.

**Quadro 8: Coleção Nobel – volumes em tamanho padrão**

Nº	Título	Autor	Tradutor	Ano de publicação
1	<i>Gog</i> ( <i>Gog</i> , 1931)	Giovanni Papini	De Souza Junior	1932
2	<i>O falecido Matias Pascal</i> ( <i>Il fu Mattia Pascal</i> , 1904)	Luigi Pirandello	De Souza Junior	1933
3	<i>Classe 1902</i> ( <i>Jahrgang 1902</i> , 1928; <i>em inglês: Class of 1902</i> , 1929)	Ernst Glaeser	Erico Verissimo	1933
4	<i>Dom Bosco e seu tempo</i> ( <i>Don Bosco y su tiempo</i> , 1931)	Hugo Wast	Almáchio Cirne	1933

5	<i>O homem eterno</i> ( <i>The everlasting man</i> , 1925)	G. K. Chesterton	Lourival Cunha	1934
6	<i>Palavras e sangue</i> ( <i>Parole e sangue</i> , 1912)	Giovanni Papini	Mario Quintana	1934
7	<i>Flavius Josephus – Livro Primeiro – Roma</i> <i>[Der jüdische Krieg (Josephus), 1932; The Josephus Trilogy, parte I]</i>	Lion Feuchtwanger	Álvaro Franco	1934
8	<i>Marta, a inconquistada</i> ( <i>Martie the unconquered</i> , 1917)	Kathleen Norris	J. de Souza	1934
9	<i>A volta de D. Quixote</i> ( <i>The return of Don Quixote</i> , 1927)	G. K. Chesterton	Pepita de Leão	1934
9	<i>Babbitt</i> ( <i>Babbitt</i> , 1922)	Sinclair Lewis	Leonel Vallandro	1942
10 e 11	<i>Contraponto</i> (2 vols.) ( <i>Point Counter Point</i> , 1928)	Aldous Huxley	Erico Verissimo	1934
11	<i>Estudantes, amor, Tscheka e morte – Diário duma estudante russa</i> ( <i>versão alemã: Students, Liebe, Czech and Tod. Tagebuch einer russischen Studentin</i> , 1931)	Alia Rachmanova (pseudônimo de Galina Djuráguin)	Felipa Muniz (publicado também na col. Documentos de nossa época, nº 2, Globo, 1936)	1936
12	<i>O livro das lendas</i> ( <i>Bok av Legender</i> , 1902) ou ( <i>En saga om en saga och andra sagor</i> , 1908)	Selma Lagerlöf	Pepita de Leão; prefácio de Paulo Arinos	1935
13	<i>Os silêncios do Coronel Bramble</i> ( <i>Les silences du colonel Bramble</i> , 1918; contém a tradução do poema <i>If</i> , de Rudyard Kipling)	André Maurois	Álvaro Franco  (na folha de rosto da edição de 1944 consta: “texto revisado e versos traduzidos por Mario	1936

			Quintana”)	
14	<i>Tufão e outras histórias</i> ( <i>Typhoon and other stories, 1902</i> )	Joseph Conrad	Queiroz Lima	1936
15	<i>Histórias dos mares do sul</i> ( <i>The trembling of a leaf: Little stories of the South Sea islands, 1921</i> )	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1937
16	<i>Sem olhos em Gaza</i> ( <i>Eyeless in Gaza, 1936</i> )	Aldous Huxley	V. de Miranda Reis	1938
17	<i>Um drama na Malásia</i> ( <i>The narrow corner, 1933</i> )	William Somerset Maugham	Theodomiro Tostes	1938
18	<i>Morro dos ventos uivantes</i> ( <i>Wuthering heights, 1847</i> )	Emily Brontë	Oscar Mendes  (publ. na Biblioteca dos Séculos em 1959)	1938  (1947: 7 <sup>a</sup> ed.)
19	<i>Lord Jim</i> ( <i>Lord Jim, 1900</i> )	Joseph Conrad	Mario Quintana	1939
20	<i>A flecha de ouro</i> ( <i>The arrow of gold, 1919</i> )	Joseph Conrad	Marques Rebelo	1940
21	<i>Diário duma exilada russa</i> ( <i>versão alemã: Milchfrau in Ottakring, 1933</i> )	Alia Rachmanova  (pseudônimo de Galina Djuráguin)	Esther de Viveiros	1939
22	<i>Servidão humana</i> ( <i>Of human bondage, 1915</i> )	William Somerset Maugham	Antonio Barata	1939
23	<i>Felicidade</i> ( <i>Bliss and other stories, 1920</i> )	Katherine Mansfield	Erico Verissimo	1940
24	<i>O patriota</i> ( <i>The Patriot, 1939</i> )	Pearl S. Buck	Esther de Viveiros	1940
25	<i>Adeus Mr. Chips</i> ( <i>Goodbye, Mr. Chips, 1934</i> )	James Hilton	Erico Verissimo	1940

26	<i>O príncipe Otto</i> ( <i>Prince Otto</i> , 1885)	Robert Louis Stevenson	(Tradução direta do original inglês por) Antonio Barata	1940
27	<i>Não estamos sós</i> ( <i>We are not alone</i> , 1937)	James Hilton	Erico Verissimo	1940
28	<i>As vinhas da ira</i> ( <i>The grapes of wrath</i> , 1939)	John Steinbeck	Ernesto Vinhaes e Herbert Caro (lançado inicialmente fora da coleção)	1940
28	<i>O último civil</i> ( <i>Der letzte Zivilist</i> , 1935; em inglês: <i>The last civilian</i> , 1935)	Ernst Glaeser	Maria Jacinta	1940
29	<i>Ratos e homens</i> ( <i>Of mice and men</i> , 1937)	John Steinbeck	Erico Verissimo	1940
30	<i>A boa terra (China, velha China)</i> ( <i>The Good Earth</i> , 1931; <i>The House of Earth</i> trilogy #1)	Pearl S. Buck	Oscar Mendes  (edição anterior pela Globo: “China, velha China...”, 1937; republicada em 1952 como vol. G-32)	1940
31	<i>Flor escura</i> ( <i>The dark flower</i> , 1913)	John Galsworthy	Miroel Silveira	1940
32	<i>A laguna azul</i> ( <i>The blue lagoon</i> , 1908)	H. de Vere Stacpoole	Mario Quintana	1940
33	<i>O idiota da família</i> ( <i>The fool of the family</i> , 1930, sequel to <i>The constant nymph</i> )	Margaret Kennedy	Leonel Vallandro	1941
34	<i>Um ciclone na Jamaica</i> ( <i>A high wind in Jamaica</i> , 1929)	Richard Hughes	Hamílcar de Garcia	1940
35	<i>Um gosto e seis vinténs</i> ( <i>The moon and sixpence</i> ,	William Somerset Maugham	Gustavo Nonnenberg	1943

	1919)			
36	<i>Admirável mundo novo</i> ( <i>Brave new world</i> , 1932)	Aldous Huxley	Vidal de Oliveira	1941
37	<i>O agente britânico</i> (contos) ( <i>Ashenden: Or the British agent</i> , 1928)	William Somerset Maugham	Vidal de Oliveira	1941
38	<i>E agora adeus</i> ( <i>And now goodbye</i> , 1931)	James Hilton	Leonel Vallandro	1941
39	<i>Um herói moderno</i> ( <i>A modern hero</i> , 1932)	Louis Bromfield	Darcy Azambuja	1941
40	<i>Férias de Natal</i> ( <i>Christmas Holliday</i> , 1939)	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1941
41	<i>Um pobre amor em Paris</i> [ <i>Ketten Párizs ellen</i> , 1938; versão alemã: <i>Zwei gegen Paris</i> , 1937 (anterior à edição em húngaro)]	Gábor Von Vaszary	Hipólito Kuntz	1942
42	<i>Vitória</i> ( <i>Victory</i> , 1915)	Joseph Conrad	Leonel Vallandro	1942
43	<i>O general</i> ( <i>The general</i> , 1936)	C. S. (Cecil Scott) Forester	Gino Luiz Cervi	1941
44	<i>A ninfa constante – De amor também se morre</i> ( <i>The constant nymph</i> , 1924)	Margaret Kennedy	Gilda Marinho	1942
45	<i>Verdes moradas</i> ( <i>Green mansions</i> , 1904)	W. H. Hudson	M. Deabreu	1942
46	<i>Um casamento em Florença</i> ( <i>Up at the Villa</i> , 1941)	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1942
47	<i>Também o cisne morre</i> ( <i>After many summers</i> , 1939)	Aldous Huxley	Paulo Moreira da Silva	1942
48	<i>O destino de um homem</i>	William Somerset	Moacir Werneck de	1943

	<i>(Cakes and ale or the skeleton in the cupboard, 1930)</i>	Maugham	Castro	
49	<i>Horizonte perdido</i> <i>(Lost horizon, 1933)</i>	James Hilton	Francisco Machado Vila (trad. revista por Leonel Vallandro)	1943
50	<i>Jean Christophe, vol. 1</i> <i>(Jean-Christophe, 1904-1912; ciclo de dez volumes divididos em três séries: Jean-Christophe, Jean-Christophe à Paris e La fin du Voyage)</i>	Romain Rolland	Vidal de Oliveira	1947
51	<i>Jean Christophe, vol. 2</i>	Romain Rolland	Vidal de Oliveira	1947
52	<i>Jean Christophe, vol. 3</i>	Romain Rolland	Vidal de Oliveira	1947
53	<i>Jean Christophe, vol. 4</i>	Romain Rolland	Vidal de Oliveira	1947
54	<i>Jean Christophe, vol. 5</i>	Romain Rolland	Vidal de Oliveira	1947
55	<i>Noite em Bombaim</i> <i>(Night in Bombay, 1940)</i>	Louis Bromfield	Fernando Tude de Souza	1944
56	<i>O diário de Marie Bashkirtseff</i> <i>(Journal de Marie Bashkirtseff, 1887)</i>	Marie Bashkirtseff (Maria Konstantinova Bashkirtseva)	Gilda Marinho (traduzido da edição abreviada francesa)	1943
57	<i>A hora antes do amanhecer</i> <i>(The hour before the dawn, 1942)</i>	William Somerset Maugham	Moacir Werneck de Castro	1943
58	<i>Safira e a escrava</i> <i>(Sapphira and the slave girl, 1940)</i>	Willa Cather	Miroel Silveira	1943
59	<i>Ah King (contos)</i> <i>(Ah King, 1933)</i>	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1944
60	<i>O figurão</i> <i>(Gideon Planish, 1943)</i>	Sinclair Lewis	José Geraldo Vieira	1944
61	<i>Retrato do artista quando</i>	James Joyce	José Geraldo Vieira	1945

	<i>jovem</i> <i>(Portrait of the artist as a young man, 1916)</i>			
62	<i>O fio da navalha</i> <i>(The razor's edge, 1944)</i>	William Somerset Maugham	Lígia Junqueira Smith	1945
63	<i>O delator</i> <i>(The informer, 1925)</i>	Liam O'Flaherty	Valdemar Cavalcanti (trad. publicada em 1934 por Edições Livraria Cultura Brasileira)	1945
64	<i>O tempo deve parar</i> <i>(Time must have a stop, 1945)</i>	Aldous Huxley	Paulo Moreira da Silva	1945
65	<i>Poeira</i> <i>(Dusty answer, 1927)</i>	Rosamond Lehmann	Mario Quintana	1945
66	<i>Mrs. Dalloway</i> <i>(Mrs. Dalloway, 1925)</i>	Virginia Woolf	Mario Quintana	1946
67	<i>O puritano</i> <i>(The puritan, 1932)</i>	Liam O'Flaherty	Joaquim C. Ferreira	1945
68	<i>Aquele dia inesquecível</i> <i>(So well remembered, 1945)</i>	James Hilton	Leonel Vallandro	1947
69	<i>A casa dos mortos</i> <i>(Ethan Frome, 1911)</i>	Edith Warton	Moacir Werneck de Castro	1947
70	<i>A outra comédia</i> <i>(Theatre, 1937)</i>	William Somerset Maugham	Genolino Amado	1947
71	<i>O véu pintado</i> <i>(The painted veil, 1924)</i>	William Somerset Maugham	Hamílcar de Garcia	1948
72	<i>O Imoralista</i> <i>(L'Immoraliste, 1902)</i>	André Gide	Theodomiro Tostes	1947
73	<i>Appassionata</i> <i>(The passionate year, 1924)</i>	James Hilton	Lino Vallandro	1949

73	<i>Ronda grotesca</i> ( <i>Antic hay</i> , 1923)	Aldous Huxley	Moacir Werneck de Castro	1948
74	<i>Orlando</i> ( <i>Orlando: a biography</i> , 1928)	Virginia Woolf	Cecília Meirelles	1948
75	<i>Epitalâmio do Preto Trinidad</i> ( <i>Epitalamio del prieto Trinidad</i> , 1942)	Ramon J. Sender	Oswaldo Alves	1948
76	<i>A lenda de Madala Grey</i> ( <i>Legend</i> , 1919)	Clemence Dane	Esperança Medina	1949
77	<i>O céu é meu destino</i> ( <i>Heaven's my destination</i> , 1935)	Thornton Wilder	Rolmes Barbosa	1950
78	<i>Maquiavel e a dama</i> ( <i>Then and now</i> , 1946)	William Somerset Maugham	Erico Verissimo	1948
79	<i>Aventuras de uma negrinha que procurava Deus</i> ( <i>The adventures of the black girl in her search for God</i> , 1932)	George Bernard Shaw	Moacir Werneck de Castro	1949
80	<i>Todo verdor perecerá</i> ( <i>Todo verdor perecerá</i> , 1943)	Eduardo Mallea	José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas	1949
81	<i>A secreta mentira</i> ( <i>Winesburg, Ohio</i> , 1919)	Sherwood Anderson	James Amado e Moacir Werneck de Castro	1950
82	<i>Catalina</i> ( <i>Catalina</i> , 1948)	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1950
83	<i>Seis novelas</i> ( <i>Six stories written in the first person singular</i> , 1931)	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1951
84	<i>A história do juiz</i> ( <i>The judge's story</i> , 1947)	Charles Morgan	Lino Vallandro	1951
85	<i>Duas ou três graças</i>	Aldous Huxley	Mario Quintana	1951

	<i>(Two or three graces, 1926)</i>			
86	<i>A casuarina (contos)</i> <i>(The casuarina tree: Six stories, 1926)</i>	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1951
87	<i>Confissões</i> <i>(The summing up, 1938)</i>	William Somerset Maugham	Mario Quintana	1951
88	<i>Carne da minha carne</i> <i>(Mother's cry, 1930; versão francesa: Chair de ma chair, 1931)</i>	Helen Grace Carlisle	Lino Vallandro	1951
89	<i>Biombo chinês</i> <i>(On a Chinese screen, 1922)</i>	William Somerset Maugham	Mario Quintana	1950
90	<i>O condenado</i> <i>(Brighton Rock, 1938)</i>	Graham Greene	Leonel Vallandro	1952
91	<i>A indomável (contos)</i> <i>(The unconquered, 1944)</i>	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro	1952
92	<i>O poder e a glória</i> <i>(The power and the glory, 1940)</i>	Graham Greene	Mario Quintana	1953
93	<i>O homem que olhava o trem passar</i> <i>(L'homme qui regardait passer les trains, 1938)</i>	Georges Simenon	Mario Quintana	1953
94	<i>29 histórias</i> <i>(Cosmopolitans, 1936)</i>	William Somerset Maugham	Juvenal Jacinto e Gilberto Miranda	1954
95	<i>Cavalheiro de salão</i> <i>(The gentleman in the parlour: A record of a journey from Rangoon to Haiphong, 1930)</i>	William Somerset Maugham	Mario Quintana	1954
96	<i>As três mulheres de Antibes</i> <i>(The mixture as before, 1940)</i>	William Somerset Maugham	Leonel Vallandro e Octavio Mendes Cajado	1956
97	<i>O pecado de Liza</i>	William Somerset	Leonel Vallandro	1956

	<i>(Liza of Lambeth, 1897)</i>	Maugham		
98	<i>Don Fernando</i> <i>(Don Fernando, 1935)</i>	William Somerset Maugham	Homero de Castro Jobim	1958

#### Quadro 9: Coleção Nobel – volumes gigantes

Nº	Título	Autor	Tradutor	Ano de publicação
G-1	<i>As chuvas vieram</i> <i>(The rains came, 1937)</i>	Louis Bromfield	De Souza Junior	1940
G-2	<i>Sparkenbroke</i> <i>(Sparkenbroke, 1936)</i>	Charles Morgan	Mario Quintana	1941
G-3	<i>Como era verde meu vale</i> <i>(How green was my valley, 1939)</i>	Richard Llewellyn	Oscar Mendes	1942
G-4	<i>Os Buddenbrook – decadência duma família</i> <i>(Buddenbrooks – Verfall einer Familie, 1901)</i>	Thomas Mann	Herbert Caro	1942
G-5	<i>Hotel Shangai</i> <i>[Hotel Shanghai, 1937; ed. inglesa: Nanking Road]</i>	Vicki Baum	Mario Quintana	1942
G-6	<i>Dr. Arrowsmith</i> <i>(Arrowsmith, 1925)</i>	Sinclair Lewis	Juvenal Jacinto	1943
G-7	<i>Os Thibault, vol. 1</i> <i>[Les Thibault, 1922–1940: Le Cahier gris (1922), Le Pénitencier (1922), La Belle Saison (1923), La Consultation (1928), La Sorellina (1928), La Mort du père (1929), L'Été 1914 (1936) e L'Épilogue (1940)]</i>	Roger Martin Du Gard	Casemiro Fernandes	1943
G-8	<i>Os Thibault, vol. 2</i> <i>(Les Thibault, 1922–1940)</i>	Roger Martin Du Gard	Casemiro Fernandes	1943

G-8a	<i>Os Thibault, vol. 3</i> ( <i>Les Thibault, 1922–1940</i> )	Roger Martin Du Gard	Casemiro Fernandes	1946 (2ª ed., em 3 vols.)
G-9	<i>Vento sul</i> ( <i>South wind, 1917</i> )	Norman Douglas	Leonel Vallandro	1944
G-10	<i>A fonte</i> ( <i>The fountain, 1932</i> )	Charles Morgan	Mario Quintana	1944
G-11	<i>A viagem</i> ( <i>The Voyage, 1940</i> )	Charles Morgan	Sérgio Milliet	1946
G-12	<i>Apenas um coração solitário</i> ( <i>None but the lonely heart, 1943</i> )	Richard Llewellyn	Oscar Mendes e Milton Amado	1945
G-13	<i>Carolina</i> ( <i>Sister Carrie, 1900</i> )	Theodore Dreiser	Moacir Augusto	1946
G-14	<i>Servidão humana</i> ( <i>Of human bondage, 1915</i> )	William Somerset Maugham	Antonio Barata (lançado como vol. 22 na coleção em tamanho padrão em 1939 e possivelmente relançado como G-14 em 1953)	1953
G-14	<i>José e seus irmãos (vol. 1 da tetralogia Joseph und seine Brüder, 1933-1943)</i>  ( <i>Die Geschichten Jaakobs, 1933</i> )	Thomas Mann	Agenor Soares de Moura	1947
G-15	<i>O jovem José (vol. 2 da tetralogia Joseph und seine Brüder, 1933-1943)</i>  ( <i>Der junge Joseph, 1934</i> )	Thomas Mann	Agenor Soares de Moura	1948
G-16	<i>José no Egito (vol. 3 da tetralogia Joseph und seine Brüder, 1933-1943)</i>  ( <i>Joseph in Ägypten, 1936</i> )	Thomas Mann	Agenor Soares de Moura	1949

G-17	<i>José, o provedor (vol. 4 da tetralogia Joseph und seine Brüder, 1933-1943)</i> <i>(Joseph, der Ernährer, 1943)</i>	Thomas Mann	Agenor Soares de Moura	1951
G-18	<i>Volume não identificado, possivelmente não utilizado</i>			
G-19	<i>Rua principal</i> <i>(Main Street: The story of Carol Kennicott, 1920)</i>	Sinclair Lewis	Juvenal Jacinto	1948
G-20	<i>O conviva recusado</i> <i>(Rejected guest, 1939)</i>	Richard Aldington	Agenor Soares de Moura	1948
G-21	<i>Pavilhão de mulheres</i> <i>(Pavilion of Women, 1946)</i>	Pearl S. Buck	Lino Vallandro	1948
G-22	<i>Luz de agosto</i> <i>(Light in August, 1932)</i>	William Faulkner	Berenice Xavier	1948
G-23	<i>No caminho de Swann (Em busca do tempo perdido, vol. 1)</i> <i>(Du côté de chez Swann, 1913)</i>	Marcel Proust	Mario Quintana	1948
G-24	<i>À sombra das raparigas em flor (Em busca do tempo perdido, vol. 2)</i> <i>(À l'ombre des jeunes filles en fleurs, 1919)</i>	Marcel Proust	Mario Quintana	1951
G-25	<i>O caminho de Guermantes (Em busca do tempo perdido, vol. 3)</i> <i>Le Côté de Guermantes, em 2 vols., 1920/1921)</i>	Marcel Proust	Mario Quintana	1953
G-26	<i>Sodoma e Gomorra (Em busca do tempo perdido, vol. 4)</i> <i>(Sodome et Gomorrhe, em 2 vols., 1921/1922)</i>	Marcel Proust	Mario Quintana	1954
G-27	<i>A prisioneira (Em busca do tempo perdido, vol. 5)</i> <i>(La Prisonnière, 1923)</i>	Marcel Proust	Manuel Bandeira e Lourdes Souza Alencar	1954
G-28	<i>A fugitiva (Em busca do tempo</i>	Marcel Proust	Carlos Drummond	1958

	<i>perdido</i> , vol. 6) ( <i>Albertine disparue</i> , ou <i>La Fugitive</i> , 1925)		de Andrade	
G-29	<i>O tempo redescoberto</i> ( <i>Em busca do tempo perdido</i> , vol. 7) ( <i>Le Temps retrouvé</i> , 1927)	Marcel Proust	Lúcia Miguel Pereira	1958
G-30	<i>Retrato num espelho</i> ( <i>Portrait in a mirror</i> , 1929)	Charles Morgan	Lino Vallandro	1948
G-31	<i>O drama de Jean Barois</i> ( <i>Jean Barois</i> , 1913)	Roger Martin Du Gard	Vidal de Oliveira	1949
G-32	<i>A boa terra</i> ( <i>The Good Earth</i> , 1931; <i>The House of Earth trilogy #1</i> )	Pearl S. Buck	Oscar Mendes  (edições anteriores: “China, velha China...”, em 1937, e como vol. 30 da Nobel, em 1940)	1952
G-33	<i>Os filhos de Wang Lung</i> ( <i>Sons</i> , 1933; <i>The House of Earth trilogy #2</i> )	Pearl S. Buck	Antonio Acauã	1952
G-34	<i>Casa dividida</i> ( <i>A House Divided</i> , 1935; <i>The House of Earth trilogy #3</i> )	Pearl S. Buck	Antonio Acauã	1952
G-35	<i>A montanha mágica</i> ( <i>Der Zauberberg</i> , 1924)	Thomas Mann	Herbert Caro	1952
G-36	<i>Contraponto</i> ( <i>Point Counter Point</i> , 1928)	Aldous Huxley	Erico Verissimo e Leonel Vallandro	1955
G-37	<i>Debaixo do céu</i> ( <i>God's Men</i> , 1951)	Pearl S. Buck	Mario Quintana	1955

## 2.2 A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA E A COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS

José Olympio Pereira Filho fundou a Livraria José Olympio Editora em novembro de 1931, em São Paulo, depois de ter trabalhado por mais de dez anos (desde 1918) na Casa Garraux, livraria à qual compareciam diariamente “todas as figuras proeminentes da cidade – da sociedade, da política e da vida intelectual”,<sup>49</sup> incluindo políticos como Washington Luís e escritores como Mário e Oswald de Andrade. Foi por meio dos contatos com esse “público seleta”, para usar as palavras de Hallewell, que José Olympio conseguiu adquirir importantes bibliotecas particulares das famílias de dois bibliófilos paulistas, Alfredo Pujol e Estêvão de Almeida, dando um forte impulso inicial a sua empresa, misto de livraria e editora. Quase imediatamente, também, começou a publicar, e é interessante que o primeiro livro da editora tenha sido um livro traduzido, *Conhece-te pela psicanálise*, de Joseph Ralph, livro que “teve o mais completo êxito e foi reimpresso continuamente no curso dos vinte anos seguintes”.<sup>50</sup>

Ainda segundo Laurence Hallewell, nos primeiros anos de vida da editora, ainda sediada em São Paulo, Humberto de Campos foi “aquele autor *best-seller* de que qualquer novo editor precisa desesperadamente para sobreviver”.<sup>51</sup> O maranhense teve dezessete títulos de sua autoria lançados ou reeditados pela José Olympio apenas entre 1933 e 1935, e no final da década a editora colocava à venda suas obras completas, em 40 volumes. Mas o editor realmente começou a se tornar mais conhecido a partir de 1934, quando muda a sede de sua livraria/editora para o hoje mítico nº 110 da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, já casado com a paulistana Vera Pacheco Jordão, cuja contribuição para a elaboração do catálogo da José Olympio também está para ser mais bem estudada.

Ao contrário da Globo, cuja imagem sempre esteve fundamentalmente associada à edição de literatura traduzida, a José Olympio ficou conhecida principalmente pelo fato de ter editado autores brasileiros, especialmente aqueles ligados ao que se convencionou

---

<sup>49</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2012. 3 ed., p. 477.

<sup>50</sup> Idem, p. 480-481.

<sup>51</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2012. 3 ed., p. 482.

chamar de “romance de 30”. O primeiro deles foi José Lins do Rego, de quem a José Olympio publicou, em junho de 1934, a segunda edição de *Menino de engenho* e a primeira de *Banguê*, em tiragens incomuns para a época. Ao longo das décadas de 1930 e 1940, publicou também livros de Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, além da obra de autores de romances “psicológicos” ou intimistas, como Lúcio Cardoso, Otávio de Faria e Cornélio Penna. Muito interessante também foi a ideia de sistematizar a obra de alguns dos autores da casa em séries como o *Ciclo da Cana-de-açúcar*, que unificou por alguns anos a edição dos romances de José Lins do Rego, e a coleção *Romances da Bahia*, que reuniu os quatro primeiros romances de Jorge Amado a partir de 1935, quando a editora publicou *Jubiabá* e reeditou os três anteriores, publicados inicialmente por outras editoras.<sup>52</sup>

A partir de 1936, José Olympio passa a publicar a obra de Graciliano Ramos, de quem mais tarde editará as *Obras Completas*, e dá início à coleção Documentos Brasileiros, dirigida inicialmente por Gilberto Freyre e dedicada à publicação dos chamados ensaios de interpretação nacional, cujo primeiro volume foi *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Apesar dessa dedicação marcante à literatura e ao ensaio de autoria de escritores brasileiros, a José Olympio não descuidou da publicação de literatura estrangeira traduzida, especialmente em sua coleção Fogos Cruzados, que traz um diferencial importante em relação às outras aqui estudadas, pelo fato de ter sido a única entre elas a publicar a obra de alguns dos grandes romancistas russos do século XIX. A coleção não se furtou, igualmente, a publicar a obra de alguns autores de *best-sellers*, e, se a Globo teve em seu catálogo o britânico Somerset Maugham, a José Olympio apostou no escocês A. J. Cronin (Archibald Joseph Cronin), de quem publicou 12 títulos, apenas na coleção Fogos Cruzados.

Antes de apresentar os títulos publicados na Fogos Cruzados no Quadro 10, a seguir, transcrevemos um texto de apresentação da coleção encontrado no volume 96, sem dúvida presente em muitos outros volumes da coleção, precedendo a lista dos títulos nela publicados:

Os grandes livros da literatura universal – COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS. Esta coleção que oferecemos aos leitores brasileiros reúne grandes obras literárias de todos os tempos e todos os estilos. Através de romances que atravessaram os séculos, e obras modernas que talvez não fiquem para a eternidade, mas que são bem representativas do momento atual, a alma e a terra estrangeiras têm na

---

<sup>52</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2010.

esplêndida coleção as suas vozes mais expressivas. As características dos “FOGOS CRUZADOS” são a perfeição literária e forte intensidade humana: destinam-se, pois, tanto às elites como aos que buscam a emoção de um romance vital. Excelentes traduções. Bela apresentação gráfica. Formatos in-8 e in-16.<sup>53</sup>

A seguir, a lista dos títulos publicados na coleção Fogos Cruzados, numerados de 1 a 106, dos quais não foi possível identificar dois títulos, que possivelmente não chegaram a ser editados, considerando que os últimos volumes da coleção foram publicados em 1951.

**Quadro 10: Coleção Fogos Cruzados**

Nº	Título	Autor	Tradutor	Ano de publicação
1	<i>Orgulho e preconceito</i> ( <i>Pride and prejudice</i> , 1813)	Jane Austen	Lúcio Cardoso	1940
2	<i>Fuga</i> ( <i>Escape</i> , 1939)	Ethel Vance (Grace Stone)	Lúcio Cardoso	1941
3	<i>A sonata a Kreutzer</i> ( <i>Kreitserova sonata</i> , 1889)	Liev Tolstói	Amando Fontes	1941
4	<i>A família (Isto é um pedaço da Inglaterra!)</i> ( <i>The family</i> , 1940)	Nina Fedorova (Antonina Riasanovsky)	R. Magalhães Junior	1941
5	<i>O fim do mundo</i> ( <i>World's end</i> , 1940)	Upton Sinclair	Lúcio Cardoso	1941
6	<i>A letra escarlate</i> ( <i>The scarlet letter</i> , 1850)	Nathaniel Hawthorne	Sodré Viana	1942
7	<i>Náufragos (E assim acaba a noite)</i> ( <i>Liebe deinen Nächsten</i> , 1941; trad. para o inglês: <i>Flotsam</i> , 1939, anterior à publicação em alemão)	Erich Maria Remarque	Rachel de Queiroz	1942 (2ª ed. 1952)
8	<i>O irreparável engano</i>	Margaret Kennedy	Herman Lima	1942

<sup>53</sup> In: MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Trad. Berenice Xavier. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950, p. não numerada ao final do volume.

	<i>(Together and apart, 1936)</i>			
9	<i>Mansfield Park</i> <i>(Mansfield Park, 1814)</i>	Jane Austen	Rachel de Queiroz	1942
10	<i>Sangue e volúpia</i> <i>(Liebe und Tod auf Bali, 1937; ed. francesa: Sang et volupté à Bali, 1937)</i>	Vicki Baum	Valdemar Cavalcanti e Raul Lima	1943
11	<i>Destino da carne</i> <i>(The way of all flesh, 1903)</i>	Samuel Butler	Rachel de Queiroz; introdução de Otto Maria Carpeaux	1942
12	<i>Sol de outono</i> <i>(H. M. Pulham, Esquire, 1941)</i>	John Phillips Marquand	M. P. Moreira Filho	1942
13	<i>As chaves do reino</i> <i>(The keys of the kingdom, 1941)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Ilka Labarthe e R. Magalhães Junior	1942
14	<i>Zadig ou O destino</i> <i>(Zadig ou La destinée, 1747)</i>	Voltaire	Genolino Amado	1942
15	<i>Daphne Adeane</i> <i>(Daphne Adeane, 1926)</i>	Maurice Baring	Oscar Mendes	1943
16	<i>A família Brodie (O castelo do homem sem alma)</i> <i>(Hatter's castle, 1931)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Rachel de Queiroz	1940
17	<i>As confissões de Moll Flanders</i> <i>(The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders, 1722)</i>	Daniel Defoe	Lúcio Cardoso	1943
18	<i>Em cada coração um pecado</i> <i>(Kings Row, 1940)</i>	Henry Bellamann	Clóvis Ramallete e João Távora	1942
19	<i>Os cossacos</i> <i>(Kazaki, 1863)</i>	Liev Tolstói	Almir de Andrade	1942
20	<i>Insuspeitos</i>	Helen MacInnes	M. P. Moreira Filho	????

	<i>(Above suspicion, 1941)</i>			
21	<i>Na noite do passado</i> <i>(Random harvest, 1941)</i>	James Hilton	Pedro Dantas e Aurélio Gomes de Oliveira	???? (2ª ed. 1944)
22	<i>A cidadela (O romance de um médico)</i> <i>(The citadel, 1937)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Genolino Amado	1939 (fonte: BN)
23	<i>Céu roubado</i> <i>(Der veruntreute Himmel, 1939)</i>	Franz Werfel	Sodré Viana	1943
24	<i>Tempestades d'alma</i> <i>(The mortal storm, 1937)</i>	Phyllis Bottome	Raquel de Queiroz	s.d.
25	<i>Vento leste, vento oeste</i> <i>(East wind, West wind, 1930)</i>	Pearl S. Buck	Valdemar Cavalcanti	1943
26	<i>A herança de Whiteoak</i> <i>(Whiteoak heritage, 1940)</i>	Mazo de La Roche (Maisie Louise Roche)	Herman Lima	1943
27	<i>A exilada</i> <i>(The exile, 1936)</i>	Pearl S. Buck	Raquel de Queiroz	1943
27	<i>A promessa</i> <i>(The promise, 1943)</i>	Pearl S. Buck	Raquel de Queiroz	1946 (fonte: BN)
28	<i>Indiana</i> <i>(Indiana, 1832)</i>	George Sand (Amandine Aurore Lucile Dupin)	Almir de Andrade	1943
29	<i>Jalna</i> <i>(Jalna, 1927)</i>	Mazo de La Roche (Maisie Louise Roche)	Herman Lima	1943
30	<i>Ana Karenina</i> <i>(Anna Kariênina, 1877)</i>	Liev Tolstói	Lúcio Cardoso; capa de Santa Rosa, retrato de Osvaldo Goeldi	1943
31	<i>Aventuras do capitão Hornblower: A longa viagem</i> <i>(The happy return ou Beat to quarters (EUA), 1937)</i>	Cecil Scott Forester	Vivaldo Coaracy	1943

32	<i>O roteiro das gaivotas</i> ( <i>Gaivota negra</i> ) ( <i>Frenchman's creek, 1941</i> )	Daphne Du Maurier	Raquel de Queiroz	1943
33	<i>O solar da muralha de pedra</i> ( <i>Foundation stone, 1940</i> )	Lella Warren	Ilka Labarte	1941
34	<i>Grande e estranho é o mundo</i> ( <i>El mundo es ancho y ajeno, 1941</i> )	Ciro Alegria	Amadeu Amaral Junior; capa de Santa Rosa	1944
35	<i>O jardim de Alá</i> ( <i>The garden of Allah, 1904</i> )	Robert Hichens	Ana Maria Martins	1944
36	<i>Aconteceu há muito tempo</i> ( <i>A long time ago, 1932</i> )	Margaret Kennedy	Herman Lima	1943
37	<i>Brumas do passado</i> ( <i>Time out of mind, 1935</i> )	Rachel Field	Lia Cavalcanti	1944
38	<i>O professor</i> ( <i>The professor, 1857</i> )	Charlotte Brontë	Raul Lima	1944
39	<i>A morte não nos separa</i> ( <i>The loving spirit, 1931</i> )	Daphne Du Maurier	Oscar Mendes e Milton Amado	1944
40	<i>O eterno marido</i> ( <i>Vetchnyi muj, 1870</i> )	Fiódor Dostoiévski	Costa Neves; xilogravuras de Axel de Leskoschek	1944
41	<i>Fúria no céu</i> ( <i>Rage in Heaven, 1932</i> )	James Hilton	Rachel de Queiroz	1944
42	<i>Razão e sentimento</i> ( <i>Sense and sensibility, 1808</i> )	Jane Austen	Dinah Silveira de Queiroz	1944
43	<i>O sol é minha ruína</i> ( <i>The sun is my undoing, 1941</i> )	Marguerite Steen (Jane Nicholson)	Ana Maria Martins	1945
44	<i>Humilhados e ofendidos</i> ( <i>Unijennyie i oskorblionnyi,</i>	Fiódor Dostoiévski	Rachel de Queiroz	1944

	1861)			
45	<i>Mauprat</i> ( <i>Mauprat</i> , 1837)	George Sand	Almir de Andrade	1945
46	<i>Inquietas estão as velas</i> ( <i>Restless are the sails</i> , 1941)	Evelyn Sybil Mary Eaton	Oscar Mendes	1943
47	<i>Um jogador (notas de um jovem)</i> [ <i>Igrok (iz zapissok molodogo tchelovieka)</i> , 1867]	Fiódor Dostoiévski	Costa Neves; capa de Santa Rosa, xilogravuras de Axel de Leskoschek	1944
48	<i>Forte como a morte</i> ( <i>Fort comme la mort</i> , 1889)	Guy de Maupassant	Accioly Neto	1944
49	<i>A estirpe do dragão</i> ( <i>Dragon seed</i> , 1942)	Pearl S. Buck	Accioly Netto	1944
50	<i>Recordações da casa dos mortos</i> ( <i>Zapiski iz miortvogo doma</i> , 1862)	Fiódor Dostoiévski	Rachel de Queiroz	1945
51	<i>Segredos do coração</i> ( <i>Notre coeur</i> , 1890)	Guy de Maupassant	Álvaro Gonçalves	1944
52	<i>Almas mortas (As aventuras de Chichicov)</i> [ <i>Miortvyi duchi (pokhojdenia Tchitchikova)</i> , 1842]	Nikolai Gogol	Costa Neves	1944
53	<i>O moinho do Rio Floss</i> ( <i>The mill on the Floss</i> , 1860)	George Eliot (Mary Ann Evans)	Oliveira Ribeiro Neto	1945
54	<i>Ressurreição</i> ( <i>Voskressenie</i> , 1899)	Liev Tolstói	Valdemar Cavalcanti	1944
55	<i>Até um dia, meu capitão!</i> ( <i>Quietly my captain waits</i> , 1940)	Evelyn Sybil Mary Eaton	Dinah Silveira de Queiroz	1943
56	<i>A intrusa</i> ( <i>Victoria Grandolet</i> , 1944)	Henry Bellamann	Raquel de Queiroz	1945

57	<i>Os quarenta dias de Musa Dagh</i> <i>(Die vierzig Tage des Musa Dagh, 1933; The forty days of Musa Dagh, 1933)</i>	Franz Werfel	Ana Maria Martins	1946
58	<i>Sob a luz das estrelas</i> <i>(The stars look down, 1935)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Rubem Braga (a partir da 8ª edição, 1957, trad. Berenice Xavier)	1952 (1ª ed. 1939, fora da coleção)
59	<i>Uma história em duas cidades</i> <i>(A tale of two cities, 1859)</i>	Charles Dickens	Berenice Xavier	1946
60	<i>Três amores</i> <i>(Three loves, 1932)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	S. Martins Lopes Correia	1940 (fonte: BN)
61	<i>O jovem Renny: a história de Jalna</i> <i>(Young Renny, 1935)</i>	Mazo de La Roche (Maisie Louise Roche)	Miroel Silveira	1945
62	<i>A crônica dos Forsyte – vol. I, O proprietário</i> <i>[The Forsyte Saga, vol. 1: The man of property, 1906; (interlude) Indian summer of a Forsyte, 1918]</i>	John Galsworthy	Rachel de Queiroz	1946
63	<i>A princesa branca</i> <i>(Cat's cradle, 1925)</i>	Maurice Baring	Lúcio Cardoso	1946
64	<i>Noites de vigília</i> <i>(Vigil in the night ou Sisters, 1939)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Godofredo Rangel	1950
65	<i>Cranford</i> <i>(Cranford, 1851-53)</i>	Elizabeth (Cleghorn Stevenson) Gaskell	Rachel de Queiroz; prefácio de Lúcia Miguel Pereira; notas e notícia biográfica de Olívia Krähenbüll	1946
66	<i>A crônica dos Forsyte – vol. II, Irene</i> <i>[The Forsyte Saga, vol. 2: In chancery, 1920; (interlude)]</i>	John Galsworthy	Rachel de Queiroz	1946

	<i>Awakening, 1920]</i>			
67	<i>O processo Maurizius</i> ( <i>Der Fall Maurizios, 1928</i> )	Jakob Wasserman	Octavio de Faria e Adonias Filho	1946
68	<i>A crônica dos Forsyte – vol. III, Despertar</i>  ( <i>The Forsyte Saga, vol. 3: To let, 1921; possivelmente apenas a tradução de Awakening, parte do vol. 2 no original</i> )	John Galsworthy	Rachel de Queiroz	1946
69	<i>Mar tormentoso</i> ( <i>Captain Paul, 1941</i> )	Comandante Edward Ellsberg	Eduardo de Lima Castro	1946
70	<i>Corações turbulentos</i> ( <i>Whiteoaks of Jalna ou Whiteoaks, 1929</i> )	Mazo de La Roche (Maisie Louise Roche)	Herman Lima	1946
71	<i>O vagabundo Evan Jones</i> ( <i>The Midas touch, 1938</i> )	Margaret Kennedy	Caio de Freitas	1946
72	<i>Nietótchka Niezvânova</i> ( <i>Nietótchka Niezvânova, 1849</i> )	Fiódor Dostoiévski	Costa Neves; prefácio de Wilson Martins, ilustr. de Marta Schidrowitz	1947
73	<i>Aventuras do capitão Hornblower: Águas de Espanha</i>  ( <i>A ship of the line, 1938</i> )	Cecil Scott Forester	Vivaldo Coaracy	1946
74	<i>Capitão de Castela</i> ( <i>Captain from Castille, 1946</i> )	Samuel Shellabarger	Lia Cavalcanti	1946
75	<i>Aventuras do capitão Hornblower: A última aventura</i>  ( <i>Flying Colours, 1938</i> )	Cecil Scott Forester	Vivaldo Coaracy	1947
76	<i>Antes do pôr do sol</i> ( <i>Before the sun goes down, 1946</i> )	Elizabeth M. Howard	Wanda Murgel de Castro	1947
77	<i>Anos de ternura</i>	A. J. (Archibald	Rachel de Queiroz	1947

	<i>(The green years, 1944)</i>	Joseph) Cronin		
78	<i>Retrato de um casamento</i> <i>(Portrait of a marriage, 1945)</i>	Pearl S. Buck	Lúcia Benedetti	1947
79	<i>Os dois amores de Grey Manning – A leste da meia-noite</i> <i>(East of midnight, 1946)</i>	Forrest Rosaire	Rachel de Queiroz	1948
80	<i>O morro do vento uivante</i> <i>(Wuthering Heights, 1847)</i>	Emily Brontë	Rachel de Queiroz	1948
81	<i>A singular história de Rome Hanks</i> <i>(The history of Rome Hanks and kindred matters, 1944)</i>	Joseph Stanley Pennell	Solena Benavides Viana	1947
82	<i>A mulher de trinta anos</i> <i>(La femme de trente ans, 1831-32)</i>	Honoré de Balzac	Rachel de Queiroz	1948
83	<i>A dama dos cravos</i> <i>(Lady with carnations, 1935; versão francesa: La dame aux oeillets)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Osório Borba	1947
84	<i>Arco do Triunfo</i> <i>(Arc de Triomphe, 1946)</i>	Erich Maria Remarque	Wanda Murgel de Castro	1947
85	<i>O general do rei</i> <i>(The King's General, 1946)</i>	Daphne Du Maurier	Lia Cavalcanti	1947
86	<i>As ligações perigosas</i> <i>(Les liaisons dangereuses, 1782)</i>	Choderlos de Laclos	Osório Borba; introdução de Wilson Lousada	1947
87	<i>Tamára – um romance da Rússia imperial</i> <i>(In your glad heart, Tamara: A novel of Imperial Russia, 1943)</i>	Irina Skariatina	João Calazans e Fernando Corrêa de Sá e Benevides	1948
88	<i>Mercador de ilusões</i>	Frederic Wakeman	Valdemar Torres	1948

	<i>(The hucksters, 1946)</i>			
89	<i>Encontro de amor (O romance do Dr. Harvey Leith)</i> <i>(Grand Canary, 1933)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Adalgisa Nery	1948  (1ª ed. 1940, fora da coleção)
90	<i>Aventuras da maleta negra</i> <i>(The adventures of a black bag, 1943)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Rachel de Queiroz	1948
91	<i>O favorito dos Borgias</i> <i>(Prince of foxes, 1947)</i>	Samuel Shellabarger	Wanda Murgel de Castro	1948
92	<i>Otelo</i> <i>(Othello, 1947)</i>	Emil Ludwig	Adda Abendroth	1949
93	<i>O primeiro amor (mais: O medo e Birouck)</i> <i>(Pervaia Liubov, 1860)</i>	Ivan Turguêniev	Brito Broca	1949
94	<i>Um leão está nas ruas</i> <i>(A lion is in the streets, 1945)</i>	Adria Locke Langley	Gulnara Lobato de Morais Pereira	1949
95	<i>Anos de tormenta</i> <i>(continuação de Anos de ternura)</i> <i>(Shannon's way, 1948)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Wanda Murgel de Castro	1949
96	<i>Moby Dick (A fera do mar)</i> <i>Moby Dick (1851)</i>	Herman Melville	Berenice Xavier; prefácio de Rachel de Queiroz	1950
97	<i>Crime e castigo</i> <i>(acompanhado do Diário de Raskolnikov – 2 vols.)</i> <i>(Prestuplenie e nakazanie, 1866)</i>	Fiódor Dostoiévski	Rosario Fusco; prefácio de Brito Broca, ilustr. de Santa Rosa	1949
98	<i>Pecado original</i> <i>(Original sin, 1947)</i>	George Tabori	Adélia Leite Coelho	1950
99	<i>O poço da solidão</i> <i>(The well of loneliness, 1928)</i>	Radclyffe Hall	José Geraldo Vieira	1951
100 e 100-	<i>O idiota (2 vols.)</i>	Fiódor Dostoiévski	José Geraldo Vieira; prefácio de	1949

A	<i>(Idiót, 1869)</i>		Brito Broca, ilustr. de Osvaldo Goeldi	
101	<i>A peste</i> <i>(La peste, 1947)</i>	Albert Camus	G. R. (Graciliano Ramos)	1950
102	<i>Volume não identificado</i>			
103, 103- A e 103- B	<i>Os demônios</i> (3 vols.) <i>(Biêsi, 1871)</i>	Fiódor Dostoiévski	Rachel de Queiroz; prefácio de Roberto Alvim Corrêa, ilustr. de Axel de Leskoschek	1951
104	<i>Volume não identificado</i>			
105	<i>Sem novidades no front e O regresso</i> <i>(Im Westen nichts Neues, 1929, e Der Weg zurück, 1931)</i>	Erich Maria Remarque	José Geraldo Vieira (tradução direta do alemão)	1951
106	<i>Almas em conflito</i> <i>(The Spanish gardener, 1950)</i>	A. J. (Archibald Joseph) Cronin	Gulnara Lobato de Moraes Pereira	1951

### 2.3 AS EDITORAS ARGENTINAS

Uma das consequências da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi a de ter provocado o êxodo de um sem-número de artistas, intelectuais, escritores e demais pessoas ligadas às atividades culturais em geral, inclusive editores, que acabaram por encontrar abrigo e trabalho em terras americanas, especialmente na Argentina, no México, no Chile e no Uruguai. A chamada “época de ouro” da indústria editorial argentina, que podemos situar aproximadamente entre 1938 e 1955, é consequência direta desse êxodo de editores espanhóis, não apenas porque eles ajudaram a fundar várias editoras nos países que os receberam, mas também porque, uma vez estabelecidas – e isso se aplica especialmente à Argentina –, essas editoras passaram a crescer enormemente e a exportar seus livros para o próprio mercado espanhol, que havia sido dizimado pela Guerra Civil e pela ditadura franquista.

É importante frisar, porém, que essas novas editoras não se estabeleceram num vácuo, muito pelo contrário. Uma crise anterior em mais de duas décadas à que foi provocada pela Guerra Civil Espanhola, ou seja, aquela ocasionada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fez com que a indústria editorial argentina se desenvolvesse enormemente, uma vez que ocorreu “uma retirada transitória das casas editoras provenientes das nações beligerantes, o que ofereceu ao livro de fabricação nacional uma excelente oportunidade de ganhar espaço num mercado em expansão”.<sup>54</sup> Assim, desde o final da década de 1910, a Argentina viu nascerem várias editoras que, ao longo das décadas seguintes, iriam se firmar no mercado interno (e no hispano-americano em geral), valendo-se da ampliação do público leitor proporcionada pelo acesso massivo à educação desde fins do século XIX, um dado ressaltado por todos os estudiosos do período.

Assim, ao comentar a diminuição do analfabetismo na cidade de Buenos Aires, Beatriz Sarlo afirma, em seu já clássico estudo *Modernidade periférica*:

Define-se assim o espaço social ampliado de um público leitor potencial, não apenas das camadas médias, mas também de setores populares. O crescimento da educação secundária, também notável nos níveis nacional, normal e comercial, dobrou o número de alunos incluídos no sistema em pouco mais de uma década, entre 1920 e 1932. /// Essas são as condições para as mudanças ocorridas no perfil do público e a consolidação de um mercado editorial local. Ultrapassado o

---

<sup>54</sup> DELGADO, Verónica; ESPÓSITO, Fabio. 1920-1937. La emergencia del editor moderno. In: DE DIEGO, José Luis (org.). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 63.

público de “señores”, passa-se a um universo de camadas médias.<sup>55</sup>

Com outras palavras, o pesquisador Leandro de Sagastizábal corrobora a informação:

Estas mudanças demográficas e sociais proporcionavam, do ponto de vista da edição, uma nova ampliação do mercado de leitores, que incluía, como novidade, os setores populares. De fato, as classes baixas e médias começavam a ter um acesso progressivo aos bens de consumo da sociedade: bens materiais, como moradia ou artigos para o conforto doméstico (o rádio em primeiro lugar), e bens culturais, como a leitura. /// Neste momento, o livro começa sua época mais brilhante na Argentina. Com epicentro em Buenos Aires, as editoras levam a cabo um trabalho que será comercializado em todo o território nacional. [...] durante todo o período de entreguerras desenvolvem-se projetos de edição de grande magnitude e qualidade, tanto em livros quanto em revistas, verdadeiras “empresas de cultura”, termo com o qual Luis Alberto Romero se refere a organizações cujos objetivos são culturais e, ao mesmo tempo, comerciais. O papel do editor se caracteriza, justamente, por essa dupla finalidade.<sup>56</sup>

Entre as editoras mais importantes a atender à demanda criada por este novo público leitor estão a Claridad, fundada pelo espanhol Antonio Zamora em 1922 (ver Seção 1.2 deste trabalho, que se refere à publicação de autores brasileiros por essa editora), e a Editorial Tor, fundada pelo catalão Juan Carlos Torrendell em 1916.

A Cooperativa Editorial Claridad, de inspiração socialista, destacou-se “devido ao número de títulos de seu catálogo, à relevância de algumas das obras publicadas, ao tamanho de suas tiragens, à amplitude do conteúdo de suas coleções e à sua penetração no mercado de língua espanhola”.<sup>57</sup> Um de seus grandes trunfos foi a coleção *Los pensadores*, fascículos semanais nos quais se publicava uma “obra seleta”, na íntegra, de algum escritor famoso. Nessa coleção foram publicadas obras de escritores russos como Dostoiévski, Tolstói, Gorki e Andréiev, e foi provavelmente nessas edições que Roberto Arlt leu os autores russos, que tanto o influenciaram como escritor.

Já a Editorial Tor não se guiou exatamente por critérios socialistas, mas por um forte sentido comercial. Destacou-se pela edição de romances policiais, de mistério, de aventuras e de ficção científica, embora tenha publicado também literatura “cultura” ou “séria”. Entre suas coleções, destacam-se aquela com a série de aventuras de Tarzan (por Edgar Rice Burroughs e, também, por “continuadores” apócrifos de sua obra), a Colección Misterio (que

---

<sup>55</sup> SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Trad. Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 39.

<sup>56</sup> DE SAGASTIZÁBAL, Leandro. *La edición de libros en la Argentina*. Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeba, 1995, p. 63 (tradução minha).

<sup>57</sup> DELGADO, Verónica; ESPÓSITO, Fabio. 1920-1937. La emergencia del editor moderno. In: DE DIEGO, José Luis (org.). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 76.

publicava principalmente os livros de Edgar Wallace, como, no Brasil, a Coleção Amarela da Globo gaúcha), a Biblioteca Mi Novela (de novelas sentimentais, dirigidas ao público feminino) e a Biblioteca Sexton Blake, na qual foram publicados 722 números entre 1930 e 1946.<sup>58</sup>

Além de Antonio Zamora (Claridad) e Juan Carlos Torrendell (Tor), outros editores de Buenos Aires dedicados à publicação de livros populares foram Samuel Glusberg (Ediciones Selectas-América e Editorial Babel) e Manuel Gleizer, cuja editora publicou mais de 300 títulos entre 1922 e 1945. Todos foram de grande importância para a consolidação do processo de modernização editorial que seria aprofundado com a chegada dos exilados espanhóis no final da década de 1930.

Entre as editoras fundadas no rastro do exílio espanhol estava a Espasa Calpe Argentina, fundada em abril de 1937 com base na filial que a matriz espanhola mantinha em Buenos Aires desde 1928, dirigida por Gonzalo Losada e Julián Urgoiti.<sup>59</sup> Com a chegada do (também espanhol) Manuel Olarra para dirigir a nova casa, tanto Losada quanto Urgoiti se afastam e passam a se dedicar a outros projetos editoriais. Gonzalo Losada (1894-1981), depois de dez anos atuando como diretor da filial argentina da Espasa Calpe, funda, em agosto de 1938, a editora que leva seu nome, associado a intelectuais do porte de Guillermo de Torre, Pedro Henríquez Ureña e Francisco Romero. Embora não seja objeto do presente estudo, vale observar que a Editorial Losada, em atividade até hoje, publicou uma série de coleções marcantes ao longo do tempo, entre elas a Biblioteca Clásica y Contemporánea, a mais conhecida da casa, e La Pajarita de Papel, que publicou, ainda em 1938, a tradução de *A metamorfose*, de Franz Kafka, por longo tempo atribuída a Jorge Luis Borges. Além disso, Losada editou as *Obras Completas* de Federico García Lorca (entre 1938 e 1946, época em que a obra do poeta assassinado em 1936 foi furiosamente censurada em seu país natal) e, na Colección Cumbre, as obras de outros grandes poetas de língua espanhola, como Rafael Alberti, Antonio Machado e Pablo Neruda, entre outros.

---

<sup>58</sup> ABRAHAM, Carlos. *La Editorial Tor*. Medio siglo de libros populares. Temperley: Tren en movimiento, 2016 (2ª ed.), p. 116.

<sup>59</sup> DE DIEGO, José Luis. 1938-1955. La “época de oro” de la industria editorial. In: DE DIEGO, José Luis (org.). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 97.

## 2.4 A EDITORIAL SUDAMERICANA E A COLECCIÓN HORIZONTE

O caso de Julián Urgoiti nos interessa mais diretamente, na medida em que ele está na origem da Editorial Sudamericana, fundada em dezembro de 1938 e responsável pela publicação da Colección Horizonte (entre muitas outras), de que vamos tratar neste trabalho. A composição do grupo fundador da Sudamericana era bastante heterogênea: além de Urgoiti e de outros nomes obviamente ligados à cultura, como os escritores Victoria Ocampo e Oliverio Girondo, participam da fundação da nova casa editorial empresários como Jacobo Saslavsky (ligado ao mundo das *commodities* agrícolas) e o banqueiro Alejandro Shaw. Ocampo e Girondo acabam deixando a empresa em meados de 1939 e é então que Antonio López Llausàs (1988-1979), “pertencente a uma família de livreiros catalães de simpatias republicanas”,<sup>60</sup> é contratado como gerente da Sudamericana, tendo Julián Urgoiti como assessor literário. López Llausàs foi adquirindo progressivamente as ações da empresa até tornar-se, em meados dos anos 1960, o chefe incontestado da Sudamericana, dono de um capital de mais de cem milhões de pesos e de um fundo editorial com mais de 1.500 títulos, e permaneceu ligado à editora até sua morte em 1979.

A Sudamericana também pôde contar, em seus inícios, com o fundo editorial da Sur, editora fundada em 1933 por Victoria Ocampo, ligada à revista de mesmo nome, que teve como secretários de redação, ao longo do tempo, alguns dos nomes mais prestigiosos do campo literário argentino, entre eles Guillermo de Torre, José Bianco, Silvina Ocampo, Ernesto Sabato e Enrique Pezzoni, para não falar de colaboradores como Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares, José Ortega y Gasset, Pedro Henríquez Ureña, Octavio Paz e muitos outros. Mesmo depois de ter disponibilizado parte de seu fundo editorial à Sudamericana (inclusive à Colección Horizonte, como veremos), a editora Sur continuou a publicar livros por conta própria, livros de autores tão diversos como Federico García Lorca, Eduardo Mallea, Juan Carlos Onetti, Alfonso Reyes, Horacio Quiroga, Adolfo Bioy Casares, Aldous Huxley, Carl Gustav Jung, Virginia Woolf, Vladimir Nabokov, Jean-Paul Sartre, Jack Kerouac e Albert Camus. Outro aspecto a se destacar em relação à Sudamericana é o importantíssimo papel desempenhado por seus assessores literários, dentre os quais cabe

---

<sup>60</sup> DE DIEGO, José Luis. *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 102.

destacar os nomes de Francisco “Paco” Porrúa (de 1958 a 1977) e de Enrique Pezzoni, que sucedeu a Porrúa e trabalhou na editora até morrer, em 1989, sendo também um excelente tradutor. Porrúa teve um papel fundamental na edição de alguns dos hoje clássicos romances ligados ao *boom* da narrativa latino-americana, em especial *Rayuela*, de Julio Cortázar, publicado em 1963, e *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, em 1967.

Em 1998, o gigantesco conglomerado de mídia alemão Bertelsmann adquiriu 60% das ações da Sudamericana, mediante um investimento de 5,4 milhões de dólares, operação que se completou em 2001, com a aquisição do restante das ações da empresa argentina. A venda da Sudamericana para a Bertelsmann foi mais uma dentre as muitas operações desse tipo realizadas na mesma época no mundo editorial (como a compra da italiana Einaudi pela Mondadori e a da espanhola Seix Barral pelo grupo Planeta), e teve, como as outras, um enorme (e lamentável) significado: nas palavras de José Luis de Diego, eram “selos que conseguiram trabalhosamente acumular capital simbólico através de um catálogo de qualidade e que tiveram de abrir mão de sua independência devido às pressões dos grandes grupos”.<sup>61</sup>

O catálogo de 1969 da Editorial Sudamericana, referindo-se à Colección Horizonte, afirma que “esta colección agrupa una serie de obras que en conjunto constituyen el panorama más completo de la novela contemporánea, que va ampliándose aún a medida que con riguroso criterio estético se incorporan a ella los más notables valores de la literatura imaginativa.”<sup>62</sup> Antes disso, um anúncio publicitário de 1960 sustenta que a coleção apresentava “los grandes novelistas de nuestro tiempo, sus mejores obras, joyas de todas las literaturas modernas. Miles y miles de páginas de amenísima y provechosa lectura”. E, ainda, que uma parte da coleção – “80 hermosos volúmenes ricamente encuadernados” – podia ser comprada juntamente com uma “biblioteca modular” e paga em “cómodas cuotas mensuales”.

A Colección Horizonte começou a ser publicada em 1939, ano de fundação da Sudamericana, e manteve um ritmo constante de publicação até meados dos anos 1960,

---

<sup>61</sup> DE DIEGO, José Luis. *Projetos editoriais e redes intelectuais na América Latina*. Trad. Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2020, p. 169.

<sup>62</sup> LARRAZ, Fernando. *Editores y editoriales del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Editorial Renacimiento, Biblioteca del Exilio, 2018.

estendendo-se até 1976, pelo menos, e, esporadicamente, ainda é um selo utilizado pela editora para a publicação de literatura estrangeira traduzida. Os volumes da coleção não eram numerados, e a numeração parcial que aparece no Quadro 11 serve apenas para facilitar a contagem dos títulos. Entre 1939 e 1960, foram publicados pouco mais de 140 títulos na Horizonte, além de no mínimo outros 50 títulos entre 1961 e 1976, que não serão analisados neste trabalho.

**Quadro 11: Colección Horizonte**

Nº	Título	Autor	Tradutor	Ano de publicação
1	<i>Adriana Mesurat</i> ( <i>Adrienne Mesurat, 1927</i> )	Julien Green	Lyzandro Z. D. Galtier	1939
	<i>El alucinado</i> ( <i>The puritan, 1932</i> )	Liam O'Flaherty	Román A. Jiménez	1939
	<i>Laura o la soledad sin remedio</i>	Pío Baroja	-	1939
	<i>Contrapunto</i> ( <i>Point Counter Point, 1928</i> )	Aldous Huxley	Lino Novás Castro (do fundo da Editorial Sur, 1933)	1940
5	<i>Cumbres borrascosas</i> ( <i>Wuthering heights, 1847</i> )	Emily Brontë	María Rosa Lida; prólogo de Victoria Ocampo	1940
	<i>El último puritano – Memoria em forma de novela – tomo II</i> ( <i>The last puritan: A memoir in the form of a novel, 1935</i> )	George Santayana	Ricardo Baeza	1940
	<i>Siete para un secreto (Historia de un amor)</i> ( <i>Seven for a secret: a love story, 1922</i> )	Mary Webb	Theobald Verbrugghe e Eduardo Zaldívar	1940
	<i>Las palmeras salvajes</i> ( <i>The wild palms, 1939</i> )	William Faulkner	Jorge Luis Borges	1940
	<i>El camino del tabaco</i> ( <i>Tobacco Road, 1932</i> )	Erskine Caldwell	Atanasio Sánchez	1941

10	<i>Sangre negra</i> ( <i>Native son</i> , 1940)	Richard Wright	Pedro Lecuona Ibarzábal	1941
	<i>El alcalde de Casterbridge</i> ( <i>The Mayor of Casterbridge: The life and death of a man of character</i> , 1886)	Thomas Hardy	Ramón Echeverría	1941
	<i>La otra comedia</i> ( <i>Theatre</i> , 1937)	William Somerset Maugham	Juan Axpe	1941
	<i>La luna se ha puesto</i> ( <i>The moon is down</i> , 1942)	John Steinbeck	Pedro Lecuona Ibarzábal	1942
	<i>Llegaron las lluvias (2 vols.)</i> ( <i>The rains came</i> , 1937)	Louis Bromfield	Carmen Gallardo de Mesa	1942
15	<i>¡Así de grande!</i> ( <i>So big</i> , 1924)	Edna Ferber	Miguel de Hernani	1943
	<i>La fuerza bruta</i> ( <i>Of mice and men</i> , 1937)	John Steinbeck	Román A. Jiménez (1ª ed. 1940 na Colección Sur)	1943
	<i>La corriente impetuosa</i> ( <i>Wild is the river</i> , 1941)	Louis Bromfield	Carmen Gallardo de Mesa	1943
	<i>Cuán verde era mi valle</i> ( <i>How green was my valley</i> , 1939)	Richard Llewellyn	Pedro Lecuona Ibarzábal	1943
	<i>Orlando</i> ( <i>Orlando: a biography</i> , 1928)	Virginia Woolf	Jorge Luis Borges (do fundo da Editorial Sur, 1937)	1943
20	<i>Las águilas</i>	Eduardo Mallea	-	1943
	<i>Com los esclavos em la noria</i> ( <i>Eyeless in Gaza</i> , 1936)	Aldous Huxley	Julio Irazusta (do fundo da Editorial Sur, 1937)	1943
	<i>El nudo de víboras</i> ( <i>Le Nœud de vipères</i> , 1932)	François Mauriac	María Teresa López	1944

	<i>Estafa de cielo</i> ( <i>Der veruntreute Himmel</i> , 1939; edição em inglês: <i>Embezzled Heaven</i> )	Franz Werfel	D. J. Vogelmann	1944
	<i>La señora Parkington</i> ( <i>Mrs. Parkington</i> , 1943)	Louis Bromfield	Antonio Gallo	1944
25	<i>La ninfa constante</i> ( <i>The constant nymph</i> , 1924)	Margaret Kennedy	Román A. Jiménez	1944
	<i>Ponzoña mortal</i> ( <i>Precious bane</i> , 1924)	Mary Webb	Pedro Lecuona Ibarzábal	1944
	<i>La familia</i> ( <i>The family</i> , 1940)	Nina Fedorova (Antonina Riasanovsky)	Pedro Lecuona Ibarzábal	1944
	<i>Gigantes em la tierra (2 vols.)</i> <i>Giants in the Earth</i> [versão conjunta de <i>I de Dage (In those days</i> , 1923) e <i>Riket Grundlægger (Founding the kingdom</i> , 1924) – traduzida e publicada em 1927)	Ole Edvart Rolvaag	Miguel de Hernani	1944
	<i>La señora Dalloway</i> ( <i>Mrs. Dalloway</i> , 1925)	Virginia Woolf	Ernesto Palacio (1ª ed. 1939 na Colección Sur)	1944
30	<i>El tiempo debe detenerse</i> ( <i>Time must have a stop</i> , 1945)	Aldous Huxley	Miguel de Hernani	1945
	<i>Tener y no tener</i> ( <i>To have and have not</i> , 1937)	Ernest Hemingway	Pedro Lecuona Ibarzábal	1945
	<i>El pequeño cerrajero</i> ( <i>The little locksmith</i> , 1943)	Katharine Butler Hathaway	Mariano de Alarcón	1945
	<i>Condición de mujer</i> ( <i>Condição de mulher</i> , 1947 – posterior à publicação na Argentina)	Lídia Besouchet	Raúl Navarro	1945
	<i>El tonto de la familia</i> ( <i>The fool of the family</i> , 1930,	Margaret Kennedy	Pedro Lecuona Ibarzábal	1945

	continuação de <i>The constant nymph</i> )			
35	<i>Jornada en las sombras</i> ( <i>Journey in the dark</i> , 1943)	Martin Flavin	Miguel de Hernani	1945
	<i>Más allá del deseo</i> ( <i>Beyond desire</i> , 1932)	Sherwood Anderson	Manuel Barberá	1945
	<i>Marion</i> (2 vols.) [ <i>Marion lebt</i> , 1941 ( <i>Marion Alive</i> ; republicado como <i>Marion</i> , em 1954)]	Vicki Baum	Miguel de Hernani	1945
	<i>Ana y el rey de Siam</i> ( <i>Anna and the King of Siam</i> , 1944)	Margaret Landon	Mariano de Alarcón	1945
	<i>Toque de queda</i> ( <i>Taps for Private Tussie</i> , 1943)	Jesse Stuart	Clara Diament e Floreal Mazía	1946
40	<i>Derrumbe en la mina</i> ( <i>První parta</i> , 1937; traduzido da versão inglesa: <i>The first rescue party</i> , 1939)	Karel Capek	Teresa Reyles	1946
	<i>Extraño fruto</i> ( <i>Strange fruit</i> , 1944)	Lillian Smith	Clara Diament e Floreal Mazía	1946
	<i>Una hoja en la tormenta</i> ( <i>A leaf in the storm</i> , 1941)	Lin Yutang	Atanasio Sánchez	1946
	<i>Uma llamarada em la roca</i> ( <i>Flame from the rock</i> , 1943)	Tan Yun (Adet Lin)	León Mirlas	1946
	<i>El bosque que llora</i> [ <i>Kautschuk/Cahuchu, Strom der Tränen</i> , 1943 ( <i>The Weeping Wood</i> )]	Vicki Baum	León Mirlas	1946
45	<i>Al faro</i> ( <i>To the lighthouse</i> , 1927)	Virginia Woolf	Antonio Marichalar  (do fundo da Editorial Sur, 1938)	1946
	<i>Los javaneses</i>	Jean Malaquais	Eduardo	1946

	<i>(Les Javanais, 1939)</i>		Warschauer	
	<i>El diario de Mary Hervey Russell</i> <i>(The journal of Mary Hervey Russell, 1945)</i>	(Margaret Ethel) Storm Jameson	Mariano de Alarcón	1947
	<i>Primicia (novela de periodistas)</i> <i>(Scoop, 1938)</i>	Evelyn Waugh	Horacio Laurora	1947
	<i>¡...Más banderas!</i> <i>(Put out more flags, 1942)</i>	Evelyn Waugh	Horacio Laurora	1947
50	<i>Mi pueblo en la hora alemana</i> <i>(Mon village à l'heure allemande, 1945)</i>	Jean-Louis Bory	Joan Oliver	1947
	<i>Hombre joven a la ventura</i> <i>(primeira parte da trilogia District of Columbia)</i> <i>(Adventures of a young man, 1939)</i>	John Dos Passos	Clara Diament	1947
	<i>Marea de guerra</i> <i>(War tide, 1943)</i>	Lin Tai-yi (Anor Lin)	Román A. Jiménez	1947
	<i>Vuelta a la tierra</i> <i>(Gone to Earth, 1917)</i>	Mary Webb	Theobald P. Verbrugghe de Villeneuve	1947
	<i>El señor Littlejohn</i> <i>(Mr. Littlejohn, 1940)</i>	Martin Flavin	Miguel de Hernani	1947
55	<i>El callejón del ángel</i>	J. B. Priestley	Mariano de Alarcón	1947
	<i>Retorno a Brideshead (Las memorias sagradas y profanas del capitán Charles Ryder)</i> <i>(Brideshead revisited, 1945)</i>	Evelyn Waugh	Clara Diament	1948
	<i>El hechizado</i> <i>(The enchanted, 1947)</i>	Martin Flavin	Miguel de Hernani	1948
	<i>De qué amor herido</i>	Pierre Marois	Enrique Molina	1948

	<i>(Passé a louer, 1933)</i>			
	<i>La jirafa sagrada (1925)</i>	Salvador de Madariaga	-	1948
60	<i>El incendio</i>	(Margaret Ethel) Storm Jameson	Jorge Ciancaglini	1948
	<i>Hotel Splendide</i> <i>(Hotel Splendide, 1941)</i>	Ludwig Bemelmans	????	1948
	<i>Ti-Coyo y su tiburón</i> <i>(Ty-Coyo et son requin, 1941)</i>	Clément Richer	Eduardo Warschaver	1949
	<i>La condición humana</i> <i>(La condition humaine, 1933)</i>	André Malraux	César A. Comet  (del fondo de la Editorial Sur)	1949
	<i>Capitán luz de luna</i> <i>(Captain Moonlight, 1942)</i>	Ethel Mannin	Floreal Mazía	1949
65	<i>Em medio del camino de la vida</i>	Germán Arciniegas	-	1949
	<i>El propietario</i> seguida de <i>El verano otoñal de un Forsyte – La saga de los Forsyte I</i>  <i>[The man of property, 1906; (interlude) Indian summer of a Forsyte, 1918]</i>	John Galsworthy	León Mirlas	1949
	<i>En litigio</i> seguida de <i>Despertar – La saga de los Forsyte II</i>  <i>[In chancery, 1920; (interlude) Awakening, 1920]</i>	John Galsworthy	León Mirlas	1949
	<i>La familia del Barrio Chino</i> <i>(Chinatown family, 1948)</i>	Lin Yutang	León Mirlas	1949
	<i>Las cabezas trocadas</i> <i>(Die vertauschten Köpfe – Eine indische Legende, 1940)</i>	Thomas Mann	Francisco Ayala  (tradução e prólogo)	1949
70	<i>Linda Shawn</i> <i>(Linda Shawn, 1932)</i>	Ethel Mannin	Floreal Mazía	1950

	<i>Los pecadores</i> ( <i>Bűnösök</i> , 1935; traduzido para o inglês como <i>The Sinners</i> , 1948)	Ferencz Koermendi	J. Rovira Armengol	1950
	<i>La aventura de Budapest</i> ( <i>Budapesti kaland</i> , 1932; em inglês: <i>Escape to Life</i> , 1932; em francês: <i>L'aventure à Budapest</i> , 1935)	Ferencz Koermendi	Alejandro Casona	1950
	<i>Se alquila – La saga de los Forsyte III</i> ( <i>To let</i> , 1921)	John Galsworthy	León Mirras	1950
	<i>Cefalú</i> ( <i>Cefalu</i> , 1947; republicado como <i>The dark labyrinth</i> , 1958)	Lawrence Durrell	Floreal Mazía	1950
75	<i>La espada bruñida</i> ( <i>The burnished blade</i> , 1948)	Lawrence Shoonover	Miguel de Hernani	1950
	<i>Juntos y separados</i> ( <i>Together and apart</i> , 1936)	Margaret Kennedy	Jorge H. Ciancaglini	1950
	<i>El enemigo de Dios</i>	Salvador de Madariaga	-	1950
	<i>La montaña de los siete círculos</i> ( <i>The seven storey mountain</i> , 1948)	Thomas Merton	Aquilino Tur	1950
	<i>Otras voces, otros ámbitos</i> ( <i>Other voices, other rooms</i> , 1948)	Truman Capote	Floreal Mazía	1950
80	<i>Tiempo de matar</i> ( <i>Tempo de uccidere</i> , 1947)	Ennio Flaiano	R. Bruguetti	1951
	<i>Gente independiente</i> <i>Sjálfstætt fólk (Partee I) – Landnámsmaður Íslands (Icelandic pioneers)</i> , 1934; <i>Sjálfstætt fólk (Partee II) –</i>	Halldor Laxness	Floreal Mazía (provavelmente traduzido do inglês)	1951

	<i>Erfiðir tímar (Hard times), 1935</i>			
	<i>El número uno (segunda parte da trilogia District of Columbia) (Number One, 1943)</i>	John Dos Passos	María Rosa Oliver	1951
	<i>Kenny (Kenny, 1947)</i>	Louis Bromfield	Floreal Mazía	1951
	<i>Hijos de familia (tradução de um dos romances do ciclo Les Boussardel: Les Enfants gâtés, 1939, ou Famille Boussardel, 1944)</i>	Philippe Hériat (Raymond Gérard Payelle)	Miguel de Hernani	1951
85	<i>Un desolado corazón (None but the lonely heart, 1943)</i>	Richard Llewellyn	Manuel Barberá	1951
	<i>Mi vida de negro: de la niñez y la juventud (Black boy, 1945)</i>	Richard Wright	Clara Diament (1ª ed. 1946, fora da coleção)	1951 (2 ed.)
	<i>La viuda (The widow, 1950)</i>	Susan Yorke	León Mirlas	1951
	<i>Doktor Faustus – Vida del compositor alemán Adrián Leverkühn narrada por un amigo (Doktor Faustus, 1947)</i>	Thomas Mann	Eugenio Xammar	1951
	<i>El mono blanco (The white monkey, 1924) From: A modern comedy, 1924-1928</i>	John Galsworthy	León Mirlas	1952
90	<i>La víbora (La vouivre, 1941)</i>	Marcel Aymé	Julio Cortázar	1952
	<i>Sumados a la vida</i>	Marcel Aymé	Miguel de Hernani	1952

	<i>(Le chemin des écoliers, 1946)</i>			
	<i>Las embajadas</i> <i>(Les ambassades, 1951)</i>	Roger Peyrefitte	Jorge Borda	1952
	<i>El gran guardarropa</i> <i>(Le grand vestiaire, 1948)</i>	Romain Gary	Manuel Gurrea	1952
	<i>Unas flores para Shiner</i> <i>(A few flowers for Shiner, 1950)</i>	Richard Llewellyn	León Mirilas	1952
95	<i>Mis seis presidiarios</i> <i>(My six convicts, 1951)</i>	Donald Powell Wilson	Floreal Mazía	1952
	<i>La sala de espera</i>	Eduardo Mallea	-	1953
	<i>Los seres queridos</i> <i>(The loved one, 1948)</i>	Evelyn Waugh	Pedro Lecuona Ibarzábal	1953
	<i>El canto a Bernadette</i> <i>(Das Lied von Bernadette, 1941; The song of Bernadette, 1941)</i>	Franz Werfel	Gabriela Moner  (publicado por Editor Aniceto Lopez, 1944, e por Lopez & Etchegoyen, 1947)	1953
	<i>El vínculo irracional</i> <i>(The irrational knot, 1905)</i>	George Bernard Shaw	Miguel de Hernani	1953
100	<i>Seis ángeles a mi espalda</i> <i>(Six angels at my back, 1952)</i>	John Bell Clayton	Román A. Jiménez	1953
	<i>Los ídolos</i> <i>(Saga porteña)</i>	Manuel Mujica Lainez	-	1953
	<i>Desnudo ante mis enemigos</i> <i>(Naked to mine enemies, 1952)</i>	Susan Yorke	León Mirilas	1953
	<i>Cuando llama el deseo</i> <i>(Executive suite, 1952)</i>	Cameron Hawley	Floreal Mazía	1954
	<i>Elena</i> <i>(Helena, 1950)</i>	Evelyn Waugh	Pedro Lecuona Ibarzábal	1954

105	<i>La casa</i> ( <i>Saga porteña</i> )	Manuel Mujica Lainez	-	1954
	<i>El cielo protector</i> ( <i>The sheltering sky, 1949</i> )	Paul Bowles	Aurora Bernárdez	1954
	<i>El extraño</i> ( <i>The outsider, 1953</i> )	Richard Wright	León Mirilas	1954
	<i>El fin de las embajadas</i> ( <i>La fin des ambassades, 1953</i> )	Roger Peyrefitte	Miguel de Amilibia	1954
	<i>La engañada</i> ( <i>Die Betrogene, 1953</i> )	Thomas Mann	Alberto Luis Bixio	1954
110	<i>Decadencia y caída</i> ( <i>Decline and fall, 1928</i> )	Evelyn Waugh	Floreal Mazía	1955
	<i>Cuerpos viles</i> ( <i>Vile bodies, 1930</i> )	Evelyn Waugh	Floreal Mazía	1955
	<i>La cuchara de plata precedida por el interludio El galanteo silencioso</i>  [ <i>The silver spoon, 1926; (Interlude) A silent wooing, 1927; from: A modern comedy, 1924-1928</i> ]	John Galsworthy	León Mirilas	1955
	<i>La hora negra (Notas de un estudiante que murió loco)</i>  ( <i>Notes d'un étudiant que va morir boig, 1933</i> )	Juan Sebastián Arbo	(autotradução?)	1955
	<i>Los viajeros</i> ( <i>Saga porteña</i> )	Manuel Mujica Lainez	-	1955
115	<i>Memorias de Adriano</i> ( <i>Mémoires d'Hadrien, 1951</i> )	Marguerite Yourcenar	Julio Cortázar	1955
	<i>Las llaves de San Pedro</i> ( <i>Les clés de saint Pierre, 1955</i> )	Roger Peyrefitte	Miguel de Hernani	1955

	<i>Narciso y Goldmundo</i> ( <i>Narziss und Goldmund</i> , 1930)	Herman Hesse	Luis Tobío	1956
	<i>El canto del cisne</i> precedida por el interludio <i>Transeúntes</i> [ <i>Swan song</i> , 1928; ( <i>Interlude</i> ) <i>Passers By</i> , 1927]  <i>From: A modern comedy</i> , 1924-1928	John Galsworthy	León Mirilas	1956
	<i>De la inocencia a la pesadilla</i> ( <i>Savage holiday</i> , 1954)	Richard Wright	León Mirilas	1956
120	<i>La camarada Ana</i> (1954)	Salvador de Madariaga	-	1956
	<i>Confesiones del estafador</i> <i>Felix Krull</i>  ( <i>Bekenntnisse des</i> <i>Hochstaplers Felix Krull</i> , 1954)	Thomas Mann	Alberto Luis Bixio	1956
	<i>Mono y esencia</i> ( <i>Ape and essence</i> , 1948)	Aldous Huxley	C. A. Jordana	1957
	<i>Martha Crane</i> ( <i>Martha Crane</i> , 1953)	Charles Gorham	Floreal Mazía	1957
	<i>Salka Valka</i>  <i>Þú vínviður hreini (O Thou</i> <i>Pure Vine) – Part I, Salka</i> <i>Valka, 1931; Fuglinn í</i> <i>fjörinni (The Bird on the</i> <i>Beach) – Part II, Salka Valka</i> , 1932	Halldór Laxness	J. R. Wilcock  (traduzido do alemão)	1957
125	<i>Invitados en el paraíso</i> ( <i>Saga porteña</i> )	Manuel Mujica Lainez	-	1957
	<i>Los dos amores</i> ( <i>Jeunes proies</i> , 1956)	Roger Peyrefitte	Miguel de Hernani	1957
	<i>Guerra en la sangre</i> (1956)	Salvador de Madariaga	-	1957
	<i>Los fantasmas</i> (primeira parte)	Salvador de	-	1957

	de <i>El corazón de piedra verde</i> , 1942)	Madariaga		
	<i>Los dioses sanguinarios</i> (segunda parte de <i>El corazón de piedra verde</i> , 1942)	Salvador de Madariaga	-	1957
130	<i>Fe sin blasfemia</i> (terceira parte de <i>El corazón de piedra verde</i> , 1942)	Salvador de Madariaga	-	1957
	<i>La dama de mi vida</i>	Susan Yorke	Martha M. de Sánchez Albornoz	1957
	<i>El elegido</i> ( <i>Der Erwählte</i> , 1951)	Thomas Mann	Alberto Luis Bixio	1957
	<i>Los atormentados</i> ( <i>The rack</i> , 1958)	A. E. Ellis (Derek Lindsay)	Miguel de Hernani	1958
	<i>Las rosas de setiembre</i> ( <i>Les roses de septembre</i> , 1956)	André Maurois	C. Guerra Paricio de Lluís	1958
135	<i>La hora candente</i> ( <i>Cash McCall</i> , 1955)	Cameron Hawley	Floreál Mazía	1958
	<i>Los caballeros de Malta</i> ( <i>Les chevaliers de Malte</i> , 1957)	Roger Peyrefitte	Silvina Bullrich	1958
	<i>Una gota de tiempo</i>	Salvador de Madariaga	-	1958
	<i>Esas hojas estériles</i> ( <i>Those barren leaves</i> , 1925)	Aldous Huxley	C. A. Jordana	1959
	<i>El hombre sin presente</i> ( <i>Mensch ohne Gegenwart</i> , 1958)	Denis F. Bernard	Willy Kemp	1959
140	<i>Malcolm</i> ( <i>Malcolm</i> , 1959)	James Purdy	Luis Echávarri	1959
	<i>Jim, el afortunado</i> ( <i>Lucky Jim</i> , 1954)	Kingsley Amis	León Mirilas	1959
	<i>El caso Winston</i>	Howard Fast	Miguel Hernani	1960

	<i>(The Winston Affair, 1959)</i>			
	<i>El desarraigado</i> <i>(The eavesdropper, 1959)</i>	Lin Tai-yi (Anor Lin)	Josefina Martínez Alinari	1960
	<i>El exilado de Capri</i> <i>(L'exilé de Capri, 1959)</i>	Roger Peyrefitte	Silvina Bullrich; prólogo de Jean Cocteau	1960
145	<i>El largo sueño</i> <i>(The long dream, 1958)</i>	Richard Wright	Floreal Mazía	1960

## 2.5 A EDITORIAL EMECÉ E A COLECCIÓN GRANDES NOVELISTAS

Outro espanhol exilado na Argentina foi Mariano Medina del Río, que em 1939 funda a Editorial Emecé (“eme”, indiscutivelmente, de Medina; “cé” de Álvaro de las Casas, seu primeiro assessor literário, ou do poeta galego Arturo Cuadrado, segundo as diferentes versões). Como no caso da Sudamericana, a empresa recebeu, em seus inícios, um forte apoio financeiro vindo do mundo empresarial argentino, especialmente da tradicional família Braun Menéndez, que também tinha ligações com o mundo da cultura e da ciência. Em 1947, porém, a empresa passa às mãos de Bonifacio del Carril (1911-1994), que irá dirigi-la por mais de quatro décadas. Desde o início, a Emecé teve “um projeto comercial que a diferenciou da maioria das editoras argentinas, surgidas de empreendimentos individuais quase artesanais. O fundo editorial da Emecé reflete esta modalidade de origem pela abundância de *best-sellers* e outros títulos com êxito de vendas”.<sup>63</sup> Também se diferenciou de outras editoras pelo fato de possuir sua própria gráfica, a Compañía Impresora Argentina, adquirida em 1948.

A Emecé se destacou por adotar formas inovadoras de comercialização, por manter relações estreitas com os suplementos literários dos jornais (especialmente o do *La Nación*, dirigido entre 1931 e 1955 pelo escritor Eduardo Mallea, que coincidentemente era também diretor de três coleções da Emecé) e por ter desenvolvido uma política de publicações “de feitio mais clássico, dirigida às classes altas e cultas, com uma marcante orientação anglófila e voltada ao pensamento católico”.<sup>64</sup> Entre suas coleções, destacam-se a *Grandes Ensayistas*, *La Quimera*, a *Clásicos Emecé* e a *Grandes Novelistas*, da qual vamos nos ocupar neste trabalho. Além disso, a editora também ganhou fama por ter publicado as *Obras Completas* de Jorge Luis Borges (a partir de 1953) e de Adolfo Bioy Casares, dois antigos colaboradores da Emecé, para a qual, entre muitas outras coisas (prólogos, traduções, etc), dirigiram a clássica coleção de livros policiais *El Séptimo Círculo*.

Assim como a Sudamericana, a Emecé também foi vítima da onda de aquisições que tomou conta do mundo do livro na passagem do século XX para o XXI, num processo de

---

<sup>63</sup> DE SAGASTIZÁBAL, Leandro. *La edición de libros en la Argentina*. Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeba, 1995, p. 85.

<sup>64</sup> DE SAGASTIZÁBAL, Leandro. *La edición de libros en la Argentina*. Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeba, 1995, p. 89-90.

concentração editorial que só tem se acirrado. Em dezembro de 2000, por um valor de aproximadamente 15 milhões de dólares, a última grande editora de ficção em mãos argentinas foi adquirida pelo Grupo Planeta, um dos maiores do ramo. Em 2010 chegou a vez de os direitos de publicação da obra de Borges serem vendidos para o maior concorrente do Grupo Planeta, a gigante Random House-Mondadori (pertencente à Bertelsmann), que ofereceu cerca de dois milhões de euros à viúva do escritor, conforme informou o jornal *Clarín* em sua edição de 17-12-2010.<sup>65</sup>

A seguir, apresentamos o Quadro 12, identificando 103 dos 106 títulos publicados na Colección Grandes Novelistas – “la novela actual en el mundo” – entre 1949, ano em que teve início, e 1961. A coleção continuou a ser publicada depois disso e seu nome é utilizado até hoje pelo selo Emecé para o lançamento de alguns títulos de literatura universal, principalmente de *best-sellers*. Apesar de não constar numeração nos volumes, os títulos da coleção aparecem listados no Quadro na ordem em que foram lançados, segundo numeração constante em alguns catálogos da editora.

**Quadro 12: Colección Grandes Novelistas**

Nº	Título	Autor	Tradutor	Ano de publicação
1	<i>Los idus de marzo</i> ( <i>Ides of March</i> , 1948)	Thornton Wilder	Maria Antonia Oyuela	1949
2	<i>El extranjero</i> ( <i>L'Étranger</i> , 1942)	Albert Camus	Bonifacio del Carril (edición a cargo de Jorge Luis Borges y Adolfo Bioy Casares)	1949
3	<i>Soy un fugitivo</i> ( <i>I am a fugitive from a Georgia chain gang!</i> , 1932)	Robert Elliott Burns	Manuel Gurrea Muñoz  (republicado em 1955 na Col. El Séptimo Círculo)	1949
4	<i>Jenny Villiers – una historia de teatro</i>	J. B. Priestley	????	1949

<sup>65</sup> DE DIEGO, José Luis. *Projetos editoriais e redes intelectuais na América Latina*. Trad. Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2020, p. 182.

	<i>(Jenny Villiers, 1947)</i>			
5	<i>Cuando alguien muere</i> <i>(Mort de quelqu'un, 1911)</i>	Jules Romains	María Antonia Oyuela	1949
6	<i>La casa del bosque de Dormer</i>	Mary Webb	????	1949
7	<i>El castillo</i> <i>(Das Schloss, 1926)</i>	Franz Kafka	D. J. Vogelmann	1949
8	<i>La lección del maestro y otros cuentos</i> <i>(The lesson of the master, 1888; The velvet glove; The death of the lion; The middle year; The altar of the dead; The tree of knowledge; The jolly corner)</i>	Henry James	María Antonia Oyuela  (La lección del maestro; El guante de terciopelo, La muerte del hombre célebre; La edad madura; El altar de los muertos; El árbol de la ciencia; El rincón pintoresco)	1949
9	<i>Memorias de mi vida muerta</i> <i>(Memoirs of my dead life,</i>	George Moore	María Martínez Sierra	1949
10	<i>¡Absalón, Absalón!</i> <i>(Absalom, Absalom!, 1936)</i>	William Faulkner	Beatriz Florencia Nelson	1950
11	<i>América</i> <i>(Amerika, 1927)</i>	Franz Kafka	D. J. Vogelmann; revisão de Alberto Luis Bixio	1950  (2ª ed.)  (1ª ed.: 1943, fora da coleção)
12	<i>Si yo fuera usted</i> <i>(Si j'étais vous..., 1947)</i>	Julien Green	Abel Mateo	1950
13	<i>Crepúsculo desolado</i> <i>(Desolate splendour, 1923)</i>	Michael Sadleir (editor de <i>Bliss and other stories</i> , de Katherine Mansfield, para a ed. Constable, 1920)	Juan Rodolfo Wilcock	1950
14	<i>La hora veinticinco</i> <i>(Ora 25, 1949; La vingt-</i>	Constantin Virgil Gheorghiu	Jesús Ruiz y Ruiz; prefácio de	1950

	<i>cinquième heure; The Twenty-Fifth Hour)</i>		Gabriel Marcel	
15	<i>Más extraño que la verdad</i> ( <i>Stranger than truth, 1946</i> )	Vera Caspary	Roberto Paine  (republicado em 1953 na Col. El Séptimo Círculo)	1950
16	<i>Extraña alianza</i> ( <i>The killer and the slain, 1942</i> )	Hugh Walpole	Lucrecia Moreno de Saénz	1950
17	<i>El tiempo no existe</i> ( <i>Still she wished for company, 1924</i> )	Margaret Irwin	Juan Rodolfo Wilcock	1950
18	<i>Piedad contra piedad</i> ( <i>Pietà contro Pietà, 1946</i> )	Guido Piovene	Herman Mario Cueva	1950
19	<i>La colmena (Caminos inciertos)</i>	Camilo José Cela	(publicado na Espanha só em 1955 – censura)	1951
20	<i>Gambito de caballo</i> ( <i>Knight's gambit, 1949</i> )  [ <i>Smoke (1932); Monk (1937); Hand upon the waters (1939); Tomorrow (1940); An error in Chemistry (1946); Knight's Gambit (1949)</i> ]	William Faulkner  (contos publicados em revistas como Harper's, Scribner's, Saturday Evening Post e Ellery Queen's Mystery Magazine)	Lucrecia Moreno de Saénz  (Humo; Monje; Una mano sobre las aguas; Mañana; Un error de química; Gambito de caballo)	1951
21	<i>A través del puente y otros cuentos</i>  ( <i>Nineteen stories, 1947</i> )	Graham Greene	Juan Rodolfo Wilcock	1951
22	<i>Agostino</i> ( <i>Agostino, 1945</i> )	Alberto Moravia	Herman Mario Cueva	1951
23	<i>Todos los hombres son mortales</i>  ( <i>Tous les hommes sont mortels, 1946</i> )	Simone de Beauvoir	Silvina Bullrich	1951
24	<i>Hacia el norte</i> ( <i>To the North, 1932</i> )	Elizabeth Bowen	María Antonia Oyuela	1951

25	<i>Tierra mártir</i> ( <i>Cry, the beloved country, 1948</i> )	Alan Paton	Lucrecia Moreno de Saénz	1951
26	<i>La desobediencia</i> ( <i>La disubbidienza, 1948</i> )	Alberto Moravia	Herman Mario Cueva	1951
27	<i>Moira</i> ( <i>Moira, 1950</i> )	Julien Green	Silvina Bullrich	1951
28	<i>Raza de traidores</i> ( <i>A sort of traitors, 1949</i> )	Nigel Balchin	Aurora Bernárdez	1951
29	<i>La noche bengali</i> ( <i>Maitreyi, 1933; versão francesa: La nuit bengali, 1950</i> )	Mircea Eliade	Manuel Peyrou	1951
30	<i>Hombres de piedra</i> ( <i>Men of stones: A melodrama, 1949</i> )	Rex Warner	María Antonia Oyuela	1951
31	<i>Obra suspendida y otros cuentos</i> ( <i>Work suspended and other stories, 1949</i> )	Evelyn Waugh	Guillermo Whitelaw	1952
32	<i>Barrabás</i> ( <i>Barabbas, 1950; versão francesa: Barabass, 1950</i> )	Pär Lagerkvist	Martín Aldao (da versão francesa)	1952 (44.000 exemplares)
33	<i>El jacarandá</i> ( <i>The jacaranda tree, 1949</i> )	H. E. Bates	Lucrecia Moreno de Saénz	1952
34	<i>La condena: relatos</i> ( <i>Erzählungen und Kleine Prosa</i> )	Franz Kafka	Juan Rodolfo Wilcock	1952
35	<i>La familia de Pascual Duarte</i> (1942)	Camilo José Cela	-	1952
36	<i>El mico</i> ( <i>Le sagouin, 1951</i> )	François Mauriac	Susana Beatriz Newton	1952
37	<i>La mujer sin pasado</i>	Serge Groussard	Manuel Peyrou	1952

	<i>(La Femme sans passé, 1950)</i>		(republicado em 1956 na Col. El Séptimo Círculo)	
38	<i>El cielo y la tierra</i> <i>(Il cielo e la terra, 1950)</i>	Carlo Coccioli	Herman Mario Cueva	1952
39	<i>El último enemigo – episodios de guerra</i> <i>(The last enemy, 1942)</i>	Richard Hillary	Susana Beatriz Mendel de Delbue	1952
40	<i>La imagen de la espada desnuda</i> <i>(The image of a drawn sword, 1950)</i>	Jocelyn Brooke	Alfredo J. Weiss	1952
41	<i>Insurrección</i> <i>(Insurrection, 1950)</i>	Liam O’Flaherty	Lucrecia Moreno de Sáenz	1952
42	<i>El enano</i> <i>(Dvärgen, 1944; versão francesa: Le nain, 1946)</i>	Pär Lagerkvist	Fausto de Tezanos Pinto	1952 (22.500 exemplares)
43	<i>El poder y la gloria</i> <i>(The power and the glory, 1940)</i>	Graham Greene	Juan Rodolfo Wilcock	1952
44	<i>Requiem para una mujer</i> <i>(Requiem for a nun, 1951)</i>	William Faulkner	Jorge Zalamea	1952
45	<i>A cada uno un denario</i> <i>(To every man a penny, 1949)</i>	Bruce Marshall	María Antonia Oyuela	1952
46	<i>Crónica de mi familia</i> <i>(Cronaca familiare, 1947)</i>	Vasco Pratolini	Héctor Alvarez	1953
47	<i>La muralla china: cuentos, relatos y otros escritos</i> <i>(Beim Bau der Chinesischen Mauer, 1917/publ. 1931)</i>	Franz Kafka	Alfredo Pippig e Alejandro Ruiz Guiñazú	1953
48	<i>Lucy Carmichael</i> <i>(Lucy Carmichael, 1951)</i>	Margaret Kennedy	Lucrecia Moreno de Sáenz	1953
49	<i>La nieve está de duelo</i>	Henri Troyat	Helen Ferro	1953

	<i>(La neige en deuil, 1952)</i>			
50	<i>La segunda oportunidad</i> <i>(La seconde chance, 1952)</i>	Constantin Virgil Gheorghiu	Hellen Ferro	1953
51	<i>Sorprendida</i> <i>(Herself surprised, 1941)</i>	Joyce Cary	Guillermo Whitelow	1953
52	<i>Matador</i> <i>(Matador, 1952)</i>	Barnaby Conrad	Josefina Martínez Alinari	1953
53	<i>La invitada</i> <i>(L'invitée, 1943)</i>	Simone de Beauvoir	Silvina Bullrich	1953
54	<i>El juego</i> <i>(Il giuoco, 1950)</i>	Carlo Coccioli	Hellen Ferro	1953
55	<i>Misa sin nombre</i> <i>(Messe ohne Namen, 1950)</i>	Ernst Wiechert	Juan Rodolfo Wilcock	1953
56	<i>La sanguijuela</i> <i>(La velia, 1923)</i>	Bruno Cicognani	Herman Mario Cueva	1953
57	<i>Hombres em armas</i> <i>(Men at arms, 1952)</i>	Evelyn Waugh	Miguel Alfredo Olivera	1954
58	<i>El jubón de terciopelo</i> <i>(The velvet doublet, 1953)</i>	James Street	Juan Rodolfo Wilcock	1954
59	<i>El peregrino</i> <i>(To be a pilgrim, 1942)</i>	Joyce Cary	Juan Rodolfo Wilcock	1954
60	<i>El verdugo y otros cuentos</i> <i>(Bödeln, 1933; versão francesa: Le bourreau, 1952)</i>	Pär Lagerkvist	Fausto de Tezanos Pinto	1954
61	<i>León Morin, sacerdote</i> <i>(León Morin, prêtre, 1952)</i>	Béatrix Beck	Silvina Bullrich	1954
62	<i>La boca del caballo</i> <i>(The horse's mouth, 1944)</i>	Joyce Cary	Narciso Pousa	1954
63	<i>Campo de batalla</i>	Graham Greene	Juan Rodolfo Wilcock	1954

	<i>(It's a battlefield, 1934)</i>			
64	<i>Veinte mil ladrones</i> <i>(The Twenty Thousand Thieves, 1951)</i>	Eric Lambert (inglês/australiano)	Josefina Martínez Alinari	1954
65	<i>La impura</i> <i>(L'Impure, 1946)</i>	Guy des Cars	Alfredo Olacchea	1955
66				
67				
68	<i>El cordero</i> <i>(L'agneau, 1954)</i>	François Mauriac	Silvina Bullrich	1955
69	<i>Euforia y utopía: relato autobiográfico, 1932-1933</i> <i>(Red days and white nights, 1934)</i>	Arthur Koestler	Alberto Luis Bixio	1955
70	<i>Traición</i>	Jacques Laurent	Augusto Guibourg	1955
71	<i>El agente confidencial</i> <i>(The confidential agent, 1939)</i>	Graham Greene	María Antonia Oyuela	1955
72	<i>La princesa de oro</i> <i>(The golden princess, 1954)</i>	Alexander Baron	Elena Torres Galarce	1955
73	<i>La escritura invisible</i> <i>(The invisible writing: The second volume of an autobiography, 1932-40, 1954)</i>	Arthur Koestler	Alberto Luis Bixio	1955
74	<i>Flecha en el azul</i> <i>(Arrow in the blue: The first volume of an Autobiography, 1905-31, 1952)</i>	Arthur Koestler	Juan Rodolfo Wilcock	1955
75	<i>El derrumbe: cuentos</i> <i>(Il crollo della baliverna, 1954)</i>	Dino Buzzati	Juan Rodolfo Wilcock	1955
76	<i>El poder de la nada (novela tibetana)</i>	Lama Yongden	María Alejandrina Rayces	1955

	<i>(La puissance du néant, 1954)</i>		(Adaptação do original tibetano e notas de Alexandra David-Néel)	
77				
78	<i>Jacob</i> <i>(Saint Jacob, 1954)</i>	Jean Cabriès	Elva de Lóizaga	1956
79	<i>El pájaro en la cúpula</i> <i>(L'uccello nella cupola, 1954)</i>	Mario Pomilio	Augusto Guibourg	1956
80	<i>Diálogo de sombras: cuentos</i>	Georges Bernanos	Alberto Luis Bixio	1956
81	<i>Un oficial de tradición</i> <i>(Un officier de tradition, 1954)</i>	Serge Groussard	Marta Acosta van Praet	1956
82	<i>El triunfador</i> <i>(Der Erfolgreiche. Roman eines Chirurgen, 1951)</i>	Hans Kades	Juan Rodolfo Wilcock	1956
83	<i>Sin camino</i>	José Luis Castillo-Puche	-	1956
84	<i>De brillante porvenir</i> <i>(Most likely to succeed, 1954)</i>	John dos Passos	Carlos Peralta	1956
85	<i>El americano impasible</i> <i>(The quiet American, 1955)</i>	Graham Greene	Juan Rodolfo Wilcock	1957
86	<i>Un puñado de polvo</i> <i>(A handful of dust, 1934)</i>	Evelyn Waugh	Josefina Gainza	1957
87	<i>La niña de mayo</i> <i>(Girl in May, 1956)</i>	Bruce Marshall	Francisco Baldiz	1957
88	<i>El ministerio del miedo</i> <i>(The Ministry of fear, 1943)</i>	Graham Greene	Marta Acosta van Praet  (publicado em 1945 na Col. El Séptimo Círculo)	1959
89	<i>La sibila</i>	Pär Lagerkvist	Fausto de Tezanos	1957

	<i>(Sibyllan, 1956; versão francesa: La Sybille, 1957))</i>		Pinto	
90	<i>El puente sobre el río Kwai</i> <i>(Le pont de la rivière Kwai, 1952)</i>	Pierre Boulle	Fausto de Tezanos Pinto e E. Sánchez Leal	1958
91	<i>Fiestas</i>	Juan Goytisolo	-	1958
92	<i>El malhechor</i> <i>(Le malfaiteur, 1956)</i>	Julien Green	Alfredo J. Weiss	1958
93	<i>Sígueme</i> <i>(Follow me down, 1950)</i>	Shelby Foote	Juan Rodolfo Wilcock	1958
94	<i>El solitario</i> <i>(La Brute, 1951)</i>	Guy des Cars	Irma Raquel Echeverría  (publicado em 1952 na Col. El Séptimo Círculo)	1958
95	<i>Inglaterra me hizo así</i> <i>(England made me, 1935)</i>	Graham Greene	Francisco Baldiz	1958
96	<i>El paraíso: cuentos</i>	Pär Lagerkvist	Fausto de Tezanos Pinto	1959
97	<i>Nuestro hombre en La Habana</i> <i>(Our man in Havana, 1958)</i>	Graham Greene	Marisa Martínez Corvalán	1959
98	<i>La odisea de Gilbert Pinfold</i> <i>(The ordeal of Gilbert Pinfold, 1957)</i>	Evelyn Waugh	María Inés Oyuela de Estrada	1959
99	<i>El tercer hombre</i> <i>(The third man, 1949)</i>	Graham Greene	Silvina Bullrich  (publicado em 1952 na Col. El Séptimo Círculo)	1959
100	<i>¿Es usted el asesino?</i> <i>(Monsieur Larose, est-il l'assassin?, 1950)</i>	Fernand Crommelynck	José Bianco  (publicado em 1950 na Col. El Séptimo Círculo)	1959
101	<i>Ladrones en la noche</i>	Arthur Koestler	Oscar Varsavsky	1960

	<i>(Thieves in the night, 1946)</i>			
102	<i>Cuenta pendiente</i> <i>(Payment deferred, 1926)</i>	C. S. Forester	Elena Torres Galarce  (publicado em 1953 na Col. El Séptimo Círculo)	1960
103	<i>Pesadilla en Manhattan</i> <i>(Nightmare in Manhattan, 1949)</i>	Thomas Walsh	Raquel H. de Busto  (publicado em 1953 na Col. El Séptimo Círculo)	1960
104	<i>Julio César</i> <i>(Young Caesar, 1958)</i>	Rex Warner	Marta Álvarez de Toledo	1960
105	<i>Exequias de un amigo</i> <i>(cuentos)</i> <i>(Vacanza tedesca, 1959)</i>	Marcello Venturi	Augusto Guibourg	1961
106	<i>El señor Byculla</i> <i>(Mr. Byculla, 1950)</i>	Eric Linklater	Josefina Martínez Alinari  (publicado em 1954 na Col. El Séptimo Círculo)	1960

## CAPÍTULO 3 – COMPARAÇÃO E ANÁLISE DAS COLEÇÕES

### 3.1 A duração das coleções

Dentro do período escolhido para análise, o das décadas de 1930, 1940 e 1950, é preciso destacar, antes de tudo, que as quatro coleções tiveram durações diversas, tendo também, cada uma delas, iniciado em pontos diferentes deste percurso de três décadas, o que significa que nem todas estiveram ativas *ao mesmo tempo* ao longo do período. A primazia temporal coube à Coleção Nobel, da Globo, que publicou seu primeiro título em 1932. No momento em que a José Olympio e a Sudamericana iniciaram suas respectivas coleções, em 1939, a Globo já havia publicado cerca de 20 volumes na Nobel. Daí em diante, temos um período de 10 anos, entre 1939 e 1949, em que as três coleções se encontram em plena atividade, simultaneamente. Somente em 1949 entra em cena a coleção Grandes Novelistas, da Emecé, mas apenas dois anos depois disso, em 1951, a José Olympio interrompe a publicação da sua Fogos Cruzados, o que significa que *as quatro coleções estiveram em atividade simultânea* apenas durante um curto espaço de tempo, *entre 1949 e 1951*. Sete anos depois, em 1958, é a Globo que põe fim à coleção Nobel, enquanto as coleções argentinas continuam em plena atividade, adentrando os anos 1960 e 1970, chegando mesmo até os dias de hoje – caso da Grandes Novelistas, da Emecé, embora esteja atualmente bastante descaracterizada como coleção, já que se dedicou com ênfase cada vez maior à publicação de *best-sellers*. Daí a escolha deste período de aproximadamente três décadas para análise das quatro coleções, uma vez que, pelo menos entre 1939 e 1958, sempre teremos pelo menos três delas em atividade simultânea, o que nos permite compará-las sob aspectos diversos, a começar pela abordagem das línguas a partir das quais as diversas obras escolhidas para integrá-las foram traduzidas.

### 3.2 Traduzindo de várias línguas, mas principalmente do inglês

Primeira observação, a mais óbvia: constatar o predomínio avassalador das traduções feitas a partir do inglês, principalmente nas duas coleções brasileiras, em que cerca de 70% dos títulos publicados provêm dessa língua. Mais exatamente: na coleção Nobel, são 96 dos 136 títulos publicados (70,5%), e, na Fogos Cruzados, 72 dos 105 títulos publicados (68,5%). Já nas coleções argentinas essa porcentagem é um pouco menor: 60% para a Horizonte (88 dos 145 títulos publicados) e 52% para a Grandes Novelistas (54 dos 103 títulos publicados). Referimo-

nos aqui a traduções de obras escritas em língua inglesa, a imensa maioria por autores britânicos e estadunidenses (além de autores de outras nacionalidades que adotaram o inglês como língua de expressão literária), e não a traduções de obras escritas originalmente noutras línguas que tenham sido feitas a partir de sua versão em inglês, o que ocorreu com frequência, mas não está computado aqui. Esse predomínio da língua inglesa é consequência do impacto cada vez maior que a cultura dos Estados Unidos da América passou a exercer sobre o mundo ocidental, especialmente desde o fim da II Guerra Mundial, tomando do francês o papel que este desempenhara durante um longo tempo como principal língua de cultura.

Ainda assim, o francês se manteve bastante influente: em três das coleções em análise, a Nobel e as duas argentinas, a literatura de língua francesa é a segunda mais traduzida, embora numa porcentagem bem menor do que a das traduções de literatura de língua inglesa. Na Nobel, a tradução de autores de língua francesa representa aproximadamente 14% dos títulos publicados (19 em 136), na Horizonte 13% (19 em 145), e, na Grandes Novelistas, quase 20% (20 títulos num total de 103). A exceção fica por conta da coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, que publicou escassas oito traduções de literatura francesa (cerca de 7,5% dos títulos), embora frequentemente tenha se valido do francês como língua interposta, em especial no caso das traduções de autores russos, que representam 15% dos títulos nela publicados e conferem à coleção seu caráter distintivo.

### 3.2.1 Do inglês

Talvez se possa dizer da Coleção Nobel da Globo, um pouco injustamente, aquilo que Ricardo Piglia afirmou, em entrevista realizada em 1979, a respeito da Editorial Sur: que o centro da política editorial da casa comandada por Victoria Ocampo passava por “certa tendência menor da literatura inglesa, Huxley, T. E. Lawrence, Graham Greene e outros escritores de segunda categoria”,<sup>66</sup> apesar da propalada intenção da editora de dar a conhecer aos leitores argentinos a melhor literatura estrangeira. A Globo não chegou a publicar T. E. Lawrence na Coleção Nobel, mas publicou dois títulos de Greene, *O condenado* e *O poder e a glória* (em 1952 e 1953), e sete títulos de Aldous Huxley, entre 1934 e 1951, começando pelo famoso *Contraponto* traduzido por Erico Verissimo, e encerrando com o livro de contos *Duas*

---

<sup>66</sup> PIGLIA, Ricardo. Sobre *Sur*. In: *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2001, p. 69-70.

*ou três graças*, traduzido por Mario Quintana. Entre um e outro, editou também *Sem olhos em Gaza*, *Admirável mundo novo*, *Também o cisne morre*, *O tempo deve parar* e *Ronda grotesca*, em traduções que circularam por décadas no Brasil e continuam a ser reeditadas. Prova disso é o catálogo atualmente disponível das obras de Huxley, publicadas pela Globo Livros, detentora do acervo da Globo de Porto Alegre desde 1986: dos 14 títulos constantes no website da editora, cinco provêm do fundo editorial da casa gaúcha, e apenas um deles – *O tempo deve parar* – ganhou nova tradução. Temos ainda em circulação, portanto, em 2021, quatro títulos – *Sem olhos em Gaza*, *Admirável mundo novo*, *Também o cisne morre* e *Contraponto* – que ostentam as mesmas traduções realizadas aproximadamente 80 anos atrás.

Mas o que mais ajudaria a corroborar a tese de Piglia, se a aplicássemos à Globo, seria o fato de ela ter publicado nada menos do que 25 livros do inglês William Somerset Maugham entre 1937 e 1958, muitos deles com várias edições. Para se ter uma ideia da extensão da publicação da obra de Maugham pela Globo, é interessante nos referirmos aos dados disponibilizados pela pesquisadora Sônia Maria de Amorim, em seu livro *Em busca de um tempo perdido*.<sup>67</sup> Ali ela informa, por exemplo, baseada no que denominou de Arquivo de Fichas de Produção (AFP) da editora, que *Servidão humana* (traduzido por Antonio Barata) teve oito edições e chegou a uma tiragem total de 45.500 exemplares; *Histórias dos mares do sul* (traduzido por Leonel Vallandro), nove edições e tiragem de 43.500 exemplares; e *O fio da navalha* (traduzido por Ligia Junqueira Smith), dez edições e tiragem total de 64.000 exemplares. Como se não bastasse, entre 1959 e 1964 a Globo publicou quinze títulos de Maugham em sua Coleção Catavento, de livros de bolso, sendo quatro inéditos e onze títulos reaproveitados da Coleção Nobel. Na reedição de 2012 do livro de memórias de José Otávio Bertaso, *A Globo da Rua da Praia*, consta, nas páginas 172 e 173, a reprodução de um contrato firmado em maio de 1963 com o autor britânico, pelo qual a Globo renovava os direitos de publicação de 22 títulos de sua obra, isso depois de 26 anos da primeira edição de *Histórias dos mares do sul*, a comprovar a longevidade desta relação específica entre um autor e uma editora, ausente das outras três coleções analisadas neste trabalho.

Esse reaproveitamento de títulos, pela Globo, de uma coleção para outra – da Nobel para a Catavento, em geral – também se deu com a obra de outros autores de língua inglesa. E não

---

<sup>67</sup> AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido*. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

por acaso: entre os onze autores com quatro ou mais títulos publicados na Coleção Nobel, encontram-se sete de língua inglesa. Além dos já citados Somerset Maugham e Aldous Huxley, temos também James Hilton e Pearl S. Buck (com 6 títulos cada), Charles Morgan (com 5), e Joseph Conrad e Sinclair Lewis (com 4 títulos cada). Aos olhos de hoje, Joseph Conrad – de quem a Globo editou os romances *Lord Jim* e *Vitória* e outros dois títulos – é o único que poderia ser considerado um autor clássico, enquanto Sinclair Lewis – com *Babbitt*, *Rua principal* e outros dois romances – poderia ser incorporado à linha de realismo social daqueles autores estadunidenses “que seguiram os passos de Theodore Dreiser e seus amigos”,<sup>68</sup> como Sherwood Anderson, John Dos Passos, William Faulkner, Erskine Caldwell, Ernest Hemingway e John Steinbeck, além do próprio Lewis. Destes, a Globo chegou a publicar livros de Dreiser (*Carolina*, em 1946, em tradução de Moacir Augusto), Faulkner (*Luz de agosto*, em 1948, em tradução de Berenice Xavier), Anderson (*A secreta mentira*, em 1950, em tradução de James Amado e Moacir Werneck de Castro) e Steinbeck (*As vinhas da ira*, traduzido por Ernesto Vinhaes e Herbert Caro, e *Ratos e homens*, traduzido por Erico Verissimo, ambos em 1940). Já os britânicos Charles Morgan (autor de *Sparkenbroke*) e James Hilton (autor de *Horizonte perdido*) e a estadunidense Pearl S. Buck (autora de *A boa terra*), todos eles republicados na Coleção Catavento, podem perfeitamente ser considerados *best-sellers* das décadas de 1930 e 1940, bem como Norman Douglas (*Vento sul*), Margaret Kennedy (*A ninfa constante*) e Louis Bromfield (*As chuvas vieram*).

Já entre os autores dos quais se pode dizer que conferiram prestígio à coleção, podemos destacar três nomes representativos do alto modernismo literário de língua inglesa: James Joyce, com seu *Retrato do artista quando jovem*, traduzido por José Geraldo Vieira em 1945; Katherine Mansfield, com os contos de *Felicidade*, traduzidos por Erico Verissimo e reunidos em volume em 1940; e Virginia Woolf, com os romances *Mrs. Dalloway*, traduzido por Mario Quintana em 1946, e *Orlando*, em tradução de Cecília Meirelles, editado em 1948 (nos três casos, os livros mencionados foram os primeiros desses autores a serem publicados no Brasil). Além deles, outros autores de prestígio editados pela Globo foram o já citado William Faulkner, com *Luz de agosto* (mais um caso de primazia da Globo na publicação de um autor de língua inglesa no Brasil), e Edith Warton, com *A casa dos mortos*, traduzido por Moacir Werneck de

---

<sup>68</sup> COINDREAU, Maurice Edgar. Panorama de la actual literatura joven norteamericana. In: *Sur*, n. 30, março de 1937, p. 49-65, *apud* Willson, Patricia. *La constelación del Sur*. Traductores e traducciones en la literatura argentina del siglo XX. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2004, p. 251.

Castro e publicado em 1947, além dos dois únicos títulos da coleção originalmente publicados no século XIX: *O príncipe Otto*, de Robert Louis Stevenson (de 1885, editado aqui em 1940, em tradução de Antonio Barata), e *Morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë (de 1847, traduzido por Oscar Mendes, com sete edições pela Globo entre 1938 e 1947 e uma tiragem total de 28.000 exemplares, além de ter sido incorporado a partir de 1959 tanto à Biblioteca dos Séculos quanto à Coleção Catavento).

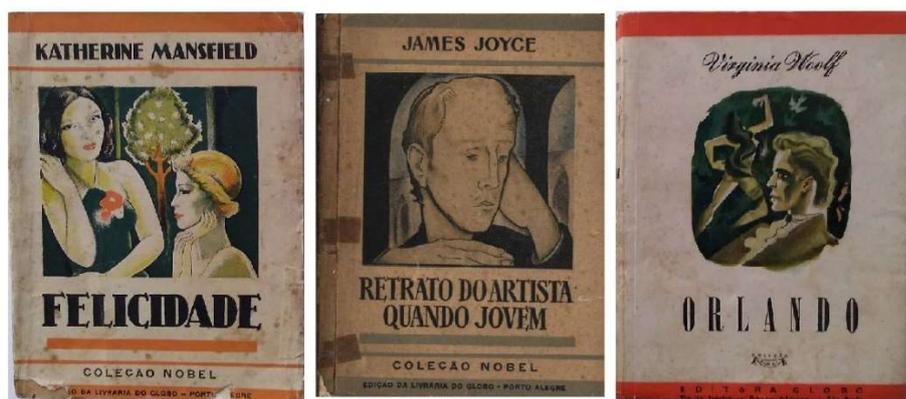


Figura 3: Capas das edições de *Felicidade*, de Katherine Mansfield (1940), *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce (1945), e *Orlando*, de Virginia Woolf (1948), pela Coleção Nobel da Globo.

Ao todo, foram 37 autores de língua inglesa – de um total geral de 56 autores – publicados na Nobel, sendo 27 homens e 10 mulheres. Afora os que já foram mencionados, a Globo publicou obras de autores tão diversos quanto C. S. Forester, Clemence Dane, G. K. Chesterton, George Bernard Shaw, H. de Vere Stacpoole, Helen Grace Carlisle, John Galsworthy, Kathleen Norris, Liam O’Flaherty, Richard Aldington, Richard Hughes, Richard Llewellyn, Rosamond Lehmann, Thornton Wilder, W. H. Hudson e Willa Cather, sempre tentando manter um equilíbrio entre a edição de *best-sellers* e de livros de prestígio literário, característica comum, de resto, a todas as coleções abordadas neste trabalho.

Os autores de língua inglesa também dominaram a Coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, numa proporção muito parecida à da Nobel da Globo, próxima de 70% dos títulos. Assim como a Globo, que teve nas obras de Somerset Maugham uma espécie de sustentáculo comercial da Coleção Nobel (as obras do autor responderam por 18% do total de títulos), a José Olympio apostou no escocês Archibald Joseph Cronin (A. J. Cronin), um *best-seller* da época, traduzindo doze títulos do autor entre 1939 e 1952. Também numa proporção semelhante à da

Nobel da Globo, na Fogos Cruzados foram editados 39 autores de língua inglesa – de um total geral de 57 autores – embora com uma proporção muito mais equilibrada entre homens (20) e mulheres (19).

Outro traço em comum entre a Fogos Cruzados e a Nobel foi o fato de alguns autores terem sido publicados nas duas coleções: C. S. Forester (três títulos na JO, um na Globo), James Hilton (dois na JO, seis na Globo), John Galsworthy (os três volumes de *A crônica dos Forsythe* na JO, apenas um na Globo), Margaret Kennedy (três títulos na JO, dois na Globo), Pearl S. Buck (cinco títulos na JO, sete na Globo) e Emily Brontë, com o mesmíssimo *Wuthering Heights*, de 1847, que na José Olympio ganhou o título de *O morro do vento uivante*, na tradução de Rachel de Queiroz publicada em 1948 (dez anos depois, portanto, da tradução editada pela Globo).

Afora essas similaridades, a Fogos Cruzados se diferenciou bastante da Nobel – e também das coleções argentinas – pelo fato de ter publicado alguns dos autores clássicos da literatura russa do século XIX, como veremos mais adiante. E, mesmo no âmbito da literatura de língua inglesa, a José Olympio soube escolher um repertório de autores que a diferenciou, em boa medida, da coleção da editora gaúcha. Além dos doze títulos de A. J. Cronin e dos autores já citados, presentes nas duas coleções, a Fogos Cruzados foi mais fundo do que a Nobel na exploração da literatura do século XIX: além do(s) vento(s) uivante(s) de Emily Brontë, publicou os britânicos Charles Dickens (*Uma história em duas cidades*, traduzido por Berenice Xavier, em 1946), Charlotte Brontë (*O professor*, traduzido por Raul Lima, em 1944), Elizabeth Gaskell (*Cranford*, traduzido por Rachel de Queiroz, em 1946), George Eliot (*O moinho do Rio Floss*, traduzido por Oliveira Ribeiro Neto, em 1945) e Jane Austen, que teve três de seus romances traduzidos por três diferentes romancistas brasileiros (*Orgulho e preconceito*, por Lúcio Cardoso, em 1940; *Mansfield Park*, por Rachel de Queiroz, em 1942; e *Razão e sentimento*, por Dinah Silveira de Queiroz, em 1944). Publicou também um único título de literatura inglesa editado originalmente no século XVIII (*As confissões de Moll Flanders*, de Daniel Defoe, em tradução de Lúcio Cardoso, em 1943) e os estadunidenses Herman Melville (o monumental *Moby Dick*, traduzido por Berenice Xavier, em 1950) e Nathaniel Hawthorne (*A letra escarlate*, traduzido por Sodrê Viana, em 1942), ambos pertencentes à chamada *American Renaissance*.

Outros autores destinados a preencher a cota de *best-sellers* contemporâneos na Fogos

Cruzados foram a canadense Mazo de La Roche (com quatro títulos publicados) e a britânica Daphne Du Maurier (com três), além de vários outros com um ou dois livros publicados na coleção, como Adria Locke Langley, Edward Ellsberg, Elizabeth Howard, Ethel Vance, Evelyn Eaton, Forrest Rosaire, Frederic Wakeman, George Tabori, Helen MacInness, Henry Bellamann, John Phillips Marquand, Joseph Stanley Pennell, Lella Warren e Marguerite Steen. Um dos últimos livros publicados na coleção, em 1951, foi o controverso *O poço da solidão*, da inglesa Marguerite Radclyffe Hall, considerado um clássico da literatura lésbica, se assim podemos chamá-la. Publicado em inglês em 1928, a tradução brasileira é do romancista José Geraldo Vieira e reapareceu, em 1971, como integrante da Biblioteca do Leitor Moderno da Editora Civilização Brasileira, além de ter sido incluída na coleção Clássicos Modernos, da Editora Abril, vendida em bancas de revista.

Já a Coleção Horizonte, da Editorial Sudamericana, teve uma proporção ligeiramente menor, mas ainda assim muito alta, de tradução de autores de língua inglesa, comparada com as coleções brasileiras: cerca de 60%, 88 de um total de 145 títulos publicados no período abordado, sendo que, dos 47 autores que assinaram estes 88 títulos, 34 eram homens e 13 eram mulheres. Ao compararmos o catálogo da Horizonte com o da Nobel, veremos que há doze autores presentes nas duas coleções: Aldous Huxley, Emily Brontë, John Galsworthy, John Steinbeck, Liam O’Flaherty, Louis Bromfield, Margaret Kennedy, Richard Llewellyn, Sherwood Anderson, Virginia Woolf, William Faulkner e William Somerset Maugham. Restam, assim, 35 autores de língua inglesa publicados na coleção argentina que estão ausentes das duas coleções brasileiras, o que acarreta um índice superior a 70% de *diferenciação do catálogo* da Coleção Horizonte em relação a suas congêneres brasileiras. Ou seja: por mais que alguns autores tenham sido publicados lá e cá – os *best-sellers* inevitáveis da época – ainda assim a Horizonte conseguiu se diferenciar ao editar alguns autores que não tiveram vez no Brasil.

Além dos autores que se repetem, veremos que há também alguns títulos repetidos, e aqui daremos alguns exemplos. A britânica Emily Brontë comparece com o infalível *Wuthering Heights* (*Cumbres borrascosas*, na tradução de María Rosa Lida, publicada em 1940), que, como vimos, foi traduzido tanto pela Globo (em 1938) quanto pela José Olympio (dez anos depois). Entre os cinco títulos de Aldous Huxley publicados na Horizonte encontram-se traduções de *Point Counter Point*, *Eyeless in Gaza* e *Time must have a stop*, os três igualmente traduzidos pela Globo. *Contrapunto*, na tradução do cubano Lino Novás Calvo, já havia sido

publicado pela Editorial Sur em 1933 (um ano antes, portanto, da tradução de Erico Verissimo para a Globo) e em 1940 foi reeditado na Horizonte; *Con los esclavos em la noria*, a tradução de Julio Irazusta para *Eyeless in Gaza*, também havia sido publicado pela Sur (em 1937) e foi reeditado na coleção em 1943 (e neste caso a Globo se adiantou bastante, tendo publicado a tradução do romance em 1938, apenas dois anos depois da edição em inglês); já as traduções de *Time must have a stop* foram publicadas no mesmo ano (1945) no Brasil e na Argentina: *El tiempo debe detenerse*, traduzido por Miguel de Hernani para a Sudamericana, e *O tempo deve parar*, tradução de Paulo Moreira da Silva para a Globo.



Figura 4: Capas dos livros com as traduções de *Point Counter Point*, de Aldous Huxley, pela Sur (1933), pela Sudamericana (1940, mesma tradução da Sur) e pela Globo (1934, em dois volumes).

A obra de Huxley é apenas um dos exemplos desses casos de publicação quase simultânea nos dois países, algo que também pode ser explicado pelo fato de que essas editoras – especialmente a Sudamericana – já podiam contar com o serviço especializado prestado por agências literárias, numa demonstração inequívoca do grau de profissionalização vigente no campo literário dos dois países em meados da década de 1940. Segundo o pesquisador espanhol Fernando Larraz, a presença maciça de títulos de escritores estadunidenses, em especial nos primeiros dez anos de existência da coleção Horizonte,

deve-se, sobretudo, à fecunda colaboração estabelecida com a agência literária Lawrence Smith, de Nova York. Também foi relevante a colaboração com a recém-criada International Editors, a primeira agência literária de Buenos Aires, dirigida durante muitos anos por Nicolás Costa, que representava, principalmente, romancistas europeus.<sup>69</sup>

O mesmo agente literário, Lawrence Smith, parece também ter tido alguma participação

<sup>69</sup> LARRAZ, Fernando. La edad de oro de la edición en América Latina. In: *Una historia transatlántica del libro*. Gijón: Ediciones Trea, 2010, p. 101.

na construção do catálogo da Globo. Em carta a Henrique Bertaso, enviada de San Francisco, nos EUA, em novembro de 1943, Erico Verissimo faz sugestões de títulos a serem traduzidos e faz referência ao agente:

Os livros que vale a pena considerar para tradução são os seguintes: SO LITTLE TIME, by J.P. Marquand. Best-seller. Comprado para filme. Muito, muito bom, embora sem qualidades para ser um best no Brasil. O agente diz que Zé Olympio tem opção. NONE BUT THE LONELY HEART, by Llewellyn. Temos de pegar este livro, porque é do homem do COMO ERA VERDE e porque é ainda melhor que este último. Lawrence Smith controla os direitos. THE WEEPING TREE, Vicki Baum. Romance sobre a borracha. Tipo aventura. Começa no Brasil e depois se transfere para outros países. Espero resposta da própria Vicki. Creio que em vista do HOTEL SHANGAI vale a pena pegar.<sup>70</sup>

Dos três livros sugeridos por Erico Verissimo, dois foram parar no catálogo da Globo: *None but the lonely heart*, de Richard Llewellyn, editado na Coleção Nobel em 1945, com o título de *Apenas um coração solitário*, em tradução de Oscar Mendes e Milton Amado; e *The weeping wood*, de Vicki Baum (Erico se engana ao referir-se ao livro como *The weeping tree*), publicado fora da coleção, em 1946, com o título de *A árvore que chora*, em tradução de Othon M. Garcia. Nos dois casos, trata-se de autores que já tinham livros publicados na Coleção Nobel, sendo que a Globo também já havia editado *Hotel Berlim*, de Vicki Baum, fora da coleção, em 1944.

Voltando à coleção da Sudamericana, cabe dizer que alguns dos autores presentes também nas coleções brasileiras – para além daqueles que chegam a ter títulos repetidos – comparecem na Horizonte não apenas com títulos diferentes, mas, algumas vezes, em proporções distintas. É o caso de John Galsworthy, de quem a Globo publicou apenas um título (*Flor escura*, em 1940), enquanto a Sudamericana publicou seis, entre eles os três volumes de *The Forsyte Saga*, também traduzidos no Brasil e publicados na Coleção Fogos Cruzados da José Olympio. Outro caso é o de Louis Bromfield, que teve três títulos publicados na Nobel e quatro na Horizonte, com apenas um título repetido nas duas coleções – *The rains came*, de 1937 –, cujas traduções foram publicadas em 1940 pela Globo e em 1942 pela Sudamericana.

Mas mais interessante talvez seja focalizar os autores que diferenciam a Sudamericana de suas congêneres brasileiras, para termos uma ideia de como a obra de alguns deles circulou de modo diferente nos dois países e, em muitos casos, em épocas diferentes. Dentre os mais de

---

<sup>70</sup> Carta de Erico Verissimo a Henrique Bertaso, apud BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC-RS, 2008, p. 177.

trinta autores de língua inglesa que tiveram livros traduzidos na coleção da Sudamericana e não foram traduzidos e publicados nas coleções brasileiras, fiquemos com dois casos exemplares, os dos romancistas Evelyn Waugh (britânico) e Richard Wright (estadunidense).

Evelyn Waugh teve sete livros traduzidos e publicados na coleção Horizonte entre 1947 e 1955, romances editados em inglês entre 1928 e 1950, entre eles *The loved one*, de 1948, traduzido por Pedro Lecuona Ibarzábal com o título de *Los seres queridos*, em 1953, e *Brideshead revisited*, de 1945, traduzido por Clara Diamant com o título de *Retorno a Brideshead*, em 1948. No Brasil, esses livros seriam publicados, respectivamente, apenas em 1961 (*O bem amado*, traduzido por Wilson Velloso, editado como volume 8 da Biblioteca do Leitor Moderno, da Editora Civilização Brasileira) e em 1965 (*A volta à velha mansão*, tradução de *Brideshead...* feita por Maria Alice Azevedo para a Editora Agir). Em números: oito anos de intervalo entre a tradução argentina e a brasileira de *The loved one* e dezessete anos entre a tradução argentina e a brasileira de *Brideshead revisited*, o que demonstra uma diferença significativa na recepção do autor em cada um dos países.

De Richard Wright, escritor negro nascido nos EUA que viveu expatriado na França desde 1946, foram publicados cinco títulos na coleção Horizonte, entre eles as traduções de *Native son* (1940) e *The outsider* (1953), respectivamente em 1941 (*Sangre negra*, traduzido por Pedro Lecuona Ibarzábal) e em 1954 (*El extraño*, traduzido por León Mirlas), apenas um ano, nos dois casos, depois de sua edição em inglês. Além destes, a Sudamericana publicou, fora da coleção Horizonte, os volumes *Los hijos del Tío Tom*, em 1952, e *Escucha, hombre blanco!*, este um livro de ensaios, em 1959, ambos traduzidos por Floreal Mazía. No Brasil, *Native son* teve tradução de Monteiro Lobato poucos anos depois da edição argentina, em 1944, com o título de *Filho nativo*, publicada pela Companhia Editora Nacional, e só ganhou uma nova tradução em 1987, por Jusmar Gomes, publicada pela Editora Best Seller. Salvo engano, não há outro livro do autor publicado no Brasil, o que demonstra, com ênfase ainda maior do que no caso de Evelyn Waugh, uma grande diferença em termos da recepção do autor nos dois países.

Já a Coleção Grandes Novelistas, da Emecé, publicou 34 autores de língua inglesa entre 1949 e 1960, sendo 29 homens e apenas 5 mulheres. Como sua concorrente argentina da Sudamericana, a coleção da Emecé também foi pródiga na publicação de obras de Evelyn Waugh, tendo editado quatro títulos do autor entre 1952 e 1959, o que nos dá um total de onze

títulos de Waugh publicados na Argentina no período que nos concerne. Mas o autor com maior número de títulos publicados na coleção foi outro britânico, Graham Greene, com nada menos do que nove livros editados entre 1951 e 1959, entre eles *The power and the glory*, romance de 1940 traduzido por Juan Rodolfo Wilcock e publicado em 1952 com o título de *El poder y la gloria*. Como vimos, o mesmo romance foi publicado pela Coleção Nobel da Globo em 1953, um dos dois únicos de Greene lançados pela casa editora gaúcha (o outro foi *O condenado*, tradução do romance *Brighton Rock*). Graham Greene ainda viria a ser bastante traduzido no Brasil pela Editora Civilização Brasileira, a partir do final da década de 1950. Nada menos do que treze livros do autor foram lançados entre 1959 e 1970 pela editora de Ênio Silveira, sendo cinco de maneira isolada (só em 1960 foram três) e os outros oito como integrantes da já tantas vezes mencionada Biblioteca do Leitor Moderno, iniciada em 1961. Entre os treze títulos, há cinco que também foram editados na coleção da Emecé: *O americano tranquilo*, *O agente confidencial*, *Nosso homem em Havana*, *Bela e querida Inglaterra* e *É um campo de batalha*, publicados aqui entre 1959 e 1964, e na Argentina entre 1954 e 1959, ou seja, num intervalo de tempo global anterior em cinco anos à sua publicação no Brasil.

Outros autores de destaque na coleção Grandes Novelistas foram Arthur Koestler (com 4 títulos), Joyce Cary (com 3) e William Faulkner (também com 3 títulos). Entre os quatro títulos de Arthur Koestler, escritor de origem húngara que escreveu a maior parte de sua obra em inglês, há apenas um romance – *Thieves in the night*, traduzido por Oscar Varsavsky como *Ladrones en la noche* – enquanto os outros três são relatos autobiográficos. No Brasil, Koestler teve livros traduzidos pelo Instituto Progresso Editorial (*O iogue e o comissário*, em 1947, e o mesmo *Ladrões nas trevas*, em 1948), pela Globo (*O zero e o infinito*, em 1964, na Coleção Catavento), pela Vecchi, Ibrasa, Nova Fronteira, Artenova e, mais recentemente, pela Relume-Dumará.

Do irlandês Joyce Cary, escritor inédito no Brasil, mas com alguns títulos editados em Portugal, a Emecé publicou os romances *Sorprendida* (de 1941), traduzido por Guillermo Whitelow, em 1953, *La boca del caballo* (de 1944), traduzido por Narciso Pousa, em 1954, e *El peregrino* (de 1942), em tradução de Juan Rodolfo Wilcock publicada também em 1954. Já de William Faulkner, de quem a Globo publicara *Luz de agosto* em 1948 e a Sudamericana editara a famosa tradução de Jorge Luis Borges para *The wild palms* em 1940, foram publicados os romances *¡Absalón, Absalón!* (de 1936), traduzido por Beatriz Florencia Nelson, em 1950, e *Réquiem para una mujer* (de 1951), traduzido por Jorge Zalamea, em 1952, além de *Gambito*

*de caballo* (de 1949), livro que reúne seis contos de Faulkner originalmente publicados em revistas como Harper's, Scribner's, Saturday Evening Post e Ellery Queen's Mystery Magazine, em tradução de Lucrecia Moreno de Saénz publicada em 1951.

Faulkner parece ter sido objeto de disputa editorial na Argentina, tendo livros editados também pela Santiago Rueda (o romance *Mientras yo agonizo*, publicado em 1942 em tradução de Max Dickmann) e pela Editorial Losada (o romance *Intruso en el polvo*, traduzido por Aída Aisenson, em 1951, e o livro de contos *Estos trece*, traduzido por Aurora Bernárdez e publicado em 1956). No Brasil, *Absalão, Absalão!*, um dos romances mais importantes de Faulkner, foi publicado apenas em 1981, em tradução de Sônia Régis para a Coleção Grandes Romances da Editora Nova Fronteira, que editou um total de cinco títulos do autor entre 1981 e 1984. Atualmente, a obra de Faulkner vem sendo publicada no Brasil pela Companhia das Letras, depois de ter sido editada pela Cosac Naify entre 2003 e 2015.

### **3.2.2 Do francês**

Quando a Coleção Nobel começou a ser publicada, em 1932, o francês ainda era a língua de cultura no Brasil, ou seja, a língua em que a maioria dos intelectuais do país fazia suas leituras de estudo ou de lazer, no mínimo desde o século XVIII. Como já foi dito, principalmente após a II Guerra Mundial, esse papel passou a ser desempenhado pela língua inglesa, por força da dominação dos EUA, e o catálogo da Livraria do Globo Editora é um dos melhores lugares para se constatar essa passagem. Mesmo assim, em sua Coleção Nobel, as traduções de literatura de língua francesa ainda ocupam um lugar de destaque, com 19 títulos num total de 136, representando 14% do total, como vimos no início desse capítulo.

O interessante é que, desses 19 títulos, 15 pertencem a três diferentes ciclos romanescos, e apenas quatro foram publicados isoladamente, ainda que dentro da coleção. Começemos por eles. *Os silêncios do Coronel Bramble*, de André Maurois, um romance de 1918, foi publicado pela Globo em 1936, em tradução de Álvaro Franco, sendo que, em edições posteriores, passou a constar a observação de que o texto havia sido revisado por Mario Quintana, que também se encarregou de traduzir os versos do poema *If*, de Rudyard Kipling, constante do livro e atualmente de larga circulação na internet. *O imoralista*, romance de 1902 de autoria de André Gide, ganhou tradução de Theodomiro Tostes em 1947, tradução que foi republicada

constantemente pelo menos até a década de 1990, pela Editora Nova Fronteira e pelo Círculo do Livro. Outro autor francês editado pela Nobel foi o belga Georges Simenon, com o romance *O homem que olhava o trem passar*, traduzido por Mario Quintana e publicado em 1953. O autor teve outros cinco títulos publicados na mesma época pela Globo, mas noutra coleção, a Coleção Amarela, a mais importante coleção de literatura policial publicada no Brasil até a década de 1950. Os títulos nela publicados foram: *A amiga de Madame Maigret*, traduzido por Vidal de Oliveira, em 1952; *Os fantasmas do chapeleiro*, traduzido por Mario Quintana, em 1954; *A sombra chinesa*, por Mario Quintana, em 1954; *Maigret e seu morto*, por Vidal de Oliveira, em 1956; e *A estréia de Maigret*, traduzido por Marcello Magalhães, em 1956, um dos últimos volumes da Coleção Amarela, que se encerrou naquele ano.<sup>71</sup>

O quarto título isolado traduzido do francês foi *O drama de Jean Barois*, romance de 1913 assinado por Roger Martin Du Gard, em tradução de Vidal de Oliveira publicada em 1949. Antes disso, porém, a Nobel havia publicado, do mesmo autor, entre 1943 e 1946, o ciclo romanesco *Os Thibault*, em três volumes, com tradução de Casemiro Fernandes. Originalmente, a obra tinha sido publicada em oito partes, incluindo um epílogo, entre 1922 e 1940. Em 1968, a Globo se encarregou de republicar a obra em cinco volumes, editando-a em sua Coleção Catavento, uma coleção de livros de bolso que abrigou muitos outros títulos da Nobel. Na Argentina, o ciclo dos Thibault foi publicado pela Editorial Losada em 1944, mantendo a divisão original da obra em oito tomos. Outro ciclo de romances de literatura francesa publicado pela Nobel foi *Jean Christophe*, de Romain Rolland, publicado originalmente em dez volumes, entre 1904 e 1912, divididos em três séries: *Jean-Christophe*, *Jean-Christophe à Paris* e *La fin du Voyage*, que aqui foram distribuídos em cinco volumes traduzidos por Vidal de Oliveira e publicados em 1947.

Encerrando a participação francesa na Coleção Nobel em grande estilo, deparamos com um dos grandes feitos editoriais da história da Livraria do Globo Editora: a publicação de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, entre 1948 e 1958, ano em que a coleção se encerra. Publicados na França entre 1913 e 1927, os sete volumes de *Em busca do tempo perdido* – dos quais os três últimos foram publicados postumamente – representam um dos pontos altos do modernismo literário europeu, e sua publicação na íntegra no Brasil conferiu grande prestígio

---

<sup>71</sup> BOTTMANN, Denise; KARAM, Sérgio. A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956). In: TradTerm, São Paulo, v. 30, novembro 2017, p. 159-188.

à Globo. Esta grande realização editorial da casa gaúcha é pelo menos tão importante quanto a edição da *Comédia Humana*, de Honoré de Balzac, em 17 volumes, publicada em sua Biblioteca dos Séculos entre 1946 e 1955, aos cuidados de Paulo Rónai, considerada mundialmente, e por um longo tempo, como a melhor edição da *Comédia Humana* realizada fora da França.

Voltando à obra de Proust, os quatro primeiros volumes – *No caminho de Swann* (1948), *À sombra das raparigas em flor* (1951), *O caminho de Guermantes* (1953) e *Sodoma e Gomorra* (1954) – foram traduzidos por Mario Quintana; o quinto, *A prisioneira* (1954), por Manuel Bandeira e Lourdes Souza Alencar; o sexto, *A fugitiva* (1958), por Carlos Drummond de Andrade; e o sétimo e último, *O tempo redescoberto* (1958), por Lúcia Miguel Pereira, tradutores, estes últimos, arregimentados no Rio de Janeiro graças ao prestígio de Maurício Rosenblatt, um dos idealizadores da coleção. A obra assim traduzida ganhou várias reedições ao longo do tempo, sendo sua última encarnação uma edição publicada entre 2005 e 2008 pela Globo Livros de São Paulo, dona do acervo da antiga casa editora gaúcha. Mais ou menos na mesma época, mais exatamente em 2002, a Ediouro lançou a tradução integral de *Em busca do tempo perdido* por Fernando Py, numa edição em três tomos, disponível atualmente pelo selo Nova Fronteira. Finalmente, a Penguin/Companhia anuncia para 2021 a edição dos dois primeiros volumes da obra, com tradução a cargo de Mario Sergio Conti (volume 1) e Rosa Freire d'Aguiar (volume 2).



Figura 5: Capas dos sete volumes do ciclo *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, pela Coleção Nobel da Editora Globo (1948-1958).

Na Argentina, o ciclo de romances de Marcel Proust foi publicado pela Editorial Santiago Rueda, de cujo catálogo constavam, entre muitas outras, as obras completas de Sigmund Freud e o *Ulisses* de James Joyce (ver seção 1.2 deste trabalho). Para a edição de *Em busca do tempo perdido* na Argentina, a editora resgatou a tradução do poeta espanhol Pedro Salinas para os três primeiros volumes (publicados na Espanha em 1920, 1922 e 1932, o terceiro completado por José María Quiroga Plá) e encomendou a tradução dos quatro últimos volumes para Marcelo

Menasché. Os livros foram publicados entre 1944 e 1946, e no ano seguinte Santiago Rueda publicou a tradução da *Recherche* em volume único, com 2.175 páginas em papel-bíblia e capa dura, precedida por uma cronologia da vida e da obra de Marcel Proust assinada por Max Dickmann, o assessor literário de Santiago Rueda.<sup>72</sup> O escritor Max Dickmann manteve com Santiago Rueda uma relação profissional semelhante, em muitos aspectos, à relação que Erico Verissimo mantinha com Henrique Bertaso na Globo, não apenas por ter atuado como conselheiro literário mas também por ter escrito prólogos a edições de outros autores – como no caso de Proust – e por ter publicado suas próprias obras pela editora (que aliás traduziu e publicou seis livros de Erico Verissimo entre 1944 e 1949, como vimos). Em outras palavras: enquanto a Globo se preparava para editar a obra de Proust no Brasil, o autor francês e o autor gaúcho estavam sendo publicados *ao mesmo tempo* pela editora argentina.

No que se refere à edição de literatura francesa, a Coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, foi bastante modesta, tendo publicado apenas oito títulos, todos eles de autores clássicos, ignorando quase totalmente a produção contemporânea, a não ser por uma única e notável exceção. Do século XVIII, foram resgatadas as obras *Zadig ou O destino* (1747), de Voltaire, em tradução de Genolino Amado publicada em 1942, e *As ligações perigosas* (1782), de Choderlos de Laclos, em tradução de Osório Borba publicada em 1947.

Da literatura francesa do século XIX, a Fogos Cruzados publicou dois romances de George Sand, pseudônimo da escritora Amandine Aurore Lucile Dupin, *Indiana* (de 1832) e *Mauprat* (de 1837), ambos traduzidos por Almir de Andrade e publicados em 1943 e 1945, respectivamente. Publicou também dois romances de Guy de Maupassant – *Forte como a morte* (1889), traduzido por Accioly Neto, e *Segredos do coração* (1890), traduzido por Álvaro Gonçalves, ambos publicados em 1944 – e *A mulher de trinta anos* (1831-32), de Honoré de Balzac, traduzido por Rachel de Queiroz e publicado em 1948. A exceção acima mencionada, referente à edição de romances contemporâneos de língua francesa, fica por conta da publicação, em 1950, de uma tradução do romance *A peste* (1947), de Albert Camus, assinada por um certo G. R., mais tarde identificado como sendo o escritor Graciliano Ramos.

Numa proporção semelhante à da Coleção Nobel, da Globo, a argentina Sudamericana também publicou 19 títulos de literatura de língua francesa em sua Colección Horizonte (13%

---

<sup>72</sup> De Diego, José Luis. Un catálogo para Santiago Rueda. In: *Los autores no escriben libros*. Nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019, p. 134.

do total de 145 títulos), começando por um dos primeiros títulos da coleção, o romance *Adriana Mesurat*, de 1927, do norte-americano de expressão francesa Julien Green, traduzido por Lyzandro Z. D. Galtier e publicado em 1939. No Brasil, o livro ganharia tradução apenas em 1983, publicada pela Editora Nova Fronteira em sua coleção Grandes Romances.

Após um intervalo de cinco anos, aparece, em 1944, *El nudo de víboras*, romance de 1932 de François Mauriac, em tradução de María Teresa López, ao qual se seguem os romances: *Los javaneses* (de 1939), de Jean Malaquais, traduzido por Eduardo Warschauer e editado em 1946; *Mi pueblo en la hora alemana* (de 1945), de Jean-Louis Bory, em tradução de Joan Oliver, publicado em 1947; *De qué amor herido* (de 1933), de Pierre Marois, traduzido por Enrique Molina, editado em 1948; *Ti-Coyo y su tiburón* (de 1941), de Clément Richer, em tradução de Eduardo Warschauer, publicado em 1949; e *La condición humana*, romance de 1933 de autoria de André Malraux, em tradução de César A. Comet, publicada na coleção em 1949, mas resgatada do fundo editorial da Sur, pela qual tinha sido publicada em 1936.

Já em plena década de 1950, a Horizonte publicou *Hijos de familia*, um dos romances do ciclo *Les Boussardel*, de Philippe Hériat (pseudônimo de Raymond Gérard Payelle), em tradução de Miguel de Hernani editada em 1951; dois romances de Marcel Aymé, *La víbora* (de 1941), traduzido por um certo Julio Cortázar, e *Sumados a la vida* (de 1946), traduzido por Miguel de Hernani, ambos publicados em 1952; *El gran guardarropa* (de 1948), de Romain Gary, em tradução de Manuel Gurrea editada em 1952; *Memorias de Adriano* (de 1951), outra tradução de Julio Cortázar, publicada em 1955; e *Las rosas de setiembre* (de 1956), de André Maurois, traduzida por C. Guerra Paricio de Lluís e publicada em 1958.

Os restantes seis títulos de literatura de língua francesa editados na Colección Horizonte pertencem a Roger Peyrefitte, um *best-seller* dos anos 1950 e 1960, escritor de vida longa e de obra vasta, e todos foram traduzidos e publicados apenas um ano após sua edição em francês. São eles: *Las embajadas* (de 1951), traduzido por Jorge Borda; *El fin de las embajadas* (de 1953), traduzido por Miguel de Amilibia; *Las llaves de San Pedro* (de 1955) e *Los dos amores* (de 1956), traduzidos por Miguel de Hernani; *Los caballeros de Malta* (de 1957) e *El exilado de Capri* (de 1959), traduzidos por Silvina Bullrich. Embora fora do período que nos propusemos analisar, cabe registrar que a Sudamericana ainda iria publicar outros quatro títulos de Peyrefitte na Colección Horizonte, entre 1962 e 1973 (traduzidos, entre outros, por escritores como o argentino Ricardo Zelarayán e a uruguaia Ida Vitale), além de seis volumes de não-

ficção fora da coleção, entre eles *Les juifs*, um livro de 1965 publicado em 1966 na Argentina e em 1967 no Brasil.

A editora Emecé chegou a traduzir e publicar 20 títulos de literatura de língua francesa em sua coleção Grandes Novelistas, o que representa quase 20% do total de 103 títulos nela publicados no período aqui abordado, isso num espaço de tempo em torno de apenas dez anos, visto que a coleção começou a circular somente em 1949. Um dos primeiros títulos da Grandes Novelistas, no mesmo ano de 1949, foi justamente *El extranjero*, de Albert Camus, livro de 1942 traduzido por Bonifacio del Carril, cuja família acabaria por se tornar dona da Emecé. O livro de Camus ganharia tradução brasileira somente em 1980, por Valerie Rumjanek, trinta anos depois de publicada a tradução do romance *A peste* por Graciliano Ramos, como vimos.

Simone de Beauvoir teve dois de seus romances dos anos 1940 publicados na coleção da Emecé, ambos traduzidos pela escritora Silvina Bullrich: *Todos los hombres son mortales* (de 1946), publicado em 1951, e *La invitada* (de 1943), em 1953, reeditado em 1961 na Colección Piragua, uma coleção de livros de bolso da Sudamericana. Note-se que, também para a Sudamericana, Bullrich traduziu outros três livros de Beauvoir: *Los mandarines* (de 1954), publicado na Colección Grandes Novelas em 1958; *Memorias de una joven formal* (de 1958), publicado na Colección Autobiografías em 1959; e *La plenitud de la vida* (de 1960), editado em 1961. Além destes, a Sudamericana publicou pelo menos outros seis títulos de Beauvoir entre 1964 e 1972, dois deles na Colección Horizonte, envolvendo tradutores como José Bianco, Aurora Bernárdez e Ida Vitale.

De Julien Green publicaram-se três livros na coleção: *Si yo fuera usted* (de 1947), traduzido por Abel Mateo, em 1950; *Moirá* (de 1950), traduzido por Silvina Bullrich, em 1951; e *El malhechor* (de 1956), traduzido por Alfredo J. Weiss, em 1958. Outros três autores tiveram dois livros publicados: François Mauriac compareceu com *El mico* (de 1951), traduzido por Susana Beatriz Newton em 1952, e *El cordero* (de 1954), traduzido por Silvina Bullrich em 1955; de Serge Groussard foram editados *La mujer sin pasado* (de 1950), traduzido por Manuel Peyrou em 1952, e *Un oficial de tradición*, traduzido por Marta Acosta van Praet em 1956; e de Guy des Cars publicaram-se *La impura* (de 1946), traduzido por Alfredo Olaechea em 1955, e, três anos depois, *El solitario*, traduzido por Irma Raquel Echeverría, livro que já tinha sido publicado em 1952 na famosa coleção de literatura policial El Séptimo Círculo, dirigida por Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares.

Fechando a lista de autores de língua francesa publicados na coleção Grandes Novelistas até 1960, encontramos oito deles com um único título editado: Jules Romains, com *Cuando alguien muere* (de 1911), em tradução de María Antonia Oyuela, em 1949; Henri Troyat, mais conhecido como biógrafo, com *La nieve está de duelo* (de 1952), traduzido por Helen Ferro em 1953; Jacques Laurent, com *Traición*, traduzido por Augusto Guibourg em 1955; Jean Cabriès, com *Jacob* (de 1954), em tradução de Elva de Lóizaga, em 1956; o belga Fernand Crommelynck, com *¿Es usted el asesino?* (de 1950), traduzido por José Bianco, outro livro com publicação prévia na coleção El Séptimo Círculo; Béatrix Beck, com *León Morin, sacerdote*, traduzido por Silvina Bullrich em 1954; Georges Bernanos, com os contos de *Diálogo de sombras*, traduzido por Alberto Luis Bixio em 1956; e Pierre Boulle, com *El puente sobre el río Kwai* (de 1952), em tradução de Fausto de Tezanos Pinto e E. Sánchez Leal, em 1958.

### 3.2.3 Do alemão

Dentre as línguas da tradição literária da Europa ocidental, além do inglês e do francês, era de se esperar que o alemão tivesse uma presença mais marcante nas quatro coleções, mas não foi exatamente o que aconteceu, embora alguns autores muito importantes tenham sido publicados em todas elas.

A coleção Nobel, da Globo, publicou um total de dez títulos de literatura de língua alemã, cerca de 7% do total de títulos publicados, e os autores editados foram Ernst Glaeser (2 títulos), Lion Feuchtwanger (1), Vicki Baum (1) e Thomas Mann (6). De Glaeser foram publicados os romances *Classe 1902*, traduzido por Erico Verissimo (em 1933, apenas cinco anos após sua publicação em alemão e quatro após sua tradução para o inglês), e *O último civil*, traduzido por Maria Jacinta (em 1940, com o mesmo intervalo de cinco anos em relação a sua publicação em alemão e em inglês). Da austríaca de ascendência judaica Vicki Baum, uma escritora muito popular nos anos 1930 e 1940, a Globo publicou, em 1942, *Hotel Shangai*, em tradução de Mario Quintana, e ainda iria publicar outros dois títulos, embora fora da coleção. E, de Lion Feuchtwanger, foi publicado o romance histórico *Flavius Josephus – Livro Primeiro – Roma*, traduzido por Álvaro Franco e publicado em 1934. Um detalhe curioso: em 1931, um ano antes do início da coleção Nobel, a Globo havia publicado o romance *Regressando da guerra*, de

Erich Maria Remarque, em tradução direta do alemão por Mário de Sá. O mesmo romance seria publicado, vinte anos mais tarde, na coleção Fogos Cruzados da José Olympio, em tradução de José Geraldo Vieira.

Os livros de Glaeser, Baum e Feuchtwanger foram traduzidos de suas versões em inglês, mas os seis livros de Thomas Mann, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1929, foram vertidos diretamente do alemão, em elogiadas traduções de Agenor Soares de Moura (para a tetralogia *José e seus irmãos*) e de Herbert Caro (*Os Buddenbrook* e *A montanha mágica*). A tetralogia, publicada em alemão entre 1933 e 1943, foi publicada aqui entre 1947 e 1951, nos chamados “volumes gigantes” da Nobel, com numeração à parte dos volumes de tamanho padrão, ocupando os volumes G-14 a G-17. Os livros traduzidos por Herbert Caro foram publicados em 1942 (*Os Buddenbrook*, vol. G-4) e em 1952 (*A montanha mágica*, vol. G-35), tendo sido publicados em alemão em 1901 e 1924, respectivamente. Os seis títulos, nas mesmas traduções, foram reeditados na década de 1980 pela editora Nova Fronteira, em sua coleção Grandes Romances, que, em 1984, também deu à luz a tradução de Herbert Caro para *Doutor Fausto*, romance de 1947 considerado por muitos críticos a obra-prima de Thomas Mann. Três décadas mais tarde, em 2015 e 2016, é a editora Companhia das Letras que relança os três grandes romances de Mann – *Os Buddenbrook*, *A montanha mágica* e *Doutor Fausto* – nas mesmíssimas traduções de Herbert Caro, um atestado da excelência de seu trabalho (e/ou da impossibilidade de encomendar novas traduções à altura das antigas).

Já a coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, publicou oito títulos de literatura de língua alemã, uns 7,5% do total de títulos publicados: três de Erich Maria Remarque, dois do austríaco Franz Werfel, um da também austríaca Vicki Baum, um de Jakob Wasserman e um de Emil Ludwig. De todos eles, talvez apenas dois tenham sido traduzidos diretamente do alemão. Um deles é um dos últimos lançamentos da coleção, o volume 105, publicado em 1951, que reúne os romances *Sem novidades no front* e *O regresso*, de Erich Maria Remarque, em “tradução direta do alemão” – como se pode ler na página de rosto do volume – por José Geraldo Vieira. Os outros dois títulos de Remarque editados pela Fogos Cruzados foram *Náufragos* (1942), traduzido por Rachel de Queiroz, e *Arco do Triunfo* (1947), traduzido por Wanda Murgel de Castro a partir da versão francesa. Em 1954, fora da coleção, a José Olympio ainda publicaria, do mesmo autor, o romance *Centelha de vida*, em tradução direta do alemão por Beatriz-Sylvia Romero Porchat. Dentro da coleção, o outro título com boas chances de ter sido

traduzido diretamente do alemão é *Othello*, de Emil Ludwig, uma adaptação romanesca da tragédia assinada por William Shakespeare, em tradução de Adda Abendroth, cidadã de origem alemã que viveu muitos anos no Brasil e trabalhou esporadicamente como tradutora.

De Franz Werfel foram publicados *Céu roubado* (1943), em tradução de Sodré Viana, e *Os quarenta dias de Musa Dagh* (1946), traduzido por Ana Maria Martins, romance que só ganharia outra tradução brasileira em 1995, publicada pela editora Paz e Terra. De Jakob Wasserman foi publicada, em 1946, uma tradução de seu romance mais famoso, *O processo Maurizius*, por Octavio de Faria e Adonias Filho, tradução que seria republicada em 1963 na Biblioteca do Leitor Moderno, da editora Civilização Brasileira, e que continuou a circular pelo menos até a década de 1980 em coleções de literatura estrangeira vendidas em bancas de revistas pela editora Abril Cultural. Na Argentina, a obra de Wasserman foi publicada pela Editorial Santiago Rueda, que editou nada menos que 14 livros do autor entre 1940 e 1948, incluindo *El caso Maurizius*, publicado em 1942 em tradução de Carlos Liacho.

Finalmente, de Vicki Baum foi publicado, em 1943, o romance *Sangue e volúpia*, em tradução de Valdemar Cavalcanti e Raul Lima, com título decalcado da versão francesa, publicada em 1937, mesmo ano da publicação em alemão. Aqui encontramos um paralelismo interessante entre as coleções da Globo e da José Olympio: dois romances de uma mesma autora, ambos publicados originalmente em 1937, que tiveram suas versões para o português brasileiro editadas poucos anos depois, em 1942 (Globo) e 1943 (JO), a demonstrar uma disputa pelos direitos de publicação da obra de autores que podem ser caracterizados como os *best-sellers* da época, situação que se dava também no contexto argentino.

A propósito, ao analisar o catálogo da editora Santiago Rueda e compará-lo com o de outras três editoras argentinas – Losada, Sudamericana e Emecé –, o professor e pesquisador José Luis de Diego relembra uma advertência do crítico literário Adolfo Prieto, a de que as listas de mais vendidos não excluem os grandes escritores, e acrescenta:

Estamos falando de um período [os anos 1940 e 1950] em que os circuitos da melhor literatura e o dos *best-sellers* não se encontram tão diferenciados como a partir dos anos 1970. Se tomarmos como referência a coleção Grandes Novelistas, da Emecé [...], que incluiu autores como Kafka, Hemingway e Cela, é evidente que ela vai passando de obras que procuravam conjugar qualidade literária e boas vendas para outros títulos muito mais identificados com o *best-sellerismo* – Leon Uris, Arthur Hailey, Erich Segal. Algo similar ocorreu com a coleção Horizonte, da Sudamericana: num catálogo de 1945 sobressaem os nomes de Mann, Faulkner e Woolf, e num catálogo de 1969 um bom número de títulos corresponde a [livros de] Margaret

Passando aos títulos de literatura de língua alemã publicados pela coleção Horizonte, da Sudamericana, vamos encontrar 12 deles, representando pouco mais de 8% dos títulos publicados ao longo do período delimitado neste trabalho. Alguns autores se repetem, inclusive alguns títulos, ao fazermos a comparação com os catálogos das coleções das editoras brasileiras. Vicki Baum, por exemplo, aparece com dois títulos: *Marion*, em dois volumes, romance de 1941, publicado na Argentina em 1945 e traduzido da versão em inglês por Miguel de Hernani; e *El bosque que llora*, de 1943, também traduzido da versão em inglês por León Miras e publicado em 1946, mesmo ano em que a Globo o publica fora da Coleção Nobel.

Outro autor que também aparece em uma das coleções brasileiras (a Fogos Cruzados, da JO) é Franz Werfel, inclusive com um mesmo título, o romance *Der veruntreute Himmel*, de 1939, publicado em 1943 no Brasil com o título de *Céu roubado* e na Argentina como *Estafa de cielo*, em 1944, em tradução direta do alemão por D. J. Vogelmann, que, como veremos em seguida, foi dos primeiros tradutores de Kafka na Argentina. Em 1953 foi publicado o outro título de Werfel na coleção Horizonte, *El canto a Bernadette*, de 1941, traduzido por Gabriela Moner, reaproveitamento de uma tradução anteriormente publicada por Editor Aniceto Lopez, em 1944, e por Lopez & Etchegoyen, em 1947. No Brasil, *A canção de Bernadette* tinha sido publicada em 1943 pela editora Irmãos Pongetti, em tradução de Marina Guaspari.

Três autores de língua alemã comparecem com um título cada na Horizonte: o austríaco Ludwig Bemelmans, mais conhecido por seu trabalho como autor de livros infantis, com *Hotel Splendide*, de 1941, publicado em 1948; Denis F. Bernard, com *El hombre sin presente*, publicado em 1959 em tradução de Willy Kemp; e Herman Hesse, com *Narciso y Goldmundo*, romance de 1930 publicado em 1956 em tradução de Luis Tobío. A respeito da circulação da obra de Herman Hesse na Argentina, cabe lembrar que a editora Santiago Rueda publicou seis títulos de sua autoria entre 1948 e 1956, incluindo *El lobo estepario*, traduzido por Manuel Manzanares, e *Rosshalde*, traduzido por Alberto Luis Bixio. No Brasil, o grande impulso à divulgação da obra do escritor alemão naturalizado suíço se deu com a publicação, entre 1965 e 1971, de 12 de seus livros pela Biblioteca do Leitor Moderno da editora Civilização Brasileira, após o pioneirismo da edição de *O lobo da estepe* em 1935, pela editora Cultura Brasileira, em

---

<sup>73</sup> DE DIEGO, José Luis. Un catálogo para Santiago Rueda. In *Los autores no escriben libros*. Nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019, p. 118.

tradução de Augusto de Souza.<sup>74</sup>

Cinco dos doze títulos de literatura de língua alemã publicados na Horizonte pertencem a Thomas Mann, no que essa coleção se aproxima da Nobel, da Globo, que publicou seis títulos do escritor, como vimos. Não há, porém, coincidência entre esses títulos, a não ser no caso de *Las cabezas trocadas*, publicado pela Horizonte em 1949 em tradução de Francisco Ayala e que teve edição brasileira pela própria Livraria do Globo, em 1945, mas na coleção Tucano, de curta duração, em tradução de Liane de Oliveira e Emílio Carrera Guerra. *As cabeças trocadas* ainda iria ganhar, no Brasil, uma tradução direta do alemão por Herbert Caro, em 1987, publicada pela editora Nova Fronteira.

O romance *Doktor Faustus – Vida del compositor alemán Adrián Leverkühn narrada por un amigo*, publicado originalmente em 1947, ganhou tradução na Argentina pouco depois, em 1951, assinada por Eugenio Xammar. No Brasil, como vimos acima, o livro só foi traduzido em 1984, por Herbert Caro. Os outros três títulos de Thomas Mann editados pela Horizonte foram: *La engañada (Die Betrogene, 1953)*, publicado em 1954; *Confesiones del estafador Felix Krull (Bekanntnisse des Hochstaplers Felix Krull, 1954)*, em 1956; e *El elegido (Der Erwählte, 1951)*, publicado em 1957, sendo que os três foram traduzidos por Alberto Luis Bixio. Coincidentemente, no Brasil, a tradução destes mesmos três títulos também ficou a cargo de uma única pessoa, a tradutora e escritora Lya Luft, mas muito depois dos anos 1950: *Felix Krull* saiu em 1981 pela Nova Fronteira; *O eleito e A enganada* (junto com *A lei*) saíram respectivamente em 2000 e 2001, pela Mandarim, um selo da editora Arx.<sup>75</sup>

Por fim, a coleção Grandes Novelistas, da Emecé, no período que nos interessa, publicou apenas seis títulos de literatura de língua alemã, pouco menos de 6% do total de títulos publicados, mas, em compensação, quatro desses títulos foram de Franz Kafka, e foram traduzidos diretamente do alemão. Antes de nos determos em Kafka, vamos apenas registrar os outros dois títulos de literatura de língua alemã lançados pela Emecé em sua coleção. Foram eles: *Misa sin nombre*, do alemão Ernst Wiechert, publicado em 1953, e *El triunfador*, do austríaco Hans Kades, publicado em 1956. Ambos foram traduzidos por Juan Rodolfo Wilcock,

---

<sup>74</sup> BOTTMANN, Denise. Herman Hesse traduzido no Brasil. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2015/06/hermann-hesse-traduzido-no-brasil.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

<sup>75</sup> BOTTMANN, Denise. Thomas Mann no Brasil. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2013/03/thomas-mann-no-brasil.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

escritor ligado ao círculo intelectual de Victoria Ocampo e da revista *Sur*, que passou os últimos vinte anos de sua vida, entre 1957 e 1978, na Itália.

De Franz Kafka, o primeiro título a aparecer foi o romance *El castillo*, em 1949, traduzido por D. J. Vogelmann, que já havia publicado sua tradução de *América* pela Emecé em 1943, fora da coleção, que a republicou em 1950, revisada por Alberto Luis Bixio. Depois foi a vez dos contos de *La condena*, traduzidos por Juan Rodolfo Wilcock e publicados em 1952, e de *La muralla china: cuentos, relatos y otros escritos*, em tradução de Alfredo Pippig e Alejandro Ruiz Guiñazú, que saiu em 1953. Além desses quatro títulos de Kafka lançados na coleção, a Emecé lançou pelo menos outros quatro fora dela: *Informe para una academia*, em 1945, traduzido por María Rosa Oliver para a coleção Cuadernos de la Quimera; *Diarios (1910-1923)*, em 1953, em tradução de Wilcock; *Carta a mi padre y otros escritos*, em 1955, em tradução de Carlos Félix Haerberle; e *Cartas a Milena*, também em 1955, em mais uma tradução de Juan Rodolfo Wilcock. Além disso, lançou também a versão teatral de *El proceso*, por André Gide e Jean-Louis Barrault, em 1952, traduzida por Alejandro Ruiz Guiñazú e publicada na coleção Teatro del mundo. Finalmente, em 1960 a Emecé lançou as *Obras completas* de Kafka, em dois volumes com capa de couro e em papel-bíblia, edição que incluía uma tradução do romance *El proceso*, por Alberto Luis Bixio, que até então não tinha aparecido em volume próprio.



Figura 6: Capas dos quatro livros de Franz Kafka publicados pela Colección Grandes Novelistas, da Editorial Emecé, entre 1949 e 1953.

Ainda em relação à publicação da obra de Kafka na Argentina, cabe lembrar que a editora Losada já havia publicado uma tradução de *El proceso* em 1939, por Vicente Mendivil, e outra, que ganhou fama, de *La metamorfosis*, atribuída a Jorge Luis Borges, uma das primeiras

publicações da editora, lançada na coleção La pajarita de papel em 1938 e republicada em 1943 em sua Biblioteca Contemporânea. Esse volume reunia nove textos de Kafka e durante várias décadas a atribuição de sua tradução a Borges não levantou maiores suspeitas, até que o pesquisador argentino Fernando Sorrentino descobriu, em entrevista com o próprio Borges, que o famoso escritor não tinha sido o autor da tradução de todos eles. Para resumir o assunto, tratado em profundidade num artigo da tradutora Denise Bottmann,<sup>76</sup> Borges havia de fato traduzido seis dos nove textos da coletânea, mas os outros três – justamente “La metamorfosis”, “Un artista del trapecio” e “Un artista del hambre” – tinham sido publicados previamente na Espanha, entre 1925 e 1932, pela Revista de Occidente, em traduções anônimas.

É importante nos referirmos a essas traduções publicadas pela Losada, além daquelas publicadas pela Emecé, porque os dois conjuntos de traduções estão na origem da primeira grande leva de traduções de Kafka no Brasil, publicadas pela Livraria Exposição do Livro na década de 1960 e realizadas por Torrieri Guimarães *exatamente a partir dessas traduções ao espanhol*. No mesmo artigo mencionado acima, Denise Bottmann esmiúça o assunto e identifica uma segunda fase de traduções de Kafka a partir do inglês, publicadas pela Nova Época Editorial na década de 1970. Finalmente, a partir da década de 1980, Kafka passa a ser traduzido no Brasil diretamente do alemão, principalmente por Modesto Carone, que publicou suas traduções primeiro pela Editora Brasiliense e depois pela Companhia das Letras. Há também traduções de Kafka direto do alemão realizadas por Marcelo Backes (para a L&PM Editores e para o selo Civilização Brasileira), por Susana Kampff Lages (para a Editora 34) e por Renato Zwick (para a L&PM), além de uma edição dos *Diários* do escritor, por Sergio Tellaroli, lançada pela Editora Todavia em maio de 2021, o mais recente acréscimo à *kafkiana* brasileira.

### 3.2.4 Do italiano

Nas coleções brasileiras foi bem fraca a presença de títulos traduzidos da língua italiana. A Coleção Nobel, da Globo, publicou apenas três títulos de literatura italiana, e isso logo em seus inícios, entre 1932 e 1934. De fato, os dois primeiros volumes da coleção são obras de autores italianos e foram ambos traduzidos por De Souza Junior: *Gog*, de Giovanni Papini, publicado em 1932, e *O falecido Matias Pascal*, de Luigi Pirandello, em 1933, um ano antes,

---

<sup>76</sup> BOTTMANN, Denise. Kafka no Brasil: 1946-1979. In *TradTerm*, v. 24, São Paulo, dezembro 2014, p. 213-238.

curiosamente, da atribuição do prêmio Nobel de Literatura a seu autor. Em 1934, publica-se outro título de Papini, *Palavras e sangue*, em tradução de Mario Quintana, e só. Depois disso, as traduções de obras italianas simplesmente desaparecem do catálogo da Nobel, a não ser por reedições dos mesmos três títulos, que se estendem pelo menos até a década de 1940. A Coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, por sua vez, não chegou a publicar nenhum autor italiano.

No que se refere às coleções argentinas, a Colección Horizonte, da Sudamericana, publicou um único título traduzido do italiano no período abordado neste trabalho, o romance *Tiempo de matar*, de Ennio Flaiano, em 1951 (o original é de 1947), livro que só viria a ser traduzido no Brasil em 2006, publicado pela editora Berlendis & Vertecchia. Como a Horizonte continuou a ser editada regularmente pelo menos até meados dos anos 1970, ela teve a chance de publicar, ainda na década de 1960, obras de outros autores italianos, como Carlo Cassola e Pier Paolo Pasolini, este bastante difundido no Brasil.

Já a Coleção Grandes Novelistas, da Emecé, publicou dez títulos traduzidos do italiano entre 1949 e 1961, cerca de 10% do total de títulos publicados na coleção nesse período, já que, como a Horizonte, ela também continuou a ser editada depois disso. Entre os autores italianos publicados no período que nos interessa encontram-se Guido Piovene, Carlo Coccioli, Vasco Pratolini, Mario Pomilio, Marcello Venturi, Bruno Cicognani e Dino Buzzati, dos quais Pratolini e Buzzati são sem dúvida os mais conhecidos no Brasil. De Pratolini, a Emecé publicou, em 1953, *Crónica de mi familia* (*Cronaca familiare*, 1947), e, de Dino Buzzati, o livro de contos *El derrumbe*, em 1955, em tradução de Juan Rodolfo Wilcock, apenas um ano após sua publicação na Itália (*Il crollo della baliverna*, 1954). Não há tradução brasileira de *Cronaca familiare*, mas a Biblioteca do Leitor Moderno, coleção de literatura estrangeira da editora Civilização Brasileira, publicou, em 1963, um outro romance de Pratolini, *História de pobres amantes*. Com relação a Dino Buzzati, o mesmo livro publicado na Argentina acabou sendo traduzido aqui apenas em 1997, publicado com o título de *A queda da Baliverna*, pela editora Nova Alexandria. Antes disso, porém, Buzzati teve vários romances e livros de contos editados no Brasil, especialmente pela Nova Fronteira, que publicou *O deserto dos tártaros* (de 1940) em 1984, traduzido por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade, e *Um amor* (de 1963) em 1985, traduzido por Tizziana Giorgini, ambos integrando a Coleção Grandes Romances.

### 3.2.5 Do espanhol

Também foi escassa a publicação de títulos de literatura de língua espanhola nas duas coleções brasileiras. No que se refere à Nobel, da Globo, destinada basicamente à publicação de literatura de ficção, parece estranho que os editores tenham optado por publicar, em 1933, logo no início de suas atividades, justamente uma biografia, *Dom Bosco e seu tempo*, de autoria do argentino Hugo Wast (pseudônimo de Gustavo Adolfo Martínez Zuviría), em tradução de Almáchio Cirne. Mais estranho ainda porque, antes disso, a Globo já havia publicado nada menos do que seis romances do mesmo autor (*Vale negro*, *A casa dos corvos*, *Flor de pessegueiro*, *Fonte selada* e *Deserto de pedra*, todos em 1930, e *A que não perdeu*, em 1932) em sua Coleção Verde, destinada “a editar romances sentimentais (...) que têm como temática principal as relações amorosas e como público-alvo as moças e senhoras”,<sup>77</sup> todos em tradução de Almáchio Cirne, que ainda iria traduzir, do mesmo autor, a novela *Lucia Miranda*, publicada em 1938 no número 24 da revista semanal *A Novela*, da mesma Globo. Em todo caso, depois do livro de Hugo Wast, passaram-se 15 anos antes de aparecer um outro livro traduzido do espanhol, *Epitalâmio do Preto Trinidad*, do espanhol Ramón José Sender, traduzido por Oswaldo Alves e publicado em 1948. Um ano depois, em 1949, a Globo publicou o romance *Todo verdor perecerá*, do argentino Eduardo Mallea, em tradução de José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas, encerrando a publicação de autores de língua espanhola na coleção Nobel com apenas três títulos, pouco mais de 2% do total de títulos publicados.

A coleção Fogos Cruzados foi ainda mais modesta no que se refere à publicação de literatura de língua espanhola: editou um único livro, em 1944, o romance *Grande e estranho é o mundo*, do peruano Ciro Alegria, em tradução de Amadeu Amaral Junior. O romance tinha sido o vencedor, em 1941, do Concurso Latinoamericano de Novela, realizado nos Estados Unidos e promovido pela União Pan-americana de Washington, e em 1981 ganharia uma nova tradução brasileira, por Olga Savary, publicada pela Editora Paz e Terra em sua coleção Literatura e Teoria Literária.

Com as coleções argentinas aconteceu algo que não ocorreu com as coleções brasileiras: publicar autores que escrevem na própria língua em que a coleção é editada, sem necessidade de apelar à tradução. Embora tanto a Horizonte, da Sudamericana, quanto a Grandes Novelistas,

---

<sup>77</sup> AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido*. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

da Emecé, fossem voltadas basicamente para a publicação de obras de literatura estrangeira *traduzida*, elas não se furtaram a publicar alguns títulos em espanhol – portanto, não traduzidos –, fossem eles de autores espanhóis, hispano-americanos ou mesmo argentinos. Assim, a coleção Horizonte chegou a publicar – sempre levando em conta o período que estamos analisando – 16 títulos de literatura em língua espanhola (cerca de 11% do total), número só inferior aos de literatura de língua francesa (19) e de língua inglesa (87) presentes na coleção.

Dos dezesseis títulos escritos originalmente em espanhol, dez eram de escritores estrangeiros e seis de escritores argentinos, que não se sabe bem por que motivo foram parar numa coleção dedicada à literatura estrangeira. Entre os estrangeiros de língua espanhola, destacamos a publicação, em 1949, de *En medio del camino de la vida*, único romance do diplomata e ensaísta colombiano Germán Arciniegas, também o único escritor hispano-americano presente na coleção, e do romance *Laura o la soledad sin remedio* – um dos primeiros títulos da coleção –, do prolífico escritor espanhol Pío Baroja, em 1939. Os outros oito títulos pertencem ao também espanhol Salvador de Madariaga, e foram publicados na seguinte ordem: *La jirafa sagrada* (1948), *El enemigo de Diós* (1950), *La camarada Ana* (1956), *Guerra en la sangre* (1957), a trilogia *El corazón de piedra verde*, originalmente de 1942 – *Los fantasmas*, *Los dioses sanguinários* e *Fe sin blasfemia*, todos em 1957 – e *Una gota de tiempo*, em 1958. No Brasil, salvo engano, não há traduções de Pío Baroja e de Germán Arciniegas, mas de Salvador de Madariaga foram traduzidas as biografias *Cristóvão Colombo* (Vecchi, 1944) e *Hernan Cortez* (Ibrasa, 1961) e a trilogia *O coração de pedra verde* (Ibrasa, 1962).

Os escritores argentinos publicados na coleção Horizonte foram dois, Eduardo Mallea e Manuel Mujica Lainez. Mallea era um escritor de enorme prestígio na Argentina, tendo dirigido o suplemento literário do jornal *La Nación* entre 1931 e 1955 e tendo atuado também como diretor de coleções na editora Emecé, e é de se estranhar que tenha tido um único livro traduzido no Brasil, na coleção Nobel. Já na coleção Horizonte foram publicados os romances *Las águilas*, em 1943, e *La sala de espera*, em 1953, sem prejuízo de muitos outros romances, novelas e ensaios publicados não apenas pela Sudamericana, mas também pelas editoras Emecé, Losada e Espasa-Calpe. De Manuel Mujica Lainez, outro prolífico escritor argentino, pertencente à mesma geração de Mallea, a Horizonte publicou o ciclo de romances históricos conhecido como *Saga porteña*, em quatro volumes: *Los ídolos* (1953), *La casa* (1954), *Los*

*viajeros* (1955) e *Invitados en el paraíso* (1957). Mujica Lainez publicou muitos outros livros pela Sudamericana nas décadas seguintes, entre eles o romance *Bomarzo*, em 1962, único de seus livros com tradução brasileira, por Mário Pontes, lançada em 1995 pela editora Martins Fontes.

Já a coleção Grandes Novelistas publicou apenas quatro títulos de literatura de língua espanhola, todos eles por autores de nacionalidade espanhola (ou seja, não publicou um único argentino ou hispano-americano, pois para isso dispunha de outras coleções). Em 1951, a Emecé publicou o romance *La colmena (Caminos inciertos)*, de Camilo José Cela, futuro ganhador do Prêmio Nobel (em 1989), livro proibido pela censura franquista na Espanha, onde só foi publicado em 1955. Em 1952 foi a vez de republicar, do mesmo autor, seu primeiro romance, *La familia de Pascual Duarte*, lançado originalmente em 1942. Cela foi um autor prolífico, tendo publicado ininterruptamente desde a década de 1940 até pouco antes de falecer, em 2002, e muitos de seus livros estão traduzidos no Brasil, entre eles os dois que acabamos de apresentar: *A colmeia*, traduzido por Mário Pontes e publicado pela Bertrand Brasil em 1992, e *A família de Pascual Duarte*, traduzido por Janer Cristaldo e publicado pela Difel em 1986.

Os outros dois livros de autores espanhóis publicados na coleção Grandes Novelistas foram *Sin camino*, de José Luis Castillo-Puche, em 1956, e *Fiestas*, de Juan Goytisolo, em 1958. Castillo-Puche é um escritor inédito no Brasil, pertencente à mesma geração de Camilo José Cela, e Juan Goytisolo, da geração nascida ao redor de 1930, tem três romances traduzidos aqui: *Reivindicação do Conde Julião*, traduzido por Remy Gorga Filho e publicado em 1975 na Biblioteca do Leitor Moderno da Civilização Brasileira; *A saga dos Marx*, traduzido por Rosa Freire d'Aguiar e publicado pela Companhia das Letras em 1996; e *As semanas do jardim*, traduzido por Luis Reyes Gil e publicado pela Agir em 2005.

### **3.2.6 Do português**

Como afirmamos acima, as duas coleções brasileiras não chegaram a publicar obras de autores que escrevem em português, ou seja, incluíram apenas obras traduzidas de algum outro idioma, deixando de fora não apenas escritores brasileiros – o que faz sentido, considerando tratar-se de coleções voltadas para a literatura estrangeira – mas também escritores de outros países em que o português é a língua literária. Nas décadas de 1960 e 1970, a editora Civilização

Brasileira vai se encarregar de incluir autores de Portugal, Angola e Moçambique em sua Biblioteca do Leitor Moderno, destinada à edição de literatura estrangeira.

O que vamos encontrar nas coleções argentinas não é muito melhor, em termos quantitativos: a coleção Grandes Novelistas, da Emecé, não publicou um mísero título traduzido do português, embora a editora tenha publicado, em 1946, uma tradução do romance *O mestiço*, da brasileira Lídia Besouchet, em sua série Navíos. Não é mera coincidência o fato de a coleção Horizonte, da Sudamericana, ter publicado, em 1945, um outro romance da mesma autora, *Condición de mujer*, em tradução de Raúl Navarro. Lídia Besouchet foi uma grande intelectual brasileira que viveu exilada na Argentina entre 1938 e 1950, junto a seu companheiro Newton Freitas, e é autora tanto de trabalhos historiográficos quanto de livros de ficção. Nas palavras da historiadora Livia Rangel,

Em Buenos Aires, [Lidia Besouchet e Newton Freitas] realizaram importantes projetos, desempenharam papéis fundamentais de aproximação entre pessoas, textos e ideias, estreitando as trocas culturais entre o país de origem e o país de acolhida, e, como poucos brasileiros que viveram na capital argentina na mesma época, ocuparam posições estratégicas e privilegiadas no universo portenho das letras, oferecendo uma contribuição valiosa ao longo dos anos 1940 para o aumento significativo da presença do Brasil no cenário artístico-literário daquele país.<sup>78</sup>

Os dois romances de Lídia Besouchet traduzidos na Argentina, *Condição de mulher* e *O mestiço*, só foram publicados no Brasil em 1947, na Coleção do Iguassú do Instituto Progresso Editorial, de São Paulo, que publicou, no mesmo ano, a tradução de Lídia Besouchet para o livro *Cadernos de infância*, da argentina Norah Lange, a comprovar o importante papel de mediadora cultural exercido pela escritora brasileira.

A literatura brasileira só vai se fazer presente de maneira significativa na coleção Horizonte em meados da década de 1970, momento em que se publicam as traduções de quatro obras de Clarice Lispector – *Laços de família*, *A maçã no escuro*, *Água viva* e *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* –, além da tradução de *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, e de *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan. A maioria desses livros foi traduzida por Haydée M. Jofre Barroso, outra grande mediadora cultural entre o Brasil e a Argentina, cujo papel na divulgação da literatura brasileira naquele país será abordado na parte final deste trabalho, que trata da publicação de literatura brasileira traduzida na Argentina em

---

<sup>78</sup> RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. *Intelectuais fronteiriços*. Lídia Besouchet e Newton Freitas: exílio, engajamento político e mediações culturais entre o Brasil e a Argentina (1938-1950). Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019, p. 238-239.

anos recentes.

### 3.2.7 Do russo

Era de se esperar que a imensa maioria das traduções de literatura russa fosse mesmo feita por via indireta, quase sempre por intermédio do francês, na medida em que os franceses foram pioneiros na recepção e tradução da literatura russa na Europa. No que se refere ao catálogo das quatro coleções enfocadas nesse trabalho, no caso específico das traduções de autores russos, veremos que cabe ressaltar com veemência o trabalho realizado pela editora José Olympio em sua coleção Fogos Cruzados, que deu a conhecer a obra de Fiódor Dostoiévski e de outros importantes autores russos. Mas antes vamos nos deter rapidamente no trabalho realizado pelas outras coleções.

A coleção Nobel, da Globo, publicou apenas três títulos de autores russos – no caso, três títulos de duas autoras. Dois desses títulos foram os romances autobiográficos assinados pela exilada russa Alia Rachmanova (pseudônimo de Galina Djuráguin): *Estudantes, amor, Tscheka e morte – Diário duma estudante russa*, traduzido da versão alemã de 1931 por Felipa Muniz e publicado em 1936 não apenas na Nobel, mas também em outra coleção da Globo, a Documentos de nossa época; e *Diário duma exilada russa*, traduzido por Esther de Viveiros, publicado em 1939. Além desses, a Globo publicou, da mesma autora, outros dois livros: *A fábrica do novo homem – episódios da vida russa soviética*, em 1937, e *Casamentos na tormenta vermelha – Diário de uma senhora russa*, em 1940, ambos traduzidos por Felipa Muniz a partir do alemão. Completando o modesto quadro dos títulos russos publicados na Nobel, temos a edição, em 1943, de *O diário de Marie Bashkirtseff*, de Maria Konstantinova Bashkirtseva, publicado em francês em dois volumes em 1887 e traduzido por Gilda Marinho a partir da edição abreviada francesa. Em 2005, foi publicada na França uma edição em 16 volumes contendo o texto integral dos diários da escritora e pintora russa. Convém lembrar que, em 1942, a editora Globo publicou uma tradução do monumental romance *Guerra e paz*, de Liev Tolstói, por Gustavo Nonnenberg, mas preferiu fazê-lo em sua coleção Biblioteca dos Séculos.

Nas coleções argentinas que estamos analisando, a presença da literatura russa é praticamente nula. Na Grandes Novelistas, da Emecé, não há nenhum título publicado,

enquanto na Horizonte, da Sudamericana, encontramos apenas um: *La familia*, de Nina Fedorova, publicado em 1944 e traduzido por Pedro Lecuona Ibarzábal. Nina Fedorova era o pseudônimo utilizado por Antonina Riasanovsky, uma exilada russa que viveu nos Estados Unidos desde 1938, onde escreveu, em inglês, este mesmo *The family*, publicado em 1940, que foi um grande sucesso de vendas. Como vimos na seção 2.3 deste trabalho, a Editorial Claridad chegou a publicar vários títulos dos grandes autores russos do século XIX, geralmente em traduções importadas da Espanha, consideradas de qualidade bastante discutível.

Chegamos, finalmente, à Fogos Cruzados, da José Olympio, que chegou a publicar 16 títulos de literatura russa, ou seja, cerca de 15% de toda a coleção, o que lhe confere um caráter especial em relação às outras coleções aqui analisadas. Vamos começar apontando uma correspondência: o mesmo *The family*, de Nina Fedorova, que ganhou tradução pela Sudamericana, foi aqui traduzido com título e subtítulo extenso, *A família (Isto é um pedaço da Inglaterra!)*, com ponto de exclamação e tudo, por Raimundo Magalhães Junior, e publicado em 1941, três anos antes, portanto, de sua versão argentina. Ainda no subgênero “exiladas russas”, temos a publicação, em 1948, de *Tamára – um romance da Rússia imperial*, de Irina Skariatina, aristocrata russa que publicou uma série de livros autobiográficos e chegou a ser correspondente de guerra da revista Collier’s durante a II Guerra Mundial. A tradução de *Tamára* foi feita a partir do inglês e ficou a cargo de João Calazans e Fernando Corrêa de Sá e Benevides.

Mas o grande diferencial da Fogos Cruzados reside na edição das outras 14 obras de autores russos que publicou, todas elas assinadas pelos grandes romancistas russos do século XIX: Ivan Turguêniev e Nikolai Gógol, com um título cada, Liev Tolstói, com 4 títulos, e, muito especialmente, Fiódor Dostoiévski, com 8 títulos. De Turguêniev foi publicada, em 1949, a novela *O primeiro amor*, num volume que contém ainda os contos “O medo” e “Birouck”, em tradução de Brito Broca; de Gógol, em 1944, *Almas mortas (As aventuras de Chichicov)*, em tradução de Costa Neves, na verdade a reedição de uma tradução publicada em 1937 pela Cia. Brasil, do Rio de Janeiro.<sup>79</sup> Duas edições recentes de *Almas mortas*, com tradução direta do russo, são a da Editora Perspectiva, de 2008, que recolocou em circulação uma tradução de Tatiana Belinky publicada nos anos 1970, e a da Editora 34, de 2018, com tradução de Rubens Figueiredo. Quanto a *Primeiro amor*, encontramos situação similar, envolvendo os mesmos

---

<sup>79</sup> BOTTMANN, Denise. Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950). In RUS, v. 4, n. 4, 2014.

tradutores: há uma edição da L&PM Pocket, de 2008, com tradução de Tatiana Belinky, e uma da Penguin/Companhia, de 2015, com tradução de Rubens Figueiredo.

De Liev Tolstói (grafado como *Leon Tolstoi* à época) foram publicadas, pela ordem: a novela *A sonata a Kreutzer* (1889), em tradução de Amando Fontes, em 1941; o livro de contos *Os cossacos* (1863), traduzido por Almir de Andrade, em 1942; e os romances *Ana Karenina* (1877), traduzido pelo romancista Lúcio Cardoso, em 1943, e *Ressurreição* (1899), traduzido por Valdemar Cavalcanti, em 1944. Além desses, a editora José Olympio publicou, em 1944, o volume *Memórias (infância, adolescência e juventude)*, em tradução de Rachel de Queiroz, em sua coleção Memórias, Diários, Confissões. Todos estes títulos estão atualmente disponíveis em traduções diretas do russo, a comprovar a mudança radical de paradigma quando se trata de traduções de literatura russa no Brasil.



Figura 7: Capas dos livros de três grandes romancistas russos do século XIX, publicados pela Coleção Fogos Cruzados, da Livraria José Olympio Editora.

A grande façanha da coleção Fogos Cruzados, no entanto, foi ter publicado oito títulos de Fiódor Dostoiévski entre 1944 e 1951, com o detalhe de que, desde os primeiros títulos editados, as novelas *O eterno marido* e *Um jogador*, os livros já vinham identificados como pertencentes *simultaneamente* à coleção Fogos Cruzados e às Obras Completas e Ilustradas de F. M. Dostoiévski, o que desde logo demonstra a intenção, por parte dos editores, de chamar a atenção para estes livros e de publicá-los, mais adiante, desvinculados da coleção Fogos Cruzados, numa coleção à parte, o que de fato ocorreu.

O professor, tradutor e pesquisador Bruno Barretto Gomide, em seu *Dostoiévski na Rua do Ouvidor*, livro em que estuda as relações entre a literatura russa e o Estado Novo (1937-1945), enfatiza a importância da edição das Obras Completas de Dostoiévski pela Editora José Olympio naquele momento histórico e nos anos posteriores:

Ela foi o ponto alto do diálogo com a literatura russa e uma encruzilhada nas tensões culturais do Estado Novo, em cujo término a coleção nasce. Ela prosseguirá depois desse momento autoritário e chegará, acrescida de novas traduções, quase no seguinte, às vésperas do golpe de 1964. Foi o maior projeto editorial em mais de meio século de contato com a literatura russa, a cereja do bolo dos esforços feitos desde a pioneira coleção de Selzoff, quinze anos antes. Esta levava sobre a José Olympio a vantagem, a única, das traduções diretas, mas perdia em muito na repercussão, no volume, no aspecto gráfico, na visibilidade dos envolvidos e no entrelaçamento com os debates culturais mais urgentes. Até hoje, com sua mescla de traduções, textos críticos e ilustrações, ela é um dos pontos altos do mercado editorial, e não apenas do relacionado à literatura russa.<sup>80</sup>

De fato, desde o início, ainda no contexto de sua inserção na Coleção Fogos Cruzados, a José Olympio tratou de conferir às obras de Dostoiévski um tratamento especial, com um rico aparato de paratextos (prólogos, introduções, notas biográficas, etc.) e um cuidado gráfico expresso na contratação de capistas e ilustradores da categoria de Santa Rosa, Axel de Leskoschek, Oswaldo Goeldi, Marta Schidrowitz e outros.

Os oito títulos publicados como pertencentes simultaneamente à Fogos Cruzados e às Obras Completas de Dostoiévski foram os seguintes: em 1944, *O eterno marido* (1870) e *Um jogador (notas de um jovem)* (1867), ambos traduzidos por Costa Neves, e *Humilhados e ofendidos* (1861), traduzido por Rachel de Queiroz; em 1945, *Recordações da casa dos mortos* (1862), traduzido por Rachel de Queiroz; em 1947, *Nietótchka Niezvánova* (1849), traduzido por Costa Neves, com prefácio de Wilson Martins; em 1949, em dois volumes, *Crime e castigo (acompanhado do Diário de Raskolnikov)* (1866), em tradução do escritor mineiro Rosário Fusco, e *O idiota* (1869), também em dois volumes, traduzido por José Geraldo Vieira, ambos com prefácio de Brito Broca; e, em 1951, em três volumes, *Os demônios* (1871), em tradução de Rachel de Queiroz, com prefácio de Roberto Alvim Corrêa.

Nas últimas páginas de um volume da Coleção Fogos Cruzados publicado em 1950, constava uma lista com os cem títulos numerados da coleção publicados até aquele momento, mais a previsão de publicação de seis outros títulos, dos quais três acabaram não sendo editados. Entre os que foram publicados estavam dois de Dostoiévski, *Os demônios* (publicado em 1951,

---

<sup>80</sup> GOMIDE, Bruno Barretto. *Dostoiévski na Rua do Ouvidor*. A literatura russa e o Estado Novo. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2018, p. 315.

em três volumes, ainda dentro da coleção, como vimos) e, em 1952, *Os irmãos Karamázovi*, também em três volumes, traduzido por Rachel de Queiroz, com introdução de Otto Maria Carpeaux, título *que já não foi lançado como pertencente à coleção Fogos Cruzados*, mas diretamente como integrante das Obras Completas e Ilustradas de F. M. Dostoievski, em 15 volumes, assim distribuídos na edição de 1952, que reuniu pela primeira vez todos eles: *O eterno marido*, vol. 1 (inicialmente publicado como vol. 40 da FC, em 1944); *Um jogador*, vol. 2 (inicialmente publicado como vol. 47 da FC, em 1944); *Humilhados e ofendidos*, vol. 3 (inicialmente publicado como vol. 44 da FC, em 1944); *Recordações da casa dos mortos*, vol. 4 (inicialmente publicado como vol. 50 da FC, em 1945); *Nietótchka*, vol. 5 (inicialmente publicado como vol. 72 da FC, em 1947); *Crime e Castigo* – acompanhado do *Diário de Raskolnikov*, vols. 6-7 (inicialmente publicado como vols. 97 e 97-A da FC, em 1949); *O idiota*, vols. 8-9 (inicialmente publicado como vols. 100 e 100-A da FC, em 1949); *Os demônios*, vols. 10-12 (inicialmente publicado como vols. 103, 103-A e 103-B da FC, em 1951); e *Os irmãos Karamázovi*, vols. 13-15, publicado em 1952, já desvinculado da Fogos Cruzados, que tinha sido encerrada no ano anterior.

A partir de 1960 (e em outras duas edições, em 1962 e 1967), as Obras Completas e Ilustradas de F. M. Dostoievski foram rearranjadas e redistribuídas em 10 volumes, a saber: *Crime e Castigo* – acompanhado do *Diário de Raskolnikov*, vol. 1; *Os demônios*, vol. 2; *O adolescente*, vol. 3; *O idiota*, vol. 4; *Humilhados e ofendidos* e *Um jogador*, vol. 5; *Recordações da casa dos mortos* e *Os irmãos Karamázovi (parte 1)*, vol. 6; *Os irmãos Karamázovi (parte 2)*, vol. 7; *Noites brancas e outras histórias*, vol. 8; *O ladrão honrado: Várias histórias*, vol. 9; e *O eterno marido e várias novelas*, vol. 10. As novidades desta edição são a publicação do romance *O adolescente*, inédito até então, em tradução de Ledo Ivo, e novas traduções, agora diretamente do russo, realizadas por Boris Schnaiderman, de *O eterno marido*, *Um jogador* e *Nietótchka Niezvánova*, além da publicação de outras novelas e contos nos três últimos volumes da coleção, muitas delas também traduzidas diretamente do russo.

### **3.2.8 De outras línguas/outras literaturas**

Além dos livros traduzidos das literaturas de língua inglesa e francesa – a imensa maioria – e das literaturas de outras línguas europeias de prestígio, como o alemão e o italiano, por

exemplo, as quatro coleções também publicaram livros originários de tradições literárias baseadas em outras línguas, traduzidos, na maior parte dos casos, por via indireta. É o caso das obras a que vamos nos referir agora, originalmente publicadas em sueco, húngaro, norueguês, tcheco, islandês, catalão, tibetano e romeno, e que chegaram ao português e/ou ao espanhol por intermédio de suas versões em inglês, em francês ou mesmo em alemão.

A coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, não publicou nenhum livro oriundo das literaturas das línguas acima mencionadas, mas acabamos de nos referir às suas traduções de literatura russa, feitas principalmente a partir do francês. A coleção Nobel, da Globo, publicou apenas dois: *O livro das lendas*, da sueca Selma Lagerlöf, vencedora do Nobel de Literatura de 1909, em tradução de Pepita de Leão, em 1935, e *Um pobre amor em Paris*, do húngaro Gábor Von Vaszary, traduzido da versão alemã de 1937 (anterior à edição em húngaro) por Hipólito Kuntz, e publicado aqui em 1942.

No que se refere à literatura húngara, a coleção Horizonte, da Sudamericana, publicou dois títulos de Ferencz Koermendi em 1950: *Los pecadores*, de 1935, traduzido por J. Rovira Armengol a partir da versão em inglês de 1948, e *La aventura de Budapest*, de 1932, traduzido por Alejandro Casona. De literatura norueguesa a Sudamericana publicou, em 1944, em dois volumes, o romance *Gigantes em la tierra*, de Ole Edvart Rolvaag, a partir da versão em inglês de 1927, traduzida por Miguel de Hernani. No Brasil, Koermendi (ou Kõrmendi) teve um outro romance, *Anos de sombra*, publicado pela Editora Mérito em 1953, em tradução de Jamil Almansur Haddad. O norueguês Ole Edvart Rolvaag é inédito no país.

O escritor tcheco Karel Capek, razoavelmente conhecido no Brasil nos últimos anos, teve um romance de 1937, *Derrumbe en la mina*, publicado na coleção Horizonte em 1946, a partir de sua versão em inglês, de 1939, traduzido por Teresa Reyles. No Brasil há duas traduções de seu livro mais famoso, *A guerra das salamandras*, uma pela Brasiliense (1988, por Rogério Silveira Muoio) e outra pela Record (2011, por Luís Carlos Cabral), além de *Histórias apócrifas*, pela Editora 34 (1994, por Aleksandar Jovanovic). O islandês Halldór Laxness, vencedor do Nobel de Literatura de 1955, teve dois livros publicados pela coleção Horizonte: *Gente independente*, de 1934/35, traduzido por Floreal Mazía da versão em inglês e editado em 1951, e *Salka Valka*, de 1931/32, traduzido do alemão por Juan Rodolfo Wilcock, em 1957. O primeiro deles, *Gente independente*, ganhou tradução no Brasil somente em 2005, por Cid Knipel, publicado pela Editora Globo de São Paulo. Por fim, a Horizonte publicou, em 1955, o

romance *La hora negra* (*Notas de un estudiante que murió loco*), do catalão Juan Sebastián Arbo, num provável caso de autotradução do catalão para o espanhol.



Figura 8: Capas dos livros dos romancistas Halldor Laxness (islandês), Karel Capek (tcheco) e Ole Edvart Rølvaag (norueguês), publicados pela Colección Horizonte, da Editorial Sudamericana.

A coleção Grandes Novelistas chegou a publicar nove títulos traduzidos de tradições literárias que podemos considerar periféricas em relação às línguas “centrais” da Europa Ocidental. Um deles foi *El poder de la nada* (*novela tibetana*), do Lama Yongden, publicado em 1955 e traduzido por María Alejandrina Rayces a partir da adaptação do original tibetano ao francês realizada por Alexandra David-Néel. De autores romenos foram publicados três títulos: um de Mircea Eliade, mais conhecido como pesquisador de História das Religiões, *La noche bengali*, romance de 1933 traduzido da versão francesa de 1950 por Manuel Peyrou e publicado em 1951; e dois de Constantin Virgil Gheorghiu, *La hora veinticinco*, em 1950, traduzido por Jesús Ruiz y Ruiz, e *La segunda oportunidad*, em 1953, traduzido por Hellen Ferro, ambos a partir da versão francesa. No Brasil, além dos inúmeros títulos publicados na área de Ciências Humanas, Mircea Eliade tem também publicados os romances *Senhorita Christina* (Tordesilhas, 2011) e *Uma outra juventude/Dayan* (Editora 34, 2016), ambos traduzidos diretamente do romeno por Fernando Klabin. Quanto a Virgil Gheorghiu, seu *best-seller* *A 25ª hora* foi publicado aqui pela Difusão Europeia do Livro em 1965.

O grande destaque da coleção Grandes Novelistas nessa área foi a publicação de cinco livros do sueco Pär Lagerkvist, ganhador do Nobel de Literatura de 1951. Todos eles foram traduzidos a partir de suas versões francesas, na seguinte ordem: *Barrabás*, romance de 1950,

em 1952, traduzido por Martín Aldao; *El enano*, de 1944, também em 1952; *El verdugo y otros cuentos*, de 1933, em 1954; *La sibila*, de 1956, em 1957; e *El paraíso: cuentos*, em 1959, sendo que os quatro últimos foram traduzidos por Fausto de Tezanos Pinto. No Brasil, a Globo de Porto Alegre publicou os romances *A morte de Ahasverus*, em tradução de Milton Amado, em 1964, na Coleção Catavento, e *Encontro com o mar*, em 1965, na Coleção Sagitário. Em 1970, a Civilização Brasileira publicou *O anão*, traduzido por Álvaro Cabral, como o volume 114 de sua Biblioteca do Leitor Moderno. Antes disso, porém, *Barrabás* foi publicado pelas Edições O Cruzeiro, em 1963, em tradução de Guttorm Hanssen, republicada pela Editora Delta em 1966 e pela Opera Mundi, em 1970.

### 3.3 Quem foram os tradutores

Nesta seção vamos tratar especificamente dos tradutores e tradutoras envolvidos/as com as quatro coleções que são o objeto de nossa análise neste capítulo. A participação ou o envolvimento de um tradutor com uma determinada editora, e, dentro dela, com uma coleção específica, pode assumir várias formas. Num nível mais corriqueiro, o tradutor é simplesmente contratado para traduzir um determinado livro, faz seu trabalho, entrega-o ao editor e é pago por isso, podendo voltar a ser contratado para realizar uma nova tradução, dependendo de como seu trabalho foi avaliado pelos editores e de sua própria disponibilidade de tempo, entre muitos outros fatores. Mas há casos em que os tradutores e tradutoras estabelecem uma relação de maior proximidade ou de afinidade com as editoras para as quais trabalham, e acabam se responsabilizando por uma grande quantidade de traduções, podendo mesmo chegar a se envolver na própria seleção dos títulos a serem traduzidos, exercendo assim, simultaneamente, o papel de mediadores culturais. Analisando os quadros apresentados no Capítulo 2, podemos verificar que o envolvimento dos tradutores com as diversas coleções, principalmente em termos de *número de traduções por tradutor*, se deu de modo bastante variado, podendo isso indicar um maior ou menor envolvimento com a própria editora ou com a coleção em questão, no caso dos tradutores com um maior número de títulos sob sua responsabilidade.

Em relação às duas editoras brasileiras, são bem conhecidos os casos de envolvimento direto de alguns tradutores com a própria concepção das coleções para as quais traduziriam, especialmente se pensarmos na Editora Globo e no papel desempenhado por Erico Verissimo. O escritor gaúcho foi empregado da Globo por muitos anos e esteve envolvido diretamente na

concepção de várias coleções da editora, entre elas a Coleção Nobel. Sua atuação na Globo se deu não apenas como tradutor, mas, principalmente, como uma espécie de conselheiro, pelo menos até o momento em que sua própria carreira como escritor começou a deslanchar, o que fez com que ele fosse se desvinculando progressivamente de suas funções como assessor literário, tradutor, editor e diretor de coleções, sempre lembrando que Erico Verissimo publicou toda sua obra de ficcionista na própria Globo.

Apesar dessa multiplicidade de funções, ou por isso mesmo, Erico chegou a traduzir sete títulos para a Coleção Nobel, seis deles entre 1933 e 1940 e um em 1948, quando sua carreira como escritor já se achava estabelecida. É um número respeitável, embora ele não tenha sido o tradutor com maior número de títulos publicados na coleção. Nesse quesito, ficou em quarto lugar: com um número maior de traduções vamos encontrar Vidal de Oliveira, que traduziu oito títulos, Leonel Vallandro, com 17 títulos (sendo um em parceria) e Mario Quintana, responsável pela tradução de 19 títulos. Não por acaso, Vallandro e Quintana pertenceram ao famoso quadro fixo de tradutores contratados pela Globo em meados da década de 1940, uma experiência editorial inédita no país e que até hoje não se repetiu. Durou pouco, por volta de dois anos, e se encerrou em 1947.<sup>81</sup>

Mario Quintana publicou seus primeiros títulos de poesia ainda nos anos 1940, pela própria Globo, mas, antes de se tornar conhecido nacionalmente como poeta, fez seu nome como tradutor, com destaque para a tradução dos quatro primeiros volumes de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. Já Leonel Vallandro era tradutor *full-time*, tendo assinado traduções em várias outras coleções da Globo (assim como Quintana) e colaborado com a editora até pelos menos meados dos anos 1960, inclusive publicando um *Dicionário Inglês-Português* em coautoria com seu irmão Lino Vallandro, o qual, por sua vez, chegou a traduzir cinco títulos para a Coleção Nobel.

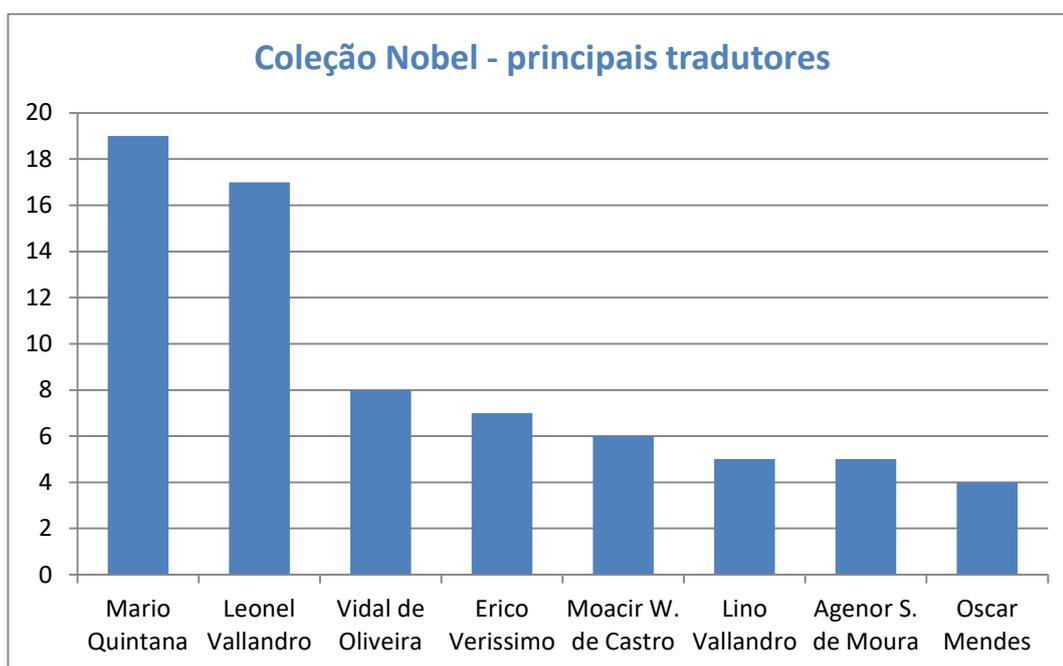
Outros tradutores de destaque da Coleção Nobel, além dos já citados, foram: Moacir Werneck de Castro (6 títulos, um deles em coautoria); Agenor Soares de Moura (5 títulos, sendo 4 de Thomas Mann, em tradução direta do alemão); Oscar Mendes (4 títulos, um deles em coautoria); e Herbert Caro (3 títulos, sendo dois de Thomas Mann, também direto do alemão, e um em coautoria). De resto, 33 tradutores traduziram um único título para a coleção, entre eles

---

<sup>81</sup> AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido*. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 97.

escritores de prestígio como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Lúcia Miguel Pereira; 11 tradutores verteram dois títulos cada, entre eles Hamílcar de Garcia, José Geraldo Vieira, Pepita de Leão e Theodomiro Tostes; e 4 tradutores foram responsáveis por três títulos cada (Casemiro Fernandes, De Souza Junior, Juvenal Jacinto e o já citado Herbert Caro).

O gráfico 1, abaixo, dá uma ideia visual da participação dos principais tradutores na Coleção Nobel, por número de títulos traduzidos (a partir de quatro traduções):

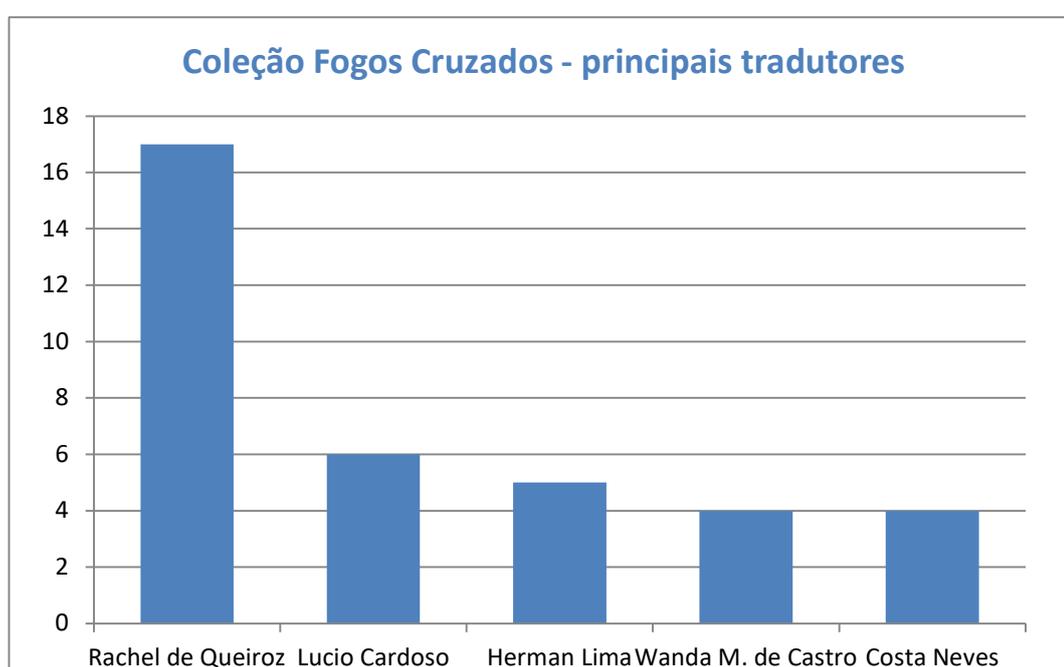


Quanto à Coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, a tradutora que ficou mais intimamente ligada àquela casa editorial foi Rachel de Queiroz. Embora não tenha desempenhado um papel tão claramente definido quanto o de Erico Verissimo na Globo, a atuação de Rachel de Queiroz junto à José Olympio ultrapassou em muito os limites de uma mera colaboração eventual. Somente para a Coleção Fogos Cruzados ela assinou a tradução de 17 títulos, além de outros 18 livros avulsos ou destinados a outras coleções da editora, a maioria deles editada entre 1940 e 1952, incluindo autores como Jane Austen, Balzac e Dostoiévski, este em traduções indiretas, a partir do francês, como vimos acima.

Nenhum outro tradutor colaborou tanto na Fogos Cruzados, em termos quantitativos, quanto Rachel de Queiroz. Outros tradutores com um número significativo de trabalhos publicados na coleção foram: Lúcio Cardoso (6 títulos), Herman Lima (5), Wanda Murgel de

Castro e Costa Neves (com 4 cada). Afora isso, 30 tradutores (contabilizando 5 traduções feitas em dupla) compareceram com um título cada, entre eles Adalgisa Nery, Brito Broca, Rosario Fusco, Rubem Braga e Graciliano Ramos; 11 tradutores colaboraram com 2 títulos cada, entre eles Berenice Xavier e Dinah Silveira de Queiroz; e 6 tradutores aparecem com três títulos cada, entre eles José Geraldo Vieira e Oscar Mendes, que também contribuíram para a Coleção Nobel, da Globo, como vimos.

O gráfico 2, abaixo, nos dá uma ideia visual da participação dos principais tradutores na Coleção Fogos Cruzados, por número de títulos traduzidos (a partir de quatro traduções):

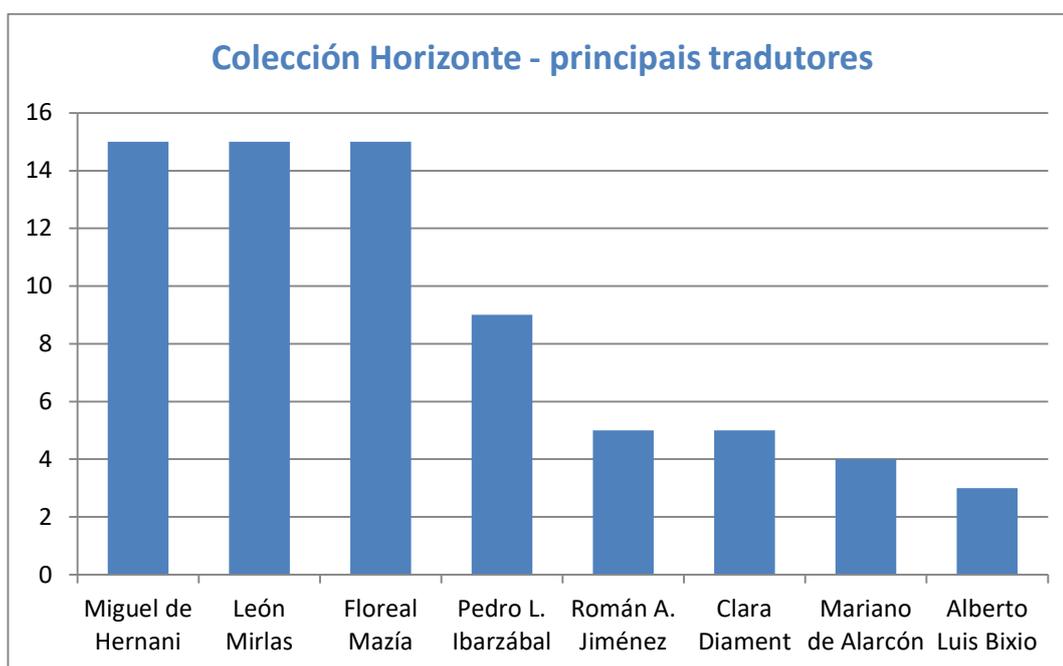


Comparada com as coleções brasileiras no quesito “número de traduções por tradutor”, a Colección Horizonte, da Editorial Sudamericana, apresenta um quadro um pouco mais democrático. Se a Nobel teve em Mario Quintana e em Leonel Vallandro, tomados em conjunto, os responsáveis pela tradução de 36 títulos da coleção (aproximadamente um quarto do total), e Rachel de Queiroz foi a responsável, sozinha, pela tradução de mais de 15% dos títulos publicados na Fogos Cruzados, os argentinos da Horizonte que se responsabilizaram por um maior número de traduções foram três: Miguel de Hernani, León Mirilas e Floreal Mazía (sendo duas em parceria com Clara Diamant). Cada um deles traduziu 15 livros, sendo responsáveis, em conjunto, por mais de 30% das traduções publicadas na coleção.

Outros tradutores de destaque foram Pedro Lecuona Ibarzábal, com 9 traduções, Román

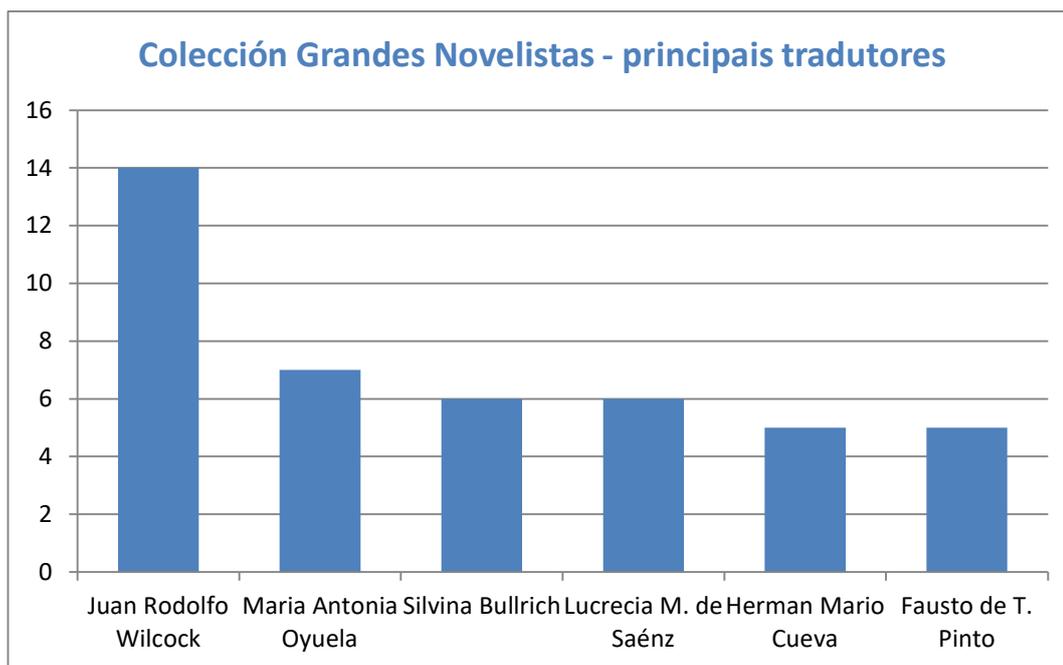
A. Jiménez e Clara Diament, com 5, Mariano de Alarcón, com 4, e Alberto Luis Bixio, com 3. Afora isso, 11 tradutores foram responsáveis pela tradução de dois títulos cada – entre eles os escritores Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Silvina Bullrich – e 37 traduziram apenas um título para a coleção, entre eles Aurora Bernárdez (que iria traduzir muito mais nos anos 1960), Juan Rodolfo Wilcock e María Rosa Oliver.

No gráfico 3, abaixo, podemos visualizar a participação dos principais tradutores na Colección Horizonte, por número de títulos traduzidos (a partir de três traduções):



Finalmente, a Colección Grandes Novelistas, da Editorial Emecé, nos dá um panorama mais parecido, neste quesito, com o da Fogos Cruzados, da José Olympio. Há um único tradutor responsável por verter 14 títulos – o mesmo Juan Rodolfo Wilcock que compareceu com apenas uma tradução na coleção da Sudamericana – e cinco tradutores responsáveis, em conjunto, por 29 títulos publicados na coleção: Maria Antonia Oyuela (com 7), Lucrecia Moreno de Saénz e Silvina Bullrich (com 6 cada), e Fausto de Tezanos Pinto e Herman Mario Cueva (com 5 cada). Afora isso, 4 tradutores verteram 3 títulos cada (entre eles o mesmo Alberto Luis Bixio presente na Sudamericana), 7 tradutores compareceram com duas traduções cada e 29 tradutores foram responsáveis por uma única tradução.

No gráfico 4, abaixo, podemos visualizar a participação dos principais tradutores da Colección Grandes Novelistas, por número de títulos traduzidos (a partir de cinco traduções):



Assim, levando-se em consideração as quatro coleções analisadas, encontramos apenas sete tradutores que verteram um número superior a dez títulos cada, em suas respectivas editoras/coleções: Mario Quintana (19) e Leonel Vallandro (17) para a Globo/Nobel; Rachel de Queiroz (17) para a JO/Fogos Cruzados; Miguel de Hernani, León Mirlas e Floreal Mazía (15 cada) para a Sudamericana/Horizonte; e Juan Rodolfo Wilcock (14) para a Emecé/Grandes Novelistas. Tomados em conjunto, os sete traduziram 112 títulos dos cerca de 465 publicados pelas quatro editoras no período abordado, ou seja, quase  $\frac{1}{4}$  (ou 25%) do total.

Dos três brasileiros citados, Leonel Vallandro foi o único que se dedicou primordialmente à tradução, fazendo dela sua profissão, enquanto Mario Quintana acabou por construir uma carreira como poeta e Rachel de Queiroz seguiu atuando como romancista e cronista. Ambos relegaram a tradução a uma posição secundária em suas atividades, por mais que ela tenha se constituído em seu principal ganha-pão ao longo de muitos anos. Dos quatro argentinos elencados, embora todos possam ter tido alguma ambição literária, o único a ter uma carreira reconhecida como escritor foi Juan Rodolfo Wilcock, autor de diversos livros de poesia e prosa, muitos deles escritos em italiano e traduzidos postumamente ao espanhol para edição na Argentina. Um deles, *A sinagoga dos iconoclastas*, foi publicado no Brasil em 2015, traduzido do italiano por Davi Pessoa para a coleção Otra Língua, da Editora Rocco.

O número de total tradutores envolvidos com as quatro coleções analisadas chegou a 210,

tendo sido traduzidos 465 títulos no total, o que dá uma média de aproximadamente dois títulos por tradutor, uma média totalmente artificial, que não faz qualquer sentido se for considerada em si mesma. Melhor colocar a situação noutros termos e dizer que, dentre estes 210 tradutores, a imensa maioria (184, para ser exato) realizou de uma a três traduções, chegando a um total conjunto de aproximadamente 250 títulos; um grupo intermediário, formado por 19 tradutores, realizou de 4 a 9 traduções cada (numa média de pouco mais de 5 por tradutor), chegando a um total de 106 títulos; e os *big seven*, aos quais nos referimos há pouco, traduziram 112 títulos, na média exata de 16 títulos para cada um. Em números bastante arredondados, aqueles 184 tradutores foram responsáveis pela tradução de aproximadamente 55% dos títulos publicados nas quatro coleções, enquanto os outros 45% ficaram nas mãos de apenas 26 tradutores.

### 3.3.1 Homens e mulheres

Quanto à distribuição destes tradutores por sexo, percebemos que, entre estes 210 tradutores, encontram-se 157 homens e apenas 53 mulheres, ou seja, há uma (des)proporção de aproximadamente 3 para 1 (75% de homens e 25% de mulheres), (des)proporção que se mantém no mesmo patamar se computarmos o número total de títulos traduzidos por homens (352) e por mulheres (113) nas quatro coleções como um todo.

Há, porém, alguns dados interessantes para analisarmos, pensando estes números em relação a cada coleção individualmente. A mais equânime delas, neste quesito, foi a Colección Grandes Novelistas, da Emecé, que empregou 26 homens e 20 mulheres para a tradução de 97 títulos ao longo do período aqui analisado (lembrando que foram publicados alguns títulos de literatura de língua espanhola na coleção, ou seja, títulos que não precisaram ser traduzidos). A proporção, neste caso, foi de 57% de homens e 43% de mulheres, que se reflete igualmente no número de títulos traduzidos (55 e 42, respectivamente).

A Coleção Fogos Cruzados, da José Olympio, foi a que ficou na média em relação ao número de homens e mulheres envolvidos na tradução, ou seja, apresenta os mesmos 75% de homens e 25% de mulheres, mas com um detalhe importante: no que se refere ao número de títulos traduzidos por homens e mulheres, a proporção ficou em 60% (H) e 40% (M). Como já deve ter ficado claro, o fator “desequilibrante” (ou, bem ao contrário, o fator que tornou a proporção um pouco mais equilibrada) foi o fato de a tradutora Rachel de Queiroz ter se

responsabilizado, sozinha, pela tradução de 17 títulos da coleção. Assim, 61 deles foram traduzidos por 40 homens e os outros 40 títulos editados foram traduzidos por 13 mulheres.

Se a coleção da Emecé foi a mais equilibrada no quesito da distribuição das traduções entre homens e mulheres e a da José Olympio ficou exatamente na média, os casos das coleções Horizonte (da Sudamericana) e Nobel (da Globo) foram os mais exagerados (para não dizer vergonhosos) na (des)proporção. Os números relativos às duas editoras são muito semelhantes, com a Globo sendo marginalmente “pior”: a proporção ficou ao redor de 80% de homens e 20% de mulheres (81% contra 19% na Horizonte; 82% contra 18% na Nobel). Se pensarmos no número de títulos traduzidos, o panorama é ainda mais desolador: os 46 tradutores presentes na coleção Horizonte foram responsáveis por verter 113 títulos (87%), enquanto as 11 tradutoras ficaram com apenas 17 deles (13% do total); na coleção Nobel, os 50 tradutores empregados verteram 123 títulos (90%) e as 11 tradutoras se responsabilizaram por não mais que 14 deles (10% do total).

Como se pode perceber, embora a tradução tenha sido, historicamente, uma das principais formas de acesso das mulheres a alguma atividade profissional diretamente vinculada ao campo literário, tanto no Brasil quanto na Argentina, o predomínio de tradutores do sexo masculino era ainda inequívoco, pelo menos no período analisado, as décadas de 1930, 1940 e 1950. Neste sentido, é ainda mais significativo ressaltar a importância do trabalho de Rachel de Queiroz na coleção Fogos Cruzados e na Editora José Olympio, de modo geral, sinalizando uma diferença importante, neste quesito, em relação às outras editoras de que tratamos.

## INTERMEZZO

Entre o período analisado nos capítulos anteriores (compreendido pelas décadas de 1930, 1940 e 1950) e o que será analisado no próximo capítulo (as duas décadas iniciais do século XXI), e que constituem o objeto principal do presente trabalho, permeia, evidentemente, um longo espaço de tempo que engloba as quatro últimas décadas do século XX. Embora não sejam o objeto central deste estudo – seria preciso escrever uma outra tese para tratar adequadamente de época tão rica –, convém referir algo a seu respeito, para que não se fique com a impressão de que as mudanças entre os períodos analisados foram abruptas.

O pesquisador argentino Gustavo Sorá aponta um número total de 412 traduções de obras de autores brasileiros na Argentina entre 1900 e 1994, sendo 259 entre 1961 e 1994, e, entre estas, 130 apenas entre 1971 e 1980, com destaque para as editoras El Ateneo, Sudamericana, Calicanto, Losada, De la Flor, Macondo e o Centro de Estudios Brasileños.<sup>82</sup>

Um dos autores com maior número de títulos publicados foi o romancista Jorge Amado, que teve mais de dez títulos traduzidos pela Editorial Futuro, começando ainda em fins da década de 1950 e estendendo-se até 1962. Entre os títulos publicados, a maioria deles na Colección Los Novelistas, encontram-se novas traduções dos romances *Mar muerto*, por Raul Navarro, e *Cacao*, por Haydée Jofre Barroso, ambas de 1958 (os dois romances haviam sido publicados pela Editorial Claridad nos anos 1930/1940, como vimos no Capítulo 1), além de *Jubiabá*, traduzido por Raul Navarro, e *Gabriela, clavel y canela*, traduzido por Haydée Jofre Barroso, ambos publicados em 1959. Além destes, e de outros não citados, a Editorial Futuro republicou duas traduções de Carmen Alfaya para livros de Jorge Amado que tinham sido previamente publicados pela editora Pueblos Unidos, de Montevideú, na década de 1940: *San Jorge de los Ilheus* e *Tierras del sinfín*. A obra de Jorge Amado conheceu novo surto editorial na Argentina na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, quando seus livros passaram a ser publicados pela Editorial Losada em novas traduções, a maioria delas assinada por Basilio Losada ou por Estela dos Santos.

Mas o grande fenômeno editorial, no que se refere a autores brasileiros publicados na

---

<sup>82</sup> SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*. Una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003, p. 65.

Argentina nas décadas de 1970 e 1980, foi o romancista José Mauro de Vasconcelos, dedicado basicamente à literatura infanto-juvenil. Apesar de comumente ignorado pela crítica literária brasileira, nada menos do que 16 livros de Vasconcelos foram publicados pela Editorial El Ateneo entre 1971 e 1981, a grande maioria em traduções de Haydée Jofre Barroso, entre eles *Mi planta de naranja-lima* (1971), em catálogo até hoje, *Vamos a calentar el sol* (1975), *Corazón de vidrio* (1976), *La cena* (1977), *Rosinha, mi canoa* e *Calle descalza* (1978).

Além das traduções dos livros de Jorge Amado para a Editorial Futuro e dos de José Mauro Vasconcelos para a El Ateneo, Haydée Jofre Barroso também foi a responsável pela tradução de quatro dos sete títulos de Clarice Lispector publicados na Argentina ao longo da década de 1970 (veremos, mais adiante, que praticamente toda a obra da escritora brasileira foi publicada, em anos recentes, pelas editoras Corregidor, El Cuenco de Plata e Adriana Hidalgo). Os livros de Lispector traduzidos por Barroso nos anos 1970 foram: *Lazos de familia* (1973) e *Agua viva* (1975), pela Editorial Sudamericana, *El via crucis del cuerpo* (1975), pela Santiago Rueda, e *La araña* (1977), tradução do romance *O lustre* publicada pela Corregidor. Os outros livros de Clarice Lispector publicados nos anos 1970 na Argentina foram *La manzana en la oscuridad* (1974) e *Un aprendizaje o El libro de los placeres* (1975), traduzidos por Juan García Gayo para a Sudamericana, e o livro infantil *El misterio del conejo que sabia pensar: cuento policial para chicos* (1974), tradução de Mario Trejo para Ediciones De la Flor. Haydée Jofre Barroso também traduziu, para a Sudamericana, obras de José Cândido de Carvalho (*El coronel y el lobisón*, 1974) e de Dalton Trevisan (*El vampiro de Curitiba*, 1976).

Também nos anos 1970, o poeta e cronista Vinicius de Moraes teve cinco livros publicados pela Editorial De la Flor, entre eles *Para vivir um gran amor*, traduzido por René Palacios More e Mario Trejo, e *Para una muchacha com una flor*. Os dois livros, reunindo crônicas e poemas, tinham sido publicados no Brasil pela Editora do Autor, em 1961 e 1966, respectivamente. Duas outras editoras apontadas por Sorá publicaram obras importantes de autores brasileiros neste período: a Editorial Macondo publicou, em 1980, *La moderna literatura brasileña*, de Afrânio Coutinho, com prólogo e tradução de Haydée Jofre Barroso, e a Calicanto publicou, nos anos finais da década de 1970, uma série de livros de poesia traduzidos por Santiago Kovadloff, entre eles *Amar-amargo y otros poemas*, de Carlos Drummond de Andrade, *Hombre común y otros poemas*, de Ferreira Gullar, *Objetos perdidos y otros poemas*, de Mario Quintana, *La virgen imprudente y otros poemas*, de Murilo Mendes, e

*Las voces solidarias*, uma antologia bilíngue de poesia brasileira contemporânea.

Cabe ainda referir, acompanhando o trabalho de Gustavo Sorá, 13 obras de caráter religioso publicadas pelas Ediciones Paulinas entre 1978 e 1990 (entre elas algumas obras do Padre Zezinho), uma nova onda de traduções de Jorge Amado pela Editorial Emecé, nos anos 1980 e 1990, e a edição e tradução das obras de Paulo Coelho pela Editorial Planeta a partir de 1991.

Quanto à publicação de autores argentinos no Brasil nas quatro últimas décadas do século XX, veremos que foi justamente a partir dos anos finais da década de 1960 que começou a aumentar o interesse das editoras brasileiras pela tradução de literatura hispano-americana, de modo geral, e pela argentina, em particular. Uma parte destas traduções foi publicada em coleções específicas dedicadas à literatura hispano-americana, e, dentro delas, foi marcante a presença de autores argentinos. Mas também houve muita tradução “isolada” de autores argentinos, principalmente a partir da década de 1970.

Se tomarmos como ponto de partida a publicação do primeiro livro de Jorge Luis Borges traduzido no Brasil – a *Nova antologia pessoal*, publicada pela Editora Sabiá em 1969 – e como ponto final o ano de 1999 – quando se conclui a edição das *Obras Completas* do mesmo autor pela Globo Livros, de São Paulo – veremos que, num espaço de 30 anos, foram publicados mais de 170 livros de autores argentinos no Brasil. A seguir, vamos destacar a trajetória editorial de alguns dos mais importantes.

Depois da *Nova antologia pessoal*, a obra de Borges passou a ser publicada pela Editora Globo de Porto Alegre, que editou sete livros do autor entre 1970 e 1982; outros oito livros de Borges foram publicados por editoras diversas entre 1982 e 1992, até que a Globo paulista editou os quatro volumes das *Obras Completas* entre 1998 e 1999. Depois disso, já nos anos 2000, a obra do autor passou a ser publicada pela Companhia das Letras. Outro autor cuja obra traduzida no Brasil começou a tomar impulso na mesma época foi Julio Cortázar: somente na década de 1970 foram publicados dez de seus livros, seis deles pela Civilização Brasileira (entre eles *O jogo da amarelinha*), dois pela Expressão e Cultura e dois pela Perspectiva. Entre 1981 e 1985, a Editora Nova Fronteira publicou cinco de seus livros, mas também a Brasiliense, a José Olympio e a Civilização Brasileira (já como um selo do Grupo Record) editaram suas obras, esta última já na virada do século. Como aconteceu com Borges, atualmente a obra de

Cortázar vem sendo publicada pela Companhia das Letras (que, não custa lembrar, passou a fazer parte do grande conglomerado Penguin Random House – leia-se Grupo Bertelsmann).

Outros autores argentinos de destaque a serem publicados no Brasil nas últimas décadas do século XX foram: Manuel Puig (três livros ao longo da década de 1970, sete durante a década de 1980); Ricardo Piglia (seis livros pela Editora Iluminuras entre 1987 e 1997, até sair o primeiro pela Companhia das Letras em 1998); Bioy Casares (quatro livros entre 1972 e 1991, por três editoras diferentes); Roberto Arlt, com uma tradução de *Os sete loucos* dentro da coleção Latino-América, da Francisco Alves, em 1982, e vários livros pela Iluminuras, já em fins da década de 1990; e Ernesto Sábato, com uma edição pioneira de *O túnel* pela Civilização Brasileira em 1961, seis livros pela Francisco Alves entre 1980 e 1991 mais três livros por outras editoras.

Como era de se esperar, houve um grande predomínio da publicação de livros de autoria masculina. A única autora argentina publicada extensivamente no Brasil nas quatro décadas aqui referidas foi a romancista Silvina Bullrich – uma *best-seller* em seu país – que teve seis livros traduzidos aqui, cinco pela Record e o romance *Um momento muito longo* pela Expressão e Cultura, que também publicou livros de Beatriz Guido e de Marta Lynch no início dos anos 1970. A publicação massiva de autoria feminina ficou mesmo para as primeiras décadas do século XXI, num movimento que vem ganhando cada vez mais força; no entanto, cabe citar outras autoras publicadas no período aqui abordado.

A ensaísta Beatriz Sarlo talvez seja o melhor exemplo para visualizarmos esse descompasso: seu único livro editado no Brasil antes dos anos 2000 foi *Cenas da vida pós-moderna*, publicado em 1997 pela Editora da UFRJ; depois dele, Sarlo teve outros nove livros traduzidos no país, entre 2005 e 2015. Outras autoras: Luisa Valenzuela, com *Troca d'armas* (1986), pela Art Editora (numa coleção chamada *As escritoras*); Vlady Kociancich, com *Abissínia* (1987), pela Paz e Terra (numa coleção chamada *Mulheres e Literatura*); Sylvia Molloy, com *Em breve cárcere* (1995), pela Iluminuras; e Alicia Dujovne Ortiz, com *Eva Perón, a Madona dos descamisados* (1996), pela Record, que viria a publicar outros dois livros da autora já nos anos 2000. É interessante observar que a publicação dos livros de Luisa Valenzuela e de Vlady Kociancich se deu no contexto de coleções dedicadas exclusivamente a obras de autoria feminina.

## **CAPÍTULO 4 – TRADUÇÃO DE LITERATURA BRASILEIRA NA ARGENTINA E DE LITERATURA ARGENTINA NO BRASIL NO SÉCULO XXI**

Como já foi dito na introdução a esse trabalho, realizamos um levantamento das obras de literatura brasileira traduzidas na Argentina nas duas últimas décadas, a fim de verificar de que forma elas foram apresentadas aos leitores (de forma isolada, em séries, em coleções, etc.), por quem foram editadas, quem foram os tradutores responsáveis pela versão das obras em espanhol, quais os gêneros literários privilegiados, quais os autores escolhidos, quais os critérios que levaram editores e/ou tradutores à escolha das obras traduzidas.

Com base nesse levantamento, foi possível aventar a hipótese de que a inserção da literatura brasileira traduzida no mercado argentino, quando não ocorre isoladamente, mas no contexto de alguma *coleção*, tem se dado, basicamente, de três modos distintos. Creio que isso pode ser demonstrado ao analisarmos três diferentes coleções, de três editoras argentinas, que vêm sendo publicadas desde o início dos anos 2000.

A primeira delas é a *Vereda Brasil*, publicada por Ediciones Corregidor, coleção que, como o nome indica, está dedicada exclusivamente à tradução e publicação de autores brasileiros; a segunda coleção é a *latinoamericana*, publicada pela editora El Cuenco de Plata, em que a literatura brasileira encontra-se mesclada à de outros países latino-americanos, especialmente o Uruguai; por fim, a coleção *Narrativas*, da editora Adriana Hidalgo, em que as obras dos autores brasileiros se encontram misturadas às de outros escritores estrangeiros, numa coleção dedicada à tradução de literatura estrangeira em geral.

A seguir, apresentamos uma visão geral de cada uma dessas coleções, situando-as no catálogo das editoras que as publicam e no contexto mais amplo do mundo editorial argentino. Vamos nos referir também, brevemente, às obras de escritores brasileiros traduzidas e publicadas na Argentina por outras editoras, seja em coleções ou de maneira isolada.

### **4.1 Coleção *Vereda Brasil* – Ediciones Corregidor**

A editora Corregidor, fundada pelo espanhol Manuel Pampín, acabou de completar 50 anos, e continua em plena atividade. Desde a publicação do primeiro livro, em 1971, uma

reedição de *Los caudillos de la Revolución de Mayo*, obra do historiador argentino Rodolfo Puiggrós, a Corregidor tem publicado livros nas mais diversas áreas, organizados em coleções, especialmente coleções dedicadas à publicação de poesia e de prosa de ficção (argentina, latino-americana e mundial), à crítica e ao ensaio literários, aos ensaios historiográficos e sociológicos, à política argentina, à cultura popular argentina (principalmente ao tango), ao teatro e ao cinema. A Corregidor sempre se caracterizou por ser uma empresa familiar, e é atualmente dirigida pelas filhas e filhos de Manuel Pampín. Além disso, deve-se destacar o fato de que a empresa resistiu bravamente à onda de aquisições de editoras argentinas por parte dos grandes conglomerados de mídia, processo iniciado nos anos 1990 e que se estende pelo século XXI adentro, e mantém-se até hoje como uma empresa de capital argentino, tendo publicado cerca de três mil títulos desde sua fundação.<sup>83</sup>

No que se refere à literatura argentina, a Corregidor, além de ter colocado em circulação a obra (tão completa quanto possível, em nove volumes) de Macedonio Fernández, mentor de Jorge Luis Borges e um dos grandes mitos da literatura de seu país, publicou também uma notável coleção dedicada a alguns dos maiores poetas argentinos do século XX, em especial “sete autores que tiveram uma produção forte na segunda metade do século passado e tornaram-se os mestres das novas gerações”.<sup>84</sup> Estes autores foram Enrique Molina, Alberto Girri, Edgar Bayley, Olga Orozco, Juan Gelman, Susana Thénon e Alejandra Pizarnik, as duas últimas recentemente traduzidas no Brasil.<sup>85</sup> Vale notar que alguns destes livros, quando publicados, reuniram pela primeira vez a poesia completa de seus autores até aquele momento, caso de *La morada imposible*, de Susana Thénon, publicado postumamente em 2001, e *Obra poética*, de Olga Orozco, cuja primeira edição é de 1979.

Para além da atenção dedicada à literatura argentina, que conta também com outras coleções, como a *Ediciones académicas de literatura argentina*, e com a publicação esparsa de ensaios e teses do âmbito acadêmico, a Corregidor se destaca por ter criado coleções que contemplam diferentes aspectos da literatura latino-americana. A *Archipiélago Caribe*, coleção dirigida por María Fernanda Pampín, dedica-se à publicação de textos representativos da literatura caribenha contemporânea, em que se destacam o porto-riquenho Eduardo Lalo e o

---

<sup>83</sup> LAFFORGUE, Jorge. *Manuel Pampín, editor argentino*. El artífice de Corregidor. Buenos Aires: Colihue, 2017.

<sup>84</sup> Idem, p. 112.

<sup>85</sup> De Alejandra Pizarnik foram publicados *Os trabalhos e as noites* e *Árvore de Diana*, ambos traduzidos por Davis Diniz (Belo Horizonte: Relicário, 2018); de Susana Thénon, *Ova completa*, traduzido por Angélica Freitas (São Paulo: Edições Jabuticaba, 2020).

cubano Marcial Gala, ambos com vários romances publicados. A coleção *Vía México*, dirigida por Valeria Añon e Ezequiel de Rosso, publicou, entre outros, um livro de ensaios de Sergio Pitol, *La pátria del language. Lecturas y escrituras latinoamericanas*, e um romance de Jorge Ibargüengoitia, *Las muertas*. Já a coleção *Letras al sur del Río Bravo*, iniciada em 1999, lança mão do vasto fundo editorial da Corregidor para oferecer volumes de obras seletas (em poesia e prosa) de autores tão diversos quanto os cubanos Virgilio Piñera e Alejo Carpentier, os argentinos Macedonio Fernández e Oliverio Girondo, o peruano Cesar Vallejo e os uruguaios Juan Carlos Onetti e Felisberto Hernández. Por fim, a coleção *La inteligencia americana* reúne textos fundamentais de autores clássicos da literatura latino-americana, “em edições rigorosas e eruditas, com aparato crítico e atualização bibliográfica, elaboradas por estudiosos locais”,<sup>86</sup> a partir de necessidades relacionadas com os programas de ensino da literatura latino-americana na Universidade de Buenos Aires. Alguns dos títulos publicados são *Naufragios*, de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, e *Nocturna, mas no funesta*, de Sor Juana Inés de la Cruz.

É nesse contexto que devemos situar a criação de uma coleção como a *Vereda Brasil*, dedicada exclusivamente à literatura brasileira, nascida também a partir de necessidades relacionadas ao ensino desta matéria na universidade argentina. Criada em 2001, sob a direção de Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar, dois especialistas na matéria, a coleção conta atualmente com mais de trinta títulos, dos quais falaremos em seguida. Num texto assinado pelos dois diretores da coleção, publicado no livro *Manuel Pampín, editor argentino: El artífice de Corregidor*, de Jorge Lafforgue, vislumbramos os motivos que levaram à criação da *Vereda Brasil*:

(...) Havíamos nos dedicado à literatura brasileira e começávamos a dar aulas sobre literatura brasileira na universidade argentina, com a intenção de transformar uma área que não tinha uma grande tradição em nosso país. Queríamos, entre outras coisas, formar uma biblioteca de traduções que tivesse um olhar crítico e que criasse um território novo. Fazer uma coleção parecia uma boa opção, quase previsível, mas também sabíamos que as coleções têm muitas dificuldades para sobreviver e ter continuidade. (...) [A Corregidor] tinha um fundo editorial de muito prestígio (Macedonio, Pizarnik, Girri, Orozco, Gelman), e seu diretor, Manuel Pampín, tinha fama de ser um pouco quixotesco e de não temer as causas que pareciam perdidas. Depois de um trabalho intenso com Manuel e suas filhas, María Fernanda e Paula, e com Norberto Gugliotella, publicamos os primeiros títulos: *Escritos antropófagos*, de Oswald de Andrade, uma antologia de Gregório de Matos [*Sátiras y otras maledicências*], e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Com uma ideia da literatura destituída de preconceitos, os livros saíram com estudos críticos dos mais reconhecidos críticos brasileiros, e esse formato se mantém até os dias de hoje. Já são trinta títulos, numa coleção que combina clássicos da literatura brasileira com a

---

<sup>86</sup> LAFFORGUE, Jorge. *Manuel Pampín, editor argentino*. El artífice de Corregidor. Buenos Aires: Colihue, 2017, p. 149.

produção mais recente. Quando foram vendidos os direitos de publicação da obra de Clarice Lispector para a América Latina, a *Vereda Brasil* pareceu ser o destino lógico para grande parte desses livros, e criou-se, dentro da grande coleção, a Biblioteca Clarice Lispector.<sup>87</sup>

### **Biblioteca Clarice Lispector**

A Biblioteca Clarice Lispector constituiu-se, portanto, numa série, ou subcoleção, dentro da coleção maior, a *Vereda Brasil*. Clarice Lispector estava longe de ser inédita no mercado argentino: a própria Corregidor havia publicado, em 1977, uma tradução do romance *O lustre* [*La araña*], por Haydée Jofre Barroso. A década de 1970, aliás, foi pródiga em termos de traduções de obras de Clarice Lispector na Argentina: nada menos que sete de seus livros foram publicados em Buenos Aires ao longo daquela década, sendo quatro deles traduzidos por Haydée Jofre Barroso. Além do já citado *O lustre* [*La araña*], Haydée traduziu também os livros de contos *A via crucis do corpo* [*El via crucis del cuerpo*], publicado pela Santiago Rueda em 1975, e *Laços de família* [*Lazos de familia*], além do romance *Água viva* [*Agua viva*], os dois últimos publicados pela Editorial Sudamericana em 1973 e 1975, respectivamente. Além destes, a Sudamericana publicou também as traduções dos romances *A maçã no escuro* [*La manzana en la oscuridad*], em 1974, e, no ano seguinte, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* [*Un aprendizaje o El libro de los placeres*], ambas a cargo do poeta argentino Juan García Gayo, que já havia publicado duas traduções de livros de Clarice Lispector pela editora venezuelana Monte Ávila: o romance *A paixão segundo G.H.* [*La pasión según G.H.*], em 1969, e o livro de contos *A legião estrangeira* [*La legión extranjera*], em 1971. Completando este panorama, a Ediciones De la Flor, famosa pela publicação das tiras da personagem Mafalda, criação do desenhista Quino, publicou, em 1974, um livro infantil de Clarice Lispector, *O mistério do coelho pensante* [*El misterio del conejo que sabia pensar: cuento policial para chicos*], em tradução do poeta Mario Trejo.

A respeito do trabalho destes dois tradutores, cabe ressaltar que, além dos livros de Clarice Lispector, ao longo da década de 1970 tanto Haydée Jofre Barroso quanto Juan García Gayo traduziram obras do contista paranaense Dalton Trevisan: García Gayo traduziu *Novelas Nada Ejemplares* (1970) e *La guerra conyugal* (1972) para a editora Monte Ávila, de Caracas, ao passo que Haydée traduziu *El Vampiro de Curitiba* para a Sudamericana, de Buenos Aires,

---

<sup>87</sup> LAFFORGUE, Jorge. *Manuel Pampín, editor argentino*. El artífice de Corregidor. Buenos Aires: Colihue, 2017, p. 141.

volume publicado em 1976 na Colección Horizonte, mesma coleção que abrigou os quatro livros de Clarice Lispector publicados pela editora naquela década. Além disso, os dois tradutores tiveram trabalhos publicados na famosa Biblioteca Ayacucho, dirigida por Ángel Rama: Haydée traduziu dois romances de Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *O triste fim de Policarpo Quaresma*, reunidos no volume 49 da coleção, *Dos Novelas: Recuerdos del escribiente Isaías Caminha/El triste fin de Policarpo Quaresma*, publicado em 1978, e García Gayo traduziu o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, publicado em 1979 como volume 52 da coleção.

Depois deste primeiro momento de circulação de parte da obra de Clarice Lispector na Argentina, com traduções realizadas por tradutores locais, e também depois de sua obra ter circulado a partir de traduções realizadas e publicadas na Espanha, principalmente pelas Ediciones Siruela, chegou o momento, a partir de 2010, em que os direitos de publicação de sua obra em espanhol foram divididos entre a Espanha e a América Latina, conforme decisão da agente literária Carmen Balcells e dos herdeiros da escritora. Com isso criou-se a possibilidade de que seus livros tivessem duas traduções diferentes para o espanhol, uma para circular na Espanha e outra para circular na América Latina. Foi nesse contexto, como já referido no texto assinado por Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar para o livro de Lafforgue em homenagem a Manuel Pampín, que as editoras argentinas passaram novamente a publicar a obra de Clarice Lispector, em novas traduções.

Em entrevista concedida a Tatiana Lima Faria, publicada como apêndice de sua dissertação de mestrado, *Intersecção entre mercado editorial e pesquisa acadêmica: análise da coleção Vereda Brasil*, Gonzalo Aguilar faz referência a essa divisão dos direitos de tradução da obra de Clarice Lispector na Argentina entre as editoras Corregidor e El Cuenco de Plata.<sup>88</sup> De fato, assim como a Corregidor, a editora El Cuenco de Plata chegou a publicar oito livros de Lispector na Argentina entre 2010 e 2012, acrescidos de dois volumes com textos variados da escritora, publicados em 2015 e 2016, antes do término do contrato que lhe concedia o direito à publicação das obras da escritora, como veremos.

Em 2010, portanto, a editora Corregidor deu início à publicação da Biblioteca Clarice Lispector, integrando-a à coleção *Vereda Brasil*, e nela editou, até 2013, oito livros da autora,

---

<sup>88</sup> FARIA, Tatiana Lima. *Intersecção entre mercado editorial e pesquisa acadêmica: análise da coleção Vereda Brasil*. Dissertação de mestrado. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-03042017-125156/publico/2016\\_TatianaLimaFaria\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-03042017-125156/publico/2016_TatianaLimaFaria_VCorr.pdf)

sete dos quais em novas traduções, encomendadas especialmente para a coleção, além de ter resgatado a tradução de Haydée Jofre Barroso para *O lustre* [*La araña*] – segundo romance da autora, publicado no Brasil em 1946 pela Editora Agir –, reeditando-a na Biblioteca Clarice Lispector em 2010, com prólogo de Raúl Antelo.

Além deste, foram publicados os romances: *La ciudad sitiada* [*A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: A Noite, 1949], o terceiro da autora, traduzido por Florencia Garramuño; *Un aprendizaje o El libro de los placeres* [*Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969], o sexto publicado por Lispector, traduzido por Rosario Hubert; e *Un soplo de vida (pulsaciones)* [*Um sopro de vida. Pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978], o último da autora, publicado postumamente, traduzido por Paloma Vidal. Já a novela *La hora de la estrella* [*A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977], publicada no Brasil no ano da morte de Lispector, foi traduzida para a coleção por Gonzalo Aguilar, sendo que já havia uma edição anterior da obra na Argentina, publicada em 1989 pela Biblos Editorial, em tradução de Mônica Serra e Irene Silva. Publicaram-se também os livros de contos *La legión extranjera* [*A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964], traduzido por Paloma Vidal, *El via crucis del cuerpo* [*A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974] e *La bella y la bestia* [*A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979], os dois últimos traduzidos por Gonzalo Aguilar.

Em 2019, segundo informação obtida em entrevista com a editora María Fernanda Pampín, a Corregidor comprou os direitos de tradução de mais cinco títulos de Clarice Lispector, previamente publicados pela El Cuenco de Plata, cujo contrato relativo à publicação da obra da escritora brasileira havia vencido. Estes cinco títulos foram publicados em 2020, em novas traduções: o livro de contos *Felicidad clandestina*, traduzido por Marcelo Cohen; o romance *Cerca del corazón salvaje*, traduzido por Florencia Garramuño; *La pasión según G.H.*, por Gonzalo Aguilar; *Agua viva*, por Mario Cámara; e o livro de contos *Lazos de familia*, por Luz Horne. Com isso, passou a treze o número de títulos publicados na Biblioteca Clarice Lispector da editora Corregidor. Além disso, para marcar os 100 anos de nascimento da escritora, a editora anunciou em sua conta no Twitter, em 15 de janeiro de 2020, que as novas edições das obras de Clarice Lispector, bem como as reimpressões dos outros títulos, sairiam num formato maior e com um novo projeto gráfico, a cargo do designer Ezequiel Cafaro.

## Poesia

Entre 2001 e 2019, a coleção *Vereda Brasil* editou oito títulos de poesia, aqui listados em ordem cronológica de publicação: *Sátiras y otras maledicências*, de Gregório de Matos (2001); *Álbum de retazos*, de Ana Cristina Cesar (2006); *Leminskiana, antología variada*, de Paulo Leminski (2006); *Entre cielo y suelo. Una antología*, de Armando Freitas Filho (2010); *Monodrama*, de Carlito Azevedo (2011); *Poema sucio/En el vértigo del día*, de Ferreira Gullar (2015); *El infierno de Wall Street y otros poemas*, de Sousândrade (2018); e *Cobra Norato*, de Raul Bopp (2019). É evidente que oito livros não são suficientes para que se possa apresentar um “cânone poético” brasileiro realmente representativo, nem parece ter sido essa a intenção dos editores, mas é interessante situarmos minimamente as obras de poesia selecionadas pela Corregidor para fazer parte da coleção *Vereda Brasil*.

A primeira distinção a ser feita é entre as antologias e as obras individuais: dos oito livros publicados, cinco são antologias e três são traduções de obras individuais. As antologias, por sua vez, podem ser divididas em duas vertentes. Numa delas, encontramos dois nomes de importância, por assim dizer, “histórica”: por um lado, Gregório de Matos, o maior representante do discutido período barroco brasileiro, poeta amplamente difundido, de leitura obrigatória para o concurso vestibular de várias universidades brasileiras; por outro, Joaquim de Souza Andrade, o Sousândrade, poeta absolutamente singular, cujo trabalho foi resgatado nos anos 1960 pelos poetas concretos, e justamente aí pode residir algum vínculo entre os dois, na medida em que este grupo de poetas também reivindicou a obra de Gregório de Matos para inclusão em seu *paideuma* particular.<sup>89</sup> E é bastante significativo que o objeto de estudo do doutorado de Gonzalo Aguilar, um dos diretores da coleção *Vereda Brasil*, tenha sido justamente a poesia concreta brasileira.<sup>90</sup>

A antologia de Gregório de Matos (1636-1696), *Sátiras y otras maledicências*, publicada em 2001, foi traduzida por Gonzalo Aguilar e Juan Nicolás Terranova e contém textos críticos assinados por Antonio Dimas, Affonso Ávila, Augusto de Campos, João Adolfo Hansen e Haroldo de Campos. Já *El infierno de Wall Street y otros poemas*, de Sousândrade (1832-1902),

---

<sup>89</sup> O conceito de *paideuma*, no caso dos poetas concretos, provém de Ezra Pound, que por sua vez o tomou do etnólogo alemão Leo Frobenius. Seria algo assim como a constituição de um cânone, a “organização do conhecimento para que o próximo homem ou geração possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar o mínimo tempo com itens obsoletos”, nas palavras de Pound.

<sup>90</sup> A tese de doutorado de Gonzalo Aguilar foi publicada no Brasil como: *Poesia Concreta Brasileira: As vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp, 2005.

publicado em 2018 em edição bilíngue, teve seleção e tradução de Laura Posternak e Mauricio Colares, prólogo de Luiz Costa Lima e textos críticos de Augusto de Campos, Luiza Lobo, Gonzalo Aguilar, Eduardo Sterzi e Rachel Price. A presença de textos críticos assinados por Augusto de Campos em ambos os volumes aponta para a vinculação entre estes dois poetas tão díspares, ou ao menos reflete a sua convivência no cânone armado no Brasil pelos concretistas desde os anos 1950/60.

Na outra vertente das antologias, encontramos a obra de três poetas brasileiros nascidos nos anos 1940/1950, a que poderíamos chamar de contemporâneos, não fosse pelo fato de dois deles terem falecido precocemente: são eles Ana Cristina Cesar (1952-1983), Paulo Leminski (1944-1989) e Armando Freitas Filho (que completou 80 anos em 2020). O fato é que a poesia desses três autores, especialmente a dos dois primeiros, vem exercendo enorme influência na obra das/dos poetas das gerações mais jovens pelo menos desde os anos 1980, quando sua própria obra começou a se destacar, na esteira da profissionalização do mercado editorial brasileiro.

Há vários pontos de contato entre Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski, do ponto de vista de sua inserção no mercado editorial. Para começar, no início dos anos 1980, depois de já terem publicado por conta própria na década anterior, sem maiores repercussões, ambos foram publicados pela Editora Brasiliense numa coleção de grande sucesso chamada *Cantadas Literárias* (com livros no formato pouco usual de 11,5 x 21 cm), o que lhes conferiu grande visibilidade. Ana Cristina compareceu com *A teus pés*, publicado em 1982 como volume 8 da coleção, e Leminski com *Caprichos & relaxos*, publicado em 1983 como volume 13 da coleção. Outras/os poetas publicados na mesma coleção foram Chacal, Lupe Cotrim, Alice Ruiz e Ledusha Spinardi, além de prosadores como Caio Fernando Abreu, Marcelo Rubens Paiva e Raduan Nassar.<sup>91</sup> Depois de *A teus pés*, todos os livros de Ana Cristina Cesar foram de publicação póstuma, e sua obra acabou circulando mais amplamente pela Editora Ática, que publicou vários de seus livros em 1999, associada ao Instituto Moreira Salles, onde está depositado o acervo literário da escritora. A mais recente encarnação de sua obra encontra-se em *Poética*, reunião de todos os seus livros de poesia, publicada em 2013 pela Companhia das Letras, mesmo ano em que foi publicado, também pela Companhia das Letras, *Toda Poesia*, de Paulo Leminski. Depois de trinta anos, portanto, a obra dos dois poetas voltou a ser publicada

---

<sup>91</sup> Conforme consta da lista de títulos da coleção encontrada antes da página de rosto da 3ª edição de *Caprichos & relaxos*, de Paulo Leminski (São Paulo: Brasiliense, 1985).

por uma mesma casa editorial.

Além de terem se destacado primordialmente como poetas, tanto Ana Cristina quanto Leminski dedicaram-se à tradução e ao ensaio. Os trabalhos de Ana Cristina neste campo foram reunidos no volume *Crítica e tradução*, publicado em 1999 pela Editora Ática (parcialmente traduzido na Argentina com o título de *El método documental*), atualmente disponível em edição de 2016 pela Companhia das Letras. Nele se encontram ensaios sobre literatura feminina e poesia marginal, entre outros temas, além de traduções de poemas de Emily Dickinson, Mariane Moore, Sylvia Plath e William Carlos Williams. Já Paulo Leminski teve seus textos ensaísticos reunidos em *Ensaaios e anseios crípticos*, publicados em dois volumes pela Criar Edições, de Curitiba, em 1986 e 2001, atualmente disponíveis em volume único em edição de 2011 pela Editora da Unicamp. Quanto à tradução, Leminski esteve muito ativo ao longo de toda a década de 1980, geralmente associado à intensa atividade editorial da Brasiliense naquela época, tendo publicado por esta editora suas traduções de *Malone morre*, de Samuel Beckett, *Pergunte ao pó*, de John Fante, *Giacomo Joyce*, de James Joyce, *O supermacho*, de Alfred Jarry, e *Satyricon*, de Petrônio, entre outros títulos.<sup>92</sup>

O vínculo entre Ana Cristina Cesar e Armando Freitas Filho é de outra natureza, uma vez que o poeta (carioca, como ela) não só esteve ligado à produção editorial de Ana C., como era conhecida, desde os primeiros livros dela, *Cenas de abril* e *Correspondência completa* (ambos de 1979), como, depois do suicídio da amiga, em 1983, tornou-se responsável pela organização de seu acervo literário e pela publicação de sua obra póstuma. Foi assim que vieram à tona volumes como *Inéditos e dispersos* (1985, atualmente integrado a *Poética*, cujo texto de apresentação é assinado por Armando Freitas Filho), *Escritos da Inglaterra* (1988) e *Escritos no Rio* (1993), ambos recolhidos em *Crítica e Tradução* (publicado pela Ática em 1999, com nova edição pela Companhia das Letras em 2016). Quanto a sua própria obra, Armando Freitas Filho publicou em 2003, pela Editora Nova Fronteira, *Máquina de escrever – poesia reunida e revista*, que festeja quarenta anos de uma vida dedicada à poesia ao reunir seus doze livros anteriores, publicados entre 1963 e 2000, e o inédito *Numeral/Nominal*.

Foi com este *background* que a obra desses três poetas – Ana Cristina Cesar, Paulo

---

<sup>92</sup> RIBEIRO, Ana Elisa; KARAM, Sérgio. Circo de Letras: registro e breve história de uma coleção da Editora Brasiliense. Trabalho apresentado no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em Joinville – SC, em setembro de 2018.

Leminski e Armando Freitas Filho – chegou à Argentina por meio da coleção *Vereda Brasil*. De Ana Cristina Cesar foi publicado, em 2006, *Álbum de retazos – Antologia crítica bilingue: poemas, cartas, imágenes e inéditos*, em tradução de Luciana di Leone, Florencia Garramuño e Carolina Puente, com seleção e notas das tradutoras, introdução de Florencia Garramuño, textos críticos de Gonzalo Aguilar e Carolina Puente e cronologia estabelecida por Luciana di Leone. De Paulo Leminski publicou-se, também em 2006, *Leminskiana – antología variada*, com seleção, cronologia e prólogo do tradutor Mario Cámara e textos críticos de Maria Esther Maciel, Célia Pedrosa e André Dick. De Armando Freitas Filho foi publicada, em 2010, *Entre cielo y suelo – Una antología*, traduzida por Teresa Arijón, com seleção de Teresa Arijón e Camila do Valle, prólogo de Camila do Valle, Gunter Pressler e Lucía Vogelfang, texto crítico de Viviana Bosi e cronologia estabelecida por Teresa Arijón e Armando Freitas Filho.

Além das cinco antologias a que nos referimos, a coleção *Vereda Brasil* publicou três obras individuais de poesia, assinadas por três escritores de diferentes gerações e com diferentes propostas estéticas: Raul Bopp, Ferreira Gullar e Carlito Azevedo.

Do gaúcho Raul Bopp (1898-1984), ligado aos modernistas da década de 1920 e especialmente ao movimento antropofágico liderado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, foi publicada, em 2019, sua obra mais famosa, *Cobra Norato*, de 1931, em tradução de Andrés Ajéns e com prólogo de Myriam Ávila. Inspirado numa lenda amazônica, o livro de Bopp tornou-se um clássico do Modernismo brasileiro, e em 2016 a José Olympio (atualmente um selo do Grupo Record) publicou sua 30ª edição brasileira. Além disso, sua *Poesia completa*, cuja edição mais recente é de 2014, foi reunida em volume publicado pela mesma José Olympio, com organização e notas de Augusto Massi.

O maranhense Ferreira Gullar (1930-2016), poeta inicialmente ligado ao concretismo, movimento que abandonou em favor de uma poesia de forte conteúdo social e militante, teve publicados, em 2015, dois de seus livros, em volume único e em edição bilingue: *Poema sucio/En el vértigo del día*, com tradução de Alfredo Fressia (*Poema sucio*) e de Paloma Vidal e Mario Cámara (*En el vértigo del día*), texto crítico de Vinicius de Moraes e prólogo de Davi Arrigucci Jr. Originalmente, tanto *Poema sujo* quanto *Na vertigem do dia* foram publicados no Brasil pela Editora Civilização Brasileira, em 1976 e 1980, respectivamente. E o *Poema sujo*, especificamente, tem uma história intrinsecamente ligada a Buenos Aires, cidade onde foi escrito entre maio e outubro de 1975 e na qual o trabalho foi lido para um grupo de amigos que

se encontravam ali exilados, como o próprio Gullar. Vinicius de Moraes, então em turnê musical na capital argentina, presenciou essa reunião e acabou trazendo para o Brasil o poema gravado numa fita cassete, tendo realizado várias audições da mesma no Rio de Janeiro e assim despertado o interesse do editor de Gullar à época, Ênio Silveira, da Civilização Brasileira.<sup>93</sup>

Antes deste volume da coleção *Vereda Brasil*, Gullar já havia sido publicado em Buenos Aires. Em 1979, a editora Calicanto publicou *Hombre común y otros poemas*, em tradução de Santiago Kovadloff, mesmo tradutor de *La lucha corporal y otros incendios*, publicado em Caracas dois anos antes pelo Centro Simón Bolívar, primeiro livro de Gullar a ser traduzido para uma língua estrangeira. Como vários de seus colegas de ofício, Gullar também atuou como ensaísta e tradutor. No campo do ensaio, destacam-se os livros *Cultura posta em questão*, de 1965, e *Vanguarda e subdesenvolvimento*, de 1969, ambos publicados pela Civilização Brasileira. Como tradutor, Gullar verteu ao português obras de Antonin Artaud, Jean Genet, Alfred Jarry e Pablo Neruda, entre outros. A última encarnação de sua obra completa como poeta está em *Toda Poesia*, edição de 2015 da José Olympio.

Além de Raul Bopp e Ferreira Gullar, somente um outro poeta brasileiro foi contemplado com a edição de um livro individual pela coleção *Vereda Brasil*. Trata-se do carioca Carlito Azevedo, nascido em 1961, que teve traduzido o seu *Monodrama*, por Florencia Garramuño, com prólogo da tradutora e estudo crítico de Flora Süssekind, em edição bilingue publicada em 2011. Herdeiro de toda a tradição poética brasileira, Carlito Azevedo publicou *Monodrama* no Brasil em 2009, pela Editora 7 Letras, que já havia publicado, em 2001, *Sublunar*, reunião de seus quatro livros anteriores de poesia (*Collapsus Linguae*, *As banhistas*, *Sob a noite física* e *Versos de circunstância*). Sua obra mais recente é o *Livro das Postagens*, de 2016, pela mesma editora.

### **Crítica literária/ensaios**

Além das obras propriamente literárias, de poesia ou de prosa, a coleção *Vereda Brasil* dedicou, até o momento, sete de seus títulos a obras de crítica literária e/ou de ensaios, a começar pelos *Escritos antropófagos*, de Oswald de Andrade, volume 1 da coleção, traduzido por Alejandra Laera e Gonzalo Aguilar, com seleção, cronologia e posfácio dos tradutores.

---

<sup>93</sup> In *Ferreira Gullar*. Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, nº 6, setembro de 1998.

Lançado em 2001, o livro é uma reedição, revista e aumentada, de volume publicado em 1993 pela editora Imago Mundi. A maioria dos textos incluídos neste volume tornou-se acessível no Brasil com a publicação, em 1972, de *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*, volume 6 das Obras Completas de Oswald de Andrade, publicadas em dez volumes pela Editora Civilização Brasileira, em convênio com o Ministério de Educação e Cultura, durante a primeira metade dos anos 1970, como parte do movimento de afirmação do cânone modernista paulistocêntrico. Mais tarde, quem assume a tarefa de publicar as obras completas do autor é a Editora Globo (de São Paulo), e os textos traduzidos no volume argentino passam então a ser encontrados em *A utopia antropofágica*, de 1990, que reúne textos dos anos 1920 aos anos 1950 (manifestos, duas teses para concurso e artigos para jornal, entre outros). O “Manifesto da Poesia Pau Brasil” e o “Manifesto Antropófago” estão atualmente disponíveis no volume *Manifesto antropófago e outros textos*, da série Grandes Ideias, da Companhia das Letras, lançado em 2017 no contexto de relançamento da obra (completa?) de Oswald de Andrade por aquela editora.

Em 2003, a Corregidor publicou *Vidrieras astilladas. Ensayos críticos sobre la cultura brasileña de los sesenta a los ochenta*, de Flora Süssekind, em tradução de María Teresa Villares. O livro reúne o material publicado em *Literatura e vida literária – polêmicas, diários & retratos*, de 1985 (pela Jorge Zahar Editor) e parte de *Papéis colados*, de 1993 (pela Editora da UFRJ). Dois anos depois, em 2005, chegou a vez de publicar *El comportamiento de las musas. Ensayos sobre literatura brasileña y portuguesa 1964-1989*, de José Guilherme Merquior (1941-1991), em tradução de Gonzalo Aguilar. O livro inclui todos os ensaios sobre autores de língua portuguesa que se encontram em *Crítica 1964-1989 – Ensaio sobre arte e literatura*, antologia organizada pelo próprio autor e publicada em 1990 pela Editora Nova Fronteira. Atualmente, a obra de Merquior, conhecido por suas convicções liberais, vem sendo republicada pela É Realizações Editora, de São Paulo.

Em 2013, a Corregidor lançou *Las raíces y el laberinto de América Latina*, de Silviano Santiago, em tradução de Mónica González García, que assina a introdução do volume. O livro, com o título de *As raízes e o labirinto da América Latina*, tinha sido lançado no Brasil em 2006 pela Editora Rocco, e nele o autor se debruça sobre dois clássicos latino-americanos dos chamados ensaios de interpretação nacional: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936, e *El labirinto de la soledad*, do mexicano Octavio Paz, publicado em 1950, livro que conta com duas traduções no Brasil, a primeira (por Eliane Zagury) publicada em 1976, pela Editora Paz e Terra, e a segunda (por Ari Roitman e Paulina Wacht) em 2014, pela

Cosac Naify.

Três anos depois, em 2016, chegou a vez de publicar uma tradução do próprio *Raíces do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, na esteira das comemorações dos 80 anos da primeira edição deste clássico ensaio. A tradução ficou por conta de Álvaro Fernández Bravo e o volume, *Raíces del Brasil*, tem estudo crítico de Pedro Meira Monteiro, colaborador frequente da coleção. Meira Monteiro assina também um ensaio no livro *Música popular brasileña y literatura: la gaya ciência*, de José Miguel Wisnik, lançado em 2018, com tradução de Mónica González García e prólogo de Florencia Garramuño. Finalmente, em 2019, publica-se o livro do crítico Marcos Siscar, *Poesía y crisis: ensayos sobre la “crisis de la poesía” como topos de la modernidad*, uma tradução de Luciana di Leone para um livro editado em 2011 no Brasil pela Editora da UNICAMP.

### **Prosa contemporânea**

Não foi somente como o ensaísta de *Las raíces y el laberinto de América Latina* ou como o autor de prefácios e textos críticos que Silviano Santiago, mineiro radicado no Rio de Janeiro, participou da coleção: ele também teve três de seus romances publicados pela *Vereda Brasil*. O primeiro, em 2003, foi *En libertad* [*Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981], traduzido por Graciela Ravetti, com prólogo de Florencia Garramuño e ensaio crítico de Wander Melo Miranda. Em 2004 foi a vez de *Stella Manhattan* [*Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985], em tradução de Florencia Garramuño, e, em 2016, *Mil rosas robadas* [*Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014] também traduzido por Florencia Garramuño.

Assim como Silviano Santiago, o paulistano Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva) teve também três livros publicados na coleção, todos traduzidos por Lucía Tennina, professora da Universidad de Buenos Aires e autora do estudo *Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo*, publicado pela editora Zouk, de Porto Alegre, em 2017. O primeiro livro de Ferréz a ser publicado foi *Manual práctico del odio* [*Manual práctico do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003], em 2011, com textos críticos de Heloísa Buarque de Hollanda, Arnaldo Antunes, Allan da Rosa e João Camillo Penna. Em 2014, foi a vez de *Diós se fué a almorzar* [*Deus foi almoçar*. São Paulo: Planeta, 2012], com prólogo da tradutora e estudos críticos de Regina Dalcastagné e Alexandre Faria. Finalmente, em 2016, foi publicado *Nadie*

*es inocente en San Pablo* [*Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006].

Além dos três livros de Silviano Santiago e dos três de Ferréz, a coleção *Vereda Brasil* publicou outros dois títulos de prosa de ficção contemporânea, um do escritor e diplomata João Almino, nascido no Rio Grande do Norte, e um de Bernardo Carvalho, carioca radicado em São Paulo. De João Almino foi publicado, em 2009, o romance *Las cinco estaciones del amor* [*As cinco estações do amor*. Rio de Janeiro: Record, 2001], traduzido por María Auxilio Salado e Antelma Cisneros (tradução anteriormente publicada pela Alfaguara mexicana, em 2003), com prefácio de Silviano Santiago e texto crítico de Pedro Meira Monteiro. De Bernardo Carvalho, também em 2009, publicou-se o romance *Teatro* [*Teatro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998], em tradução de Diana Klinger e Luciana di Leone, com introdução de Diana Klinger, posfácio de Ítalo Moriconi e texto crítico de Susana Scramin. Tanto João Almino quanto Bernardo Carvalho tiveram outros livros traduzidos e publicados na Argentina, por outras editoras, como veremos adiante.

### **Prosa: três clássicos**

Dentro da coleção *Vereda Brasil* foram publicados apenas três títulos que podem ser considerados clássicos da literatura de ficção em prosa brasileira. São traduções de três romances de épocas distintas, sendo um de meados do século XIX, um do início do século XX e outro da década de 1930. O primeiro a sair, em 2001, foi *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, com tradução de Florencia Garramuño e textos críticos de Wander Melo Miranda e Silviano Santiago. Considerado um dos grandes clássicos do chamado Romance de 30, *Vidas secas*, inicialmente concebido como uma série de contos, foi publicado no Brasil em 1938 pela Livraria José Olympio Editora, também responsável pela publicação de romances de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, entre outros.

De Machado de Assis foi publicada, em 2002, a tradução de Danilo Albero para *Memorial de Aires*, romance originalmente editado em 1908, contando com prólogo de Antonio Candido e estudo crítico de John Gledson, dois nomes estreitamente associados ao estudo do grande escritor brasileiro. Finalmente, em 2009, a Corregidor publicou a tradução de Gonzalo Aguilar e Mario Cámara para o clássico indianista *Ubirajara. Leyenda tupí*, de José de Alencar, romance de 1874, nesta edição com introdução de Lúcia Sá e texto crítico de Sergio Medeiros.

## Uma antologia do conto brasileiro

Em 2005, foi publicada a antologia *Vereda tropical. Antología del cuento brasileño*, principal contribuição à coleção feita pela professora brasileira Maria Antonieta Pereira, que compilou o volume e assinou o prólogo. O volume inclui contos de Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Júlia Lopes de Almeida, Simões Lopes Neto, Mário de Andrade, Rubem Fonseca, Luiz Vilela, Murilo Rubião, Moacyr Scliar, João Gilberto Noll, Maria Amélia Melo, Sérgio Sant’Anna, Silviano Santiago, André Sant’Anna e outros autores, e os contos foram traduzidos por vários profissionais. No Quadro 13, abaixo, encontra-se a lista dos títulos publicados pela Coleção *Vereda Brasil*, com a identificação de seus tradutores e demais informações referentes à edição.

**Quadro 13: autores publicados na coleção *Vereda Brasil***

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor/paratextos</b>	<b>Ano</b>
Alencar, José de	<i>Ubirajara. Leyenda tupí</i>	<i>Ubirajara</i> (1874)	Gonzalo Aguilar e Mario Cámara. Introdução de Lúcia Sá, texto crítico de Sergio Medeiros.	2009
Almino, João	<i>Las cinco estaciones del amor</i>	<i>As cinco estações do amor</i> (Rio de Janeiro: Record, 2001)	María Auxilio Salado e Antelma Cisneros. Prefácio de Silviano Santiago, texto crítico de Pedro Meira Monteiro.	2009
Andrade, Oswald de	<i>Escritos antropófagos</i>	<i>Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias</i> (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972)	Alejandra Laera e Gonzalo Aguilar. Seleção, cronologia e posfácio dos tradutores. (Edição anterior: Buenos Aires: Imago Mundi, 1993)	2001
Azevedo, Carlito	<i>Monodrama</i>	<i>Monodrama</i> (Rio de Janeiro: 7Letras, 2009)	Florencia Garramuño. Prólogo da tradutora, estudo crítico de Flora Sússekind. Edição bilíngue.	2011
Bopp, Raul	<i>Cobra Norato</i>	<i>Cobra Norato</i> (1931)	Andrés Ajéns. Prólogo de Myriam Ávila.	2019
Buarque de Holanda, Sérgio	<i>Raíces del Brasil</i>	<i>Raízes do Brasil</i> (1936)	Álvaro Fernández Bravo; estudo crítico de Pedro Meira Monteiro.	2016
Carvalho, Bernardo	<i>Teatro</i>	<i>Teatro</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1998)	Diana Klinger e Luciana di Leone. Introdução de Diana Klinger, posfácio de Ítalo Moriconi, texto crítico de Susana Scramin.	2009
Cesar, Ana Cristina	<i>Álbum de retazos – Antología</i>	<i>A teus pés</i> (1982) e partes de <i>Inéditos e</i>	Luciana di Leone, Florencia Garramuño e Ana Carolina Puente.	2006

	<i>crítica bilingüe (poemas, cartas, imágenes e inéditos)</i>	<i>dispersos</i> (1985) e <i>Correspondência incompleta</i> (1999)	Seleção e notas das tradutoras, introdução de Florencia Garramuño, textos críticos de Gonzalo Aguilar e Carolina Puente, cronologia de Luciana di Leone. Edição crítica bilingue.	
Ferréz	<i>Manual práctico del odio</i>	<i>Manual práctico do ódio</i> (Rio de Janeiro: Objetiva, 2003)	Lucía Tennina. Textos críticos de Heloísa Buarque de Hollanda, Arnaldo Antunes, Allan da Rosa e João Camillo Penna.	2011
	<i>Diós se fué a almorzar</i>	<i>Deus foi almoçar</i> (São Paulo: Planeta, 2012)	Lucía Tennina. Prólogo da tradutora. Estudos críticos de Regina Dalcastagné e Alexandre Faria.	2014
	<i>Nadie es inocente em San Pablo</i>	<i>Ninguém é inocente em São Paulo</i> (Rio de Janeiro: Objetiva, 2006)	Lucía Tennina	2016
Freitas Filho, Armando	<i>Entre cielo y suelo. Una antología</i>		Teresa Arijón. Seleção de Teresa Arijón e Camila do Valle, prólogo de Camila do Valle, Gunter Pressler e Lucía Vogelfang, texto crítico de Viviana Bosi e cronologia de Teresa Arijón e Armando Freitas Filho.	2010
Gullar, Ferreira	<i>Poema sucio/En el vértigo del día</i>	<i>Poema sujo</i> (1976) e <i>Na vertigem do dia</i> (1980)	Alfredo Fressia ( <i>Poema sucio</i> ) e Paloma Vidal e Mario Cámara ( <i>En el vértigo del día</i> ); texto crítico de Vinicius de Moraes; prólogo de Davi Arrigucci Jr. Edição bilingue.	2015
Leminski, Paulo	<i>Leminskiana, antología variada</i>		Mario Cámara. Seleção, cronologia e prólogo do tradutor, textos críticos de Maria Esther Maciel, Célia Pedrosa e André Dick.	2006
Lispector, Clarice	<i>La araña</i>	<i>O lustre</i> (Rio de Janeiro: Agir, 1946)	Haydée Jofre Barroso. Prólogo de Raúl Antelo. Tradução originalmente publicada em 1977.	2010
	<i>La hora de la estrella</i>	<i>A hora da estrela</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1977)	Gonzalo Aguilar. Prólogo do tradutor, estudos críticos de Florencia Garramuño e Ítalo Moriconi.	2010
	<i>El via crucis del cuerpo</i>	<i>A via crucis do corpo</i> (Rio de Janeiro: Artenova, 1974)	Gonzalo Aguilar. Prefácio do tradutor, estudo crítico de Vilma Arêas.	2012
	<i>La bella y la bestia</i>	<i>A bela e a fera</i> (Rio de Janeiro: Nova	Gonzalo Aguilar. Prólogo do tradutor, texto crítico de Constanza	2013

		Fronteira, 1979)	Penacini.	
	<i>La ciudad sitiada</i>	<i>A cidade sitiada</i> (Rio de Janeiro: A Noite, 1949)	Florencia Garramuño. Prólogo da tradutora, textos críticos de Silviano Santiago e Benjamin Moser.	2013
	<i>La legión extranjera</i>	<i>A legião estrangeira</i> (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964)	Paloma Vidal. Prólogo da tradutora, estudos críticos de Evandro Nascimento e Silviano Santiago.	2011
	<i>Un aprendizaje o El libro de los placeres</i>	<i>Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres</i> (Rio de Janeiro: Sabiá, 1969)	Rosario Hubert. Prólogo da tradutora, texto crítico de Hélène Cixous.	2011
	<i>Un soplo de vida (pulsaciones)</i>	<i>Um sopro de vida. Pulsações</i> (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978)	Paloma Vidal. Prólogo da tradutora, textos críticos de Benedito Nunes e Mario Cámara.	2010
	<i>Felicidad clandestina</i>	<i>Felicidade clandestina</i> (Rio de Janeiro: Sabiá, 1971)	Marcelo Cohen. Prólogo do tradutor.	2020
	<i>Cerca del corazón salvaje</i>	<i>Perto do coração selvagem</i> (Rio de Janeiro: A Noite, 1944)	Florencia Garramuño. Prólogo da tradutora.	2020
	<i>La pasión según G.H.</i>	<i>A paixão segundo G. H.</i> (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964)	Gonzalo Aguilar; textos críticos de Nádía Battella Gotlib, Veronica Stigger e do tradutor	2020
	<i>Agua viva</i>	<i>Água viva</i> (Rio de Janeiro: Artenova, 1973)	Mario Cámara (tradução e prólogo); texto crítico de Evandro Nascimento	2020
	<i>Lazos de familia</i>	<i>Laços de família</i> (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960)	Luz Horne (tradução e prólogo)	2020
Machado de Assis	<i>Memorial de Aires</i>	<i>Memorial de Aires</i> (1908)	Danilo Albero. Prólogo de Antonio Candido, estudo crítico de John Gledson.	2002
Matos, Gregório de	<i>Sátiras y otras maledicencias</i>		Gonzalo Aguilar e Juan Nicolás Terranova. Textos críticos de Antonio Dimas, Affonso Ávila, Augusto de Campos, João Adolfo Hansen e Haroldo de Campos.	2001
Merquior, José	<i>El comportamiento</i>	<i>Crítica 1964-1989 – Ensaios sobre</i>	Gonzalo Aguilar	2005

Guilherme	<i>de las musas. Ensayos sobre literatura brasileña y portuguesa. 1964-1989</i>	<i>arte e literatura</i> (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990; apenas os ensaios sobre autores de língua portuguesa)		
Ramos, Graciliano	<i>Vidas secas</i>	<i>Vidas secas</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1938)	Florencia Garramuño. Textos críticos de Wander Melo Miranda e Silviano Santiago.	2001
Santiago, Silviano	<i>En libertad</i>	<i>Em liberdade</i> (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981)	Graciela Ravetti. Prólogo de Florencia Garramuño, ensaio crítico de Wander Melo Miranda.	2003
	<i>Stella Manhattan</i>	<i>Stella Manhattan</i> (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985)	Florencia Garramuño	2004
	<i>Las raíces y el laberinto de América Latina</i>	<i>As raízes e o labirinto da América Latina</i> (Rio de Janeiro: Rocco, 2006)	Mónica González García. Introdução da tradutora.	2013
	<i>Mil rosas robadas</i>	<i>Mil rosas roubadas</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2014)	Florencia Garramuño	2016
Siscar, Marcos	<i>Poesía y crisis: ensayos sobre la "crisis de la poesía" como topos de la modernidad</i>	<i>Poesía e crise</i> (Campinas: Editora da UNICAMP, 2011)	Luciana di Leone	2019
Sousândrade	<i>El infierno de Wall Street y otros poemas</i>	<i>O inferno de Wall Street</i> (1884)	Laura Posternak e Mauricio Colares; prólogo de Luiz Costa Lima e textos críticos de Augusto de Campos, Luiza Lobo, Gonzalo Aguilar, Eduardo Sterzi e Rachel Price.	2018
Süssekind, Flora	<i>Vidrieras astilladas. Ensayos críticos sobre la cultura brasileña de los sesenta a los ochenta</i>	<i>Literatura e vida literária – polémicas, diários &amp; retratos</i> (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985) e parte de <i>Papéis colados</i> (Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993)	María Teresa Villares	2003

Vv. Aa.	<i>Vereda tropical. Antología del cuento brasileño.</i>		Vários tradutores. Compilação e prólogo de Maria Antonieta Pereira. Inclui contos de Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Júlia Lopes de Almeida, Simões Lopes Neto, Mário de Andrade, Rubem Fonseca, Luiz Vilela, Murilo Rubião, Moacyr Scliar, João Gilberto Noll, Maria Amélia Melo, Sérgio Sant'Anna, Silviano Santiago, André Sant'Anna e outros.	2005
Wisnik, José Miguel	<i>Música popular brasileira y literatura: la gaya ciencia</i>		Mónica González García; prólogo de Florencia Garramuño; ensaio de Pedro Meira Monteiro	2018

Fonte: elaborado pelo autor.

## 4.2 Coleção *latinoamericana* – Editorial El Cuenco de Plata

O poeta, romancista, ensaísta e editor Edgardo Russo (1949-2015) fundou, em 2004, junto com Amalia Sato, Mora Torres, Alfredo Prior, Graciela Goldchluk, Hugo Levin e Diego Rojas, a editora El Cuenco de Plata, na qual atuou como diretor editorial até seu falecimento. Antes disso, Russo passou por diversas casas editoriais: em 1988, participou do processo de modernização da editora da Universidad Nacional del Litoral, em Santa Fé, sua cidade natal; já nos anos 1990, em Buenos Aires, dirigiu uma série de coleções para as editoras El Ateneo e Espasa-Calpe, e, entre 1999 e 2002, para a então recém-criada editora Adriana Hidalgo, em cujo catálogo incluiu a obra de poetas como Leónidas Lamborghini, Juana Bigozzi, Diana Bellessi e Marosa di Giorgio. A obsessão de Russo pela obra da poeta uruguaia Marosa di Giorgio levou-o, em seguida, a publicar boa parte dela em sua própria editora. Antes disso, porém, participou da fundação e da publicação dos primeiros títulos da editora Interzona.<sup>94</sup> Com sua morte, em 2015, a direção editorial da El Cuenco de Plata ficou a cargo de Julio Patricio Rovelli.

Como a maior parte das editoras argentinas de porte médio, a El Cuenco de Plata também dividiu seu catálogo numa série de coleções, além de ter publicado alguns títulos de maneira isolada. Em entrevista a Natu Poblet, da famosa livraria Clásica y Moderna de Buenos Aires, Edgardo Russo declarou: “O catálogo da El Cuenco de Plata tem a aspiração de um leitor renascentista, que pode passar da alta literatura à filosofia ou a algo mais leve [...]: um catálogo diverso, em que o núcleo é a qualidade literária e certa diversidade que permite passar de uma coleção a outra com fluidez.”<sup>95</sup>

Além da *latinoamericana*, de que iremos tratar nesta seção, duas coleções de grande porte destacam-se no catálogo da editora: a *extraterritorial*, “uma seleção do mais destacado da narrativa do mundo inteiro, entre línguas diversas e territórios impensados: na extraterritorialidade absoluta da criação literária”,<sup>96</sup> que conta com 93 títulos publicados, de autores como Henry James, Virginia Woolf, Marguerite Duras, James Joyce, Pascal Quignard, Arno Schmidt, Giorgio Manganelli e o argentino Copi (Raul Damonte Botana); e a *teoria y ensaio*, com 73 títulos publicados, de autores como Walter Benjamin, Hannah Arendt, Michel Foucault, Simone Weil, Jean Allouch, Georges Bataille e Eric Auerbach, além da brasileira

---

<sup>94</sup> Disponível em: [https://www.clarin.com/literatura/edgardo\\_russo-editoriales\\_independientes-manuel\\_puig-copi-literal\\_0\\_ByX9h8YwXg.html](https://www.clarin.com/literatura/edgardo_russo-editoriales_independientes-manuel_puig-copi-literal_0_ByX9h8YwXg.html)

<sup>95</sup> Disponível em: <https://www.eternacadencia.com.ar/blog/contenidos-originales/noticias/item/edgardo-russo-una-vida-entre-libros.html>

<sup>96</sup> Disponível em: <https://www.elcuencodeplata.com.ar/colecciones/extraterritorial/>

Maria Rita Kehl, de quem foi editado, em 2019, o volume *El tiempo y el perro – la actualidad de las depresiones*, com tradução de Teresa Arijón e prólogo de Adauto Novaes, livro publicado no Brasil em 2009 pela editora Boitempo, com o título de *O tempo e o cão – a atualidade das depressões*.

Além destas, a El Cuenco de Plata também tem uma coleção dedicada ao cinema (com 28 títulos), com livros assinados por Krzysztof Kieślowski, Rainer Werner Fassbinder, François Truffaut e David Lynch, entre outros; uma outra, *el libertino erudito*, dedicada à publicação de textos de filosofia (com 17 títulos), com autores como David Hume, Voltaire, Denis Diderot e alguns anônimos; e uma coleção dedicada a biografias e memórias, com 8 títulos publicados. Outras coleções de interesse são a *biblioteca Gombrowicz*, reunindo 13 livros do escritor polonês Witold Gombrowicz, que viveu durante mais de vinte anos na Argentina, e a série de 13 títulos que reúne as obras do escritor cordobês Juan Filloy.

É nesse contexto formado pelas diversas coleções da El Cuenco de Plata que se insere a *latinoamericana*, que conta com 44 títulos publicados, dos quais 15 são de autores brasileiros e 19 de autores uruguaios, conformando os eixos principais da coleção. O próprio nome dado à coleção remete, de alguma forma, ao ideário que norteou a famosa *Biblioteca Ayacucho*, brilhantemente dirigida pelo crítico e editor uruguaio Ángel Rama entre 1976 e 1983, com apoio político e financeiro do governo venezuelano. Na *Ayacucho* foram publicados 17 títulos de autores brasileiros, sendo que dez deles estão entre os cem primeiros volumes da coleção, publicados entre 1976 e 1982, ainda sob a direção de Rama. Na avaliação do crítico Antonio Candido, a *Biblioteca Ayacucho* tornou-se “uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto deste tipo em proporção adequada.”<sup>97</sup>

Embora sem a pretensão de apresentar o aparato crítico típico das edições da *Ayacucho*, a coleção *latinoamericana*, a seu modo, também se preocupa em integrar os brasileiros ao conjunto de autores latino-americanos. Como se pode ler na página web da editora dedicada à coleção em questão: “Imaginar um continente nas cartografias líricas que o superam, com uma notável preeminência do gênio feminino.”<sup>98</sup> De fato, dos 15 livros de autores brasileiros publicados na coleção, 12 atestam a “notável preeminência do gênio feminino”, sendo dez de

---

<sup>97</sup> CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In CHIAPPINI, Lígia. AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp/Centro Ángel Rama, 1993, p. 263-70.

<sup>98</sup> Disponível em: <https://www.elcuencodeplata.com.ar/colecciones/latinoamericana/>

Clarice Lispector e dois de Hilda Hilst. Já entre os 19 títulos de autores uruguaios, encontram-se seis da poeta Marosa di Giorgio – inclusive os relatos eróticos de *Misales* e *Camino de las pedreras* – e seis da narradora Armonía Somers, entre eles *La mujer desnuda* e *Viaje al corazón del día*.

Além das escritoras acima citadas, a coleção *latinoamericana* também abriga dois títulos da argentina Sara Gallardo – o livro de contos *El país del humo* e o romance *Eisejuaz*, recentemente traduzido no Brasil – um romance da argentina Griselda Gambaro e a correspondência entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo. Ao todo, 28 dos 44 volumes da coleção são de autoria feminina, enquanto os outros 16 são de autoria dos seguintes autores: Felisberto Hernández (4 títulos), Hugo Padeletti, Manuel Puig e Rubem Fonseca (2 cada), José Bianco, José Pedro Díaz, Roberto Echavarren, Mario González Suárez, Ernesto González Bermejo e Haroldo de Campos (com um título cada).

### **Haroldo de Campos**

O primeiro título brasileiro a entrar na coleção, já em 2004, ano em que a editora iniciou suas atividades, foi *Brasil transamericano*, do poeta e tradutor paulista Haroldo de Campos, com tradução e prólogo de Amalia Sato, uma das fundadoras da editora. O volume é uma seleção de textos críticos sobre diversos autores brasileiros – para ser exato: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Sousândrade, José de Alencar, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Paulo Leminski, João Ubaldo Ribeiro e o Grupo Noigandres –, alguns dos quais tinham sido publicados no Brasil em 1967 pela Editora Vozes, no volume *Metalinguagem*, ampliado quando de sua publicação pela Editora Perspectiva, em 1992, na coleção *Debates*, sob o título *Metalinguagem & outras metas*.

### **Clarice Lispector (de novo)**

O destaque indiscutível entre os 15 títulos de autores brasileiros presentes na coleção fica para o conjunto de dez livros de Clarice Lispector, oito deles publicados entre janeiro de 2010 e novembro de 2012, num verdadeiro surto editorial correspondente ao momento em que os direitos de publicação de sua obra em espanhol foram divididos entre Espanha e América

Latina, de acordo com decisão tomada em conjunto pela agente literária Carmen Balcells e os herdeiros da escritora, conforme vimos acima. Na Argentina, portanto, a obra de Lispector acabou sendo dividida de maneira equânime entre as editoras Corregidor e El Cuenco de Plata, que despejaram no mercado do país vizinho, entre 2010 e 2013, nada menos que dezesseis livros da autora (oito em cada editora), sendo quinze deles em novas traduções. Acrescente-se a isso a publicação, pela El Cuenco de Plata, em 2015 e 2016, de duas antologias reunindo textos variados da escritora.

Os primeiros oito títulos de Clarice Lispector publicados na coleção *latinoamericana* dividiram-se, como no caso de sua edição pela Corregidor, entre romances e livros de contos. Os quatro romances foram: *Cerca del corazón salvaje* [*Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: A Noite, 1944), o primeiro romance da autora, em tradução de Teresa Arijón e Bárbara Belloc; *La manzana en lo oscuro* [*A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961], quarto romance de Lispector, novamente em tradução de Teresa Arijón e Bárbara Belloc, sob os auspícios do Programa de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil; *La pasión según G.H.* [*A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964], quinto romance da autora, com tradução de Mario Cámara e prólogo de Gonzalo Aguilar; e *Agua viva* [*Água viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973], sétimo romance da autora, traduzido por Florencia Garramuño.

Já os livros de contos foram: *Lazos de familia* [*Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960], traduzido por Mario Cámara e Edgardo Russo; *Felicidad clandestina* [*Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971] com tradução de Teresa Arijón e Bárbara Belloc; *Dónde estuviste de noche* [*Onde estivestes de noite?*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974], também com tradução de Teresa Arijón e Bárbara Belloc, mais uma vez com auxílio do Programa de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil; e *Para no olvidar* [*Para não esquecer*. São Paulo: Ática, 1978], traduzido por Edgar Stanko, reunindo crônicas e contos que originalmente conformavam a seção “Fundo de gaveta”, segunda parte de *A legião estrangeira*, livro publicado no Brasil em 1964 pela Editora do Autor.

Além dos romances e dos livros de contos, a *latinoamericana* publicou duas coletâneas de Clarice Lispector, de edição recente também no Brasil, livros que contêm uma seleção de trechos de romances, contos, crônicas, cartas e anotações pessoais da escritora, organizados por Roberto Corrêa dos Santos e publicados pela Editora Rocco, do Rio de Janeiro. São eles: *Las*

*palabras* [*As palavras*, de 2013], lançado em 2015 na Argentina, e *El tiempo* [*O tempo*, de 2014], lançado em 2016, ambos com tradução da dupla Teresa Arijón e Bárbara Belloc, com exceção dos trechos provenientes de livros traduzidos anteriormente por outros tradutores.

Como vimos, o contrato da El Cuenco de Plata relativo à publicação da obra de Clarice Lispector na Argentina expirou em 2019, o que levou a Corregidor a adquirir os direitos de tradução de cinco títulos da autora previamente publicados pela El Cuenco de Plata, todos lançados em 2020, em novas traduções.

### **Hilda Hilst e Rubem Fonseca**

Da poeta, ficcionista, dramaturga e cronista paulista Hilda Hilst (1930-2004), a El Cuenco de Plata optou por traduzir dois livros de narrativas pertencentes à vertente mais abertamente erótica de sua vasta obra. Trata-se dos livros *A obscena senhora D* (São Paulo: Massao Ohno, 1982) e *Cartas de um sedutor* (São Paulo: Paulicéia, 1991), ambos traduzidos por Teresa Arijón e Bárbara Belloc, que na Argentina foram publicados, em 2014, com os títulos de *La obscena señora D* e *Cartas de un seductor*. Parte da obra poética da escritora foi lançada em dois volumes traduzidos pelo poeta Salvador Biedma para outras editoras, como veremos adiante.

A mesma dupla de tradutoras dos livros de Hilda Hilst, Teresa Arijón e Bárbara Belloc, responsabilizou-se pelas versões em espanhol, publicadas em 2013, dos dois primeiros livros de contos de Rubem Fonseca, *Los prisioneros* [*Os prisioneiros*. Rio de Janeiro: G.R.D. Edições, 1963] e *El collar del perro* [*A coleira do cão*. Rio de Janeiro: G.R.D. Edições, 1965). Esta mesma tradução de *Os prisioneiros* foi incluída no volume 1 dos *Cuentos completos* de Rubem Fonseca, editado em 2018 pelo selo Tusquets, do grupo Planeta, e distribuído na Espanha e em toda a América Latina. Numa resenha do volume, publicada em setembro de 2018, o jornalista chileno Rodrigo Pinto afirma: “De fato, num ato exemplar de ampliação dos horizontes linguísticos, este volume inclui os cinco primeiros livros do escritor brasileiro, com uma tradução argentina, duas mexicanas e duas chilenas.”<sup>99</sup>

O Quadro 14, abaixo, apresenta a lista dos títulos de autores brasileiros publicados pela Coleção *latinoamericana*, com a identificação de seus tradutores e demais informações referentes à edição.

---

<sup>99</sup> Disponível em <http://www.economiaynegocios.cl/noticias/noticias.asp?id=506079>.

**Quadro 14: autores brasileiros publicados na coleção *latinoamericana***

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano/mês</b>
de Campos, Haroldo	<i>Brasil transamericano</i>	<i>Metalinguagem &amp; outras metas</i> (São Paulo: Perspectiva, 1992, 4ª ed.). 1ª ed.: <i>Metalinguagem</i> (Petrópolis: Vozes, 1967).	Amalia Sato. Prólogo da tradutora.	2004
Fonseca, Rubem	<i>El collar del perro</i>	<i>A coleira do cão</i> (Rio de Janeiro: G.R.D. Edições, 1965)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2013
	<i>Los prisioneros</i>	<i>Os prisioneiros</i> (Rio de Janeiro: G.R.D. Edições, 1963)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2013
Hilst, Hilda	<i>La obscena señora D</i>	<i>A obscena senhora D</i> (São Paulo: Massao Ohno, 1982)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2014
	<i>Cartas de un seductor</i>	<i>Cartas de um sedutor</i> (São Paulo: Paulicéia, 1991)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2014
	<i>La pasión según G.H.</i>	<i>A paixão segundo G. H.</i> (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964)	Mario Cámara, prólogo de Gonzalo Aguilar	2010
	<i>Agua viva</i>	<i>Água viva</i> (Rio de Janeiro: Artenova, 1973)	Florencia Garramuño (tradução e prólogo)	2010
	<i>Lazos de familia</i>	<i>Laços de família</i> (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960)	Mario Cámara e Edgardo Russo	2010
Lispector, Clarice	<i>Para no olvidar</i>	<i>Para não esquecer</i> (São Paulo: Ática, 1978)	Edgar Stanko (Os textos reunidos nesse volume constituíam originalmente a segunda parte de <i>A legião estrangeira</i> ).	2011
	<i>Felicidad clandestina</i>	<i>Felicidade clandestina</i> (Rio de Janeiro: Sabiá, 1971)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2011
	<i>Cerca del corazón salvaje</i>	<i>Perto do coração selvagem</i> (Rio de Janeiro: A Noite, 1944)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2011
	<i>La manzana en lo oscuro</i>	<i>A maçã no escuro</i> (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc (Programa de	2012

			Apoio à Tradução da BN)	
	<i>Dónde estuviste de noche</i>	<i>Onde estivestes de noite?</i> (Rio de Janeiro: Artenova, 1974)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc (Programa de Apoio à Tradução da BN)	2012
	<i>Las palabras</i>	<i>As palavras</i> (Rio de Janeiro: Rocco, 2013) (seleção de trechos de romances, contos, crônicas, cartas e anotações pessoais da escritora)	Teresa Arijón, Bárbara Belloc e outros; organização de Roberto Corrêa dos Santos	2015
	<i>El tiempo</i>	<i>O tempo</i> (Rio de Janeiro: Rocco, 2014) (seleção de trechos de romances, contos, crônicas, cartas e anotações pessoais da escritora)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc; organização de Roberto Corrêa dos Santos).	2016

Fonte: elaborado pelo autor.

### 4.3 Coleção *Narrativas* – Adriana Hidalgo Editora

Fundada em 1999, a Adriana Hidalgo Editora brinca com a ideia de ser “a última editora do século XX” na Argentina. Sua fundadora, Adriana Hidalgo Solá, vem de uma família dedicada ao negócio do livro: seu avô, Pedro García, havia fundado, em 1912, a livraria El Ateneo, atualmente associada à rede de livrarias Yenny, espalhada por todo o país. Em entrevista concedida ao jornalista Patricio Zunini, publicada no blog da Eterna Cadencia (outra importante livraria e editora argentina) em novembro de 2015, Adriana Hidalgo declarou que decidiu enveredar por este caminho quando a editora El Ateneo, para a qual trabalhava, foi vendida: “Minha ideia era retomar a tradição dos editores de princípios do século, que são os que fizeram história. Ter uma editora com muitas coleções, cuidar das traduções, manter uma concepção curiosa a respeito de distintas culturas, associar todas as literaturas possíveis.”<sup>100</sup> Nos primeiros anos de funcionamento da editora, a direção editorial esteve a cargo de Edgardo Russo, que saiu em 2003 para logo fundar a El Cuenco de Plata, e desde então a direção editorial vem sendo exercida por Fabián Lebenglik.

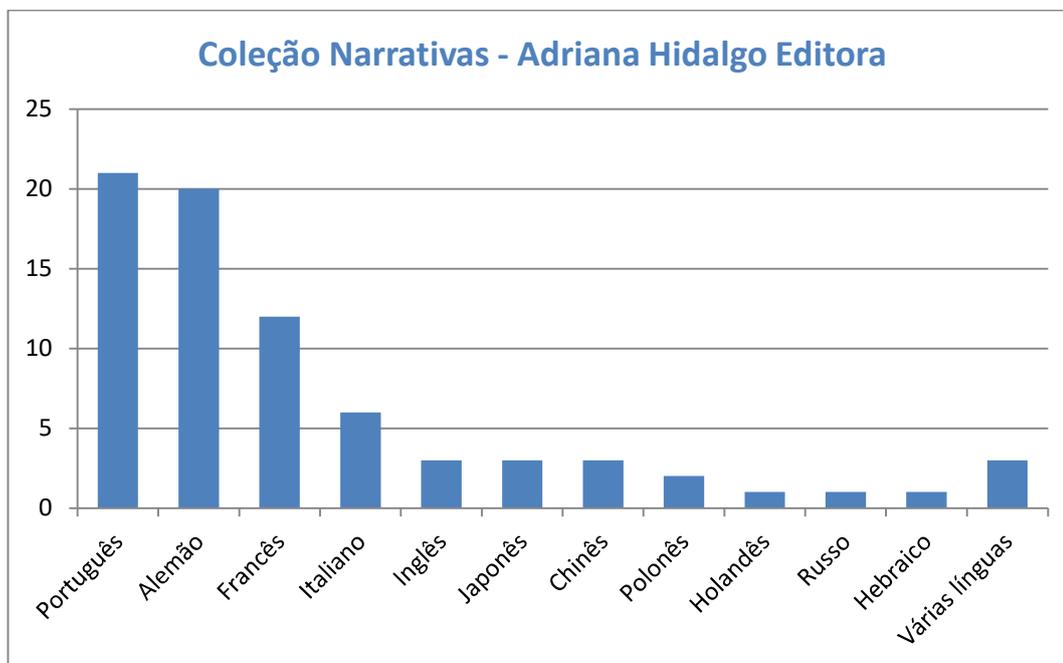
Atualmente, a editora conta com onze coleções, a cobrir principalmente as áreas de ciências humanas, artes e literatura. Na área de ciências humanas, destaca-se a coleção *Filosofia e historia*, com 46 títulos em catálogo, entre eles 28 livros do filósofo italiano Giorgio Agamben. Na coleção *Los sentidos*, “dedicada às artes em relação com a teoria e a experiência”, conforme consta de seu catálogo, disponível on-line, foram publicados 38 títulos, abrangendo estudos de estética, de artes plásticas e de música. Na área de literatura, destacam-se duas coleções: *La Lengua*, dedicada basicamente à edição de autores argentinos (Hebe Uhart, Antonio di Benedetto, Gabriela Massuh, Juana Bignozzi e Ricardo Zelarayán, entre outros), abarcando tanto a poesia quanto a prosa, com cerca de cem títulos publicados; e *Narrativas*, atualmente com um total de 76 títulos, cujo objetivo é o de traduzir e publicar “os maiores autores modernos e contemporâneos da literatura internacional”, entre os quais se incluem vinte títulos de doze escritores brasileiros.

É realmente marcante a presença de autores de língua portuguesa na coleção *Narrativas*: os 21 títulos (20 de autores brasileiros, um da portuguesa Dulce Maria Cardoso) representam mais de um quarto dos livros da coleção, cifra só comparável à dos autores de língua alemã.

---

<sup>100</sup> Disponível em: <https://www.eternacadencia.com.ar/blog/contenidos-originales/entrevistas/dossier-editores/item/el-verdaderamente-importante-es-el-autor.html>. Acesso em 16 jul. 2020.

Outros destaques são os autores de língua francesa, com 12 títulos publicados, e os autores de língua italiana, com seis títulos. Surpreendentemente, os títulos traduzidos do inglês são apenas três, mesmo número de títulos traduzidos do japonês e do chinês. O gráfico 5, abaixo, ilustra a distribuição percentual dos títulos da coleção, por língua de partida:



Fonte: elaborado pelo autor

Para que se tenha uma ideia do contexto geral da coleção em que se inserem os narradores brasileiros, será melhor apresentar alguns nomes de narradores de outras literaturas, igualmente escolhidos para fazer parte da coleção. Os vinte títulos traduzidos do alemão, por exemplo, são de doze diferentes autores, alguns deles com dois ou três títulos publicados, conforme o número entre parênteses: Lukas Bärfuss (3), Andreas Maier (3), Katja Lange-Müller (2), Alissa Walser (2), Sibylle Lewitscharoff (2), Walter Kappacher (2), Benjamin Stein, Hermann Broch, Peter Handke, Hans Joachim Schädlich, Josefina Rieks e Katja Petrowskaja, os últimos seis com um título cada. Com exceção de Hermann Broch, Peter Handke e Katja Petrowskaja, publicada muito recentemente no Brasil pela Companhia das Letras – o mesmo romance, aliás, editado pela Adriana Hidalgo –, a maior parte destes autores é inédita no país.

Os doze títulos traduzidos do francês pertencem a seis autores: Jean-Marie Gustave Le Clézio (6), Silvia Baron Supervielle (2), Karim Miské, Jean-Bertrand Pontalis, Nathalie Sarraute e Antoine Volodine, três dos quais – Supervielle, Miské e Volodine – inéditos no Brasil. Dos seis títulos traduzidos do italiano, três são de autores traduzidos no Brasil – Leonardo

Sciascia, Tommaso Landolfi e Cesare Pavese – e três pertencem a dois autores inéditos aqui, Achille Mauri, com dois títulos na coleção, e Sebastiano Mauri (um título). Dos poucos três títulos traduzidos do inglês, um é de Jack Kerouac, largamente traduzido no Brasil (pela Brasiliense e, nos últimos anos, pela L&PM Editores), e dois são do irlandês John McGahern, inédito no Brasil. Do japonês, três são os títulos traduzidos, sendo dois de Minae Mizumura e um de Mori Ogai, este já traduzido no Brasil; traduzidos do chinês são também três títulos, de Ah Yi, Ge Fei e uma antologia que reúne dez autores; do polonês, dois, de Witold Gombrowicz e Kazimierz Brandys; do holandês, um, de Rudy Kousbroek; do russo, também um, de Iván Turguéniev, outro autor bastante traduzido no Brasil; do hebraico, foi publicada uma antologia com vários autores. Pertencem também à coleção os volumes *Galaxia Borges*, *Galaxia Flaubert* e *Galaxia Kafka*, reunindo textos de autores de diversas línguas com algum tipo de afinidade com os escritores homenageados nos títulos.

### **Os brasileiros na coleção *Narrativas***

#### **João Gilberto Noll**

Na mesma entrevista concedida ao blog da livraria e editora Eterna Cadencia, acima mencionada, a própria Adriana Hidalgo, ao falar sobre o catálogo de sua editora, refere-se elogiosamente a um dos escritores brasileiros presentes na coleção: “Temos desde autores que poderiam ser considerados dentro de uma literatura mais tradicional até escritores como João Gilberto Noll, que são realmente muito contemporâneos e têm uma prosa muito pessoal.” De fato, o gaúcho João Gilberto Noll (1946-2017), com cinco títulos traduzidos, é um dos grandes destaques da coleção, não só entre os brasileiros, mas também de modo geral, uma vez que apenas o nobelizado escritor francês Jean-Marie Gustave Le Clézio tem um maior número de títulos – seis – nela publicados.

Noll começou a publicar no Brasil em 1980, com mais de trinta anos de idade. Seu primeiro livro foi o volume de contos *O cego e a dançarina*, editado pela Civilização Brasileira como o volume 293 da coleção Vera Cruz, uma importante coleção dedicada à literatura brasileira, iniciada em 1956, responsável pela publicação de autores tão diversos quanto Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony, Dalton Trevisan, Campos de Carvalho, Hermilo Borba Filho, Sérgio Sant’Anna e Sergio Faraco, entre muitos outros. Por este livro, Noll recebeu o

Prêmio Jabuti de 1981 na categoria de autor revelação. Na sequência dessa estreia literária relativamente tardia, Noll publicou sete romances entre 1981 e 1996, por cinco editoras diferentes, quatro do chamado “eixo” Rio-São Paulo e uma de Porto Alegre. Destes sete romances, quatro foram traduzidos e publicados na coleção de que estamos tratando, além de *Lorde* (de 2004, publicado no Brasil pela Francis), sua estreia nas livrarias argentinas, em 2006, em tradução de Claudia Solans. No mesmo ano de 2006, a Adriana Hidalgo Editora publicou as traduções de *Bandoleiros* (de 1985, publicado aqui pela Nova Fronteira) e de *Harmada* (de 1993, pela Companhia das Letras), ambos pela mesma tradutora. Em 2009 foi a vez da edição argentina de *A céu aberto* (de 1996, de novo pela Companhia das Letras), também traduzido por Claudia Solans, e, finalmente, em 2014, foi publicada a tradução de *Hotel Atlântico* (de 1989, publicado aqui pela Rocco), por Juan Sebastián Cárdenas.

Em e-mail enviado ao autor deste trabalho, em 07-07-2018, a tradutora Claudia Solans lança luz sobre seu papel de mediadora cultural, particularmente em relação à obra de João Gilberto Noll (e de Caio Fernando Abreu):

Em meio a uma pesquisa sobre literatura brasileira no período de transição entre a ditadura e a democracia, dei com a obra de João Gilberto Noll, que me pareceu um autor que estava trabalhando com materiais e formas completamente novas no panorama literário daqueles anos. Não havia traduções de seus textos ao espanhol, e considerei que era um autor inescapável, que devia ser conhecido. Na [editora] Adriana Hidalgo me receberam de braços abertos e, embora minha intenção fosse apenas a de que ele fosse traduzido, pediram que eu mesma fizesse o trabalho. Até esse momento só havia traduzido alguns contos para uma antologia que tinha saído pela editora Corregidor.<sup>101</sup> Com muito medo, iniciei a tradução, da qual gostaram, e assim começou uma relação que permanece até hoje, inclusive como autora do catálogo. No caso desta editora, sei de seu interesse em ter autores brasileiros em seu catálogo, embora não possa opinar muito a respeito dos critérios de seleção, já que, com exceção de Caio Fernando Abreu e do próprio Noll – que foram traduzidos por sugestão minha –, os outros autores foram propostos pelo editor, Fabián Lebenglik, profundo conhecedor da literatura brasileira. Mas poderia dizer que, em todos os casos, é uma decisão de consenso: o editor gosta de um livro, me pede um informe, recebe-o, trocamos e-mails ou telefonemas para comentar o texto e em seguida começa o trabalho. Mesmo com o texto já traduzido, costumamos trocar opiniões até que as duas partes – editora e tradutora – fiquem satisfeitas.”

Quando do lançamento de *Lord* em Buenos Aires, em 2006, Noll concedeu uma entrevista à jornalista Silvina Frieria, do jornal *Página/12*, juntamente com Miguel Sanches Neto, que também estava na cidade, lançando o livro *Un amor anarquista*, pela editora Beatriz Viterbo, de Rosario. Na entrevista, incluída em matéria publicada no caderno *Cultura & Espectáculos* de 16-11-2006, Noll declara:

A literatura brasileira está vivendo um renascimento. Há uma tensão muito grande na

---

<sup>101</sup> *Vereda tropical*, publicada em 2005 na coleção Vereda Brasil.

nova geração, embora a arte em geral nasça de um estado de tensão, que é social e individual ao mesmo tempo. Não creio que haja uma relação direta entre as mudanças de governo e suas produções culturais e literárias. Mas é certo que a sociedade brasileira foi sacudida pelos sonhos da esquerda e pela execução destes sonhos por parte de Lula. E essa tensão talvez esteja estimulando este renascimento literário.<sup>102</sup>

Na mesma matéria, Miguel Sanches Neto opina que a eleição de Lula em 2002 “deu visibilidade à imagem do Brasil fora do país” e que isso teve um efeito “muito positivo para a literatura brasileira, porque agora somos objeto de maior observação internacional”. E completa:

O fato de termos um presidente de origem operária foi muito importante e atraiu a atenção sobre nossa produção cultural. Este é um momento extraordinário, riquíssimo pela diversidade de estilos de nossa narrativa. Não há grupos dominantes que imponham suas vozes; somos um continente literário em que se pode encontrar grandes narrações. Não há uma percepção literária única, mas uma variedade imensa, uma multiplicidade.<sup>103</sup>

De alguma forma, é esta multiplicidade e variedade de vozes literárias que a editora Adriana Hidalgo tenta refletir ao escolher os autores a serem traduzidos e publicados na coleção *Narrativas*.

### **Caio Fernando Abreu**

Contemporâneo de João Gilberto Noll, e gaúcho como ele, Caio Fernando Abreu (1948-1996) começou a publicar muito jovem, em 1970, ano em que foi lançado o livro de contos *Inventário do irremediável*, pela Editora Movimento, de Porto Alegre. No ano seguinte, publica o romance *Limite Branco*, pela editora carioca Expressão e Cultura, mas é principalmente como contista que Caio irá se consagrar. Uma sequência de três títulos, todos eles de livros de contos, representa a grande contribuição do autor nesta primeira fase de sua produção: *O ovo apunhalado* (pela gaúcha Globo, em 1975), *Pedras de Calcutá* (pela paulista Alfa Omega, em 1977) e *Morangos mofados* (pela paulista Brasiliense, em 1982).

Este último, particularmente, teve uma enorme repercussão, por ter sido lançado na coleção *Cantadas literárias*, num momento em que a Brasiliense era uma das principais editoras do país, responsável pela edição de coleções de grande sucesso (inclusive comercial), como *Primeiros passos*, *Encanto radical*, *Circo de Letras* e a série didática *O que é?*, além da própria *Cantadas literárias*, que também lançou livros de Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski e

---

<sup>102</sup> Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/4-4501-2006-11-16.html>

<sup>103</sup> Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/4-4501-2006-11-16.html>. Acesso em 17 jul. 2020.

Marcelo Rubens Paiva, entre outros. Individualmente, *Morangos mofados* é, sem dúvida, o título mais conhecido de Caio Fernando Abreu, tendo contado com inúmeras reedições ao longo do tempo, por várias editoras, sendo a edição mais recente a de 2019, pela Companhia das Letras, atual detentora dos direitos de publicação de sua obra no Brasil, que já havia lançado seus *Contos completos* em 2018. Uma tradução de *Morangos mofados*, por Graciela Ferraris, com o título de *Frutillas mohosas*, acabou sendo publicada em 2010 pela editora Beatriz Viterbo, de Rosario, que tinha publicado, no ano anterior, as crônicas de Caio Fernando Abreu reunidas em *Pequeñas epifanias*, também traduzidas por Graciela Ferraris.

Já a editora Adriana Hidalgo optou por publicar, também em 2009, o romance *Donde andará Dulce Veiga?*, traduzido por Claudia Solans, livro que tinha sido publicado no Brasil em 1990 pela Companhia das Letras. A opção por traduzir um romance, e não um livro de contos, deve-se, segundo a tradutora, a uma mera decisão editorial, no sentido de atender à discutível crença segundo a qual um romance vende mais do que um livro de contos. Em e-mail enviado ao autor deste trabalho em 21-04-2020, a tradutora Claudia Solans esclarece que tinha a intenção de traduzir também *Morangos mofados*, mas o livro acabou indo parar na editora Beatriz Viterbo, por decisão dos responsáveis pelo legado literário de Caio Fernando Abreu.

### **Cinco romancistas contemporâneos**

Seis romances de cinco autores diferentes, publicados no Brasil entre 2008 e 2013, foram traduzidos e publicados na Argentina pela editora Adriana Hidalgo entre 2010 e 2016. São eles: *Galilea* [*Galiléia* (Alfaguara, 2008)] e *Estuve allá afuera* [*Estive lá fora* (Alfaguara, 2012)], do cearense Ronaldo Correia de Brito (n. 1951), lançados em 2010 e 2014, respectivamente, ambos em tradução de Claudia Solans; *Ardillas de Pavlov* [*Esquilos de Pavlov* (Alfaguara, 2013)], da carioca Laura Erber (n. 1979), lançado em 2016, em tradução de Julia Tomasini; *Nuestros huesos* [*Nossos ossos* (Record, 2013)], do pernambucano Marcelino Freire (n. 1967), e *El libro de los mandarines* [*O livro dos mandarins* (Alfaguara, 2009)], do paulista Ricardo Lísias (n. 1975), ambos lançados em 2014 e traduzidos por Cristian De Nápoli; e *La pared en la oscuridad* [*A parede no escuro* (Record, 2008)], do gaúcho Altair Martins (n. 1975), lançado em 2012 em tradução de Claudia Solans.

O que poderia aproximar a obra de cinco escritores tão díspares? O que poderia ter provocado a decisão editorial de traduzi-los e publicá-los numa coleção destinada a obras de

ficção estrangeira em geral (não especificamente brasileira, como a *Vereda Brasil* da Corregidor, nem mesmo latino-americana, como a *latinoamericana* da El Cuenco de Plata)? Talvez o que se possa dizer sobre isso seja uma simples corroboração da declaração do escritor Miguel Sanches Neto na entrevista referida acima, ao afirmar que “este é um momento extraordinário [para a literatura brasileira], riquíssimo pela diversidade de estilos de nossa narrativa. Não há grupos dominantes que imponham suas vozes.” Devemos também levar em consideração o fato de que quatro deles – à exceção de Ronaldo Correia de Brito, nascido em 1951 – pertencem aproximadamente à mesma geração, com datas de nascimento que vão de 1967 a 1979.

Há, porém, dois aspectos mais interessantes a serem ressaltados. O primeiro deles é que os seis livros desses cinco autores escolhidos para serem traduzidos são romances, e, em quatro dos cinco casos, *o primeiro romance* de cada um deles. Isso se deu mesmo no caso de Ronaldo Correia de Brito, um escritor experiente, o mais velho da turma: *Galiléia* é seu décimo livro publicado, numa carreira que se estende pelo menos desde 1989, mas é seu primeiro romance (antes dele, Brito tinha publicado quatro livros com textos para teatro, quatro volumes de contos e um de prosa infantil). *Nossos ossos* é o sétimo livro de Marcelino Freire, mas seu primeiro romance, depois de seis livros de contos, publicados entre 2002 e 2010. A mais jovem do grupo, Laura Erber, com sete livros publicados entre 2002 e 2012 (todos de poesia), também estreou no romance com *Esquilos de Pavlov*. Altair Martins publicou dois volumes de contos antes de *A parede no escuro*, seu primeiro romance, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2009 e finalista do Prêmio Jabuti no mesmo ano. A exceção, neste aspecto, fica por conta de Ricardo Lísias, já que *O livro dos Mandarins* é seu segundo romance (e seu sexto livro publicado), depois de ter estreado com um romance em 1999 e de ter publicado quatro volumes de contos e novelas entre 2001 e 2007.

O outro aspecto a ser considerado é que os seis livros foram publicados no Brasil por grandes editoras, dois deles pela Record (os de Marcelino Freire e Altair Martins) e quatro pela Alfaguara (os dois de Ronaldo Correia de Brito e os de Laura Erber e Ricardo Lísias). A editora Record é a cabeça de um grande grupo editorial de capital nacional, enquanto a Alfaguara, no período em que os livros aqui analisados foram publicados, funcionava como um selo associado à editora Objetiva, cujas ações, em sua maioria, haviam sido vendidas ao Grupo Santillana (proprietários da Alfaguara na Espanha) em 2005; desde 2014, porém, tanto a Objetiva quanto a Alfaguara foram integradas ao Grupo Companhia das Letras, pertencente à poderosa

multinacional Penguin Random House. Assim, nos vemos diante de uma situação em que uma editora argentina independente, mas de porte médio, opta por traduzir romances de escritores brasileiros publicados, na origem, por grandes grupos editoriais, sem demonstrar, portanto, maiores preocupações com a chamada bibliodiversidade (no sentido de se preocupar em traduzir livros publicados, na origem, por editoras independentes de pequeno ou médio porte, como fazem algumas pequenas editoras brasileiras dedicadas à tradução de literatura hispano-americana).

### **Quatro clássicos, um de cada década**

Propositalmente ou não, entre as obras de autores brasileiros publicadas na coleção *Narrativas*, constatamos a presença de quatro clássicos da literatura brasileira, cada um deles publicado originalmente numa década diferente do século XX, da de 1930 à de 1960. De 1935 vem o romance *Os ratos* (São Paulo: Companhia Editora Nacional) do gaúcho Dyonelio Machado, publicado em 2010 com o título de *El día de las ratas*, em tradução de Claudia Solans. De 1946 vem a coleção de contos *Sagarana* (Rio de Janeiro: Editora Universal), do mineiro Guimarães Rosa, publicado em 2007 em tradução de Adriana Toledo de Almeida. Do mesmo Guimarães Rosa, saiu em 2011 a tradução de Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar para o romance *Grande sertão: veredas* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1956), com o título de *Gran sertón: veredas*. Finalmente, em 2012, publica-se a tradução, por Claudia Solans, de um outro livro de contos, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963), do paulista João Antonio.

### **Mas são crônicas ou contos?**

O alentado volume de crônicas *A descoberta do mundo* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984), de Clarice Lispector, foi dividido em dois tomos para sua publicação na editora Adriana Hidalgo. O primeiro saiu em 2004, com o título *Revelación de un mundo*, em tradução de Amalia Sato, e o outro, *Descubrimientos*, em 2010, traduzido por Claudia Solans. De Nelson Rodrigues publicou-se, também em dois volumes, *La vida tal cual es – vols. I e II* (2012 e 2014), com tradução e prólogo de Cristian De Nápoli, uma seleção da série de contos/crônicas *A vida como ela é*, escritos pelo autor entre 1950 e 1961 e publicados em sua coluna diária no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer.

### Outros brasileiros na Adriana Hidalgo

Além dos títulos publicados na coleção *Narrativas*, a editora Adriana Hidalgo publicou também quatro títulos de autores brasileiros em outras duas coleções de seu catálogo. Na coleção *El otro lado* (“La trama del pensamiento y la literatura de todas las épocas, en autores y textos cruciales”), com um total de 30 títulos publicados, foram editados três livros de três poetas brasileiros: *Estrella de la vida entera – Antología poética*, de Manuel Bandeira, uma edição bilíngue de 2003, com seleção, tradução e prólogo de Rodolfo Alonso; *Del arco iris blanco*, de Haroldo de Campos, em 2006, com tradução de Amalia Sato, livro que reúne textos sobre Goethe, Kafka, Hegel, Brecht, Wang Wei, Julián Ríos, Juanele, Sarduy, Mallarmé, Francis Ponge, Lacan e Hélio Oiticica; e *Antología sustancial de poemas y canciones*, de Vinicius de Moraes, edição bilíngue de 2013, com seleção, tradução e notas de Cristian De Nápoli, único dos três títulos a constar do catálogo de 2018 da editora. O quarto título de autor brasileiro fora da coleção *Narrativas* é a biografia *Clarice – una vida que se cuenta*, de Nadia Battella Gotlib, publicada em 2007 em tradução de Álvaro Abós, na coleção *Biografías y Testimonios*.

A seguir, no Quadro 15, apresentamos uma lista dos títulos de autores brasileiros publicados pela Coleção *Narrativas*, com a identificação de seus tradutores e demais informações referentes à edição.

**Quadro 15: autores brasileiros publicados na coleção *Narrativas***

Autor	Título	Publicação original	Tradutor	Ano
Abreu, Caio Fernando	<i>Donde andaré Dulce Veiga?</i>	<i>Onde andaré Dulce Veiga?</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1990)	Claudia Solans	2009
Correia de Brito, Ronaldo	<i>Estuve allá afuera</i>	<i>Estive lá fora</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012)	Claudia Solans	2014
	<i>Galilea</i>	<i>Galiléia</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008)	Claudia Solans	2010
Erber, Laura	<i>Ardillas de Pavlov</i>	<i>Esquilos de Pavlov</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013)	Julia Tomasini	2016
Freire, Marcelino	<i>Nuestros huesos</i>	<i>Nossos ossos</i> (Rio de Janeiro: Record, 2013)	Cristian De Nápoli	2014
Guimarães Rosa, João	<i>Gran sertón: veredas</i>	<i>Grande sertão: veredas</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1956)	Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar	2011
	<i>Sagarana</i>	<i>Sagarana</i> (Rio de Janeiro: Editora Universal, 1946)	Adriana Toledo de Almeida	2007

João Antonio	<i>Malagueta, Perus y Bacanaço</i>	<i>Malagueta, Perus e Bacanaço</i> (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963)	Claudia Solans	2012
Lísias, Ricardo	<i>El libro de los mandarines</i>	<i>O livro dos mandarins</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009)	Cristian De Nápoli	2014
Lispector, Clarice	<i>Revelación de un mundo</i>	<i>A descoberta do mundo</i> (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984)	Amalia Sato	2004
	<i>Descubrimientos</i>	<i>A descoberta do mundo</i> (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984)	Claudia Solans	2010
Machado, Dyonelio	<i>El día de las ratas</i>	<i>Os ratos</i> (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935)	Claudia Solans	2010
Martins, Altair	<i>La pared em la oscuridad</i>	<i>A parede no escuro</i> (Rio de Janeiro: Record, 2008)	Claudia Solans	2012
Noll, João Gilberto	<i>A cielo abierto</i>	<i>A céu aberto</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1996)	Claudia Solans	2009
	<i>Bandoleros</i>	<i>Bandoleiros</i> (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985)	Claudia Solans	2006
	<i>Harmada</i>	<i>Harmada</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1993)	Claudia Solans	2006
	<i>Hotel Atlántico</i>	<i>Hotel Atlântico</i> (Rio de Janeiro: Rocco, 1989)	Juan Sebastián Cárdenas	2014
	<i>Lord</i>	<i>Lorde</i> (São Paulo: Francis, 2004)	Claudia Solans	2006
Rodrigues, Nelson	<i>La vida tal cual es – volumen I</i>	<i>A vida como ela é</i>	Cristian De Nápoli; prólogo do tradutor	2012
	<i>La vida tal cual es – volumen II</i>	<i>A vida como ela é</i>	Cristian De Nápoli; prólogo do tradutor	2014

Fonte: elaborado pelo autor.

#### 4.4 – Tradução de autores brasileiros por outras editoras argentinas

O panorama da tradução de literatura brasileira na Argentina nas duas primeiras décadas do século XXI ficaria incompleto se não nos referíssemos ao trabalho de outras editoras que disso se ocuparam, além das já citadas Corregidor, El Cuenco de Plata e Adriana Hidalgo. Embora essas editoras possam não ter dado à literatura brasileira o mesmo destaque das três coleções analisadas acima, o fato é que acabaram por editar alguns títulos e autores de grande importância, como se pode constatar pelas obras listadas no Quadro 16 (abaixo).

É importante frisar que muitas dessas editoras, bem como aquelas das quais já tratamos, foram beneficiadas pela reformulação do Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, a partir de 2011, com vistas à participação do país na Feira de Frankfurt de 2013, como país homenageado (veremos, na próxima seção, que a Argentina fizera o mesmo, alguns anos antes, recriando o Programa Sur). Como resultado desse esforço de divulgação da literatura brasileira no exterior, o Programa da Biblioteca Nacional apoiou a tradução e/ou publicação de 809 obras, em diversas línguas, entre 2011 e 2018, atingindo um compreensível pico em 2013, ano em que foi concedido apoio à tradução/publicação de 205 obras.<sup>104</sup>

Deste total de 809 obras, 194 (quase um quarto do total) foram traduzidas ao espanhol, contemplando oito países, com destaque para a Espanha (79 títulos), Argentina (57) e México (24), não por acaso os três principais centros editoriais da língua em questão. Concentrando-nos no que aqui nos interessa, os 57 títulos traduzidos na Argentina ao longo deste período foram distribuídos entre 27 editoras, entre elas a El Cuenco de Plata (8 títulos), a Corregidor (7), a Edhasa (5) e a Manantial (5). Em artigo publicado em 2020, Rosario Lázaro Igoa e Walter Carlos Costa complementam a informação:

No entanto, há um segundo grupo composto por um alto número de editoras, 23 do total de 27, que obtém, cada uma, um menor número de bolsas. Entre elas estão Adriana Hidalgo, Beatriz Viterbo, Editorial Municipal de Rosario, El Río Suena, Eterna Cadencia, Gog y Magog e Tinta Limón, todas de pequeno e médio porte, e nenhuma pertencente a conglomerados estrangeiros. Em função disso, podemos afirmar que na Argentina não se dá uma concentração significativa das bolsas de apoio à tradução em nenhuma editora, seja nacional ou estrangeira. Igualmente, que não há participação dos grandes conglomerados internacionais nesta dinâmica específica das bolsas brasileiras de tradução e que essa dispersão contribui para a dinamização das editoras de menor porte, como é o caso da Tinta Limón, para citar uma delas, que

---

<sup>104</sup> LÁZARO IGOA, Rosario; COSTA, Walter Carlos. Las iniciativas de apoyo a la traducción: obras brasileiras publicadas en Argentina y Uruguay desde el 2011. In: *Viceversa: tópicos de traducción entre español y portugués*. Amanda Blanco; Carlos Rizzon; Mayte Gorrostorrazo (orgs.). Jaguarão: UNIPAMPA, 2020, p. 14-15.

traduziu a antologia *Saraus – Movimento, literatura, periferia, São Paulo* (2013), *La mirada del jaguar*, livro de entrevistas com Eduardo Viveiros de Castro (2013), e *Cartografia da autoria negra no Brasil* (2017).<sup>105</sup>

Lázaro Igoa e Costa comentam também sobre a distribuição, em termos geracionais, dos autores escolhidos para serem traduzidos, observando que

do total de 46 autores [...], 22 nasceram depois de 1950; 20 entre 1900 e 1950, e somente 4 pertencem ao século XIX, como no caso de Júlia Lopes de Almeida, Mário de Andrade, Sousândrade e Raul Bopp. O exemplo da Editorial Corregidor é significativo, devido à tradução de *O inferno de Wall Street e outros poemas*, do precursor do vanguardismo Sousândrade, e de *Cobra Norato*, do modernista Raul Bopp. Esta opção por poetas que foram revalorizados pela crítica das últimas décadas fala de uma interação que ocorre em função de diálogos críticos ou acadêmicos, e que se afasta dos circuitos claramente comerciais.<sup>106</sup>

Independente do fato de terem recebido ou não o apoio do Programa da Biblioteca Nacional, veremos que as editoras com maior número de títulos traduzidos de literatura brasileira – sem contar as editoras de que já tratamos nas seções anteriores – foram a Beatriz Viterbo (da cidade de Rosario) e a Interzona, ambas com 11 títulos, a Edhasa (com nove), a Eterna Cadencia e a Leviatán, ambas com sete. Vejamos quais foram os títulos e autores que elas optaram por traduzir.

Os 11 títulos publicados pela Editorial Beatriz Viterbo pertencem a sete escritores e foram distribuídos em três coleções diferentes (Crônicas, Traducciones e Ficciones). Afora *Paulicéia desvairada*, de Mario de Andrade (de 1922), e *Infância*, de Graciliano Ramos (de 1945), os outros títulos são de escritores contemporâneos, ou, pelo menos, de escritores cujos livros foram publicados no Brasil da década de 1980 em diante. Do gaúcho Caio Fernando Abreu foram traduzidas as crônicas de *Pequenas epifanias* e os contos de *Morangos mofados*; do amazonense Milton Hatoum, os romances *Relatos de um certo Oriente* e *Dois irmãos*, além dos contos de *A cidade ilhada*; do mineiro Sérgio Sant’Anna, a novela *Um crime delicado* e o livro de contos *O monstro*, ambos traduzidos por César Aira; do paulista Nuno Ramos, traduziram-se os textos de *Ó*, e, do paranaense Miguel Sanches Neto, o romance *Um amor anarquista*.

Deliberadamente ou não, a escolha do que traduzir entre os autores contemporâneos brasileiros recaiu sobre cinco escritores oriundos de cinco estados diferentes, embora a maioria deles tenha tido seus livros publicados, na origem, por editoras sediadas em São Paulo, predominantemente a Companhia das Letras. Mais uma instância em que uma editora argentina

---

<sup>105</sup> Idem, p. 17.

<sup>106</sup> Idem, p. 18.

de pequeno ou médio porte – e, neste caso, não localizada na capital do país – opta por traduzir títulos publicados por uma grande editora no Brasil, algo que já observamos em relação à Editorial Adriana Hidalgo.

Já a Editorial Interzona acabou dando destaque à obra do dramaturgo Augusto Boal, autor de cinco dos 11 títulos brasileiros por ela traduzidos, todos (os de Boal) na coleção Zona de Teatro. Entre textos teóricos e textos dramáticos propriamente ditos, os cinco títulos editados entre 2015 e 2019 foram: *Juegos para actores y no actores*, *Teatro del oprimido*, *La estética del oprimido*, *Revolución en América del Sur* e *El gran acuerdo internacional del Tío Patilludo*. Dos outros seis títulos de autores brasileiros, um é tradução de um ensaio do sociólogo Renato Ortiz – *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo* – e cinco são obras de ficção: os romances *Mãos de cavalo*, de Daniel Galera, *K., relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, e *A arte de produzir efeito sem causa*, de Lourenço Mutarelli, além de *Mar paraguayo*, de Wilson Bueno, e *Triple Frontera dreams*, de Douglas Diegues, os dois últimos não exatamente traduzidos, porque escritos deliberadamente em portunhol (no caso de Diegues, segundo ele mesmo, em *portuñol salvaje*).

A Edhasa, editora e distribuidora fundada em 1946 em Barcelona por Antonio López Llausàs, um catalão exilado em Buenos Aires (ver seção 2.4, sobre a Editorial Sudamericana), tem uma filial argentina com certa autonomia, no sentido de poder publicar obras de autores argentinos e, também, algumas traduções restritas ao mercado hispano-americano. Neste contexto é que a Edhasa argentina publicou, nos últimos anos, nove títulos de autores brasileiros, vários deles, como vimos, com bolsa aprovada pelo Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional do Brasil. Os nove títulos pertencem a cinco escritores: Bernardo Carvalho, com três romances traduzidos (*Nove noites*, *O filho da mãe* e *Reprodução*); Andréa del Fuego, com dois (*Os Malaquias* e *As miniaturas*); Adriana Lisboa, também com dois (*Azul corvo* e *Hanói*); Alberto Mussa, com *O enigma de Qaf*, e José Luiz Passos, com *O sonâmbulo amador*.

A editora Eterna Cadencia, dirigida por Leonora Djament, publicou sete títulos de quatro autores brasileiros. Um deles é uma antologia com doze contos de Machado de Assis, *Padre contra madre y otros cuentos breves*, selecionados e traduzidos por Pablo Rocca, e os outros seis volumes pertencem a autores contemporâneos. São eles: a carioca Ana Paula Maia, que teve três romances – *De gados e homens*, *Assim na terra como embaixo da terra* e *Enterre seus*

*mortos* – traduzidos por Cristian Di Nápoli; o mineiro Luiz Ruffato, com os romances *Eles eram muitos cavalos* e *Estive em Lisboa e lembrei de você*, traduzidos por Mario Cámara; e Paloma Vidal, nascida na Argentina e moradora do Rio de Janeiro, com os contos de *Mais ao sul*, outro caso de autotradução. Paloma Vidal teve outro livro publicado na Argentina, o romance *Mar azul*, traduzido por Guillermina Torres Reca para a Editorial Bajo la luna.

Finalmente, a Editorial Leviatán também publicou sete títulos de literatura brasileira, distribuídos entre ensaios, narrativa e poesia. Os livros de ensaios foram dois: *Tendencias de la literatura brasileña – escritos en contrapunto*, do potiguar João Almino, e *Machado de Assis y Borges y más ensayos sobre Machado de Assis*, do gaúcho Luís Augusto Fischer, ambos na Colección Crítica y Narrativa. Na mesma coleção foram publicadas as traduções de *Eles e elas*, livro de crônicas de Júlia Lopes de Almeida, originalmente publicado em 1910, e *A terceira perna*, livro de contos de Vilma Arêas, ambos por Amalia Sato, além da novela *O alienista*, de Machado de Assis, traduzida por Rodolfo Alonso. Já na Colección Poesía Mayor, em edição bilíngue, foi publicada a tradução de *O cão sem plumas*, do pernambucano João Cabral de Melo Neto, por Raúl Santana, e uma antologia, igualmente bilíngue, do gaúcho Mario Quintana, *Esa vieja poesía... (y otros poemas)*, por René Palacios More, com prólogo de Luís Augusto Fischer.

Além dos 45 títulos acima referidos, publicados pelas editoras Beatriz Viterbo, Interzona, Edhasa, Eterna Cadencia e Leviatán, o Quadro 16 apresenta outros títulos de literatura brasileira, todos publicados entre 2003 e 2020.

**Quadro 16: livros de autores brasileiros publicados em outras editoras argentinas**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>
Abreu, Caio Fernando	<i>Pequeñas epifanias</i>	<i>Pequenas epifanias</i> (Porto Alegre: Sulina, 1996)	Graciela Ferraris	2009	Beatriz Viterbo (Colección Crónicas)
	<i>Frutillas mohosas</i>	<i>Morangos mofados</i> (São Paulo: Brasiliense, 1982)	Graciela Ferraris	2010	Beatriz Viterbo (Colección Traducciones)
Almeida, Júlia Lopes de	<i>Ellas y ellos</i>	<i>Eles e elas</i> (1910)	Amalia Sato, prólogo de Nadilza Martins de Barros Moreira	2012	Leviatán (Colección Crítica y Narrativa)
Almino, João	<i>Tendencias de la</i>	<i>Escrita em</i>	????	2010	Leviatán

	<i>literatura brasileira. Escritos en contrapunto</i>	<i>Contraponto – Ensaios Literários</i> (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008)			(Colección Crítica y Narrativa)
Andrade, Mário de	<i>Paulicea desvariada</i>	<i>Paulicéia desvairada</i> (1922)	Arturo Carrera e Rodrigo Álvarez	2012	Beatriz Viterbo (Colección Ficciones)
Antunes, Arnaldo	<i>Palabra Desorden</i>	<i>Palavra desordem</i> (São Paulo: Iluminuras, 2002)	Reynaldo Jiménez e Ivana Vollaro, prólogo de Gonzalo Aguilar	2014	Caja Negra (Colección Numancia)
Arêas, Vilma	<i>La tercera pata</i>	<i>A terceira perna</i> (São Paulo: Brasiliense, 1992)	Amalia Sato	2011	Leviatán (Colección Crítica y Narrativa)
Boal, Augusto	<i>Juegos para actores y no actores</i>	<i>Jogos para atores e não atores (200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro</i> (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983)	Mario Jorge Merlino (trad. cedida por Alba Editorial)	2015	Interzona (Colección Zona de teatro; editada com apoio do Instituto Boal)
	<i>Teatro del oprimido – teoría y práctica</i>	<i>Teatro do oprimido e outras poéticas políticas</i> (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975)	Graciela Schmilchuk (trad. cedida por Alba Editorial)	2015	Interzona (Colección Zona de teatro)
	<i>La estética del oprimido</i>	<i>A estética do oprimido</i> (Rio de Janeiro: Funarte, 2008)	Joana Castells Savall (trad. cedida por Alba Editorial)	2016	Interzona (Colección Zona de teatro)
	<i>Revolución en América del Sur</i>	<i>Revolução na América do Sul</i> (São Paulo: Massao Ohno, 1961)	Lucía Tennina	2018	Interzona (Colección Zona de teatro)
	<i>El gran acuerdo internacional del Tío Patilludo</i>	<i>As aventuras do Tio Patinhas</i> (1968)	Lucía Tennina	2019	Interzona (Colección Zona de teatro)
Bueno, Wilson	<i>Mar paraguayoso seguido de Canoa canoa</i>	<i>Mar paraguayoso</i> (São Paulo: Iluminuras, 1992)	escrito em portunhol; trad. de <i>Canoa canoa</i> por Luciano Páez Souza; prólogo de	2020	Interzona

			Néstor Perlongher		
Carvalho, Bernardo	<i>Nueve noches</i>	<i>Nove noites</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2002)	Leopoldo Brizuela	2011	Edhasa
	<i>Hijo de mala madre</i>	<i>O filho da mãe</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)	Claudia Solans	2014	Edhasa
	<i>Reproducción</i>	<i>Reprodução</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2013)	Bárbara Belloc e Teresa Arijón	2016	Edhasa
Cesar, Ana Cristina	<i>El método documental</i>	parte de <i>Crítica e tradução</i> (Ática, 1999)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2013	Manantial
del Fuego, Andréa	<i>Los Malaquias</i>	<i>Os Malaquias</i> (Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2012	Edhasa
	<i>Las miniaturas</i>	<i>As miniaturas</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2013)	Claudia Solans	2015	Edhasa
Diegues, Douglas	<i>Triple Frontera dreams</i>	<i>Triple Frontera dreams</i> (Paraguai/Ponta Porã, MS: Yiyi Jambo, 2010)	escrito em portuñol salvaje	2017	Interzona (Colección Zona de poesía)
Fischer, Luís Augusto	<i>Machado de Assis y Borges y más ensayos sobre Machado de Assis</i>	<i>Machado e Borges e outros ensaios sobre Machado de Assis</i> (Porto Alegre: Arquipélago, 2008)	Amalia Sato	2011	Leviatán (Colección Crítica y Narrativa)
Franco, Marielle	<i>Laboratorio favela. Violencia y política en Río de Janeiro</i>	Textos, discursos e cronologia de Marielle Franco. Transcrição dos discursos e edição dos textos pelos tradutores.	Santiago Sburlatti, Gabriela Mendoza, Josefina Payró, Julia Rigueiro, Andrés Bracony e Diego Picotto	2020	Tinta Limón
Freire, Marcelino	<i>Cuentos negreros</i>	<i>Contos negreiros</i> (Rio de Janeiro: Record, 2005)	Lucía Tennina; prólogo de Washington Cucurto	2013	Santiago Arcos Editor
Galera, Daniel	<i>Manos de caballo</i>	<i>Mãos de cavalo</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2006)	Rosario Hubert	2007	Interzona (coleção IZ Latinoamericana, depois passou à

					coleção Zona de traducciones)
Garcia, Marília	<i>Parque de las ruinas</i>	<i>Parque das ruínas</i> (Luna Parque, 2018)	Diana Klinger e Florencia Garramuño	2020	Mandacaru
Gullar, Ferreira	<i>Fecha de elaboración/Fecha de vencimiento</i>	seleção de textos feita a partir dos livros <i>Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento</i> e outros	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2014	Manantial
Hatoum, Milton	<i>Relato de un cierto Oriente</i>	<i>Relato de um certo Oriente</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1989)	Adriana Kanczepolsky	2006	Beatriz Viterbo (Colección Traducciones)
	<i>Dos hermanos</i>	<i>Dois irmãos</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2000)	Adriana Kanczepolsky	2007	Beatriz Viterbo (Colección Traducciones)
	<i>La ciudad aislada</i>	<i>A cidade ilhada</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)	Adriana Kanczepolsky	2013	Beatriz Viterbo (Colección Ficciones)
Hilst, Hilda	<i>Baladas</i>	<i>Balada de Alzira</i> (1951) e <i>Balada do festival</i> (1955)	Salvador Biedma	2018	Caleta Olivia
	<i>Del deseo</i>	<i>Do desejo</i> (Campinas: Pontes, 1992)	Salvador Biedma	2020	Postales Japonesas
Ivánova, Adelaide	<i>El martillo</i>	<i>O martelo</i> (Rio de Janeiro: Garupa, 2017)	Diana Klinger (ed. bilingüe)	2021	Mandacaru
Kucinski, Bernardo	<i>Las tres muertes de K.</i>	<i>K., relato de uma busca</i> (São Paulo: Expressão Popular, 2011)	Teresa Matarranz; ilustr. Enio Squeff, coedição com Rayo verde Editorial	2015	Interzona (Colección Zona de ficciones)
Leminski, Paulo	<i>Catatau</i>	<i>Catatau</i> (1975)	Reynaldo Jiménez (trad., posfácio e cronologia)	2014	Editorial Descierto
Lima Barreto	<i>Los bruzundangas: una sátira política</i>	<i>Os Bruzundangas</i> (1923)	Ezequiel Bajder	2008	Vestales
	<i>El triste fin de Policarpo Quaresma</i>	<i>O triste fim de Policarpo Quaresma</i> (1915)	Olga Pinheiro de Souza, revisada por	2012	Mardulce

			Gabriela Massuh e Damián Tabarovsky		
Lisboa, Adriana	<i>Azul cuervo</i>	<i>Azul corvo</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014)	Teresa Arijón	2011	Edhasa
	<i>Hanói</i>	<i>Hanói</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2015	Edhasa
Machado de Assis	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> (1881)	Adriana Amante	2003	De la Flor
	<i>Quincas Borba</i>	<i>Quincas Borba</i> (1891)	Marcelo Cohen	2010	La Compañía de Los Libros (editado com a colaboração da Embaixada do Brasil em Buenos Aires)
	<i>El alienista</i>	<i>O alienista</i> (1882)	Rodolfo Alonso	2010	Leviatán (Colección Crítica y Narrativa)
	<i>Padre contra madre y otros cuentos breves</i>	Seleção de doze contos do autor, retirados de <i>Contos – uma antologia</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), 2 vols., John Gledson (org.)	Pablo Rocca	2013	Eterna Cadencia
Maia, Ana Paula	<i>De ganados y de hombres</i>	<i>De gados e homens</i> (Rio de Janeiro: Record, 2013)	Cristian Di Nápoli	2015	Eterna Cadencia
	<i>Así en la tierra como debajo de la tierra</i>	<i>Assim na terra como embaixo da terra</i> (Rio de Janeiro: Record, 2017)	Cristian Di Nápoli	2017	Eterna Cadencia
	<i>Entierre a sus muertos</i>	<i>Enterre seus mortos</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2018)	Cristian Di Nápoli	2019	Eterna Cadencia
Melo Neto, João Cabral de	<i>El perro sin plumas</i>	<i>O cão sem plumas</i> (1950)	Raúl Santana	2008	Leviatán (ed. bilingüe, Colección Poesía Mayor)

Mussa, Alberto	<i>El enigma de Qaf</i>	<i>O enigma de Qaf</i> (Rio de Janeiro: Record, 2004)	Teresa Arijón	2013	Edhasa
Mutarelli, Lourenço	<i>El arte de producir efecto sin causa</i>	<i>A arte de produzir efeito sem causa</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2008)	Lucía Tennina	2015	Interzona (Colección Zona de traducciones)
Niemeyer, Oscar	<i>Diario-Boceto</i>	reunião de textos seleccionados dos livros <i>As curvas do tempo</i> (Revan, 1998), <i>Minha arquitetura</i> (Revan, 2008) e outros	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2014	Manantial
Oiticica, Hélio	<i>Materialismos</i>	seleção de textos retirados dos livros <i>Encontros</i> e <i>Museu é o mundo</i> (Azougue)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2013	Manantial
Ortiz, Renato	<i>Lo próximo y lo distante – Japón y la modernidad-mundo</i>	<i>O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo</i> (São Paulo: Brasiliense, 2000)	Roxana Cabello	2015	Interzona (Colección Zona de ensayos)
Passos, José Luiz	<i>El sonámbulo amateur</i>	<i>O sonámbulo amador</i> (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012)	Teresa Arijón e Bárbara Belloc	2015	Edhasa
Piedade, Vilma	<i>Doloridad</i>	<i>Dororidade</i> (São Paulo: Editora Nós, 2017)	Lucía Tennina e Rafaela Vasconcellos	2021	Mandacaru
Quintana, Mario	<i>Esa vieja poesía... (y otros poemas)</i>	antología poética	René Palacios More, prólogo de Luís Augusto Fischer	2010	Leviatán (ed. bilingüe, Colección Poesía Mayor)
Ramos, Graciliano	<i>Infancia</i>	<i>Infância</i> (Rio de Janeiro: José Olympio, 1945)	Florencia Garramuño	2010	Beatriz Viterbo (Colección Ficciones)
Ramos, Nuno	<i>Ó</i>	<i>Ó</i> (São Paulo: Iluminuras, 2008)	Florencia Garramuño	2014	Beatriz Viterbo (Colección Ficciones)
Rolnik, Suely	<i>Esferas de la insurrección. Apuntes para descolonizar el inconsciente</i>	<i>Esferas da insurreição. Notas para uma vida não cafetinada</i> (São Paulo: N-1 Edições, 2018)	Cecilia Palmeiro, Marcia Cabrera e Damian Kraus	2019	Tinta Limón

Ruffato, Luiz	<i>Ellos eran muchos caballos</i>	<i>Eles eram muitos cavalos</i> (São Paulo: Boitempo, 2001)	Mario Cámara	2010	Eterna Cadencia
	<i>Estuve en Lisboa y me acordé de ti</i>	<i>Estive em Lisboa e lembrei de você</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)	Mario Cámara	2011	Eterna Cadencia
Sanches Neto, Miguel	<i>Un amor anarquista</i>	<i>Um amor anarquista</i> (Rio de Janeiro: Record, 2005)	Diana Klinger	2006	Beatriz Viterbo (Colección Traducciones)
Sant'Anna, Sérgio	<i>Un crimen delicado</i>	<i>Um crime delicado</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1997)	César Aira	2007	Beatriz Viterbo (Colección Traducciones)
	<i>El monstruo</i>	<i>O monstro</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1994)	César Aira	2011	Beatriz Viterbo (Colección Ficciones)
Stigger, Veronica	<i>Sur</i>	<i>Sul</i> (São Paulo: Editora 34, 2016; posterior à edição argentina)	Gonzalo Aguilar	2013	Grupo Editorial
Tabajara Ruas, Marcelino	<i>La región sumergida</i>	<i>A região submersa</i> (Lisboa: Livraria Bertrand, 1978)	Rodolfo Alonso	2006	Emecé
Trevisan, Dalton	<i>La trompeta del ángel vengador</i>	<i>A trombeta do anjo vingador</i> (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977)	Gonzalo Aguilar	2013	Mardulce
Veloso, Caetano	<i>El mundo no es chato</i>	<i>O mundo não é chato</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 2005) Eucanaã Ferraz (org.)	Florencia Garramuño e Álvaro Fernández Bravo	2015	Marea Editorial
	<i>Verdad tropical</i>	<i>Verdade tropical</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1996/2017)	Violeta Weinschelbaum	2019	Marea Editorial
Vidal, Paloma	<i>Más al sur</i>	<i>Mais ao sul</i> (Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008)	autotradução	2011	Eterna Cadencia
	<i>Mar azul</i>	<i>Mar azul</i> (Rio de Janeiro: Rocco, 2012)	Guillermina Torres Rea	2015	Bajo la luna
Viveiros de Castro, Eduardo	<i>La mirada del jaguar. Introducción al</i>	<i>Encontros. Eduardo Viveiros de Castro</i> (Rio de Janeiro:	Lucía Tennina, Andrés Bracony e Santiago	2013	Tinta Limón

	<i>perspectivismo amerindio. Entrevistas</i>	Azougue Editorial, 2008)	Sburlatti		
Vv. Aa.	<i>Terriblemente felices – Nueva narrativa brasileña</i>	Reúne contos de 15 escritores: André Sant’Anna, João Filho, Joca Reiners Terron, Marcelino Freire, Miguel Sanches Neto, Cintia Moscovich, Ivana Arruda Leite, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Nelson de Olivera, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll, Jorge Mautner, Márcia Denser e Sérgio Sant’Anna.	Cristian de Nápoli (trad. e org.)	2007	Emecé
Vv. Aa.	<i>Cuentos en tránsito</i>	Reúne contos de 14 escritores: Vanessa Bárbara, Ronaldo Correia de Brito, Laura Erber, Emilio Fraia, Adriana Lisboa, Ricardo Lísias, Ana Maria Machado, Reinaldo Moraes, José Luiz Passos, Maria Valéria Rezende, João Ubaldo Ribeiro, Paulo Scott, José Roberto Torero e Luis Fernando Verissimo.	Vários tradutores	2014	Alfaguara
Vv. Aa.	<i>Saraus. Movimiento / Literatura / Periferia / São Paulo. Antología</i>	Reúne textos e manifestos da literatura marginal e de periferia brasileira	Lucía Tennina (pesquisa, compilação e tradução)	2014	Tinta Limón
Vv. Aa.	<i>Quilombo. Cartografia / Autoria negra / Brasil</i>	Reúne textos de 38 escritorxs negrxs: Solano Trinidad / Carolina Maria De Jesus / Carlos De Assumpção / Oswaldo De Camargo Cuti /	Lucía Tennina (compilação)	2020	Tinta Limón

		Conceição Evaristo / Geni Guimarães / José Carlos Limeira / Miriam Alves / Bell Puã Esmeralda Ribeiro / Éle Semog / Eliakin Rufino / Paulo Lins / Márcio Barbosa / Gabriel Sânpera / Miró de Muribeca / Ricardo Aleixo / Ronald Augusto / Edimilson De Almeida Pereira / Nelson Maca / Cidinha Da Silva / Eliane Marques / Tula Pilar / Cristiane Sobral / Allan Da Rosa / Mel Adún / Dinha / Livia Natália / tatiana nascimento / Elizandra Sousa / Helena Silvestre / Jennyfer Nascimento / Lubi Prates / Mel Duarte / Kika Sena / Meimei Bastos / Jarid Arraes.			
Vv. Aa.	<i>Tejer y destejer – 7 poetas contemporáneas del Brasil</i>	Poemas de Ana Martins Marques, Annita Costa Malufe, Claudia Roquette-Pinto, Izabela Leal, Josely Vianna Baptista, Lu Menezes e Simone Brantes	Agustina Roca	2020	Bajo la luna
Wisnik, José Miguel	<i>Sonido y sentido – Otra historia de la música</i>	<i>O som e o sentido</i> (São Paulo: Companhia das Letras, 1989)	Julia Tomasini	2015	La Marca Editora

Fonte: elaborado pelo autor.

#### 4.5 – Tradução de autores argentinos no Brasil (1998-2021)

Com uma única exceção, à qual já vamos nos referir, a tradução de literatura argentina no Brasil nas duas últimas décadas (ou seja, nas duas primeiras décadas do século XXI) não se deu por meio de coleções dedicadas *exclusivamente* a autores argentinos, mas em dois contextos diversos: em algumas coleções voltadas, de maneira mais ampla, para a divulgação da literatura hispano-americana como um todo, e também sob a forma de publicação “isolada” – ou seja, fora de coleções –, o que ainda representa a maior parte do que se traduz e publica no país. Atente-se, porém, para o fato de que, nas coleções dedicadas à literatura hispano-americana, a presença de autores argentinos é sempre muito significativa, como veremos.

A exceção acima referida ficou por conta da Coleção Nomadismos, criada em 2014, numa parceria entre as editoras brasileiras Circuito e Azougue e a argentina Manantial, caracterizando um esforço binacional há muito tempo ausente do mundo editorial. Coordenada pelos brasileiros Renato Rezende (da Circuito) e Sérgio Cohn (da Azougue) e pelas tradutoras argentinas Teresa Arijón e Bárbara Belloc, a coleção se propõe “publicar textos inéditos no Brasil de importantes pensadores contemporâneos argentinos” e, na Argentina, “a divulgar o pensamento e a escritura, até agora inéditos em nosso país, dos mais notáveis artistas da vanguarda brasileira”. No Brasil, até o momento, foram publicados onze títulos, configurando um inédito *mix* de autores, entre eles aqueles ligados às artes plásticas (Alfredo Prior, Rafael Cippolini e Eduardo Stupía), à poesia (Diana Bellessi, Arturo Carrera, Tamara Kamenszain) e à crítica (María Moreno, Josefina Ludmer, Daniel Link, Laura Klein e Jorge Monteleone). Até onde foi possível averiguar, na Argentina foram publicados apenas quatro títulos, todos lançados entre 2013 e 2014, de autoria de Ana Cristina Cesar, Hélio Oiticica, Oscar Niemeyer e Ferreira Gullar, o que nos leva a crer que a coleção foi encerrada (e num nível de reciprocidade claramente desvantajoso para os brasileiros).

Como afirmamos, é bastante significativa a presença de autores argentinos nas coleções dedicadas à literatura hispano-americana em geral, e um bom exemplo disso é a Coleção Otra Lingua, publicada pela Editora Rocco entre 2013 e 2016, com curadoria do escritor brasileiro Joca Reiners Terron. Neste curto espaço de tempo, foram publicados 14 títulos, sendo 5 de autores argentinos – Copi, Cesar Aira, Roberto Arlt, Fabián Casas e Juan Rodolfo Wilcock –, o que nos dá um índice de cerca de 35% de “participação argentina” na coleção. Para além desse

fato estatístico, a *Otra Língua* foi uma das mais importantes coleções de literatura hispano-americana de publicação recente no Brasil, tendo editado livros de alguns autores até então inéditos no país, entre eles Casas e Wilcock (sim, o mesmíssimo Juan Rodolfo Wilcock que foi responsável por grande número de traduções realizadas para a Colección Grandes Novelistas da Editorial Emecé, como vimos no capítulo 3).

Outro caso que merece destaque é o da Editora Iluminuras, fundada em 1987 por um argentino, Samuel León, que desde então vem se ocupando de publicar a obra de vários de seus conterrâneos. Entre eles encontram-se Roberto Arlt, Edgardo Cozarinsky, Luis Gusmán e Ricardo Piglia, de quem a Iluminuras publicou a primeira tradução para qualquer língua do hoje clássico *Respiración artificial* (este e os outros cinco títulos de Piglia publicados pela Iluminuras não constam do Quadro 17 porque foram todos publicados entre 1987 e 1997).

Chegamos então ao recorte escolhido, de 1998 até os dias de hoje. Por que começar em 1998 e não diretamente no século XXI? Porque foi o ano em que se deu um acontecimento editorial que não pode ser ignorado quando se trata da publicação de literatura argentina no Brasil: foi naquele ano que a Globo Livros, de São Paulo, deu início à publicação das *Obras completas* de Jorge Luis Borges, em quatro volumes, editando-os entre 1998 e 1999, seguindo os rígidos critérios editoriais estabelecidos pela Emecé, que ainda detinha os direitos da obra de Borges. Pouco tempo depois, em 2000, aquela tradicional editora argentina acabaria sendo engolida pelo Grupo Planeta, e, dez anos depois, os direitos de publicação da obra de Borges passaram às mãos de outra gigante do mundo editorial, a Random House Mondadori (atual Penguin Random House), depois de uma transação milionária concretizada na Feira do Livro de Frankfurt de 2010.<sup>107</sup>

Na época, a Globo de São Paulo ainda pôde se valer de algumas traduções publicadas originalmente pela Globo de Porto Alegre nos anos 1970, revisadas por Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz, assessor editorial da edição brasileira, que teve coordenação geral de Eliana Sá. Para o primeiro volume, por exemplo, com as obras de 1923 a 1949, aproveitaram-se as antigas traduções de *História universal da infâmia*, *História da eternidade*, *Ficções* e *O Aleph*, e encomendaram-se traduções novas para os três primeiros livros de poesia de Borges, bem como para os ensaios de *Evaristo Carriego* e *Discussão*. A partir de 2007, a obra de Borges

---

<sup>107</sup> DE DIEGO, José Luis. *Projetos editoriais e redes intelectuais na América Latina*. Trad. Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2020, p. 182.

passou a ser publicada no Brasil pela Companhia das Letras, que para isso criou a Biblioteca Borges, com coordenação editorial de Davi Arrigucci Jr., Heloisa Jahn, Jorge Schwartz e Maria Emília Bender. Entre 2007 e 2017, a Companhia das Letras editou um total de 21 volumes de obras individuais na Biblioteca Borges, afastando-se, assim, do formato de publicação anterior, em que a obra completa do autor argentino foi reunida em quatro grandes volumes. Para essa nova edição, foram providenciadas novas traduções para quase todos os livros, mas também foram aproveitadas algumas das traduções anteriormente publicadas pela Globo em 1998-1999.

De modo geral, o período aqui abordado (1998-2021) foi pródigo em traduções de autores argentinos no Brasil: o número total de títulos traduzidos ficou perto dos 300, sendo que mais da metade deles (174) foi publicado no período de dez anos que vai de 2005 a 2014, período em que a média de traduções ficou em torno de 17 títulos por ano, conforme ilustrado pelo gráfico 6, abaixo:



Um fator relevante para o aumento do número de traduções de autores argentinos no Brasil, pelo menos a partir de 2010, foi o incentivo proporcionado pelo Programa Sur de Apoyo a las Traducciones, criado em 2009 pelo Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto da Argentina. Como país homenageado da Feira do Livro de Frankfurt de 2010, a Argentina se esforçou por todos os meios para divulgar sua literatura no exterior, e o Programa Sur foi parte importante deste esforço, o que acabou contemplando algumas das

editoras brasileiras que apresentaram propostas ao programa. Para se ter uma ideia, somente no ano de 2010 o programa aprovou a tradução de 291 obras de autores argentinos, distribuídas entre editoras de 37 países. Destes, apenas a Alemanha (com 60 títulos), a Itália (com 33) e a França (com 22) aprovaram mais projetos de tradução do que o Brasil, que ficou em quarto lugar no número de projetos aprovados, com 19 títulos, junto com os EUA, e à frente de países como o Reino Unido (14) e Israel (13).<sup>108</sup> No gráfico 7, abaixo, podemos visualizar o número de traduções propostas por editores brasileiros que foram aprovadas no âmbito do Programa Sur no período compreendido entre 2010 e 2020:



É interessante notar que parte dos projetos aprovados nos últimos três anos ainda não se concretizou, ou seja, uma parte das traduções propostas e aprovadas entre 2018 e 2020 ainda não foi publicada pelas editoras brasileiras, daí a disparidade momentânea entre o número de projetos aprovados no Programa Sur em 2018 (19 títulos, como em 2010) e a quantidade de obras efetivamente publicadas até o momento.

E quais foram as editoras brasileiras contempladas pelo Programa Sur? Os dados disponíveis no site do programa nos mostram que os 106 projetos de tradução aprovados para o Brasil entre 2010 e 2020 foram distribuídos entre 41 editoras, sendo que 32 delas tiveram apenas de um a três títulos aprovados ao longo deste período, totalizando 42 títulos. O gráfico

<sup>108</sup> Informação disponível em <http://programa-sur.cancilleria.gob.ar/obras.php>.

8, abaixo, nos mostra as nove editoras com maior número de projetos aprovados (a partir de quatro), tendo chegado, juntas, a um total de 64 títulos (do total de 106):



Quanto à distribuição geográfica destas editoras, o predomínio da região Sudeste é flagrante: três delas têm sua sede em São Paulo/SP (inclusive a finada Cosac & Naify, que encerrou suas atividades em 2015), duas no Rio de Janeiro/RJ e duas em Belo Horizonte/MG, enquanto as outras duas estão situadas na região Sul (uma em Florianópolis/SC, a experimental Cultura e Barbárie, e uma em Porto Alegre/RS, a Masquatro, especializada em livros técnicos na área de Arquitetura). Ao contrário do que se poderia esperar, a editora com maior número de títulos aprovados no período (11), é a Moinhos, uma editora independente comandada pelo cearense Nathan Magalhães, com sede em Belo Horizonte, que ficou à frente da carioca Círculo (a que já nos referimos ao tratar da Coleção Nomadismos) e da gigante Companhia das Letras, ambas com 10 títulos aprovados. Cabe destacar outras duas editoras independentes nesta lista, a também mineira Relicário, de Máira Nassif, com seis títulos, e a catarinense Cultura e Barbárie, dirigida por Marina Moros, com cinco títulos aprovados.

O Quadro 17 apresenta uma lista dos livros de autores argentinos publicados no Brasil entre 1998 e 2021, com seus respectivos editores e tradutores, além de outras informações, como o ano de publicação original dos livros traduzidos.

**Quadro 17: autores argentinos publicados no Brasil (1998-2021)**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>
Aguinis, Marcos	<i>O atroz encanto de ser argentino</i>	<i>El atroz encanto de ser argentino</i> (2001)	Maria Cristina Guimarães Cupertino e Terezinha Martino	2002	Bei
	<i>A saga do marrano</i>	<i>La gesta del marrano</i> (1991)	Henrique Amat Rêgo Monteiro	2005	Palíndromo
	<i>Assalto ao paraíso</i>	<i>Asalto al paraíso</i> (2002)	Henrique Amat Rêgo Monteiro	2005	Palíndromo
Aira, César	<i>A trombeta de vime</i>	<i>La trompeta de mimbre</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 1998)	Sérgio Molina	2002	Iluminuras
	<i>Um acontecimento na vida do pintor-viajante</i>	<i>Un episodio en la vida del pintor viajero</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 2000)	Paulo Andrade Lemos	2006	Nova Fronteira
	<i>As noites de Flores</i>	<i>Las noches de Flores</i> (Buenos Aires: Mondadori, 2004)	Paulo Andrade Lemos	2006	Nova Fronteira
	<i>Pequeno manual de procedimentos</i>	Seleção de textos dispersos do autor; Eduard Marquardt e Marco Maschio Chaga (org.)	Eduard Marquardt e Marco Maschio Chaga	2007	Arte & Letra
	<i>Nouvelles impressions du Petit Maroc</i>	<i>Nouvelles impressions du Petit Maroc</i> (Saint Nazaire: Arcane 17/Maison des Écrivains Étrangères et des Traducteurs, 1991)	Joca Wolff	2011	Cultura e Barbárie (Coleção PARRHESIA)
	<i>Como me tornei freira e A costureira e o vento</i>	<i>Cómo me hice monja</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 1993), e <i>La costurera y el viento</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 1994), publicados em volume único em 2009.	Angélica Freitas	2013	Rocco (Coleção Otra Língua) Prefácio de Sérgio Sant'Anna
	<i>Os fantasmas</i>	<i>Los fantasmas</i> (Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1990/Mondadori,	Joca Wolff	2017	Rocco

		2013)			
	<i>O santo</i>	<i>El santo</i> (Buenos Aires: Literatura Random House, 2015).	Jorge Wolff	2019	Rocco
	<i>Continuação de ideias diversas</i>	<i>Continuación de ideas diversas</i> (Santiago: Editorial Universidad Diego Portales, 2014)	Joca Wolff	2020	Papéis Selvagens (Coleção Archimboldi)
Almada, Selva	<i>O vento que arrasa</i>	<i>El viento que arrasa</i> (Buenos Aires: Mardulce, 2012)	Samuel Titan Jr.	2015	Cosac Naify
	<i>Garotas mortas</i>	<i>Chicas muertas</i> (Buenos Aires: Literatura Random House, 2014)	Sérgio Molina	2018	Todavía
Amigorena, Santiago H.	<i>O gueto interior</i>	<i>Le Ghetto intérieur</i> (Paris: P.O.L. Éditeur, 2019)	Rosa Freire d'Aguiar	2020	Todavía
Andahazi, Federico	<i>As piedosas</i>	<i>Las piadosas</i> (1998)	Rosa Freire d'Aguiar	1998	Companhia das Letras
	<i>O segredo dos flamengos</i>	<i>El secreto de los flamencos</i> (2002)	Sérgio Fischer	2004	L&PM
	<i>O conquistador</i>	<i>El conquistador</i> (2006)	Antonio Fernando Borges	2007	Planeta
	<i>O livro dos prazeres proibidos</i>	<i>El libro de los placeres prohibidos</i> (2012)	Luís Carlos Cabral	2013	Bertrand Brasil
Andruetto, María Teresa	<i>A leitura, outra revolução</i>	<i>La lectura, otra revolución</i> (México: Fondo de Cultura Económica, 2012)	Newton Cunha	2017	Edições SESC
	<i>Por uma literatura sem adjetivos</i>	<i>Hacia una literatura sin adjetivos</i> (Córdoba: Comunicarte, 2008)	Carmem Cacciacarro, apresentação de Marina Colasanti	2017	Pulo do Gato
	<i>Caça</i>	<i>Cacería</i> (Buenos Aires: Mondadori, 2012). Ed. anterior: <i>Todo movimiento es cacería</i> (Córdoba: Alción Editora, 2002)	Nylcéa Pedra	2020	Arte & Letra
Arlt, Roberto	<i>Viagem terrível</i>	<i>Viaje terrible</i> (1941). Apresentação e	Maria Paula Gurgel Ribeiro	1999	Iluminuras

		cronologia da tradutora.			
	<i>Os sete loucos &amp; Os lança-chamas</i>	<i>Los siete locos</i> (1929) e <i>Los lanzallamas</i> (1931). Apresentação e cronologia da tradutora, posfácio de Luis Guzmán, texto de orelha de Adrián Cangi.	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2000	Iluminuras
	<i>Águas-fortes portenhas seguidas por Águas-fortes cariocas</i>	<i>Aguafuertes porteñas</i> , de 1933, e <i>Aguafuertes cariocas</i> , crônicas de 1930 inéditas em livro.	Maria Paula Gurgel Ribeiro (tradução, compilação, ensaio introdutório, nota biográfica e cronologia)	2013	Iluminuras
	<i>O brinquedo raivoso</i>	<i>El juguete rabioso</i> (1926)	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2013	Iluminuras
	<i>Águas-fortes cariocas</i>	<i>Aguafuertes cariocas</i> , crônicas de 1930, realizada a partir da edição argentina (Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2012)	Gustavo Pacheco (tradução, org. e introdução)	2013	Rocco (Coleção Otra Língua)
	<i>A vida porca</i>	<i>El juguete rabioso</i> (1926). Prefácio de Eleonora Frenkel, posfácio do tradutor.	Davidson de Oliveira Diniz	2014	Relicário
Arosteguy, Agustín	<i>Minha vida é um limão, por favor devolvam meu dinheiro!</i>	<i>Mi vida es un limón, ¡por favor devuelvan mi dinero!</i>	Ellen Maria Vasconcellos	2016	Ramalhete
Bellessi, Diana	<i>A pequena voz do mundo</i>	<i>La pequeña voz del mundo</i> (Buenos Aires: Taurus, 2011)	Amanda Orlando e Renato Rezende	2016	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Bimbi, Bruno	<i>Casamento igualitário</i>	<i>Matrimonio igualitario</i> (2011)	Rosanne M. Nascimento de Souza	2013	Garamond
Bioy Casares, Adolfo	<i>Histórias fantásticas</i>	<i>Historias fantásticas</i> (1972)	José Geraldo Couto	2006	Cosac Naify
	<i>A invenção de</i>	<i>La invención de</i>	Samuel Titan Jr.	2006	Cosac Naify

	<i>Morel</i>	<i>Morel</i> (1940). Prólogo de Jorge Luis Borges, posfácio de Otto Maria Carpeaux.			(Coleção Prosa do Observatório)
	<i>O sonho dos heróis</i>	<i>El sueño de los héroes</i> (1954). Posfácio de Rodrigo Fresán.	José Geraldo Couto	2008	Cosac Naify
	<i>Diário da guerra do porco</i>	<i>Diario de la guerra del cerdo</i> (1969). Quarta capa de Rubem Fonseca.	José Geraldo Couto	2010	Cosac Naify
	<i>Obras completas – volume A – 1940-1958</i>	Daniel Martino (org.) Inclui: <i>A invenção de Morel</i> , <i>Plano de fuga</i> , <i>A trama celeste</i> , <i>As vésperas de Fausto</i> , <i>História prodigiosa</i> e <i>O sonho dos heróis</i>	Sergio Molina, Rubia Prates Goldoni, Ari Roitman e Paulina Watch, Josely Vianna Baptista, Antonio Xerxenesky	2014	Globo Livros (Selo Biblioteca Azul).
	<i>A invenção de Morel</i>	<i>La invención de Morel</i> (1940), incluída nas <i>Obras completas – volume A – 1940-1958</i> .	Sergio Molina	2016	Globo Livros
	<i>Obras completas – volume B – 1959-1971</i>	Daniel Martino (org.) Inclui: <i>Grinalda de amores</i> , <i>O lado da sombra</i> , <i>O grão-serafim</i> , <i>A outra aventura</i> , <i>Diário da guerra do porco</i> e <i>Memória sobre os pampas e os gaúchos</i> e outros textos.	Vários tradutores	2019	Globo Livros
Bioy Casares, Adolfo; Borges, Jorge Luis; Ocampo, Silvina	<i>Antologia da literatura fantástica</i>	<i>Antología de la literatura fantástica</i> , de 1940, com edição aumentada em 1965. Prólogo de Adolfo Bioy Casares. Textos de Walter Carlos Costa e Ursula K. Le Guin.	Josely Vianna Baptista	2013	Cosac Naify (reeditada em 2019 pela Companhia das Letras)
Bizzio, Sergio	<i>Raiva</i>	<i>Rabia</i> (Buenos Aires: Interzona, 2005)	Luís Carlos Cabral	2011	Record
Blaisten, Isidoro	<i>Dublin ao sul</i>	<i>Dublín al Sur</i> (1980)	Mauro Gama	2007	Girafa
Bodoc, Liliana	<i>Os dias do cervo –</i>	<i>Los días del Venado –</i>	Sandra Martha	2010	Planeta

	<i>A saga dos confins, vol. 1</i>	<i>La saga de los confines, libro 1 (2000)</i>	Dolinsky		
Borges, Jorge Luis	<i>Obras completas - volume I, 1923-1949</i>	Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. Contém <i>Fervor de Buenos Aires, Lua defronte, Caderno San Martín, Evaristo Carriego, Discussão, História universal da infâmia, História da eternidade, Ficções e O aleph.</i>	Glauco Mattoso, Jorge Schwartz, Josely Vianna Baptista, Vera Mascarenhas, Maria Carolina de Araújo, Victoria Rébora, Alexandre Eulálio, Carmen Vera Cirne Lima, Carlos Nejar e Flávio José Cardozo	1998	Globo
	<i>Obras completas - volume II, 1952-1972</i>	Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. Contém <i>Outras inquisições, O fazedor, O outro, o mesmo, Para as seis cordas, Elogio da sombra, O informe de Brodie e O ouro dos tigres.</i>	Sérgio Molina, Josely Vianna Baptista, Leonor Scliar-Cabral, Nelson Ascher, Carlos Nejar, Alfredo Jacques e Hermilo Borba Filho	1999	Globo
	<i>Obras completas - volume III, 1975-1985</i>	Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. Contém <i>O livro de areia, A rosa profunda, A moeda de ferro, História da noite, Sete noites, A cifra, Nove ensaios dantescos, A memória de Shakespeare, Atlas e Os conjurados.</i>	Lígia Morrone Averbuck, Josely Vianna Baptista, Sérgio Molina, Samuel Titan Jr. e Bella Jozef	1999	Globo
	<i>Obras completas - volume IV, 1975-1988</i>	Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. Contém <i>Prólogos com um prólogo de prólogos, Borges, oral, Textos cativos e Biblioteca pessoal. Prólogos.</i>	Josely Vianna Baptista, Maria Rosinda Ramos da Silva e Sérgio Molina	1999	Globo

<i>Esse ofício do verso</i>	<i>This craft of verse</i> (2000). Transcrição de seis palestras proferidas por Borges na Universidade Harvard, em 1967.	José Marcos Mariani de Macedo	2000	Companhia das Letras
<i>Um ensaio autobiográfico</i>	<i>Un ensayo autobiográfico</i> (1999), versão em espanhol, por Aníbal González, do texto em inglês <i>Autobiographical notes</i> (1970)	Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz	2000	Globo
<i>Elogio da sombra</i>	<i>Elogio de la sombra</i> (1969). Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz, prefácio de Jorge Schwartz.	Carlos Nejar e Alfredo Jacques	2001	Globo
<i>História universal da infâmia</i>	<i>Historia universal de la infamia</i> (1935). Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz, prefácio de Daniel Balderston.	Alexandre Eulálio	2001	Globo
<i>Curso de literatura inglesa</i>	<i>Borges profesor</i> (Buenos Aires: Emecé, 2001). Martín Arias e Martín Hadis (org.). Transcrição das 25 aulas que Borges ministrou na UBA em 1966.	Eduardo Brandão	2002	Martins Fontes
<i>Ficções</i>	<i>Ficciones</i> (Buenos Aires: Sur, 1944). Inclui <i>El jardín de senderos que se bifurcan</i> (Buenos Aires: Sur, 1941)	Davi Arrigucci Jr.	2007	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>O livro dos seres imaginários</i>	<i>El libro de los seres imaginarios</i> (1967)	Heloisa Jahn	2007	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>Outras inquisições</i>	<i>Otras inquisiciones</i> (1952)	Davi Arrigucci Jr.	2007	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)

<i>Primeira poesia</i>	<i>Fervor de Buenos Aires</i> (1923), <i>Luna de enfrente</i> (1925) e <i>Cuaderno San Martín</i> (1929). Traduções anteriormente publicadas em <i>Obras completas - volume I, 1923-1949</i> (Globo, 1998)	Josely Vianna Baptista	2007	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>O Aleph</i>	<i>El Aleph</i> (1949)	Davi Arrigucci Jr.	2008	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>O informe de Brodie</i>	<i>El informe de Brodie</i> (1970)	Davi Arrigucci Jr.	2008	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>Antologia pessoal</i>	<i>Antología personal</i> (1961)	Davi Arrigucci Jr., Josely Vianna Baptista e Heloisa Jahn	2008	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>Discussão</i>	<i>Discusión</i> (1932). Trad. anteriormente publicada em <i>Obras completas - volume I, 1923-1949</i> (Globo, 1998)	Josely Vianna Baptista	2008	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>O fazedor</i>	<i>El hacedor</i> (1960). Trad. anteriormente publicada em <i>Obras completas - volume II, 1952-1972</i> (Globo, 1999)	Josely Vianna Baptista	2008	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>Ensaio autobiográfico</i>	<i>Un ensayo autobiográfico</i> (1999), versão em espanhol, por Aníbal González, do texto em inglês <i>Autobiographical notes</i> (1970). Tradução anteriormente publicada pela Editora Globo, em 2000.	Jorge Schwartz e Carolina de Araújo	2009	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
<i>O livro de areia</i>	<i>El libro de arena</i> (1975)	Davi Arrigucci Jr.	2009	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)

	<i>O outro, o mesmo</i>	<i>El otro, el mismo</i> (1964)	Heloisa Jahn	2009	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>Poesia</i>	<i>Elogio da sombra, O ouro dos tigres, A rosa profunda, A moeda de ferro, História da noite, A cifra e Os conjurados</i> (1969-1985), anteriormente publicadas em <i>Obras completas - volumes II, III e IV</i> (Globo, 1998-1999), com exceção de <i>Elogio da sombra</i> , que ganhou nova tradução.	Josely Vianna Baptista	2009	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>História da eternidade</i>	<i>Historia de la eternidad</i> (1936)	Heloisa Jahn	2010	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>Prólogos com um prólogo de prólogos</i>	<i>Prólogos con un prólogo de prólogos</i> (1975), anteriormente publicado em <i>Obras completas - volume IV, 1975-1988</i> .	Josely Vianna Baptista	2010	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>Borges oral &amp; Sete noites</i>	<i>Borges, oral</i> (1979) e <i>Siete noches</i> (1980)	Heloisa Jahn	2011	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>Nove ensaios dantescos &amp; A memória de Shakespeare</i>	<i>Nueve ensayos dantescos</i> (1982) e <i>La memoria de Shakespeare</i> (1983)	Heloisa Jahn	2011	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>História universal da infâmia</i>	<i>Historia universal de la infamia</i> (1935)	Davi Arrigucci Jr.	2012	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
	<i>Nova antologia pessoal</i>	<i>Nueva antología personal</i> (1968)	Davi Arrigucci Jr., Josely Vianna Baptista e Heloisa Jahn	2013	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
Borges, Jorge Luis e Bioy Casares, Adolfo [sob o	<i>Crônicas de Bustos Domecq e Novos contos de Bustos Domecq</i>	<i>Crônicas de Bustos Domecq</i> (1967) e <i>Nuevos Cuentos de Bustos Domecq</i>	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2010	Globo (Relançado em 2014 pelo Selo

pseudônimo de H. Bustos Domecq]		(1977). Prefácio de Davi Arriguucci Jr.			Biblioteca Azul)
	<i>Seis problemas para Dom Isidro Parodi e Duas fantasias memoráveis</i>	<i>Seis problemas para don Isidro Parodi</i> (1942) e <i>Dos fantasías memorables</i> (1946). Prefácio de Michel Lafon.	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2008	Globo (Relançado em 2014 pelo Selo Biblioteca Azul)
Borges, Jorge Luis e Bioy Casares, Adolfo [sob o pseudônimo de B. Suárez Lynch]	<i>Um modelo para a morte, Os suburbanos e O paraíso dos crentes</i>	<i>Un modelo para la muerte</i> (1946), <i>Los orilleros</i> e <i>El paraíso de los creyentes</i> , ambos de 1955. Prefácio de Júlio Pimentel Pinto.	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2008	Globo (Relançado em 2014 pelo Selo Biblioteca Azul)
Borges, Jorge Luis e Ferrari, Osvaldo	<i>Sobre os sonhos e outros diálogos</i>	<i>Borges en diálogo</i> (2 vols.) (Buenos Aires: Sudamericana, 1985)	John O’Kuinghttons (trad. e org.)	2009	Hedra
	<i>Sobre a amizade e outros diálogos</i>	<i>Borges en diálogo</i> (2 vols.) (Buenos Aires: Sudamericana, 1985). Introdução de Daisi Irmgard Vogel.	John O’Kuinghttons (trad. e org.)	2009	Hedra
	<i>Sobre a filosofia e outros diálogos</i>	<i>Borges en diálogo</i> (2 vols.) (Buenos Aires: Sudamericana, 1985). Introdução de Walter Carlos Costa.	John O’Kuinghttons (trad. e org.)	2009	Hedra
Borges, Jorge Luis e Kodama, María	<i>Atlas</i>	<i>Atlas</i> (1984)	Heloisa Jahn	2010	Companhia das Letras (Biblioteca Borges)
Borges, Jorge Luis e Sabato, Ernesto	<i>Diálogos Borges Sabato</i>	<i>Diálogos Borges Sabato</i> (Buenos Aires: Emecé, 1982). Orlando Barone (org.)	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2005	Globo
Bornemann, Elsa Isabel	<i>Os desencantadores: 10 contos de amor, humor e terror</i>	<i>Los desmaravilladores</i> (1991)	Mônica Stahel	2001	Martins Fontes
Brindisi, José María	<i>Placebo</i>	<i>Placebo</i> (Buenos Aires: Entropía, 2010)	Bruno Ribeiro	2020	Moinhos
Britos, Marcelo	<i>Para onde vão os cavalos quando morrem</i>	<i>A dónde van los caballos cuando mueren</i> (Buenos Aires: Aurelia Rivera Libros, 2015). Edição	Fernando Miranda	2017	Substância

		mexicana em 2014.			
Brizuela, Leopoldo	<i>Uma mesma noite</i>	<i>Una misma noche</i> (Buenos Aires: Alfaguara, 2012)	Maria Alzira Brum Lemos	2014	Alfaguara
Brizuela, Natalia	<i>Fotografia e Império: paisagens para um Brasil moderno</i>	<i>Photography and Empire: landscapes for a modern Brazil</i> (2012)	Marcos Bagno	2012	Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles
	<i>Depois da fotografia: uma literatura fora de si</i>	-	Carlos Nougué	2014	Rocco (Coleção Entrecríticas)
Burundarena, Maitena	<i>Segredos de menina</i>	<i>Rumble</i> (2011)	Paloma Vidal	2013	Benvirá
Calveiro, Pilar	<i>Poder e desaparecimento</i>	<i>Poder y desaparición: los campos de concentración en Argentina</i> (Buenos Aires: Colihue, 1998)	Fernando Correa Prado (introdução de Juan Gelman, prefácio de Janaína de Almeida Teles)	2013	Boitempo
Caparrós, Martín	<i>Valfierno</i>	<i>Valfierno</i> (2004)	Josely Vianna Baptista	2008	Companhia das Letras
	<i>A quem de direito</i>	<i>A quien corresponda</i> (Anagrama, 2008)	Heloisa Jahn e Lucia Maria Goulart Jahn	2011	Companhia das Letras
	<i>A fome</i>	<i>El hambre</i> (Anagrama, 2014)	Luís Carlos Cabral	2016	Bertrand Brasil
Carrera, Arturo	<i>A inocência</i>	<i>La inocencia</i> (Buenos Aires: Mansalva, 2006). Poesia	Rodrigo Alvarez	2010	7 Letras
	<i>O homem mais portátil do mundo</i>	Seleção de ensaios publicados em <i>Ensayos murmurados</i> (Buenos Aires: Mansalva, 2009)	Marcelo Reis de Mello e Renato Rezende	2014	Editores Circuito/Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Casas, Fabián	<i>Os lemmings e outros</i>	<i>Los Lemmings y otros</i> (2005). Posfácio de Carlito Azevedo.	Jorge Wolff	2013	Rocco (Coleção Outra Língua)
Chejfec, Sergio	<i>Boca de lobo</i>	<i>Boca de lobo</i> (Buenos Aires: Alfaguara, 2000)	Marcelo Barbão	2007	Amauta
Cherniavsky, Daniel	<i>Sonhadoras, coquetes &amp; ardentes</i>	<i>Soñadoras, coquetas y ardientes</i> (Buenos Aires: Corregidor,	Joyce Rodrigues Ferraz e Denise	1999	Beca

		1995)	Reijtman		
Cippolini, Rafael	<i>Amazônia &amp; Co.</i>	<i>Amazonia &amp; Co.</i> (2015)	Juliana Gontijo e Renato Rezende	2016	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Coelho, Oliverio	<i>Um homem chamado Lobo</i>	<i>Un hombre llamado Lobo</i> (Buenos Aires: Duomo, 2011)	Júlia Grillo	2011	Virgiliae
Copi (Raul Damonte Botana)	<i>Eva Perón / Loretta Strong / A geladeira</i>	Tradução das peças <i>Eva Perón</i> (1970), <i>Loretta Strong</i> (1974) e <i>Le Frigo</i> (1983).	Giovana Soar, Ângela Leite Lopes e Maria Clara Ferrer	2007	7Letras (Coleção Dramaturgias)
	<i>O uruguaio seguido de A Internacional Argentina</i>	<i>L'Uruguayen</i> (1973) e <i>L'Internationale argentine</i> (1988). Posfácio de Álvaro Costa e Silva.	Carlito Azevedo	2015	Rocco (Coleção Otra Língua)
Cortázar, Julio	<i>Obra crítica/1</i>	<i>Obra crítica/1</i> (Alfaguara, 1994). Contém o ensaio <i>Teoria del túnel</i> , de 1947. Saúl Yurkievich (org.)	Paulina Wacht e Ari Roitman	1998	Civilização Brasileira
	<i>Obra crítica/2</i>	<i>Obra crítica/2</i> (Alfaguara, 1994). Reúne textos escritos entre 1941 e 1963. Jaime Alazraki (org.)	Paulina Wacht e Ari Roitman	1999	Civilização Brasileira
	<i>Obra crítica/3</i>	<i>Obra crítica/3</i> (Alfaguara, 1994). Reúne textos escritos entre 1967 e 1983. Saúl Sosnowski (org.)	Paulina Wacht e Ari Roitman	2001	Civilização Brasileira
	<i>Os reis</i>	<i>Los reyes</i> (1949)	Paulina Wacht e Ari Roitman	2001	Civilização Brasileira
	<i>Divertimento</i>	<i>Divertimento</i> , novela de 1949 publicada em 1986. Texto de orelha de Eric Nepomuceno.	Paulina Wacht e Ari Roitman	2003	Civilização Brasileira
	<i>O exame final</i>	<i>El examen</i> , romance de 1950 publicado em 1986.	Fausto Wolff	2003	Civilização Brasileira
	<i>A volta ao dia em 80 mundos</i>	<i>La vuelta al día em ochenta mundos</i> (México: Siglo XXI,	Paulina Wacht e Ari Roitman	2008	Civilização Brasileira

		1967). Em 2 tomos.			
Cortázar, Julio	<i>Último round</i>	<i>Último round</i> (México: Siglo XXI, 1969). Em 2 tomos.	Paulina Wacht e Ari Roitman	2008	Civilização Brasileira
	<i>Discurso do urso</i>	<i>El discurso del oso</i> (Libros del Zorro Rojo, 2009). Ilustrações de Emilio Urberuaga.	Leo Cunha	2009	Galerinha Record
	<i>Papéis inesperados</i>	<i>Papeles inesperados</i> , (Alfaguara, 2009). Reúne textos inéditos escritos entre 1940 e 1984. Aurora Bernárdez e Carles Álvarez Garriga (org.)	Paulina Wacht e Ari Roitman	2010	Civilização Brasileira
	<i>O perseguidor</i>	“El perseguidor”, 1959. Ilustrações de José Muñoz.	Sebastião Uchoa Leite	2012	Cosac Naify
	<i>Bestiário</i>	<i>Bestiário</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1951). Texto de orelha do tradutor.	Paulina Wacht e Ari Roitman	2013	Civilização Brasileira
	<i>A autoestrada do sul &amp; outras histórias</i>	Inclui oito contos, de oito diferentes livros do autor, publicados entre 1951 e 1982.	Heloisa Jahn (trad.); Sérgio Karam (org.)	2013	L&PM
	<i>Final do Jogo</i>	<i>Final del juego</i> (México: Los presentes, 1956; Buenos Aires: Sudamericana, 1964, ed. aumentada).	Paulina Wacht e Ari Roitman	2014	Civilização Brasileira
	<i>Um tal Lucas</i>	<i>Un tal Lucas</i> (Alfaguara, 1979)	Paulina Wacht e Ari Roitman	2014	Civilização Brasileira
	<i>Classes de literatura – Berkeley, 1980</i>	<i>Clases de literatura. Berkeley, 1980</i> (Alfaguara, 2013). Transcrição das aulas de Cortázar na Berkeley University	Fabiana Camargo	2015	Civilização Brasileira
	<i>O jogo da amarelinha</i>	<i>Rayuela</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1963)	Eric Nepomuceno	2019	Companhia das Letras
Cozarinsky, Edgardo	<i>Borges em/e/sobre cinema</i>	<i>Borges en/y/sobre cine</i> (1980). Reúne e comenta artigos que	Laura Janina Hosiasson	2000	Iluminuras

		Borges escreveu sobre cinema para a revista <i>Sur</i> entre 1931 e 1944. Prefácio de Adolfo Bioy Casares.			
	<i>Vodu urbano</i>	<i>Vudú urbano</i> (1985). Apresentação de Susan Sontag.	Lilian Escorel	2005	Iluminuras
Cucurto, Washington	<i>Coisa de negros</i>	<i>Cosa de negros</i> (Buenos Aires: Interzona, 2003)	André Pereira da Costa	2007	Rocco
De Diego, José Luis	<i>Projetos editoriais e redes intelectuais na América Latina</i>	Reúne ensaios dos livros <i>La otra cara de Jano</i> (Buenos Aires: Ampersand, 2015) e <i>Los autores no escriben libros</i> (Buenos Aires: Ampersand, 2019)	Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam	2020	Moinhos/Contafios
De Santis, Pablo	<i>O calígrafo de Voltaire</i>	<i>El calígrafo de Voltaire</i> (2001)	Luís Carlos Cabral	2003	José Olympio
	<i>O enigma de Paris</i>	<i>El enigma de Paris</i> (2007)	Maria Alzira Brum Lemos	2007	Planeta
	<i>O inventor de jogos</i>	<i>El inventor de juegos</i> (2003)	Rafael Mantovani	2008	Girafinha
	<i>Os antiquários</i>	<i>Los anticuarios</i> (2010)	Ivone C. Benedetti	2012	Alfaguara
Diament, Mario	<i>Um relato sobre a banalidade do amor – peça em cinco atos</i>	<i>Un informe sobre la banalidad del amor</i> (2013)	Jaime Leibovitch	2019	Moinhos
Di Benedetto, Antonio	<i>Os suicidas</i>	<i>Los suicidas</i> (1969). Prefácio de Luis Gusmán.	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2005	Globo
	<i>O silencioso</i>	<i>El silencioso</i> (1964). Prefácio de Juan José Saer.	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2006	Globo
	<i>Zama</i>	<i>Zama</i> (1956). Prefácio de Juan José Saer.	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2006	Globo
	<i>Mundo animal e outros contos</i>	<i>Mundo animal</i> (1953). Inclui contos de <i>Cuentos claros</i> (1957) e de <i>El cariño de los tontos</i> (1961). Prefácio de Martín Kohan.	André de Oliveira Lima	2008	Globo

Dominguez, Carlos María	<i>A casa de papel</i>	<i>La casa de papel</i> (Montevideu: Banda Oriental, 2002)	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2006	Francis
	<i>A casa de papel</i>	<i>La casa de papel</i> (Montevideu: Banda Oriental, 2002). Posfácio do tradutor.	Joca Reiners Terron	2014	Realejo
Dujovne Ortiz, Alicia	<i>Mulher da cor do tango</i>	<i>Mireya</i> (1998)	Enrique Boero Baby	2000	Record
	<i>A árvore da cigana</i>	<i>El árbol de la gitana</i> (1997)	Vera Gertel	2002	Record
	<i>Dora Maar – prisioneira do olhar</i>	<i>Dora Maar – prisonnière du regard</i> (Paris: Grasset, 2003). Edição em espanhol em 2014.	Maria Clara Pellegrino	2004	Imago
Enriquez, Mariana	<i>As coisas que perdemos no fogo</i>	<i>Las cosas que perdimos en el fuego</i> (Barcelona/Buenos Aires: Anagrama, 2016)	José Geraldo Couto	2017	Intrínseca
	<i>Este é o mar</i>	<i>Éste es el mar</i> (Buenos Aires: Literatura Random House, 2017)	Elisa Menezes	2019	Intrínseca
Fausto, Boris e Devoto, Fernando J.	<i>Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)</i>	Tradução dos textos em castelhano de Sérgio Molina.	Sérgio Molina	2004	Editora 34
Feinmann, José Pablo	<i>A sombra de Heidegger</i>	<i>La sombra de Heidegger</i> (Buenos Aires: Seix Barral, 2005)	Mário Vilela	2006	Planeta
Fernández, Macedonio	<i>Tudo e nada - pequena antologia dos papéis de um recém-chegado</i>	Reunião de textos publicados entre 1928 e 1967, entre eles trechos de <i>Adriana Buenos Aires</i> , <i>Museo de la novela de la Eterna</i> e <i>Papeles de reciénvenido</i> .	Sueli Barros Cassal (trad. e org.)	1998	Imago
	<i>Museu do Romance da Eterna</i>	<i>Museo de la novela de la Eterna</i> (1967). Apresentação de Damián Tabarovsky.	Gênese Andrade	2010	Cosac Naify (Coleção Particular)
Ferrer, Aldo	<i>A economia</i>	<i>La economía</i>	S. Duarte	2006	Campus/

	<i>argentina - de suas origens ao início do século XXI</i>	<i>argentina</i> (Buenos Aires: FCE, 1963/rev. 2004).			Elsevier
Ferro, Roberto	<i>Da literatura e dos restos</i>	<i>De la literatura y los restos</i> (2009)	Jorge Wolff	2010	EDUFSC
Fogwill	<i>Os pichiegos - Malvinas: uma batalha subterrânea</i>	<i>Los Pichiciegos</i> (1983). Prefácio de Beatriz Sarlo.	Maria Alzira Brum Lemos	2007	Casa da Palavra (Coleção Palavra do Mundo)
Fresán, Rodrigo	<i>Jardins de Kensington</i>	<i>Jardines de Kensington</i> (Mondadori, 2003).	Sérgio Molina	2007	Conrad
	<i>O fundo do céu</i>	<i>El fondo del cielo</i> (Mondadori, 2009).	Antônio Xerxenesky	2014	Cosac Naify
Gallardo, Sara	<i>Eisejuaz</i>	<i>Eisejuaz</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1971)	Mariana Sanchez	2021	Relicário
Gandolfo, Elvio E.	<i>Ônibus</i>	<i>Ômnibus</i> (Buenos Aires: Interzona, 2006)	Davis Diniz	2018	Papéis Selvagens (Coleção Archiboldi)
Garramuño, Florencia	<i>Modernidades primitivas: tango, samba e nação</i>	<i>Modernidades primitivas: tango, samba y nación</i> (Buenos Aires: FCE, 2007)	Rômulo Monte Alto	2009	Editora UFMG
	<i>A experiência opaca: literatura e desencanto</i>	<i>La experiencia opaca: literatura y desencanto</i> (Buenos Aires: FCE, 2009)	Paloma Vidal	2012	Eduerj
	<i>Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea</i>	Versão reduzida do livro <i>Mundos em común. Ensayos sobre la inespecificidad en el arte</i> (Buenos Aires: FCE, 2015)	Carlos Nougué	2014	Rocco (Coleção Entrecríticas)
Giardinelli, Mempo	<i>O décimo inferno e Luna caliente</i>	<i>El décimo infierno</i> (1999) e <i>Luna caliente</i> (1983)	Ari Roitman e Paulina Wacht/Sergio Faraco	2003	Record
	<i>Voltar a ler - propostas para ser uma nação de leitores</i>	<i>Volver a leer. Propuestas para ser una nación de lectores</i> (2007)	Victor Barrionuevo	2010	Companhia Editora Nacional
	<i>Luli, uma gatinha</i>	<i>Luli, una gatita de</i>	Eric	2015	Terceiro

	<i>de cidade</i>	<i>ciudad</i> (2000)	Nepomuceno. Ilustrações de Luísa Amoroso		Nome (Coleção Hermanitos)
Giordano, Alberto	<i>A senha dos solitários: diários de escritores</i>	Reúne dez ensaios retirados de: <i>Una posibilidad de vida: escrituras íntimas</i> (2006), <i>La contraseña de los solitarios: diarios de escritores</i> (2011) e <i>El pensamiento de la crítica</i> (2016), todos da Ed. Beatriz Viterbo, de Rosario.	Rafael Gutiérrez (trad. e org.); Antonio Marcos Pereira (org)	2016	Papéis Selvagens (Coleção Marginalia)
Giorgi, Gabriel	<i>Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica</i>	<i>Formas comunes. Animalidad, cultura, biopolítica</i> (Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2014)	Carlos Nougué	2016	Rocco
Girondo, Oliverio	<i>20 poemas para ler no bonde</i>	<i>20 poemas para ser leídos en el tranvía</i> (1922). Edição bilíngue	Fabrizio Corsaletti e Samuel Titan Jr. Fotografias de Horacio Coppola	2014	Editora 34 (Coleção Fábula)
Goloboff, Mario	<i>Cortázar – Notas para uma biografia</i>	<i>Julio Cortázar. La biografía</i> (1998/2011)	José Rubens Siqueira	2014	DSOP
Goñi, Uki	<i>A Verdadeira Odessa - o contrabando de nazistas para a Argentina de Perón</i>	<i>The real Odessa: How Perón brought the Nazi war criminals to Argentina</i> (Londres: Granta Books, 2002)	Berilo Vargas	2004	Record
González Bermejo, Ernesto	<i>Julio Cortázar</i>	<i>Conversaciones con Cortázar</i> (Barcelona: Edhasa, 1978)	Amélia Cohn	2014	Azougue Editorial (Coleção Encontros)
Guerriero, Leila	<i>Uma história simples</i>	<i>Una historia sencilla</i> (Anagrama, 2013).	Rachel Gutiérrez	2015	Bertrand Brasil
Güiraldes, Ricardo	<i>Dom Segundo Sombra</i>	<i>Don Segundo Sombra</i> (1926)	Aldyr Garcia Schlee. Notas e elucidário do tradutor	2011	edições ardotempo
Gusmán, Luis	<i>Villa</i>	<i>Villa</i> (1996)	Magali de Lourdes Pedro. Apresentação de Jorge Panesi, cronologia	2001	Iluminuras

			política e notas de Ana Cecilia Olmos		
	<i>Pele e osso</i>	<i>El peletero</i> (2007)	Wilson Alves-Bezerra. Posfácio de Beatriz Sarlo	2009	Iluminuras
	<i>Hotel Éden</i>	<i>Hotel Eden</i> (1999).	Wilson Alves-Bezerra	2013	Iluminuras
Halperín Donghi, Tulio	<i>Revolução e guerra: formação de uma elite dirigente na Argentina criolla</i>	<i>Revolución y guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina criolla</i> (México: Siglo XXI, 1972).	Marisa de Oliveira (revisão da tradução e notas de João Paulo G. Pimenta)	2015	Hucitec
Harwicz, Ariana	<i>Morra, amor</i>	<i>Matate, amor</i> (Madri: Lengua de Trapo, 2012; Buenos Aires: Mardulce, 2017)	Francesca Angiolillo	2019	Instante
	<i>A débil mental</i>	<i>La débil mental</i> (Buenos Aires: Mardulce, 2014)	Francesca Angiolillo	2020	Instante
Heer, Liliana	<i>O sol depois</i>	<i>El sol después</i> (2010)	Thereza Christina Rocque da Motta e Jean Cândido Brasileiro. Posfácio de Jorge Monteleone	2017	Ibis Libris
	<i>Repetir a caçada</i>	<i>Repetir la cacería</i> (2003)	Celina Portocarrero. Apresentação de Luis Guzmán	2018	Ibis Libris
	<i>Néon</i>	<i>Neón</i> (2007)	José Luiz Correa. Apresentação de Leónidas Lamborghini	2019	Ibis Libris
	<i>Hamlet &amp; Hamlet</i>	<i>Hamlet &amp; Hamlet</i> (2011)	Olga Savary	2020	Ibis Libris
Heker, Liliana	<i>Zona de clivagem</i>	<i>Zona de Clivaje</i> (Buenos Aires: Legasa, 1987)	Livia Deorsola	2021	Roça Nova
Hernández, José	<i>O gaúcho Martín Fierro</i>	<i>El gaucho Martín Fierro</i> (1872).	Paulo Bentancur	2011	Sfera Editora de Artes

		Ilustrações de Diego Zotz Jaworski e Hostilio Bastos Ferreira Filho. Edição bilíngue.	(tradução, introdução crítica e biografia comentada)		
	<i>Martín Fierro</i>	<i>El gaucho Martín Fierro</i> (1872) e <i>La vuelta de Martín Fierro</i> (1879). Edição bilíngue. Coordenação editorial de Luís Augusto Fischer.	Antonio Augusto Fagundes	2012	Letra & Vida/Editora da Cidade
	<i>O gaúcho Martín Fierro e a volta de Martín Fierro</i>	<i>El gaucho Martín Fierro</i> (1872) e <i>La vuelta de Martín Fierro</i> (1879). Edição bilíngue, ilustrações de Osvalter Urbinati.	Ciro Correia França	2013	Travessa dos Editores
Huber, Sebastián	<i>Espécie</i>	<i>Especie</i> . Dramaturgia. Ed. bilíngue. Prólogo de Luciana Sastre.	Rafaela Scardino	2015	Editora Cousa
	<i>O gesto múltiplo</i>	<i>El gesto múltiple</i>	Rafaela Scardino	2019	EDUFES
Iparraguirre, Sylvia	<i>A Terra do Fogo</i>	<i>La tierra del fuego</i> (1998).	Marcos Santarrita	2001	Record
Kamenszain, Tamara	<i>O gueto/O eco da minha mãe</i>	<i>El Ghetto</i> (2003) e <i>El eco de mi madre</i> (2010). Poesia.	Carlito Azevedo e Paloma Vidal/ Paloma Vidal	2012	7 Letras
	<i>O livro dos divãs</i>	<i>El libro de los divanes</i> (Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2014)	Carlito Azevedo e Paloma Vidal	2015	7 Letras
	<i>Fala, poesia</i>	<i>La boca del testimonio. Lo que dice la poesía</i> (Buenos Aires: Norma, 2006)	Ana Isabel Borges, Ariadne Costa e Renato Rezende	2016	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Katchadjian, Pablo	<i>A liberdade total</i>	<i>La libertad total</i> (Buenos Aires: Bajo la luna, 2013)	Bruno Cobalchini Mattos	2020	DBA
Kaufmann, Paola	<i>O lago</i>	<i>El lago</i> (2005)	Mário Vilela	2007	Planeta
Klein, Laura	<i>Fornicar e matar e outros ensaios</i>	<i>Fornicar y matar</i> (Planeta, 2005)	Renato Rezende, Ieda Magri e Mariana	2017	Editora Circuito/ Azougue Editorial

			Teixeira		(Coleção Nomadismos)
Kliksberg, Bernardo e Sen, Amartya	<i>As pessoas em primeiro lugar - A ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado</i>	<i>Primero la gente - Una mirada desde la ética del desarrollo a los principales problemas del mundo globalizado</i> (2007)	Bernardo Ajzenberg e Carlos Eduardo Lins da Silva	2010	Companhia das Letras
Kohan, Martín	<i>Duas vezes junho</i>	<i>Dos veces junio</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 2002)	Marcelo Barbão	2005	Amauta
	<i>Ciências morais</i>	<i>Ciencias morales</i> (Barcelona: Anagrama, 2007)	Eduardo Brandão	2008	Companhia das Letras
	<i>Segundos fora</i>	<i>Segundos afuera</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 2005).	Heloisa Jahn	2012	Companhia das Letras
Lamberti, Luciano	<i>O assassino de porcos</i>	<i>El asesino de chanchos</i> (Córdoba: Tamarisco, 2010/Nudista, 2014)	Wladimir Cazé e Rafael dos Prazeres	2018	Cousa
Lange, Norah	<i>Cadernos de infância</i>	<i>Cuadernos de infancia</i> (1937)	Joana Angélica D'Ávila Melo	2009	Record
Larraquy, Roque	<i>Comemadre</i>	<i>La comemadre</i> (Buenos Aires: Entropía, 2010)	Sérgio Karam	2020	Moinhos
Link, Daniel	<i>Como se lê e outras intervenções críticas</i>	<i>Cómo se lee y otras intervenciones críticas</i> (Buenos Aires: Normas, 2003)	Jorge Wolff	2002	Argos
	<i>Suturas. Um breviário</i>	<i>Suturas. Imágenes, escritura, vida</i> (Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015)	Marcelo Reis de Mello e Renato Rezende	2016	Editora Circuito/Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Litvinova, Natalia	<i>Cesto de tranças</i>	<i>Cesto de trenzas</i> (La Bella Varsovia, 2018)	Ellen Maria Vasconcellos	2020	Moinhos
Ludmer, Josefina	<i>O gênero gauchesco – um tratado sobre a pátria</i>	<i>El género gauchesco, un tratado sobre la patria</i> (1988)	Antônio Carlos Santos	2002	Argos
	<i>O corpo do delito – um manual</i>	<i>El cuerpo del delito, un manual</i> (1999)	Maria Antonieta Pereira	2002	Editora UFMG
	<i>Aqui América Latina – uma</i>	<i>Aquí América Latina. Una especulación</i>	Rômulo Monte Alto	2013	Editora UFMG

	<i>especulação</i>	(Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010)			
	<i>Intervenções críticas</i>		Ariadne Costa e Renato Rezende	2014	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Lugones, Leopoldo	<i>As forças estranhas</i>	<i>Las fuerzas extrañas</i> (1906)	Renata Maria Parreira Cordeiro	2001	Landy
	<i>Contos fatais e As forças estranhas</i>	<i>Cuentos fatales</i> (1926) e <i>Las fuerzas extrañas</i> (1906). Prefácio de Miguel Dalmaroni, texto de orelha de Soledad Quereilhac.	André de Oliveira Lima/Maria Paula Gurgel Ribeiro	2009	Globo
Magnus, Ariel	<i>Um chinês de bicicleta</i>	<i>Un chino em bicicleta</i> (Buenos Aires: Norma, 2007)	Marcelo Barbão	2012	Bertrand Brasil
	<i>Quem move as peças</i>	<i>El que mueve las piezas (una novela bélica)</i> (Buenos Aires: Tusquets, 2017)	Fernando Miranda	2018	Moinhos
Mairal, Pedro	<i>A uruguaia</i>	<i>La uruguaya</i> (Buenos Aires: Emecé, 2016)	Heloisa Jahn	2018	Todavia
	<i>Uma noite com Sabrina Love</i>	<i>Una noche con Sabrina Love</i> (Buenos Aires: Clarín, 1998/Emecé, 2017)	Livia Deorsola	2019	Todavia
Maliandi, Carla	<i>O quarto alemão</i>	<i>La habitación alemana</i> (Buenos Aires: Mardulce, 2017)	Sérgio Karam	2020	Moinhos
Manguel, Alberto	<i>Stevenson sob as palmeiras</i>	<i>Stevenson under the palm trees</i> (2003). Tradução ao português publicada antes, por encomenda da editora.	Paulo Henriques Britto	2000	Companhia das Letras (Série Literatura ou Morte)
	<i>No bosque do espelho</i>	<i>Into the looking-glass wood</i> (1998)	Pedro Maia Soares	2000	Companhia das Letras
	<i>Lendo imagens</i>	<i>Reading pictures: a history of love and hate</i> (2000)	Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg e Cláudia Strauch	2001	Companhia das Letras

	<i>Os livros e os dias</i>	<i>A reading diary</i> (2004)	José Geraldo Couto	2005	Companhia das Letras
	<i>O amante detalhista</i>	<i>The overdiscriminating lover</i> (2005)	Jorio Dauster	2005	Companhia das Letras
	<i>A biblioteca à noite</i>	<i>The library at night</i> (2006)	Samuel Titan Jr.	2006	Companhia das Letras
	<i>A cidade das palavras</i>	<i>The city of words</i> (2007)	Samuel Titan Jr.	2008	Companhia das Letras
	<i>À mesa com o Chapeleiro Maluco</i>	<i>Nuevo elogio de la locura</i> , 2006.	Josely Vianna Baptista	2009	Companhia das Letras
	<i>Todos os homens são mentirosos</i>	<i>Todos los hombres son mentirosos</i> (RBA Libros, 2008)	Josely Vianna Baptista	2010	Companhia das Letras
	<i>Uma história natural da curiosidade</i>	<i>Curiosity</i> (Yale University Press, 2016)	Paulo Geiger	2016	Companhia das Letras
	<i>O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça</i>	<i>The Traveler, the Tower and the Worm: The Reader as Metaphor</i> (University of Pennsylvania Press, 2013)	José Geraldo Couto	2017	Edições SESC
	<i>Notas para uma definição do leitor ideal</i>	Reunião de 24 ensaios do autor.	Rubia Goldoni e Sérgio Molina	2020	Edições SESC
Manguel, Alberto e Guadalupi, Gianni	<i>Dicionário de lugares imaginários</i>	<i>The dictionary of imaginary places</i> (1980/Mariner Books, 2000)	Pedro Maia Soares	2003	Companhia das Letras
Martínez, Tomás Eloy	<i>O romance de Perón</i>	<i>La novela de Perón</i> (1985)	Sérgio Molina	1998	Companhia das Letras
	<i>O vôo da rainha</i>	<i>El vuelo de la reina</i> (2002)	Sérgio Molina	2002	Objetiva (Coleção Plenos Pecados)
	<i>O cantor de tango</i>	<i>El cantor de tango</i> (Buenos Aires: Planeta, 2004)	Sérgio Molina	2004	Companhia das Letras
	<i>A mão do amo</i>	<i>La mano del amo</i> (1991)	Sérgio Molina e Lucas Itacarambi	2008	Companhia das Letras
	<i>Purgatório</i>	<i>Purgatorio</i> (2008)	Bernardo Ajzenberg	2009	Companhia das Letras
Maver, Tom	<i>Sara Luna</i>	<i>Sara Luna</i> (El Sastre	Fernando	2020	Moinhos

		de Apollinaire, 2019)	Miranda		
Mercado, Tununa	<i>Em estado de memória</i>	<i>En estado de memoria</i> (1990)	Idelber Avelar	2011	Record
Molloy, Silvia	<i>Viver entre línguas</i>	<i>Vivir entre lenguas</i> (Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015)	Mariana Sanchez e Julia Tomasini	2018	Relicário
Monteleone, Jorge	<i>O fantasma de um nome (poesia, imaginário, vida)</i>	<i>El fantasma de un nombre. Poesía, imaginario, vida</i> (Rosario: Nube Negra, 2016)	Mariana Teixeira	2019	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Moreno, María	<i>Notas, disparos, sublinhados</i>	Tradução de textos selecionados de três livros: <i>El fin del sexo y otras mentiras</i> (Sudamericana, 2002), <i>Banco a la sombra</i> (Sudamericana, 2007) e <i>Subrayados</i> (Mardulce, 2013)	Amanda Orlando e Renato Rezende	2014	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Neuman, Andrés	<i>O viajante do século</i>	<i>El viajero del siglo</i> (Alfaguara, 2009)	Maria Paula Gurgel Ribeiro	2011	Alfaguara
	<i>Falar sozinhos</i>	<i>Hablar solos</i> (Alfaguara, 2012)	Maria Alzira Brum Lemos	2013	Alfaguara
Nielsen, Gustavo	<i>A outra praia</i>	<i>La otra playa</i> (Buenos Aires: Alfaguara/ Clarín, 2010)	Henrique Schneider	2012	Dublinense
Ocampo, Silvina	<i>A fúria</i>	<i>La furia</i> (Buenos Aires: Sur, 1959)	Livia Deorsola	2019	Companhia das Letras
Oloixarac, Pola	<i>As teorias selvagens</i>	<i>Las teorías salvajes</i> (Buenos Aires: Entropía, 2008)	Marcelo Barbão	2011	Benvirá
Osorio, Elsa	<i>Há vinte anos, Luz</i>	<i>A veinte años, Luz</i> (1998)	Rubia Prates	1999	Objetiva
Paradiso, José	<i>Um lugar no mundo: a Argentina e a busca de identidade internacional</i>	<i>Debates y trayectoria de la política exterior argentina</i> (Grupo Editor Latinoamericano, 1993)	Sérgio Bath	2005	Civilização Brasileira
Pauls, Alan	<i>O passado</i>	<i>El pasado</i> (Buenos Aires: Anagrama, 2003)	Josely Vianna Baptista	2007	Cosac Naify
	<i>História do pranto</i>	<i>Historia del llanto</i> (Barcelona:	Josely Vianna Baptista	2008	Cosac Naify

		Anagrama, 2007)			
	<i>História do cabelo</i>	<i>Historia del pelo</i> (Barcelona: Anagrama, 2010)	Josely Vianna Baptista	2011	Cosac Naify
	<i>A vida descalço</i>	<i>La vida descalzo</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 2006)	Josely Vianna Baptista	2013	Cosac Naify
	<i>História do dinheiro</i>	<i>Historia del dinero</i> (Barcelona: Anagrama, 2013).	Josely Vianna Baptista	2014	Cosac Naify
Payró, Roberto	<i>O casamento de Laucha</i>	<i>El casamiento de Laucha</i> (1906)	Iara de Souza Tizzot	2013	Arte & Letra
Perlongher, Néstor	<i>Evita vive e outras prosas</i>	Tradução de textos publicados na imprensa entre 1975 e 1990. Seleção e prólogo de Adrian Cangi, texto de orelha de Jorge Schwartz.	Josely Vianna Baptista	2001	Iluminuras
Piglia, Ricardo	<i>Dinheiro queimado</i>	<i>Plata quemada</i> (Buenos Aires: Planeta, 1997)	Rosa Freire d'Aguiar	1998	Companhia das Letras
	<i>Formas breves</i>	<i>Formas breves</i> (Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 1999)	José Marcos Mariani de Macedo	2004	Companhia das Letras
	<i>O último leitor</i>	<i>El último lector</i> (Barcelona/Buenos Aires: Anagrama, 2005)	Heloisa Jahn	2006	Companhia das Letras
	<i>Alvo noturno</i>	<i>Blanco Nocturno</i> (Barcelona/Buenos Aires: Anagrama, 2010).	Heloisa Jahn	2011	Companhia das Letras
	<i>O caminho de Ida</i>	<i>El camino de Ida</i> (Barcelona/Buenos Aires: Anagrama, 2013)	Sérgio Molina	2014	Companhia das Letras
	<i>Anos de formação – Os diários de Emilio Renzi</i>	<i>Los diarios de Emilio Renzi – Años de formación</i> (Barcelona/Buenos Aires: Anagrama, 2015)	Sérgio Molina	2017	Todavia
	<i>Os anos felizes – Os diários de Emilio Renzi</i>	<i>Los diarios de Emilio Renzi – Los años felices</i>	Sérgio Molina	2019	Todavia

		(Barcelona/Buenos Aires: Anagrama, 2016)			
Piñeiro, Claudia	<i>As viúvas das quintas-feiras</i>	<i>Las viudas de los jueves</i> (Buenos Aires: Alfaguara, 2005)	Joana Angélica D'Ávila Melo	2007	Alfaguara
	<i>Betibú</i>	<i>Betibú</i> (Buenos Aires: Alfaguara, 2011)	Marcelo Barbão	2014	Verus
	<i>Tua</i>	<i>Tuya</i> (Buenos Aires: Alfaguara, 2008)	Marcelo Barbão	2015	Verus
Pizarnik, Alejandra	<i>A condessa sangrenta</i>	“La condesa sangrienta”, 1971 (Libros del Zorro Rojo, 2009). Ilustrações de Santiago Caruso.	Maria Paula Gurgel Ribeiro (posfácio de João Silvério Trevisan)	2011	Tordesilhas
	<i>Árvore de Diana</i>	<i>Árbol de Diana</i> (1962)	Davis Diniz	2018	Relicário
	<i>Os trabalhos e as noites</i>	<i>Los trabajos y las noches</i> (1965)	Davis Diniz	2018	Relicário
Posse, Abel	<i>Os cadernos de Praga</i>	<i>Los cuadernos de Praga</i> (1998)	Vera Whately	1999	Record
Prego Gadea, Omar	<i>A fascinação das palavras</i>	<i>Julio Cortázar – La fascinación de las palabras</i> (Barcelona: Muchnik, 1985)	Ari Roitman e Paulina Wacht	2014	Civilização Brasileira
Prior, Alfredo	<i>Duchamp, o Capitão Nemo e eu</i>	Reúne poesias e outros textos do artista plástico argentino.	Juliana Gontijo e Renato Rezende	2014	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Pron, Patricio	<i>O espírito dos meus pais continua a subir na chuva</i>	<i>El espíritu de mis padres sigue subiendo en la lluvia</i> (Barcelona: Mondadori, 2011)	Gustavo Pacheco	2018	Todavía
Puenzo, Lucía	<i>O menino peixe</i>	<i>El niño pez</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 2004)	Gilson B. Soares	2009	Gryphus
	<i>O médico alemão</i>	<i>Wakolda</i> (Buenos Aires: Emecé, 2011)	Gilson B. Soares	2014	Gryphus
Rodrigué, Emilio	<i>Separações necessárias</i>	<i>El libro de las separaciones</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 2000). Traduzido do francês: <i>Séparations nécessaires</i> (Paris:	Sandra Regina Felgueiras	2006	Companhia de Freud

		Payot, 2005)			
Roffé, Mercedes	<i>Lanternas flutuantes</i>	<i>Las linternas flotantes</i> (Buenos Aires: Bajo la luna, 2009)	João Amando	2019	Lumme
Romero, José Luis	<i>América Latina - as cidades e as ideias</i>	<i>Latinoamérica: las ciudades y las ideas</i> (Buenos Aires: Siglo XXI, 1976)	Bella Jozef	2004	Editora da UFRJ
Romero, Luis Alberto	<i>História contemporânea da Argentina</i>	<i>Breve historia contemporânea de la Argentina</i> (Buenos Aires: FCE, 1994/2001/2012).	Edmundo Barreiros	2006	Jorge Zahar
Ronsino, Hernán	<i>Glaxo</i>	<i>Glaxo</i> (Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2009)	Livia Deorsola	2017	Editora 34
Sábato, Ernesto	<i>O túnel</i>	<i>El túnel</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1948)	Sérgio Molina	2000	Companhia das Letras
	<i>Antes do fim</i>	<i>Antes del fin – Memorias</i> (Buenos Aires: Seix Barral, 1998)	Sérgio Molina	2000	Companhia das Letras
	<i>Sobre heróis e tumbas</i>	<i>Sobre héroes y tumbas</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1961)	Rosa Freire d'Aguiar	2002	Companhia das Letras
	<i>O escritor e seus fantasmas</i>	<i>El escritor y sus fantasmas</i> (Buenos Aires: Aguilar, 1963)	Pedro Maia Soares	2003	Companhia das Letras
	<i>A resistência</i>	<i>La resistencia</i> (Seix Barral, 2000). Ensaios	Sérgio Molina	2008	Companhia das Letras
	<i>Abadon, o exterminador</i>	<i>Abadón el exterminador</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1974)	Rosa Freire d'Aguiar	2013	Companhia das Letras
Sacheri, Eduardo	<i>O segredo dos seus olhos</i>	<i>La pregunta de sus ojos</i> (Buenos Aires: Galerna, 2005)	Joana Angélica D'Ávila Melo	2011	Suma de Letras
Saer, Juan José	<i>A pesquisa</i>	<i>La pesquisa</i> (Buenos Aires: Seix Barral, 1994).	Rubens Figueiredo	1999	Companhia das Letras
	<i>O enteado</i>	<i>El entenado</i> (1983)	José Feres Sabino	2002	Iluminuras
	<i>A ocasião</i>	<i>La ocasión</i> (1987)	Paulina Wacht e Ari Roitman	2005	Companhia das Letras

	<i>As nuvens</i>	<i>Las nubes</i> (Buenos Aires: Seix Barral, 1997)	Heloisa Jahn	2008	Companhia das Letras
	<i>O grande</i>	<i>La grande</i> (Buenos Aires: Seix Barral, 2005)	Heloisa Jahn	2010	Companhia das Letras
Sagasti, Luis	<i>Belas artes</i>	<i>Bellas artes</i> (Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011)	Fernando Miranda	2019	Moinhos
Salinas, Juan e De Nápoli, Carlos	<i>Ultramar Sul - a última operação secreta do Terceiro Reich</i>	<i>Ultramar Sur: la última operación secreta del Tercer Reich</i> (2002)	Sérgio Lamarão	2010	Civilização Brasileira
Sarlo, Beatriz	<i>A paixão e a exceção</i>	<i>La pasión y la excepción</i> (Buenos Aires: Siglo XXI, 2003)	Rosa Freire d'Aguiar, Heloisa Jahn, José Marcos Macedo, Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina	2005	Companhia das Letras/ Editora UFMG
	<i>Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação</i>	Coletânea de artigos e ensaios, sem identificação da origem ou data de publicação na Argentina (© 1997). Prefácio de Irene Cardoso.	Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina	2005	EDUSP (Coleção Ensaio Latino-Americanos)
	<i>Tempo presente – notas sobre a mudança de uma cultura</i>	<i>Tiempo presente</i> (Buenos Aires: Siglo XXI, 2001)	Luís Carlos Cabral	2005	José Olympio
	<i>Tempo passado – cultura da memória e guinada subjetiva</i>	<i>Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo</i> (Buenos Aires: Siglo XXI, 2005)	Rosa Freire d'Aguiar	2007	Companhia das Letras
	<i>Jorge Luis Borges – um escritor na periferia</i>	<i>Borges, un escritor en las orillas</i> (Buenos Aires: Ariel, 1995), originalmente publicado em inglês com o título <i>Jorge Luis Borges. A writer on the edge</i> (Londres: Verso, 1993)	Samuel Titan Jr.	2008	Iluminuras
	<i>Modernidade periférica –</i>	<i>Una modernidad periférica: Buenos</i>	Júlio Pimentel Pinto	2010	Cosac Naify (Coleção

	<i>Buenos Aires 1920 e 1930</i>	<i>Aires, 1920 y 1930</i> (Buenos Aires: Nueva Visión, 1988). Prólogo de Sergio Miceli, posfácio de Júlio Pimentel Pinto e texto de quarta capa de Roberto Schwarz.			Prosa do Observatório)
	<i>Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo</i>	<i>Siete ensayos sobre Walter Benjamin y una ocurrencia</i> (Buenos Aires: Siglo XXI, 2011)	Joana Angélica D'Ávila Melo	2013	Editora UFRJ
	<i>A cidade vista – mercadorias e cultura urbana</i>	<i>La ciudad vista: Mercancías y cultura urbana</i> (Buenos Aires, Siglo XXI, 2009)	Mônica Stahel	2014	Martins Fontes
	<i>Viagens - da Amazônia às Malvinas</i>	<i>Viajes. De la Amazonia a las Malvinas</i> (Buenos Aires: Seix Barral, 2014)	André de Oliveira Lima e Ricardo Lísias	2015	e-galáxia (edição em e-book)
Sarmiento, Domingo Faustino	<i>Facundo</i>	<i>Facundo o civilización y barbárie</i> (1845). Notas do tradutor, prólogo de Ricardo Piglia, posfácio de Francisco Foot Hardman.	Sérgio Alcides	2010	Cosac Naify (Coleção Prosa do Observatório)
Sedevich, Carina	<i>Bola de feno</i>	<i>Un cardo ruso</i> (Maracaibo: Ediciones del Movimiento; Córdoba: Alción Editora, 2016)	Ellen Maria Vasconcellos	2018	Moinhos
Scheuber, Yolanda	<i>O longo caminho de Olga</i>	<i>El largo camino de Olga</i> (2008)	Sandra Garcia	2010	Novo Século
Schweblin, Samanta	<i>Pássaros na boca</i>	Reúne contos de <i>Pájaros en la boca</i> (Buenos Aires: Emecé, 2010) e <i>El núcleo del disturbio</i> (Buenos Aires: Destino, 2002)	Joca Reiners Terron	2012	Benvirá
	<i>Distância de resgate</i>	<i>Distancia de rescate</i> (Buenos Aires: Literatura Random House, 2014)	Ivone Benedetti	2016	Record
Shua, Ana María	<i>A morte como</i>	<i>La muerte como efecto</i>	André de	2004	Record

	<i>efeito colateral</i>	<i>secundario</i> (Buenos Aires: Sudamericana, 1997)	Oliveira Lima		
Shua, Ana María (org.)	<i>O livro da sabedoria judaica</i>	<i>Sabiduría popular judia</i> (Buenos Aires: Ameghino, 1998)	Alfredo Dario Schprejer	2005	Relume Dumará
Sorrentino, Fernando	<i>Jorge Luis Borges - sete conversas com Fernando Sorrentino</i>	<i>Siete conversaciones con Jorge Luis Borges</i> (1974 / 1996 / 2001 / 2007)	Ana Flores	2009	Azougue Editorial (Coleção Encontros)
Stupía, Eduardo	<i>Cores cobras pincéis cães</i>	<i>Líneas como culebras, pinceles como perros. Textos sobre arte 1986-2018</i> (Ripio, 2018)	Renato Rezende e Claudia Dias Sampaio	2017	Editora Circuito/ Azougue Editorial (Coleção Nomadismos)
Suez, Perla	<i>Fúria de inverno</i>	<i>Furia de invierno</i> (Buenos Aires: Edhasa, 2019)	Nylcéa Pedra	2021	Arte & Letra
Tabarovsky, Damián	<i>Literatura de esquerda</i>	<i>Literatura de izquierda</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 2004)	Ciro Lubliner e Tiago Cfer	2017	Relicário Edições
Tennina, Lucía	<i>Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo</i>	<i>¡Cuidado con los poetas! Literatura y periferia en la ciudad de Sao Paulo</i> (Rosario: Beatriz Viterbo, 2000)	Ary Pimentel	2017	Zouk
Thénon, Susana	<i>Ova completa</i>	<i>Ova completa</i> (Buenos Aires: Corregidor, 1987)	Angélica Freitas	2020	Jabuticaba
Travacio, Mariana	<i>Cotidiano</i>	<i>Cotidiano</i> (Rosario: Baltasara Editora, 2015)	Bruno Ribeiro	2019	Moinhos
Valenzuela, Luisa	<i>Romance negro com argentinos</i>	<i>Novela negra con argentinos</i> (Barcelona: Plaza y Janés, 1990)	Paloma Vidal	2001	Rios Ambiciosos/A utêntica
Vázquez, Maria Ester	<i>Jorge Luis Borges: Esplendor e derrota – Uma biografia</i>	<i>Borges: Esplendor y derrota</i> (1986)	Carlos Nougué	1999	Record
Vecchio, Diego	<i>Micróbios</i>	<i>Microbios</i> (2006)	Paloma Vidal	2015	Cosac Naify
Videla, Roberto	<i>Perla</i>	<i>Perla</i> (Llanto de Mudo, 2014)	Diogo de Hollanda; posfácio de Nora Avaro	2018	Papéis Selvagens (Coleção Archiboldi)

Vv. Aa.	<i>Palavras ao sul - seis escritores latino-americanos contemporâneos</i>	Reúne entrevistas com seis escritores: Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna, Ricardo Piglia, Rafael Courtoisie, Tomás de Mattos e Alberto Fuguet, além de ensaios e contos.	Maria Antonieta Pereira e Luiz Alberto Brandão Santos	1999	Autêntica/ Faculdade de Letras da UFMG
Vv. Aa.	<i>O Livro da Guerra Grande</i>	Reúne textos de quatro autores: Augusto Roa Bastos, Alejandro Maciel (autor do prefácio), Omar Prego Gadea e Eric Nepomuceno	Josely Vianna Baptista, Vera Mello Joscelyne e Eric Nepomucen	2002	Record
Vv. Aa.	<i>Vinte ficções breves - antologia de contos argentinos e brasileiros contemporâneos</i>	Contém contos de 10 autores brasileiros e de 10 autores argentinos: César Aira, Marcelo Cohen, Fogwill, Elvio Gandolfo, Liliana Heker, Tununa Mercado, Ricardo Piglia, Juan José Saer, Matilde Sánchez e Hebe Uhart.	Sem tradução. Violeta Weinschelbaum (org. e prólogo), Jorge Werthein (apresentação)	2002	UNESCO
Vv. Aa.	<i>Os outros - narrativa argentina contemporânea</i>	Contém contos ou trechos de romances de 27 autores argentinos, entre eles Sergio Chejfec, María Martoccia, Jorge Consiglio, Sergio Bizzio, Daniel Guebel e Ricardo Zelarrayán.	Wilson Alves-Bezerra (trad.) Luis Guzmán (org. e prefácio)	2010	Iluminuras
Vv. Aa.	<i>Os melhores jovens escritores em espanhol (Revista Granta em português/7)</i>	Contém contos ou trechos de romances de 22 autores, sendo 8 argentinos (Lucía Puenzo, Oliverio Coelho, Samanta Schweblin, Andrés Neuman, Pola Oloixarac, Federico Falco, Matías Néspolo e Patricio Pron)	Maria Paula Gurgel Ribeiro, Eliana Aguiar, Ivone C. Benedetti e Cristina Cupertino	2011	Objetiva
Vv. Aa.	<i>Contos em trânsito – Antologia da</i>	Inclui contos de 14 autores: Abelardo	Maria Alzira Brum Lemos,	2014	Alfaguara

	<i>narrativa argentina</i>	Castillo, Marcelo Cohen, Inés Fernández Moreno, Fogwill, Inés Garland, Liliana Heker, Sylvia Iparraguirre, Alejandra Laurencich, Claudia Piñeiro, Pablo Ramos, Eduardo Sacheri, Manuel Soriano, Héctor Tizón e Hebe Uhart.	Mariana Sanchez, Ernani Ssó e Tamara Sender		
Walsh, Rodolfo	<i>Operação Massacre</i>	<i>Operación Masacre</i> (1957). Posfácio de Natalia Brizuela.	Hugo Mader	2010	Companhia das Letras
	<i>Essa mulher e outros contos</i>	Contos dos livros <i>Los oficios terrestres</i> (1965), <i>Un kilo de oro</i> (1967) e <i>Un oscuro día de justicia</i> (1973). Apresentação pelos tradutores.	Sérgio Molina e Rubia Prates Goldoni	2010	Editora 34
	<i>Variações em vermelho e outros casos de Daniel Hernández</i>	Contos dos livros <i>Variaciones en rojo</i> (1953) e <i>Cuento para tahúres y otros relatos poliales</i> (1987). Posfácio dos tradutores.	Sérgio Molina e Rubia Prates Goldoni	2011	Editora 34
	<i>A máquina do bem e do mal</i>	Compilação de contos publicados em revistas ou antologias entre 1950 e 1967. Prefácio de Ricardo Piglia; Sérgio Molina (org.)	Sérgio Molina e Rubia Prates Goldoni	2013	Editora 34
Wilcock, Juan Rodolfo	<i>A sinagoga dos iconoclastas</i>	<i>La sinagoga degli iconoclasti</i> (1972). Posfácio de Joca Reiners Terron.	Davi Pessoa	2016	Rocco (Coleção Outra Língua)
Zooney, J. P.	<i>Sol artificial</i>	<i>Sol artificial</i> (Buenos Aires: Paradiso, 2009)	Bruno Cobalchini Mattos	2020	DBA

## CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou de algumas questões relativas à tradução de literatura no Brasil e na Argentina em dois diferentes momentos históricos. Ao tratar do período compreendido pelas décadas de 1930, 1940 e 1950, focalizamos dois aspectos distintos e complementares destas questões: por um lado, analisamos as relações bilaterais entre os sistemas literários dos dois países, apresentando um panorama do que foi publicado de literatura brasileira na Argentina e do que foi publicado de literatura argentina no Brasil; por outro lado, também abordamos as relações que estes sistemas estabeleceram com o sistema literário mais amplo formado pela literatura ocidental, principalmente por meio das coleções de literatura estrangeira traduzida publicadas por algumas das mais importantes editoras dos dois países ao longo das décadas referidas. Para analisar este segundo aspecto da questão, foi imprescindível *reconstruir os catálogos* dessas coleções, publicadas por duas editoras brasileiras e por duas editoras argentinas, a partir de informações provenientes de fontes diversas, que se encontravam dispersas até então. É necessário frisar a importância deste trabalho de sistematização de dados e reconstrução dos catálogos, uma vez que só ele permitiu que tivéssemos uma visão abrangente daquilo que foi publicado.

O segundo momento histórico corresponde, grosso modo, aos dois primeiros decênios do século XXI, um momento em que o mercado editorial, em termos globais, apresenta uma configuração totalmente distinta daquela que caracterizou as décadas de 1930, 1940 e 1950. Para a análise desse segundo momento, no qual estamos imersos, tratamos uma vez mais de mapear aquilo que foi publicado de literatura brasileira na Argentina – destacando especialmente o papel desempenhado por três coleções publicadas por três diferentes editoras –, e o que foi publicado de literatura argentina no Brasil, em geral de maneira isolada, fora de coleções.

No período que vai dos anos 1930 aos anos 1950, começamos por analisar duas coleções oficiais, bancadas pelos governos de Brasil e Argentina, dedicadas à publicação de ensaios de interpretação nacional; os primórdios da publicação de autores brasileiros na Argentina, na *Biblioteca de La Nación*; a presença de autores brasileiros em duas importantes editoras argentinas do período, a Santiago Rueda e a Claridad, destacando o fato de que esta última chegou a publicar uma *Biblioteca de Novelistas Brasileños*; e a presença de autores argentinos (e de outros países hispano-americanos) em duas coleções publicadas por editoras

brasileiras, a Monteiro Lobato & Cia., de São Paulo, e a Guaíra, de Curitiba.

A parte central do trabalho corresponde à reconstrução e análise dos catálogos de quatro coleções de literatura estrangeira traduzida publicadas por quatro das mais importantes editoras em atividade naquele momento. Duas dessas editoras eram brasileiras: a Livraria do Globo Editora, sediada em Porto Alegre, que editou a Coleção Nobel, e a Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, que publicou a Coleção Fogos Cruzados. As outras duas eram argentinas, ambas sediadas em Buenos Aires: a Editorial Sudamericana, responsável pela publicação da Colección Horizonte, e a Editorial Emecé, que editou a Colección Grandes Novelistas. Essas coleções se encarregaram de colocar ao alcance de seus respectivos públicos leitores, no Brasil e na Argentina, por meio de traduções, aquilo que naquele momento era considerado o melhor da literatura de ficção que vinha sendo publicado na Europa e nos Estados Unidos. Referimo-nos também ao trabalho de outras editoras da Argentina, como a Sur, a Losada e a Santiago Rueda, com o intuito de apresentar um panorama mais completo da publicação de literatura estrangeira traduzida naquele país.

A análise dos catálogos dessas coleções abordou, predominantemente, dois aspectos: primeiro, a identificação das línguas e/ou literaturas a partir das quais as obras foram traduzidas pelas diversas editoras, constatando, como era de se esperar, um predomínio maciço de traduções a partir da língua inglesa; depois, tratamos de dar a devida atenção ao trabalho dos tradutores e tradutoras envolvidos/as com as diversas coleções, nomeando-os e enfatizando a importância de sua contribuição para a constituição das coleções publicadas pelas editoras para as quais trabalharam. Preocupamo-nos, também, em apontar o número de mulheres e homens envolvidos com a atividade tradutória, mais uma vez constatando algo que era de se esperar, ou seja, que houve um número muito maior de homens do que de mulheres envolvidos com o trabalho de tradução dos títulos publicados nas coleções.

Ao tratarmos das línguas/literaturas a partir das quais as obras foram traduzidas, identificamos, em cada uma delas, os autores publicados e, com o benefício que nos concede o tempo decorrido entre a publicação desses títulos e os dias atuais, tentamos situar, tanto quanto possível, o trabalho desses autores, apontar sua maior ou menor relevância em relação ao atual cânone literário. Como vimos, uma característica comum às quatro coleções foi o fato de nelas terem convivido tanto autores de *best-sellers* quanto alguns escritores que, já à época, conferiam prestígio literário à coleção e à editora que a publicava. Os exemplos são muitos e podem ser encontrados nas quatro coleções, em proporções variadas.

Um caso em que ocorreu um certo exagero, no sentido de uma aposta na publicação da obra completa (ou quase) de um autor contemporâneo à edição da coleção, com a expectativa de transformá-lo num *best-seller*, foi o da Editora Globo, que chegou a publicar 25 obras do escritor britânico William Somerset Maugham na Nobel, o que representou, aproximadamente, 18% do total de 136 títulos publicados. Se considerarmos apenas a parte da coleção publicada em livros de formato padrão, desconsiderando os títulos publicados em formato “gigante” (denominação dada pela própria editora), a proporção é ainda mais descabida, pois os 25 livros de Maugham foram publicados em formato padrão, que teve um total de 98 volumes.

Uma aposta parecida foi feita pela José Olympio em relação ao escritor escocês A. J. Cronin, de quem foram publicados 12 títulos numa coleção com um total de pouco mais de cem. Hoje parece seguro afirmar que os dois autores representaram um esforço, por parte das respectivas editoras, de ter em seu catálogo um escritor que assegurasse boas vendas, e já vimos, pelo menos no caso de Maugham, que vários de seus livros tiveram mais de uma edição e alcançaram tiragens expressivas (não dispomos, infelizmente, de dados deste tipo referentes aos livros de Cronin editados pela José Olympio).

É interessante notar que, nas duas coleções brasileiras, os autores com maior número de títulos publicados depois dos dois acima mencionados, claramente autores de *best-sellers*, foram dois escritores de enorme prestígio literário. No caso da Nobel, este autor foi Marcel Proust, com sete títulos, exatamente os sete romances que compõem o ciclo *Em busca do tempo perdido*, último grande feito editorial da coleção. É bem verdade que Aldous Huxley também teve sete títulos publicados na Nobel, mas dificilmente poderíamos situar sua obra no mesmo nível da de Proust, em termos de prestígio literário. Quanto à Fogos Cruzados, o autor com maior número de títulos publicados depois de Cronin foi Fiódor Dostoiévski (oito títulos), e já vimos que a José Olympio dispensou um tratamento especial à edição da obra do autor russo, na medida em que seus livros foram publicados simultaneamente como integrantes da Fogos Cruzados e das Obras Completas do escritor, editadas de forma autônoma a partir de 1952, logo após o término da coleção mais ampla.

Este tipo de alternância entre a publicação de *best-sellers* e de autores de prestígio marcou também as coleções publicadas pelas editoras argentinas, mas nenhuma delas apresenta um desequilíbrio – em termos de número de títulos publicados por autor – tão flagrante quanto o das editoras brasileiras (em especial a Globo). Deste ponto de vista, tanto

a Colección Horizonte quanto a Grandes Novelistas foram mais equânimes na distribuição dos títulos por autor, mesmo que, por essa via, talvez tenham privilegiado ainda mais a publicação de *best-sellers*. Os autores com maior número de títulos na Horizonte, por exemplo, foram Salvador de Madariaga (8), Evelyn Waugh (7), John Galsworthy e Roger Peyrefitte (6 cada), e o autor prestigioso a chegar mais perto disso foi Thomas Mann, com cinco títulos. É irônico constatar que o escritor com maior número de títulos publicados na coleção no período de que tratamos tenha sido um espanhol, ou seja, um autor que não precisou ser traduzido para integrar uma coleção de literatura estrangeira... traduzida. Quanto à Grandes Novelistas, a aposta maior recaiu sobre o britânico Graham Greene, que teve nove títulos publicados, seguido pelo sueco Pär Lagerkvist, com cinco, e por Franz Kafka (e Arthur Koestler e Evelyn Waugh), com quatro cada.

Maugham/Proust, Cronin/Dostoiévski, Madariaga/Mann, Greene/Kafka. Cada uma a seu modo, as quatro editoras lidaram, ao longo do tempo, com essa espécie de alternância na publicação dos títulos de suas coleções, ora pendendo para o lado dos *best-sellers*, ora apostando na edição de autores de comprovado peso literário. Assim fazendo, parecem corroborar a tese do sociólogo Pierre Bourdieu a respeito da dupla face do editor, em artigo publicado originalmente em 1999:

[...] pelo fato de que o livro, objeto de duas faces, econômica e simbólica, é ao mesmo tempo mercadoria e significação, o editor é também um *personagem duplo*, que deve saber conciliar a arte e o dinheiro, o amor à literatura e a busca do lucro, utilizando estratégias que se situam, de algum modo, entre os dois extremos: a submissão realista ou cínica às considerações comerciais e a indiferença heroica e insensata às necessidades econômicas.<sup>109</sup>

Considerando a importância que tiveram essas coleções para a divulgação de literatura estrangeira no Brasil e na Argentina, e o fato de que tenham sido publicadas por um longo período de tempo (à exceção da Fogos Cruzados, que durou pouco mais de dez anos), podemos dizer que seus respectivos editores souberam equilibrar as duas facetas que caracterizam sua atividade – “a arte e o dinheiro, o amor à literatura e a busca do lucro” – e, assim, oferecer aos leitores tanto os *best-sellers* que ajudaram a sustentar suas casas editoriais e os próprios projetos das coleções quanto as obras de autores consagrados, que conferiram a elas o prestígio literário que também almejavam.

Quanto ao período relativo às duas primeiras décadas do século XXI, voltamos a adotar

---

<sup>109</sup> BOURDIEU, Pierre. Una revolución conservadora em la edición. In: *Intelectuales, política, poder*. Trad. Alicia Gutiérrez. Buenos Aires: Eudeba, 2014, p. 242-243 (tradução minha da versão em espanhol).

a perspectiva das relações bilaterais entre Brasil e Argentina, apresentando um panorama da literatura brasileira publicada na Argentina e outro da literatura argentina publicada em nosso país. Na Argentina, destacamos o trabalho realizado por três editoras, responsáveis pela publicação de três coleções em que a literatura brasileira está presente de modo marcante. Uma delas, a Corregidor, criou a coleção *Vereda Brasil*, destinada *exclusivamente* à publicação de literatura brasileira, conforme vimos no item 4.1 deste trabalho. Nas coleções das outras duas editoras, a presença de autores brasileiros também é relevante, mas sua inserção se dá ao lado de outros escritores latino-americanos – caso da Coleção *latinoamericana*, da Editorial El Cuenco de Plata – ou de escritores estrangeiros em geral, como na Coleção *Narrativas*, da Editorial Adriana Hidalgo.

Juntas, as três editoras foram responsáveis pela publicação de cerca de 70 títulos de literatura brasileira nos últimos 20 anos, com destaque indiscutível para a obra de Clarice Lispector, que já era conhecida dos leitores argentinos desde a década de 1970, quando seus livros começaram a ser traduzidos e publicados naquele país (justamente na Colección Horizonte, da Editorial Sudamericana, mas num período posterior ao abordado neste trabalho). Das três editoras argentinas mencionadas, duas são de criação bastante recente, tendo sido fundadas em 1999 (Adriana Hidalgo) e em 2004 (El Cuenco de Plata), e a Corregidor já ostenta uma história de 50 anos ininterruptos de atividade editorial.

Também nos referimos à publicação de literatura brasileira por outras editoras argentinas nos últimos vinte anos, o que eleva o total de títulos publicados para algo perto de 150. Finalmente, apresentamos um panorama da literatura argentina publicada no Brasil no mesmo espaço de tempo, o que raramente se deu através de coleções, mas principalmente de maneira isolada ou, como no caso excepcional de Jorge Luis Borges, no contexto da publicação de sua obra completa. Constatamos, entre outras coisas, que o número de títulos de autores argentinos publicados no Brasil – algo ao redor de 300 – é bem maior do que o número de títulos de autores brasileiros publicados no país vizinho, o que já nos diz algo bastante significativo a respeito das relações literárias entre os dois países.

Voltando à Argentina, tanto a Adriana Hidalgo quanto a El Cuenco de Plata podem ser caracterizadas como editoras independentes, de porte médio, e as duas fazem parte de uma espécie de renascimento editorial que se verificou no país desde fins dos anos 1990, como uma espécie de contraponto à onda de aquisições das tradicionais editoras argentinas por

parte dos grandes grupos de mídia internacionais. Foi assim que duas das mais conhecidas editoras argentinas – exatamente a Sudamericana e a Emecé, a cujo trabalho nos referimos ao tratar das coleções de literatura estrangeira traduzida que ambas publicavam – foram parar nas mãos de dois dos maiores conglomerados de mídia do mundo.

Inicialmente, o grupo alemão Bertelsmann adquiriu, em 1998, 60% das ações da Sudamericana, numa transação superior a cinco milhões de dólares que se completou em 2001, com a aquisição do restante das ações da empresa. Entre um momento e outro, em dezembro de 2000, por um valor aproximado de 15 milhões de dólares, foi a vez de a Emecé, considerada a última grande editora de ficção em mãos argentinas, ser adquirida por outro gigante da mídia, o Grupo Planeta. Realizaram-se muitas outras operações desse tipo na passagem do século XX para o XXI, fortalecendo ainda mais um processo de concentração editorial que já vinha ocorrendo há pelo menos duas décadas e só fez aumentar nos últimos anos, gerando graves repercussões no mercado da edição em todo mundo ocidental.

É claro que as editoras brasileiras não conseguiram ficar de todo imunes a um processo tão avassalador. O caso mais conhecido é o da Companhia das Letras, fundada em 1986 por Luiz Schwarcz, que em 2011 teve 45% de suas ações adquiridas pela Penguin – pertencente ao mesmo grupo Bertelsmann que comprou a Sudamericana –, num processo de compra que se completou em 2018, quando a Penguin Random House passou a controlar 70% da empresa. Desta forma, todo o capital simbólico acumulado por estas editoras ao longo de décadas de trabalho, guiadas, ao menos em parte, pelo ideal de construção de um catálogo de qualidade, acaba sendo transferido para as mãos destas grandes empresas, que dificilmente conseguem manter as promessas que costumam fazer ao assumir o controle, no sentido de não interferir nos critérios propriamente editoriais. Nestes casos, a balança costuma pender, inequivocamente, para o lado do dinheiro, e não da arte.

Ao contrário da Sudamericana e da Emecé, que, como vimos, passaram às mãos de grandes grupos internacionais, as duas editoras brasileiras de que tratamos nos capítulos 2 e 3 acabaram sendo adquiridas por grupos nacionais maiores, a demonstrar que o processo de concentração editorial também ocorre internamente. A Globo gaúcha, a velha “Globo da Rua da Praia”, foi comprada pela Rio Gráfica Editora, das Organizações Globo, em 1986, e parte de seu antigo e valioso catálogo ainda hoje é reeditado pela Globo Livros, com sede em São Paulo. Já a Editora José Olympio, depois de ter, ainda na década de 1970, adquirido o

catálogo da Editora Sabiá, acabou sendo comprada, em 2001, pelo Grupo Editorial Record, que já tinha incorporado outras importantes editoras brasileiras, como a Civilização Brasileira, a Paz e Terra e a Difel, hoje transformadas em selos do grande conglomerado, exatamente como a José Olympio.

Enfim, esta nova configuração do mercado editorial parece ser um dos aspectos fundamentais a distinguir os dois momentos históricos que abordamos neste trabalho. Em relação à tradução, mais exatamente em relação à edição de literatura estrangeira traduzida, assunto que aqui nos interessa diretamente, o panorama mudou de modo drástico. Se as décadas de 1930, 1940 e 1950 assistiram à consolidação do trabalho realizado por editoras como a Sudamericana e a Emecé, na Argentina, e como a Globo e a José Olympio, no Brasil – que ganharam impulso com as crises geradas pela crise de 1929 e, mais tarde, pela eclosão da Segunda Guerra Mundial –, o final do século XX encontrou essas mesmas editoras numa situação de grande debilidade, imersas nas sucessivas crises provocadas pela definitiva globalização da economia mundial.

Especialmente no caso das editoras argentinas, engolidas pelos grandes grupos de mídia internacionais, o fato é que o trabalho de prospecção, tradução e edição da literatura estrangeira mais significativa passou a ser exercido, em boa medida, por algumas das editoras independentes nascidas exatamente no período em que as editoras tradicionais estavam passando às mãos dos grandes conglomerados. Em artigo publicado no livro *La traducción literaria em América Latina*, a argentina Anna Gargatagli, professora da Universidad Autónoma de Barcelona, arrisca uma hipótese sobre as razões pelas quais isso estaria ocorrendo:

Porque também se pode traduzir “para trás”, procurando autores livres de direitos, ou descobrir zonas literárias não contempladas pelos interesses dos grandes conglomerados, ou publicar escritores estrangeiros não interessados na produção industrial de seus livros.<sup>110</sup>

Gargatagli prossegue enumerando várias editoras que estariam procedendo dessa maneira na construção de seus catálogos, citando, inclusive, várias obras de autores brasileiros às quais já nos referimos, sempre fazendo referência a seus tradutores. Entre elas estão *Estuve en Lisboa y me acordé de ti*, de Luiz Ruffato (traduzido por Mario Cámara),

---

<sup>110</sup> GARGATAGLI, Anna. Escenas de la traducción en la Argentina. In: *La traducción literaria em América Latina*. Gabriela Adamo (org.). Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 47 (tradução minha).

publicado pela Eterna Cadencia; *Donde andará Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu (trad. Claudia Solans), e *Gran sertón: Veredas*, de Guimarães Rosa (trad. Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar), ambos pela Adriana Hidalgo; e *Relato de un cierto Oriente*, de Milton Hatoum (trad. Adriana Kanzepolsky), e *Un crimen delicado*, de Sérgio Sant’Anna (traduzido por César Aira), os dois pela Beatriz Viterbo. E conclui, arrematando seu raciocínio com uma referência a duas traduções canônicas realizadas na Argentina, de que também tratamos neste trabalho:

O curioso de tudo isso não é que os catálogos das editoras nacionais estejam crescendo no mesmo ritmo em que se multiplicam as próprias empresas e iniciativas do setor. Não. O extraordinário, por inesperado, é que pessoas muito jovens (os leitores do futuro e suas revistas) que não puderam saber o que significou ler pela primeira vez *Las palmeras salvajes* de Borges ou o *Ulises* de Salas Subirat, utilizem argumentos parecidos para dizer que *Big Sur* (ed. Adriana Hidalgo, trad. Pablo Gianera) é o melhor romance de Kerouac, que nada supera Claire Keegan (ed. Eterna Cadencia, trad. Jorge Fondebrider) ou Arno Schmidt (ed. La Bestia Equiláterra, trad. Gabriela Adamo). Estão falando, é claro, do efeito criado pela escritura da tradução, pelo prazer estético produzido pela transparência. Estão falando, uma vez mais, da própria definição da literatura argentina.<sup>111</sup>

É um raciocínio que vale para o caso argentino, e é de se perguntar se valeria também para o Brasil, com uma cena editorial estruturada de modo um tanto diverso. Mesmo assim, em nosso país também já se pode sentir o impacto causado pelo surgimento recente de algumas editoras independentes, de distintos portes e estruturas econômicas, que vêm se dedicando à construção de catálogos que incluem não apenas novos autores brasileiros, mas, igualmente, uma quantidade considerável de títulos de literatura estrangeira em tradução, inclusive de autores argentinos.

De qualquer forma, que as palavras da professora argentina, acima citadas, valham como uma espécie de *tributo à importância da tradução* para a constituição, ou, no mínimo, para o enriquecimento da literatura nacional, seja da Argentina, seja do Brasil. Foi também com essa intenção que abordamos a contribuição das coleções de literatura traduzida analisadas no trabalho que ora se encerra.

---

<sup>111</sup> Idem, p. 48.

## Referências

ABRAHAM, Carlos. *La Editorial Tor. Medio siglo de libros populares*. Temperley: Tren en movimiento, 2016 (2ª ed.).

ABREU, Márcia (org). *Romances em movimento. A circulação transatlântica dos impressos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido*. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

BASSANI, Sandra Mara Mendes da Silva. *As relações entre tradução e alteridade na literatura regionalista de Jorge Amado e Rómulo Gallegos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Tese de doutorado. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/sandramaramendsdoutorado.pdf>.

BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC-RS, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1901/1/410952.pdf>.

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 2012.

BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional*. Um estudo do caso de José de Alencar. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

BOTTMANN, Denise. Kafka no Brasil: 1946-1979. In *TradTerm*, v. 24, São Paulo, dezembro 2014, p. 213-238.

BOTTMANN, Denise. Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950). In *RUS*, v. 4, n. 4, 2014.

BOTTMANN, Denise. Herman Hesse traduzido no Brasil. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2015/06/hermann-hesse-traduzido-no-brasil.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BOTTMANN, Denise. Thomas Mann no Brasil. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2013/03/thomas-mann-no-brasil.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

- BOTTMANN, Denise; KARAM, Sérgio. A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956). In: TradTerm, São Paulo, v. 30, novembro 2017, p. 159-188.
- BOURDIEU, Pierre. Una revolución conservadora em la edición. In: *Intelectuales, política, poder*. Trad. Alicia Gutiérrez. Buenos Aires: Eudeba, 2014, p. 223-264.
- CALLADO, Ana Arruda. Uma Walkyria entra em cena em 1934. In: Revista *Estudos feministas*, n. 2/94, p. 345-355. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16216/14764/49939>
- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DELGADO, Verónica; ESPÓSITO, Fabio. 1920-1937. La emergencia del editor moderno. In: DE DIEGO, José Luis (org.). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 63-96.
- DE DIEGO, José Luis. 1938-1955. La “época de oro” de la industria editorial. In: DE DIEGO, José Luis (org.). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 97-133.
- DE DIEGO, José Luis. *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- DE DIEGO, José Luis. *La otra cara de Jano*. Una mirada crítica sobre el libro y la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2015.
- DE DIEGO, José Luis. *Los autores no escriben libros*. Nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019.
- DE DIEGO, José Luis. *Projetos editoriais e redes intelectuais na América Latina*. Trad. Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2020.
- DE SAGASTIZÁBAL, Leandro. *La edición de libros en la Argentina*. Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeba, 1995.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000, pp. 192-197.
- FARIA, Tatiana Lima. *Intersecção entre mercado editorial e pesquisa acadêmica: análise da coleção Vereda Brasil*. Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-03042017->

FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Tradução dos textos em castelhano de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2004.

FOZ, Clara; ATALA, Lili. Colección Panamericana, traducción peninsular: los polos de la representación y de la inteligibilidad en un proyecto editorial. In: *Revues Meta*, v. 64, n. 2, ago. 2019, p. 305-573. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2019-v64-n2-meta05184/1068202ar/>

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Álvaro Cepeda Samudio, in: *Textos andinos: obra jornalística 2, 1954-1955*. Trad. Remy Gorga, Filho e Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cheiro de goiaba – conversas com Plinio Apuleyo Mendoza*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, s/d.

GARGATAGLI, Anna. Escenas de la traducción en la Argentina. In: *La traducción literaria em América Latina*. Gabriela Adamo (org.). Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 25-51.

GOMIDE, Bruno Barretto. *Dostoiévski na Rua do Ouvidor. A literatura russa e o Estado Novo*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2018.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C. e COSTA, Walter Carlos (org.). *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2012. 3 ed.

LAFFORGUE, Jorge. *Manuel Pampín, editor argentino*. El artífice de Corregidor. Buenos Aires: Colihue, 2017.

LAGO CARBALLO, Antonio; VILLEGAS, Nicanor Gómez (eds.). *Un viaje de ida y vuelta. La edición española e iberoamericana (1936-1975)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/Siruela, 2007.

LARRAZ, Fernando. La edad de oro de la edición en América Latina. In: *Una historia transatlántica del libro*. Gijón: Ediciones Trea, 2010.

LARRAZ, Fernando. *Editores y editoriales del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Editorial Renacimiento, Biblioteca del Exilio, 2018.

- LÁZARO IGOA, Rosario; COSTA, Walter Carlos. Las iniciativas de apoyo a la traducción: obras brasileiras publicadas en Argentina y Uruguay desde el 2011. In: *Viceversa: tópicos de traducción entre español y portugués*. Amanda Blanco; Carlos Rizzon; Mayte Gorrostorrazo (orgs.). Jaguarão: UNIPAMPA, 2020.
- LINS, Osman. Tributo à Coleção Nobel. In: *Evangelho na taba; novos problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.
- LUCENA, Karina de Castilhos. *Leituras em constelação*. Literatura traduzida e história literária. Porto Alegre: Class, 2020.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICELI, Sergio. *Vanguardas em retrocesso*. Ensaio de história social e intelectual do modernismo latino-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MICELI, Sergio. *Sonhos da periferia*. Inteligência argentina e mecenato privado. São Paulo: Todavia, 2018.
- MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu (1800-1900)*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Trad. Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.
- OLIVEIRA, Rodrigo de la Torre. *Públicos leitores em formação: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924)*. São Paulo: USP/FFLCH, 2010. Dissertação de mestrado. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09032010-114217/publico/RODRIGO\\_DE\\_LA\\_TORRE\\_OLIVEIRA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09032010-114217/publico/RODRIGO_DE_LA_TORRE_OLIVEIRA.pdf).
- PETERSEN, Lucas. *El traductor del Ulises*. Salas Subirat. La desconocida historia del argentino que tradujo la obra maestra de Joyce. Buenos Aires: Sudamericana, 2016.
- PETERSEN, Lucas. *Santiago Rueda*. Edición, vanguardia e intuición. Temperley: Tren en Movimiento, 2019.
- PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2001.
- PIGLIA, Ricardo. *Tradición y traducción*. Texto da conferência ministrada por Piglia na inauguração do Magíster em Literatura Comparada da Facultad de Artes liberales da

Universidad Adolfo Ibáñez, de Santiago do Chile, em 17 de março de 2011.

RAMOS, Paula. *A modernidade impressa*. Artistas ilustradores da Livraria do Globo-Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. *Intelectuais fronteiriços*. Lídia Besouchet e Newton Freitas: exílio, engajamento político e mediações culturais entre o Brasil e a Argentina (1938-1950). Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. Riqueza interdisciplinar e debilidade institucional: consolidação dos estudos de edição na América Latina. Entrevista com o Prof. Dr. José Luis de Diego, da Universidad Nacional de La Plata, Argentina. In: *Pontos de interrogação*, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2017, p. 177-186. Disponível em <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/3937>

RIBEIRO, Ana Elisa; KARAM, Sérgio. Circo de Letras: registro e breve história de uma coleção da Editora Brasiliense. Trabalho apresentado no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Joinville – SC, setembro de 2018. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1118-1.pdf>

SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da literatura*. Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Trad. Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SARLO, Beatriz. Narraciones semanales: una mirada literaria. In: *El imperio de los sentimientos*. Narraciones de circulación periódica en la Argentina. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011, p. 17-26.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes*. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SORÁ, Gustavo. Livros de autores brasileiros na Argentina: uma força de alteridade negada. In: *Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo/Porto Alegre: Ateliê Editorial/Prefeitura de Porto Alegre/CELP Cyro Martins, 2002, p. 171-208.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*.

Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2010.

TORRES, Waldemar. *Erico Verissimo, editor e tradutor*. Viagem através da literatura. Porto Alegre: AGE, 2012.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo*. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *História de um sucesso literário*. Olhai os lírios do campo, de Erico Verissimo. Porto Alegre: Literalis, 2003.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1972.

WILLSON, Patricia. *La constelación del Sur*. Traductores e traducciones en la literatura argentina del siglo XX. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2004.

WILLSON, Patricia. *Página impar*. Textos sobre la traducción en Argentina: conceptos, historias, figuras. Buenos Aires: EThos Traductora, 2019.